Acima do Sol



Lavinia Queiroz


Acima
do Sol

Copyright © 2022 Lavínia Queiroz
Todos os direitos reservados.
Criado no Brasil.

Design de Capa: Lavínia Queiroz (ilustração) e Lyta Racielly (montagem)
Diagramação: Lyta Racielly
Leitura Sensível: Julie Ane Lemos

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança que não seja expressa previamente pela parte da autora, trata-se de mera coincidência.

É expressamente proibida a reprodução, total ou parcial, ou qualquer tipo de impressão sem prévia autorização da autora deste livro. Abre-se exceção para citações breves para resenhas e avaliações. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para Quem colocou música em meu coração, e
a todos que também a possuem

Aviso de gatilho

Essa história aborda o Transtorno de Ansiedade Generalizada, então pode trazer consigo gatilhos para pessoas sensíveis ao tema. Se é o seu caso, ainda que tudo aqui seja tratado da maneira mais responsável possível, talvez não seja a melhor leitura.

A saber, as possíveis cenas sensíveis estão nos capítulos: 4, 6 e 18.

Playlist

Este livro possui uma playlist com músicas que compõem sua trilha sonora. Para ter acesso a ela, basta pesquisar por "Acima do Sol" no Spotify, ou usar a câmera da ferramenta de busca do app e apontar para o QR Code abaixo:





"Entoem para ele um novo cântico, toquem com habilidade e cantem com alegria."

Salmos 33:3 NVT



Prólogo

Havia música no meu DNA. Se não, partículas melódicas se misturavam ao meu sangue — e elas eram furta-cor, certeza.

Minha avó tinha me inserido no mundo das partituras, cordas e canções sem palavras que diziam uma infinidade de sentimentos. A música clássica me abraçava como um banho quente no inverno, era aconchego, nostalgia de dias passados e euforia dos futuros.

Segurando firmemente a case do violino, eu segui pelos corredores que me levariam ao meu sonho. Por anos as pessoas perguntaram aos meus pais se eu iria continuar mesmo, se não era um sonho da vovó, o qual eu tentava alcançar em memória dela. Mas, ali, pisando no chão do maior conservatório de artes do país, eu não precisaria lhes responder. Estava estampado na minha cara: peregrina não encontrada, o indivíduo pertence ao lugar.

A Sollare era minha casa, só estava esperando que eu chegasse.

Colei o nariz na parede de vidro que dava uma vista incrível para o jardim e refeitório. Do outro lado dele, mais salas de aulas e o escritório de direção, do qual saí há pouco. Tudo parecia brilhar para os olhos dos inúmeros artistas que lutariam por uma vaga naquela sexta.

Senti algo trombar em mim e me virei, vendo um garoto alguns passos à frente, segurando um instrumento gigantesco que quase me derrubou no chão, e

acabou com a ceninha de filme que eu fantasiava.

— Você não é um objeto da decoração, gatinha. — Ele olhou por sobre os ombros antes de seguir seu caminho.

— Gatinha? Sério? — Soltei o ar com chateação, notando que não importava quão chique fosse o lugar, ainda tinha babacas circulando.

— Amarílis? — A voz de mainha apaziguou meu desgosto.

Virei para a mulher que estendia um copo de água para mim e sorri grata. Ingeri o líquido de uma vez só.

— Vamos pra sala? Não quer perder sua vez, né? — O brilho de ansiedade em seus olhos me fez assentir.

Passar em frente às salas de aula e ver os alunos praticando era fantástico! Uma garota tocava lindamente as teclas do piano de cauda, como se fosse tão simples quanto respirar. Em outro espaço uma dupla de bailarinos fazia um passo que com certeza deslocaria cada parte da minha espinha.

Finalmente, chegamos no corredor da sala de testes e meu coração saltou no peito ao ver o amontoado de músicos esperando por sua vez. Precisava ser muito bom para passar pelas pré-seleções e era naquela sala que nosso futuro seria traçado.

— Relaxe, meu amor, Deus está com você, lembra? — Mainha jogou minhas box braids para frente, ajeitando meu visual. Alisei as tranças, tentando conter o nervosismo.

— Preciso arrasar. — Mordi o lábio. — Pela vovó, por mim, por todo mundo.

— Não coloque tanta pressão, Amary, sabe que é capacitada, é só fazer o que faz desde os sete anos. Deixa rolar.

O canto dos meus lábios se ergueu em um sorrisinho. Era engraçado ver minha mãe falando "deixa rolar".

Um por um, os candidatos foram entrando, assim que os números contidos em seus crachás eram chamados.

Enquanto não chegava minha vez, afinei meu violino, tremendo levemente pelo nervosismo e implorando para não cometer nenhum erro e jogar minha chance no lixo. Ajeitei o parafuso para aumentar a tensão do arco e, por fim, passei o breu na crina — ele era uma resina que usávamos para aumentar o atrito do arco com as cordas e produzir um som melhor. Só conseguia pensar se tinha passado a quantidade certa, sem exagero nem falta. Soltei o ar, decidindo que estava tudo pronto e logo em seguida meu número foi chamado.

Apertei a alça da case mais forte e tomei bastante fôlego.

Dona Valentina, vulgo minha mãe, bateu palminhas de incentivo e eu ri, feliz por ter viajado da Bahia para São Paulo justo com aquela criatura.

Cada passo dado para dentro da sala era igual a uma oração sussurrada.

Seja forte, Amary, você consegue. Era a voz da minha avó paterna, a Jorgina, clara e firme como sempre, tentando esconder o orgulho que sentia pela sua menina.

— Amarílis Silva? — uma mulher loira e bem acomodada em uma cadeira diante de mim quis confirmar.

— Isso — respondi em um tom suspirado, denunciando meu nervosismo. Encarar o trio de avaliadores não foi tarefa fácil.

— Comece.

Tirei o violino da proteção, sorrindo para o instrumento que era quase uma extensão de mim. Testei uma nota para ter certeza que a afinação estava certa, então finalmente apoiei o violino na curva do pescoço e no maxilar, depois repousei o arco nas cordas, tomando fôlego antes de transformar meu coração em música.

Deixe sua alma transbordar em notas, Amary, até tomar o ar em cores. Eu não sei o que a minha espectadora viu, mas eu com certeza vi muitas cores. Tons cintilantes explodindo da melodia dramática, como lágrimas de estrelas.

Quando a última nota soou, grave e em eco, eu sorri.

Era uma certeza: a música corria nas minhas veias, meu coração bombeava claves.

Bom, foi nisso que eu acreditei por belos e brilhantes dezoito anos. Até tudo ruir. Até meu nome não estar na lista que foi chamada ao fim das apresentações.

Pelo visto meus tons não são cintilantes e sim opacos.

— Filha, tem sempre uma segunda chance — papai consolou do outro lado do celular, enquanto minha irmã Jordana segurava o aparelho para mim. Ligar para ele foi a primeira coisa que fiz quando mainha e eu chegamos no hotel.

Eu não consegui dizer uma palavra depois de ouvir da avaliadora que eu não tinha sentimento o bastante. EU NÃO TINHA SENTIMENTO!!! O que ela queria? Lágrimas?

— A gente investiu tempo e dinheiro pra eu ser uma porcaria no momento que precisava ser excelente! Não tem segunda chance, não tem mais nada. Eu ensaiei por anos, pai! Anos! — Afundei meu rosto no travesseiro, abafando o choro de frustração.

As coisas pareciam tão confusas! Tinha planos muito bons para o ano recém iniciado. Após os resultados da prova para ingressar na Sollare — e minha óbvia aprovação —, iria alugar um apartamento perto do conservatório e então viver uma vida agitada, mas satisfatória, na tão movimentada São Paulo.

Se você está completamente certo de algo e essa expectativa é frustrada, tudo se abala, contudo se está confiante, porém ainda assim tem o conhecimento de que pode dar errado, e as coisas saem do eixo, você ainda está de pé para seguir em frente.

Mas eu estava mergulhada até o último fio de cabelo na convicção de que eu seria aceita.

Havia ensaiado a ponto de não aguentar mais ver um violino, no entanto, a verdade brilhou em neon naquele dia. Nada de Sollare, nada de um diploma de peso. Foi como uma faca entrando aos pouquinhos no meu peito, até eu transbordar em lágrimas, ao invés de sangue. Noites em claro, rotinas bagunçadas e projetos deixados de escanteio pelo "sonho da Amarílis". Tudo em vão. Eu decepcionei a todos, dava para ver no rosto de meus pais. As passagens caras, a professora particular que pagavam, só para eu me preparar para a Sollare. E tudo não passava de vapor. *Puft!* Acabou.

Eu não era tão boa quanto vovó. Não poderia entrar na mesma instituição de ensino que minha amada Gigi.

Quando meus pais e minha irmã pararam de tentar me consolar e saíram do quarto, me arrastei para sentar na cama e encarei o violino repousado no canto do móvel. Peguei a case com fúria e joguei perto da mala bagunçada, tão caótica quanto eu.

O que eu faria sendo que planejei minha vida toda na certeza de alcançar aquele objetivo e ele escapou entre meus dedos? Que outras opções eu tinha? Tentar de novo? Quais as chances de eu conseguir? E se fosse só dinheiro gasto à toa? Meus pais já tinham problemas demais. Então era melhor desistir?

Naquele momento, tudo que consegui fazer foi me afogar em um choro magoado e deixar o sono roubar a sensação de desespero, sem sequer lembrar que eu tinha Alguém bem consciente do que viria a seguir. Meus planos foram pelo ralo, mas e os dEle?





1 | Händel e Jane Bennett

Os seguintes dizeres brilharam na tela do meu mp3 — herança dos tempos de mainha — naquela noite de sábado: "Händel, concerto grosso op.6 n° 1". A melodia dramática tocava através dos meus fiéis companheiros, os fones de ouvidos, e era perfeita para meu estado de espírito. Sentada no chão de uma casa de shows, deixei as melodias harmônicas me embalarem. Tudo que eu precisava naquele momento era manter a calma.

Para minha tristeza, estava enfurnada com minha irmã mais velha num ambiente lotado de garotas que se espremiam contra as grades de proteção, ansiosas pela entrada da boyband, enquanto pareciam um bando de muriçocas zumbindo as canções do tal grupo. Ficar num carro por uma hora até chegar ali foi um exercício de paciência. Jordana cantou o repertório inteiro do último EP e eu fui obrigada a escutar — como se já não fizesse isso o dia inteiro, todos os dias.

Jô amava Benji — o cantorzinho principal, famoso entre a juventude, especialmente entre as garotas — e implorou aos nossos pais para ir conosco até São Paulo, só para assistir ao tal show, quando tudo que eu queria era a monotonia da minha doce Rio Valente, meu finzinho de mundo.

— É o Ben, Amary, qual teu problema? — Jô se sentou ao meu lado no chão imundo, prendendo os cachos já bagunçados de tanto se movimentar.

Ah, esqueci desse *pequenino* detalhe. Eu conhecia, não, nós conhecíamos Benji, na verdade, naquela época era Ben. Nossas mães eram melhores amigas e crescemos juntos, como um trio de irmãos. Até que, no primeiro ano do ensino médio, meu melhor amigo virou um popstar graças a um vídeo bobo postado no YouTube. E então, alguns meses depois, quando a banda bombou, a fama subiu à cabeça e ele nos esqueceu. Simples e fácil.

— Se fosse o Shawn Mendes eu estaria mais animada — respondi.

E olha que eu nem ouvia esse cara.

Jordana revirou os olhos e levantou, voltando a cantar com as companheiras. Sério, ela nem parecia ter vinte anos! Apesar de ter alguns rapazes por ali, as meninas eram a esmagadora maioria.

Aspirei uma grande quantidade de ar, apertando meus fones de onde saía “Valsa das Flores", do Vivaldi, e deixando a música tomar minha mente por completo, abafando os sons exteriores. E assim seguiu até a chegada dos gritos histéricos e os pulos que quase causaram minha morte.

Me firmei nos pés, ativando o lado Jane Bennett[1] que havia em mim ao fazer um esforço para pensar de forma favorável em relação àquelas fãs desesperadas. Talvez se Chopin, Beethoven ou Händel estivessem vivos, eu agiria como essas almas. Estremeci com o pensamento. *Nem morta*.

E lá surgiram eles. Benji na voz principal e no violão, Kita na guitarra, Yuri na bateria e Túlio no baixo. O quarteto imbatível que formava a 4Dawn — isso aí, *Four Dawn*, um nome em inglês. Só não sabia se era síndrome de vira lata ou marketing para fazer sucesso internacional.

— Boa noite, São Paulo! — O rapaz com um violão preto se colocou atrás do pedestal e exibiu um sorriso animado ao cumprimentar os fãs, que foram à loucura.

Vale salientar que Jordana não era tão fanática assim. Ela passou a acompanhar mais fielmente a banda quando um post do Benji bombou, mais ou menos dois anos atrás. Era uma foto do garoto negro de cabelos trançados para trás no meio de um tanque de água — preparem os corações — sendo batizado. Na legenda, um texto muito bonito sobre sua conversão, da qual eu já sabia, porque foi um pouco antes dele cortar contato, o que me fez questionar essa mudança de coração. As músicas da banda só melhoravam, letras que pareciam contar histórias, sem imoralidade ou nada do tipo, por isso nossos pais não barraram a admiração de Jô.

Eu tinha que confessar que a banda era boa, com melodias legais e um vocalista dono de uma voz inegavelmente bonita. Mas não era meu estilo. E ouvir um cara por quem eu nutria certa antipatia cantar sobre uma garota especial de olhos azuis — na maioria das vezes é azul — era um tanto tedioso.

Benji e os meninos cantaram com seu coro por cerca de duas horas e meus pés só pediam por descanso, já meu cérebro pesava uma tonelada com o som alto e nem Händel deu jeito.

— Agora, vamos fazer uma coisa diferente. — Ouvir a voz de Benji no silêncio era um alívio. — Que tal um de vocês vir aqui no palco pra fazermos um dueto?

A gritaria fez com que eu me encolhesse.

— O escolhido ainda vai poder bater um papo com a banda depois do show.

Pronto, o espaço virou uma zoadeira só.

— Vejamos… — Benji se aproximou da beirada do palco e olhou em volta.

O calor do lugar estava me deixando lavada de suor e resolvi prender minhas tranças em um coque. Péssima ideia.

— Você aí, a das trancinhas cor-de-rosa. — A voz do cantor me fez erguer a cabeça.

Deixei meu cabelo cair de novo e olhei para ele. A maior parte da fibra era preta, mas algumas das tranças da parte de baixo eram diferenciadas. Nunca me arrependi tanto de ter colocado as benditas.

— A-ma-rí-lis! — Jô sacudiu meu braço. — É tu, doida! Vai logo.

— Eu? — Olhei para o rapaz, que infelizmente me encarava de volta.

— Sim — ele riu —, você.

Eu não sei como, mas fui empurrada para a parte da grade que tinha um portão e o segurança o abriu para mim, revelando os degraus que me levaram ao palco. Cada passo para perto de Benjamin gerava um recorte de nossa amizade em minha mente. Naquela época ele era tão comum para mim que nem sabia separar sua pessoa da minha existência, porém ali, a poucos passos de distância, ele se mostrou um mero estranho. Meu estômago se revirou, nadando nas dúvidas e mágoas, fazendo cada pergunta não respondida voltar à memória.

Quando Benji me passou o microfone eu soube que ele me reconheceu. O sorriso simpático em seu rosto sumiu lentamente, suas sobrancelhas se franziram e pude perceber seu pomo-de-adão subir e descer ao engolir em seco.

Por alguns segundos ele apenas me encarou, quase como se não acreditasse no que via. Ouvi algum dos outros músicos pigarrear, porém Benjamin permaneceu imóvel. Tive a impressão de ver seu rosto ficar pálido e sua respiração acelerar, mas não confirmei pois algo pareceu estalar na mente dele, o fazendo virar para a plateia e pedir para esperarem alguns minutos, então saiu pela lateral do palco, me deixando ali sozinha.

Virei para os outros três integrantes da banda, confusa com a atitude do

vocalista.

— Não estamos na TV, mas parece que vamos para um intervalo comercial — o guitarrista brincou, fazendo a plateia rir.

Kita então começou a falar sobre as férias que eles tirariam depois daquele show, prometendo que voltariam com tudo, inclusive músicas novas.

Eu me sentia um peixe fora d'água, caçando Jordana na multidão para pedir ajuda. Sei lá, um resgate, qualquer coisa.

Kita se esforçava para manter os fãs distraídos quando, alguns minutos depois, Benjamin voltou, se desculpando, mas ainda parecendo esquisito. Ele me lançou um olhar, abriu a boca para dizer algo, mas a fechou outra vez, desviando a atenção para a plateia e pedindo alguma sugestão de música para nós.

Analisei o rapaz. "CAMOMILA" estava estampado no seu colete cinza. Era o nome do último EP, do qual eu provavelmente deveria saber cantar alguma música. Não posso dizer que minha mente permanecia focada nas letras quando minha irmã as cantarolava pelos cantos, mas poxa, deveria ter ficado alguma na minha mente.

Só que não.

Os fãs não pareceram se importar com a cena atípica de minutos antes, apenas pediram pela música que dava nome ao EP, então eu também resolvi ignorar o fato, já que tinha uma questão mais urgente.

Vamos lá, cabecinha! Lembra da música! Fiz uma careta, meu cérebro latejou, porém não mandou nada. Era uma canção sobre um amor que acalmava, isso eu sabia, só que a capacidade de fazer uma redação sobre o tema não me ajudaria em nada.

— Pronta, Amarílis? — Benjamin perguntou longe do microfone, só para eu ouvir. Senti meu estômago revirar ao ouvi-lo dizer meu nome.

— Eu não conheço a música — respondi, também com o aparelho longe.

— Qual conhece?

— Nenhuma?! — rebati com certo sarcasmo.

Benjamin arregalou os olhos. Acho que para seu ego era inadmissível que uma garota daquele Brasil não tivesse escutado e decorado suas músicas.

Olhei de soslaio para a plateia e congelei. Todos estavam atentos a nós, celulares prontos para registrar meu mico, não, meu King Kong.

— Certo… vamos cantar uma especial, pra fazer jus ao momento. — Benjamin atraiu minha atenção ao anunciar. — Ela foi minha primeira música autoral e é bem antiga, não sei se vão lembrar.

O local surtou de vez. Pessoas gostavam daquilo, coisas especiais.

— Se chama Cósmica. — Ele olhou para mim e senti vontade de gargalhar. Era mesmo a primeira música que Ben havia composto, para uma

garota imaginária, num projeto bobo da matéria de artes no oitavo ano. Mas eu conhecia a letra, havia cantado com ele na nossa apresentação. Saber que o meu ex-melhor amigo lembrava daquele dia me apaziguou.

Dedilhando no violão, Benjamin começou a cantar. Apesar de ele ainda parecer nervoso com minha presença, sua voz saiu muito mais regular e bonita naquele momento do que no oitavo ano, e a melodia foi favorecida pela junção dos instrumentos dos meninos — fato que me fez querer rir de novo. *Esse bobo compartilhou mesmo a canção com os amigos?*

Benjamin tinha crescido no seu talento e quis ter meu violino ali para mostrar que o mesmo me ocorreu. Não por orgulho, apenas por saudade de compartilhar vitórias com ele.

Cantei minha parte da música, com uma voz não tão bonita quanto a dele, mas afinada o bastante. A letra era basicamente uma declaração cheia de adjetivos ligados ao espaço, todos para o alvo do amor de seu compositor. Cantar: "você é cósmica, estelar, mais bela que as galáxias, deslumbrante como a via láctea" não foi minha melhor performance. E estava gravado por centenas de celulares. *Uhul!*

No fim da música, me perguntei se as pessoas ali estavam surdas, já que nos ovacionaram, mesmo assim sorri em agradecimento.

— Foi ótimo, Amary — Benjamin disse, para todo mundo ouvir.

Amary? Era um descompreendido mesmo! Cara de pau e sem noção! Desprovido de sentimentos, boboca e mil adjetivos pejorativos.

Empurrei o microfone de volta para Benjamin, indo até os degraus e retornando para perto de Jordana. Quando cheguei lá, encontrei os olhos do vocalista sobre mim.

O show voltou ao seu foco e eles tocaram a música de despedida. Quis fugir dali quando a banda se dirigiu à lateral do palco, porém Jô não deixou.

— Vamos conversar com eles! Dá pra acreditar? Eu te amo, maninha.

A fanática — sim, mudei de ideia — beijou minha bochecha e me arrastou para onde dois seguranças nos esperavam. Eu não consegui esboçar qualquer relutância, uma onda anestésica tinha entrado na minha corrente sanguínea.

Benjamin Torres, meu ex-melhor amigo e quem eu julguei ser meu irmão, mas que tinha me abandonado, havia falado comigo depois de anos. E logo mais eu estaria bem perto dele, sem a adrenalina do palco e nenhuma rota de fuga…

Se eu soubesse o resultado daquela conversa, eu quem arrastaria Jordana, entretanto seria para bem longe dali.





2 | Sinfonia de mudanças

Jordana parecia fazer parte do ambiente. A moça usava um vestido preto cheio de lantejoulas, o qual valorizava suas curvas avantajadas, mas de forma modesta. Como se não bastasse o brilho, os coturnos rosa-choque finalizavam o look e se agitavam em sincronia com sua animação, enquanto ela tietava os meninos. Eu, por outro lado, estava encolhida no cantinho do sofá, cansada e sonolenta.

Os garotos já haviam notado que a fã não era eu, e sim minha irmã, por isso focaram suas atenções às perguntas curiosas da moça, que parecia um trem sem freio quando estava empolgada.

— Então esse é seu primeiro show? — Yuri, o baterista, tinha estampado na cara o encanto pela moça. Quando Jô assentiu à sua pergunta, ele respondeu: — Imaginei, com certeza lembraria de alguém com tanta presença!

O sorriso branco, claramente artificial, iluminou sua face. Era um rapaz de dezoito anos e beleza comum. Branco, cabelos castanhos e olhos da mesma cor. Ele estava ao lado de Túlio, o baixista e integrante mais velho, com seus vinte e três anos. Sua pele bronzeada e cabelos loiros num corte militar contrastavam com o amigo.

Jordana riu do flerte descarado do moreno, uma risada tão natural quanto os dentes do músico.

Ouvi o guitarrista — Arthur Kitamura, conhecido como Kita — resmungar ao meu lado e virei para ele, que também me encarou. Ele sorriu, porém de modo diferente do amigo, parecia amigável e não galanteador. Puxei a ficha martelada na minha cabeça pela convivência com minha irmã e lembrei que ele tinha vinte e um, mas naquele momento eu percebi como sua descendência japonesa o fazia aparentar um pouco menos.

— Você canta bem, deveria fazer um teste pra entrar na banda. — Seus olhos se tornaram ainda mais estreitos com o sorriso brincalhão.

— Aí a 4Dawn deixaria de ser um sucesso pra virar um vexame. — Dei risada.

— Não se menospreze assim, sua voz é ótima!

— Eu me daria melhor se tu me chamasse pra tocar.

— Violino? — Kita inclinou a cabeça para o lado.

Arregalei os olhos e ele riu.

— O Ben falou de você, há um tempo. Reconheci o nome, não é nada comum.

— Ah… — murmurei, entre um bocejo de sono.

— Quer café? — perguntou, já levantando. Concordei e vi o moço ir até a cafeteira, posta em uma mesa com alguns lanches.

O camarim deles era grande, com seus instrumentos e pertences espalhados pelos cantos. Algumas fotos de shows, publicidades e eventos estavam num mural na parede preta ao lado da porta. Numa mesinha perto do sofá amarelo em que estávamos, uma foto do quarteto junto com o produtor me fez sorrir. *Benjamin parece tão feliz.*

Estremeci com o pensamento, abaixando o olhar para minhas mãos e tentando entender porque, apesar de tudo, aquele carinho pelo rapaz não tinha me abandonado. Será que eu era tão trouxa assim? Será que eu apagaria as lágrimas que ele me causou, as noites me culpando, as dúvidas e medos, tudo seria deixado de lado por um reencontro e sua aparente felicidade?

Será que seu estado dizia que eu era uma parte minúscula e tão insignificante na existência dele a ponto de não causar a mínima falta? Aquilo doeu. A simples ideia de ter sofrido sozinha.

Observei o sujeito dos meus pensamentos levantar de seu lugar no sofá. Ele mal falou durante o tempo que estávamos ali. Quando chegamos, Jordana o apertou em um abraço, como se nada estivesse errado, e ele pareceu gostar da reação.

Benjamin se escorou na parede ao lado da mesa onde Kita pegava meu café. Os dois conversaram algo que não ouvi, então ele me fitou, mas suas íris fugiram de mim assim que notou que eu também o observava. O rapaz fechou os

olhos e pude perceber seu peito subindo e descendo de modo ritmado, enquanto ele girava a bandana amarrada em volta de seu pulso repetidamente. Foi inevitável lembrar do que aconteceu no palco e me perguntar se ele estava bem.

Ah, por favor, Amarílis! Como tu ainda consegue ficar preocupada? — meu cérebro gritou e eu rebati, confusa: — *É impossível apagar tudo em apenas dois anos!*

Apertei minhas mãos no colo, decidindo orar e pedir calma ao Senhor, porque se dependesse de mim eu iria surtar. Levei alguns minutos assim, achando que a tranquilidade enfim reinaria. Até uma voz vir do meu lado, me sobressaltando:

— Oi.

Encarei Benjamin, com o coração batendo mais rápido, graças às sensações controvérsias que aquele ser me causava. Preocupação, carinho fraterno, ressentimento, curiosidade, tristeza e, a maior de todas, saudade. Vislumbrei mil cenas de nossas brincadeiras, o jeito que via nele um irmão mais velho protetor — ainda que tivéssemos um único mês de diferença —, as risadas e silêncios trocados, tudo isso rodopiou em minha mente. E então se espatifou no chão, como se alguém tivesse batido todos os dedos no piano, provocando um som estrondoso.

— E-eu não quero conversar com você. — Joguei minhas tranças para o lado, abaixando a cabeça e deixando que elas cobrissem meu rosto.

— Amary…

— Não pode me chamar assim, não é meu amigo. — Cravei as unhas nas palmas ao notar que meus olhos ardiam. *Porcaria de sentimentalismo.*

A felicidade me atingiu quando Kita voltou com meu café, pois não precisaria falar com Benjamin. Entretanto, para minha completa decepção, o guitarrista foi se juntar aos amigos na atenção à Jô e eu me encolhi, tentando focar no gosto da bebida e não no rapaz respirando profundamente ao meu lado.

Tirei meu mp3 e os fones da bolsa, colocando-os na tentativa de mandar o recado de: "se toca e vaza, Benjamin".

— Oxe, voltamos aos anos 2000? — O cara de pau não pegou a mensagem, ou não ligou para ela.

— Era de mainha, foi um presente, herança, sei lá.

— É bem útil pra ouvir música sem ser assaltada.

Murmurei um assentimento e, de olhos fechados, recostei a cabeça no sofá, na difícil tentativa de ignorar meu companheiro. Meus lábios se ergueram quando a melodia agitada começou a tocar. Era "Glorious", do for KING & COUNTRY, numa das raras canções do aparelho que não eram clássicas. Só música cristã boa para me tirar delas.

— O que te fez sorrir? — Benjamin falou por cima do som, roubando um dos meus fones e levando ao ouvido, o que me deixou chocada. *Mas que ousadia!* — Ah! Eu gosto dessa também, tu ainda tem bom gosto, *Amarílis*.

— Ben! — Peguei o fone de volta, o esfregando na calça jeans antes de colocar de novo no ouvido. Ele sempre fazia aquilo, mesmo sabendo que eu não gostava.

Só me dei conta do que disse quando o olhei e vi um sorriso de canto iluminando seu rosto. Benjamin era parecido comigo e com Jô fisicamente, mas em personalidades formavam nossa própria banda diversa. Ele tinha um jeito tranquilo de encarar a vida, como se sempre estivesse "de boa na lagoa", ou algo equivalente.

— Foi só uma recaída — expliquei, roendo o esmalte. Minha boca ficaria cheia de glitter, mas eu estava nervosa! Poxa, eu tinha o direito, né?

— Nossa amizade era um vício? — Benjamin apertou os lábios e me incriminei por sorrir com a piadinha.

Mas aí eu lembrei de novo de como fiquei deprimida com seu sumiço e meu sorriso se tornou um semblante fechado. E como se tivesse sido exposta a algo nojento, meu estômago revirou.

— Como teve coragem? — Minha pergunta saiu embargada.

O desconforto voltou a ganhar seu rosto. Queria ouvir de sua boca uma única razão para ele ter me abandonado. Eu podia perdoá-lo, com um esforço conseguiria, mesmo. Contudo o que mais doía era a forma como ele tratava a situação, como se ela não existisse. Lembrava com clareza de ter ficado dias e noites tentando contato e ele me ignorando, até que eu desisti, resolvendo apagá-lo da minha memória.

— É complicado. — Benjamin coçou a sobrancelha.

— Ah, pronto! Tu tem uma boca e um cérebro, use eles. — Eu já estava entrando em estado de ebulição.

O rapaz me observou, parecia ter mil coisas passando na sua cabeça, só que ele não quis compartilhar nenhuma comigo. Como se eu fosse uma estranha.

Meu coração partiu em bandas.

Tirei meus fones e guardei na bolsa, deixei a caneca na mesinha e fui parar diante de Jordana, que escutava com atenção os meninos contando as histórias de viagens ao redor do Brasil.

— Jô — toquei seu ombro —, tá tarde, vamos?

— Mas já? O papo tá ótimo! — Ela sorriu e cochichou de brincadeira: — Eles ainda nem começaram a ficar entediados, preciso aproveitar!

Estava com um argumento na ponta da língua quando a porta se abriu após algumas batidas. Duas pessoas entraram, uma era a tia Meg, mãe de

Benjamin, e a outra era Ítalo Vasconcelos, produtor da banda.

A mulher abriu um sorriso amplo ao ver nós duas e nos prendeu num abraço, enchendo nossos rostos de beijos. Rimos do jeitinho dela, o qual nos fez falta.

— Fiquei tão feliz de ver vocês, minhas garotas. — Ela afagou nossas bochechas.

— Também ficamos, tia. — Sorri. Em relação à Tia Meg eu só tinha sentimentos bons, já que ela não havia sumido por completo, como o filho fez.

— Olha só se não são as duas fãs mais sortudas de São Paulo! — Ítalo, um homem de meia idade, riu ao nos cumprimentar com apertos de mão. Minha atenção fugiu para a infinidade de bottons em seu colete jeans. — Os meus garotos estão sendo bons anfitriões?

— Eles são uns amores, senhor, igualzinho imaginei — Jordana respondeu, deixando os “amores” todos sorrisos por causa do carinho. Jô podia ser um poço de chatice às vezes, mas quando ela era doce, o mel ficava no chinelo.

— Vocês já tiraram uma foto? — Tia Meghan quis saber.

— Algumas. — Túlio olhou para Jô com divertimento e ela se fingiu de tímida. Porque a última coisa que aquela moça era era tímida.

— Vamos tirar uma oficial para postar no perfil da banda, vocês deixam, meninas? — Ítalo já estava pegando o celular do bolso. Proposta irrecusável.

Nos juntamos ao grupo de músicos e o homem registrou o "momento mágico".

— Muito obrigada por nos receberem, vocês são incríveis. — Tentei ser simpática. — Só que agora precisamos ir.

— Nós também. — Túlio checou o relógio em seu pulso. — Amanda me mata se eu me atrasar pra colocá-la pra dormir.

Jô e eu trocamos um sorriso. Minha irmã havia gritado de alegria pela casa quando viu a notícia que a filha de Túlio tinha nascido, um ano atrás. Era uma menininha incrivelmente fofa e a gente amava ficar vendo os vídeos que ele postava dela. Eu podia não gostar da banda, contudo não resistia a um bebê.

Os meninos pegaram suas coisas e se despediram de nós com um abraço, o que Jordana amou e eu detestei. Gente me apertando era uma das minhas formas de ser torturada — que nenhum vilão leia isso.

— Ei, esperem. — Meghan nos barrou. — Querem uma carona? Aproveito e vejo minha *bestie*.

Jordana riu e eu me forcei a isso. A amizade entre mainha e Tia Meg vinha desde a juventude, coisa que tempo e distância alguma foram capazes de mudar. Elas ficavam penduradas no telefone sempre que podiam e mesmo que às

vezes demorasse semanas entre uma chamada e outra, nada mudava.

Pena que não era “tal mãe, tal filho".

Minha irmã aceitou a carona de pronto e eu fui no embalo. Não queria mesmo pedir um carro naquela hora da noite, sabia que São Paulo não tinha nada a ver com Rio Valente, quieta e segura.

Sentamos para esperar Benjamin e a mãe arrumarem suas coisas. Observei com curiosidade a mulher segurar o rosto do filho, como se o analisasse, depois ela o abraçou apertado e os dois vieram até nós.

Seguimos então até o estacionamento, onde um carro preto nos esperava. Meghan ocupou o volante e o filho o lugar ao seu lado, deixando Jô e eu no banco de trás.

Meu nível de interação social já estava negativo, por isso encostei a cabeça no vidro e vi as luzes da cidade passarem rápido do outro lado, como notas luminosas tomando o ar. Fiquei pensando que sinfonia harmonizava com elas, talvez uma com muitas notas altas.

Estava divagando ao criar uma melodia imaginária, quando o tom envergonhado de Tia Meg me atraiu.

— Foi mal, Ben, eu juro que pensei ter finalizado a reserva. — Ela olhou rapidamente para o rapaz.

— Mãe, era só um botão, era só clicar no bendito botão! — Sua voz era uma mistura de frustração e riso. — Vou mandar a Rebeca ter umas conversinhas com a senhora, tá precisando.

A mulher riu, parando em um sinal. Encostou a cabeça no banco e a coçou, bagunçando as ondas pintadas de loiro. Percebi como ela estava ainda mais bonita, pelo visto São Paulo lhe fez bem. Seu estilo mudou, da aparência básica para fios descoloridos, terninho azul e saltos da mesma cor. Jordana com certeza aprovou o look quando a viu. As duas se davam bem nisso, antenadas na moda. Eu, por outro lado, sempre pendia para o confortável. Naquela ocasião estava com minha costumeira calça folgada, tênis e uma camisa com um monte de joaninhas bordadas por Jô.

— E então, babou nossas férias? — Benjamin se afundou em seu lugar.

— Não! Eu te prometi e vou cumprir. — Meg respirou fundo.

— Tínhamos que ir amanhã, pra aproveitar esse mês por completo. Vai ficar tudo agitado com a turnê, eu preciso *mesmo* desse tempo.

— Vamos achar uma solução, relaxe.

— Me pedir pra relaxar é seu mantra — ele resmungou —, só que nunca funciona.

— Pelo amor de Deus! Desliga essa negatividade, só um tantinho. — Meg avançou quando o sinal abriu. — Podemos ir pra uma praia aqui perto, que

tal?

— Não quero praia, tem muita gente, areia e sal.

Rolei os olhos. O que ele queria? Neve?

— Gostei da pousada porque lembra Rio Valente — Benjamin continuou.

— Pousada? Nós temos uma pousada — Jordana se intrometeu na cara dura. — E o melhor, não lembra, *é* em Rio Valente!

— E tem vagas? Assim, em cima da hora? — Tia Meg a fitou pelo espelho.

— Vagas de sobra! — Uma risada sem humor saiu dela. — As coisas estão… difíceis.

Percebi o semblante da loira mudar, parecia preocupada. Nos últimos meses as reservas haviam ficado abaixo do esperado, nos fazendo temer o futuro. A lembrança de termos gasto tanto comigo em vão me fez segurar as lágrimas.

— Bom, gostamos de lugares reservados, não é, Ben? — Ela sorriu para o filho, que me encarava pelo retrovisor.

Não consegui entender se ele odiava a ideia tanto quanto eu ou se estava esperando uma aprovação. Mas eu não podia me dar ao luxo de perder clientes, então forcei um sorriso.

— É, acho que vai ser muito bom. — Benjamin sorriu também, olhando diretamente para mim.



3 | Fazenda Recanto

Papai foi nos buscar no aeroporto. Ele estava animado por ter suas garotas de volta e por isso fomos alvos de uma multidão de beijos. O carro ficou cheio com a conversa dele, de mainha e de tia Meg, que pareciam não se falar há séculos.

Kita — o qual se juntou ao amigo na viagem — cochilava na companhia de Benjamin, no banco de trás. Já Jordana tirava uma foto dos dois para zombar deles assim que acordassem.

E eu estava no banco da frente, observando o fluxo da estrada e administrando o rádio, só para não ter que ouvir 4Dawn. Minha irmã com certeza amaria a oportunidade de ter um showzinho particular.

— Amary? — A voz de Seu Ulisses, meu pai, tirou minha atenção do carro à frente.

— Hum? — Virei o rosto em sua direção.

— Tudo bem? — Seus olhos castanhos me analisaram, como o *Baymax*[2], procurando machucados e inquietações para solucionar.

Pelo espelho, confirmei que ninguém prestava atenção em nós dois. Por isso, neguei.

— Deixa eu adivinhar — batucou os dedos no volante —, tem a ver com aquela escolinha meia boca?

— Pai! Não precisa desfazer da Sollare por minha causa. Ela continua sendo fantástica, perfeita e o lugar dos sonhos — defendi, mesmo frustrada.

— Tá bom — resmungou contrariado. — Mas ainda acho que essa escoli… Quer dizer, essa *instituição de ensino* não é digna da minha boneca.

Rascunhei um sorriso, acalentada por sua proteção.

— Tua música é linda, sincera e vem tanto do coração que dá pra vê-la pulsar!

— Tá lendo livros de poesia de novo? — provoquei. Ele sempre ficava cheio de floreios quando o fazia.

— Alguns — deu de ombros —, mas tudo que falei é verdade, todo mundo que te escuta diz isso. Sentimento com certeza não é o que falta na sua performance. Aqueles avaliadores deveriam estar com o ouvido entupido no dia do teste.

Dei risada, balançando a cabeça.

— O senhor não tem jeito mesmo.

— Eu sei que precisa saber receber críticas e tudo mais, só que não leve todas como verdade absoluta. Uma ou três pessoas que não gostaram do seu trabalho não podem invalidar centenas que amaram.

Só assenti e voltei a prestar atenção na estrada. Era muito difícil acreditar naquilo.

— Deus vai te mostrar o que fazer a seguir, Amary — papai continuou, em tom terno. — Tu pode não saber o que virá nas próximas páginas da tua vida, mas Ele sabe, sempre sabe, do início ao fim. Pode me dizer por quê?

— Porque foi escrita pelas mãos dEle — respondi entre suspiros a verdade gravada no meu coração desde criança. — Antes do mundo existir, o Senhor me conhecia.

Meus pais ensinaram minha irmã e eu a memorizar ensinamentos centrais do Evangelho, desde quando mal sabíamos falar. "Ensina a criança no caminho em que deve andar" era um mandamento seguido à risca na casa dos Silva. E esses pequenos lembretes já haviam lançado luz sobre mim incontáveis vezes.

— E os olhos dEle estão sobre você, filha — o homem continuou. — Descanse e creia na providência de seu Pai Celeste, esse que conhece tão bem a tua história.

Meu coração ficou quente, como se estivesse envolvido por um cobertor. A Palavra tinha esse poder, quebrar erros e dar nova e viva esperança. Eu me agarrei a ela, desejosa de acreditar num futuro seguro logo adiante, mesmo que naquele momento só visse a montanha do meu próprio caos.

Papai voltou a se concentrar na direção quando entramos na estrada de terra. Ainda faltava muito para vermos a pousada, por isso tirei meu exemplar de

Mulherzinhas[3] da mochila e mergulhei na leitura. Se fosse Jô ali — minha Jô, não a do livro —, o painel teria ficado coberto do sanduíche que tínhamos comido antes de pegar o voo, porém eu possuía um dom e nem os solavancos do percurso me perturbaram.

Estava imersa em neve e nas brincadeiras das irmãs March quando ouvi a voz empolgada de Benjamin.

— Ainda é igualzinho!

Ergui o olhar e notei que estávamos chegando. No alto do portão de entrada, uma placa envolta em flores trepadeiras anunciava que aquela era a "Fazenda Recanto".

— Preparado pra muitas primeiras vezes, Kita? — Tia Meg virou para o rapaz, que já tinha acordado. — Primeira vez na Bahia, primeira vez no interior…

— Garoto da cidade? Isso vai ser divertido. — Jordana riu.

— Muitas coisas pra aprontarmos com ele, Jô. — Benjamin trocou um olhar cúmplice com minha irmã e Kita estremeceu.

— Vamos levar teu amigo ao rio, pra andar de cavalo, entupir ele de cuscuz… — Ela contou nos dedos. — Que mais?

Desci do carro para abrir o portão e fugir daquela animação toda, enquanto meu humor não voltava aos eixos — coisa que só aconteceria depois de um banho e algumas horas de sono.

O veículo seguiu seu percurso para a recepção e eu continuei a pé, aproveitando para matar a saudade de tudo. A grama brilhava sob o sol do início de tarde, era verão, sendo assim, o astro de fogo estava a todo vapor no céu limpo. Aspirei o cheiro das inúmeras árvores que nos rodeavam e apreciei os sons da natureza, coisa que me fez falta em apenas dois dias longe. Quis ir para a área destinada aos animais, ver certa égua que era objeto da minha mais intensa saudade, mas o suor escorrendo por minhas costas forçou meu corpo a se direcionar para nossa casa, que ficava no centro da propriedade.

Era um edifício de dois andares, com ares de residência do período colonial, arquitetura preservada pelas gerações Silva. Não era enorme, mas o saguão servia para os hóspedes fazerem o check-in antes de irem para os chalés dispostos ao redor. De lá também seguia um corredor para a cozinha e posteriormente para a varanda dos fundos, onde as mesas do refeitório ficavam dispostas. No andar de cima, nossos quartos, banheiros, o escritório de papai e a sala privada. A Fazenda Recanto sempre foi isso, uma pousada. Amava aquele fluxo de pessoas novas, histórias e experiências.

Quando cheguei no saguão, papai estava registrando o trio recém chegado. Perguntei se precisava de ajuda, ele negou, então subi as escadas de

dois em dois degraus. Quando cheguei no topo, dirigi a atenção para baixo e meus olhos se encontraram com os de Benjamin, mas só por tempo o bastante para eu captar sua menção de dizer algo. Não hesitei em andar depressa para o meu quarto.



Acordei horas depois, quando o sol já estava esfriando — aos não-nordestinos, lá pelas 17h. Enquanto descia as escadas, meu estômago reclamou da falta de almoço e fui roubar um lanche na cozinha.

Tia Meg e mainha estavam na mesa, conversando. Beijei o rosto das duas, antes de pegar alguns biscoitos e escapulir sob os protestos de Dona Valentina por não escolher uma fruta. *Isso que dá ser filha de nutricionista.*

Felizmente, não havia sinal de Benjamin em canto algum, mas também nada de Kita ou Jô.

— Estevão! — gritei o funcionário, que estava concentrado em averiguar os animais antes de ir para casa.

— Oi, patroinha. — O senhor de meia idade riu. — Já até sei o que vai falar.

— Sabe?

— Quer buscar os cavalos no pasto, né? — Fechou a porta do galinheiro.

— Sempre achei que teu nome combinava demais com essa mente sábia — brinquei.

— Mas eu não quero morrer por agora, então vá pedir ao teu pai antes.

Reclamei, dizendo que não precisava, no entanto ele era responsável até demais e não cedeu. Corri para o escritório de papai e após ter sua autorização, voltei para avisar Estevão, que me apressou antes que ele desistisse do ato de bondade.

“Sonata ao Luar", de Beethoven, saía dos meus fones enquanto corria pela propriedade, na direção do campo onde os cavalos ficavam.

O espaço ao meu redor era ainda mais lindo com os tons dourados do entardecer. Eu entendia bem porque ele atraía famílias querendo descanso, noivos procurando um lugar intimista e meio *cottagecore* para selar a união, e várias igrejas desejando um cantinho para seus eventos.

Ali era meu lar e eu estava decidida a esquecer meu sonho por um tempo e focar em quem tanto me incentivou. Meus pais mereciam um retorno, mesmo que não fosse como esperavam. Por isso, a primeira coisa que faria na segunda-feira era procurar um emprego e ajudar nas despesas, que com o baixo número de reservas estava no vermelho. Já havia traçado em mente todos os lugares no

centro que talvez empregassem uma jovem sem experiência, mas com instrução básica em informática. Quem sabe os dias quebrando galho na recepção da Recanto me ajudassem.

Meus pensamentos entraram em mudo quando vi minha égua, a Duquesa, cheirando as flores do gramado. Ela amava flores, mesmo que sempre espirrasse quando inalava o pólen. Gritei seu nome e ela veio depressa me encontrar na cerca.

— Sentiu minha falta, garota? — Afaguei suas costas. — Eu senti, muita.

Duquesa relinchou, me fazendo rir ao imaginar que estava concordando.

— Não se preocupe, não vou mais ir embora. — Deixei escapar um suspiro. — É a única parte boa do meu fracasso, continuar perto de você e da minha família.

A égua encostou o focinho na minha bochecha, parecendo captar meus sentimentos tristonhos. Abracei seu pescoço, tentando não chorar. Odiava a sensação de não saber o que fazer, de não ter mais sonhos, de estar em pausa. Ou melhor, perda.

— Tá bom, chega de chororô. — Funguei, me afastando e descendo da cerca para ficar ao seu lado. — E como a senhora e seus filhotes estão? Papai disse que está com esperanças de tudo dar certo.

Duquesa virou o rosto para me ver acariciar sua barriga proeminente, onde dois potrinhos esperavam para ver o mundo. Eu fiquei eufórica quando meu pai me contou que minha garota teria um bebê, imagine só, um potrinho todo marronzinho como a mãe! Mas a preocupação nos alcançou quando um ultrassom revelou serem gêmeos. Era um caso raro e as chances de perdermos algum dos três eram grandes.

— É assustador, né? — Voltei para frente dela, lhe dando outro abraço. — Eu também estou com um pouco de medo, confesso, porém ele é só isso, medo. Não tem poder de nos fazer mal, a não ser que a gente dê esse poder a ele. Mas, vamos ser esperançosos! Eu oro sempre por vocês, sabia?

Duquesa soprou ar pelas narinas, balançando minhas tranças.

— Eu acredito que Deus se importa com os animais, foi Ele que os criou com amor e que cuida de vocês. Sei que o Senhor vai fazer o melhor.

Estava tão concentrada na minha conversa com Duquesa que só percebi o rapaz escorado na cerca quando me afastei. Pulei de susto, sentindo o sangue ferver ao reconhecer o intruso.





4 | Cacofonia

— Ei, tudo bem, garota. — Segurei as rédeas de Duquesa com um pouco mais de força. — Foi só um bobo mal educado, são irritantes, mas não fazem mal.

Benjamin deu uma risada forçada e se aproximou de nós. Estava suado e a roupa entregava que voltava de algum exercício.

— Deve estar sentindo falta da academia — provoquei em tom bem zombeteiro.

— A corrida basta enquanto estamos aqui. É um lugar muito bonito, fiquei feliz pela mudança de planos — respondeu num tom amigável.

Por que ele nunca reage como eu espero? Sempre foi assim, imprevisível.

— Sai pra lá — andei de costas quando Benjamin se aproximou mais —, tu deve tá fedendo pra caramba.

— Ei! — Gargalhou, tentando em vão me alcançar, já que eu rodava em volta de Duquesa para fugir dele. Eu sabia que aquela praga ia tentar me abraçar, era seu costume quando voltava das partidas de futebol, isso na época que ainda éramos amigos.

— Fica aí, Cascão, ou eu peço pra Duquesa te dar um coice — ameacei e ele obedeceu. — Ótimo.

— Ainda detesta abraços, né?

— Se forem seus, eu abomino. — Revirei os olhos, pegando a rédea de

Duquesa e de Crystal, a outra égua que pastava ali. Tínhamos quatro cavalos, então precisaria fazer duas viagens.

— Eu te ajudo — Benjamin ofereceu.

— Não precisa, tu é hóspede.

— Que isso! A tia Val disse que a gente ainda é de casa.

O encarei, notando aquela tranquilidade que me irritava.

— Depois de dois anos desaparecido, não tenho tanta certeza — resmunguei, porém não dei tempo de ele retrucar. — Tá, leva o Caramelo e o Apolo. Assim dou uma viagem só.

O rapaz obedeceu, pegando os dois cavalos e me acompanhando. Seguimos em silêncio, bom, ele estava no silêncio, eu tinha feito uso do meu escape, os fones.

— Sabe — eu disse depois de um tempo, não aguentando ficar calada —, é esquisito pensar que éramos tão unidos e de repente, lá se foi tudo. Como, me explica, como uma coisa assim acontece? A gente tem fotos juntos desde a minha primeira semana de vida, sempre na companhia um do outro, "Benjamin e Amarílis", amigos desde a barriga de nossas mães.

— Amary…

— Não! Tu precisa me entender. Simplesmente parece que me jogaram numa realidade paralela quando diz respeito a nós dois. Eu tenho álbuns de fotos com tu e a Jô, no plural mesmo, porque um só não comportaria mais de quinze anos de amizade. Tive tua companhia desde o primeiro dente que perdi e lembro que tu me tranquilizou, me dando uma moeda de cinco centavos, só porque queria que fosse igual nos filmes.

— Achei que era de dez centavos. — Ele riu.

— Não é pra rir! — Minha voz saiu embargada e ele parou no mesmo instante. — É pra compreender como é confuso pra mim sair desse estágio, onde tu deixava de ir nas festas dos teus amigos para ficar assistindo filme comigo e com a Jô, só porque nossos pais não deixaram a gente ir também. Você colocava de lado qualquer diversão se eu tivesse uma apresentação de violino, eu olhava para a plateia e sempre via teu rosto sorridente, me encorajando. Eu tinha dois irmãos, Benjamin, até que um saiu de cena por vontade própria e não fala a porcaria do motivo.

Dizer tudo aquilo foi como deixar uma enxurrada de sentimentos guardados jorrarem. Porém eu não senti alívio. O silêncio contaminou tudo outra vez, mas por pouco tempo.

— Quer que eu te diga a razão? — A pergunta de Benjamin vagou na minha mente antes que eu pudesse responder.

Um medo me atingiu de repente. E se o motivo fosse tão bobo a ponto de

só piorar tudo? Não, não tinha jeito, eu não aguentava aquelas interrogações, o vão entre nós. Depois de ouvi-lo, poderia desamarrar as cordas frágeis que ainda nos prendiam um ao outro.

— Quero — respondi baixinho, tirando os fones, que tocavam uma melodia alegre demais para o momento.

Ben deu um suspiro profundo, o olhar fixo na grama sob seus pés, banhadas do laranja do pôr do sol.

— Minha vida estava muito boa até alguns dias antes de pararmos de nos falar. A banda começava a ganhar destaque, eu tinha me convertido e estava dando meus primeiros passos na fé…

Uma risada sarcástica me escapou.

— Jesus te ensinou a abandonar os amigos? Não parece o mesmo que conheço.

Benjamin parou, me obrigando a fazer o mesmo.

— Vamos combinar uma coisa — sua voz saiu irritada —, quando eu acabar de explicar, tu faz os mil comentários que quiser, joga na minha cara meu erro e tua mágoa. Mas ouça primeiro antes de falar besteira.

Minhas bochechas arderam e eu fitei o chão, meio constrangida, meio brava.

— Tá — murmurei, voltando a andar sem coragem de encarar nada além das minhas botas.

— Eu estava bem, até meus pais contarem do divórcio. — Ergui os olhos nessa parte. Mainha havia comentado sobre aquilo, mas nunca associei ao sumiço do Benjamin. — Meu mundo desabou, eu só conseguia me culpar, já que as brigas pioraram quando nos mudamos. Ver o casamento dos meus pais ruir foi um golpe que eu não esperava levar.

— Eu… — Tentei falar, contudo ele me encarou sério e parei bruscamente.

— Logo o pesadelo se tornou ainda pior. Minha mente era um monte de temores, culpa e tristeza se misturando e sendo alimentados por mim. Então, no dia que meu pai se mudou, tudo explodiu. — Ele fez uma pausa tão longa que me preocupei. Quando eu estava prestes a falar, Benjamin continuou: — É estranho, nunca falei disso com ninguém além dos meus pais e do Kita, achei que nunca ia precisar repetir essa história.

— Não precisa contar se não quiser. — Algo em mim estava avisando que eu deveria ser mais gentil.

— Se eu não falar, tu vai passar a vida achando que não me importo com você, mas é mentira. Eu me importo, Amary, muito. — Sua voz oscilou e meu coração respondeu, doendo. — Na noite em que meu pai foi embora, eu acabei

indo parar no hospital e, pelos sintomas, jurava que estava tendo um ataque do coração, mas descobri que era outra coisa. Não tinha nada de errado com meu corpo, estava acontecendo na minha mente. Depois dessa crise, o médico me encaminhou para fazer acompanhamento com um psicólogo e depois de algumas sessões veio o veredito. Eu fui diagnosticado com Transtorno de Ansiedade Generalizada, um nome grande para dizer que meu cérebro é configurado para perceber situações de perigo onde não existem, além de ficar me bombardeando com uma enxurrada de pensamentos ruins em situações diversas, até as mais bobas.

Meus pés tinham se enraizado no chão e os olhos arderam. Ele estava com uma doença psicológica e eu lá, o julgando. Benjamin continuou:

— Foi só depois disso que entendi porque ficava tão agoniado antes dos shows, porque era muito mais fácil pensar que as coisas dariam errado do que ser positivo, porque eu travava na missão de mandar uma simples mensagem para minha melhor amiga, explicando o que estava acontecendo.

Não consegui dizer um “a”, só me sentir burra e maldosa. O rapaz continuou me olhando, como se estivesse esperando as acusações precipitadas que fluiam como um rio minutos antes.

— Amarílis, eu estava na pior fase da minha vida e não conseguia nem sair do quarto, quanto mais te responder. Então quando eu melhorei, semanas depois e após muitas sessões de terapia, fui bombardeado por pensamentos negativos. "E se ela me odiar?", "É óbvio que ela já me odeia!", "A Amary nem vai querer olhar mais na minha cara". E por isso tomei uma decisão ruim, a de me afastar e não precisar enfrentar mais problemas. — Seus olhos estavam vermelhos, porém não fugiam dos meus. — Depois de ouvir que meu problema era bobagem, falta de fé e não sei mais quantas mentiras, ficava difícil me abrir, ao ponto de não querer contar nem às pessoas mais próximas, como tu e tua família. Eu acreditei nas mentiras que ouvi por um tempo, até Jesus me mostrar que eu não tinha um transtorno por não amá-Lo o bastante, que Ele continuava comigo, que não foi uma escolha minha enfrentar isso, e mais, que isso não me definia nem um pouco. Estou num processo com o Senhor pra dominar esse que é só um dos meus medos.

O rapaz se calou de novo para que eu falasse, entretanto minha voz sumiu. E pela sua expressão decepcionada, Ben encarou aquilo como indiferença.

— Sabe, eu acho que conhecemos o mesmo Cristo, só não sei se qualquer coisa do que eu disse vai mudar nosso relacionamento. — Engoliu em seco, dando as costas e continuando o percurso até o estábulo, enquanto eu ficava para trás, chorando em silêncio.



Era hora de tomar café e Tia Meg fez questão de tomarmos todos juntos, já que não havia mais nenhum hóspede — o último tinha feito check-out naquela manhã.

Sentamos todos na mesa e eu acabei ficando bem diante de Benjamin. Não havia parado de pensar em tudo que ele me contou, no meu erro, no dele, o qual eu nem sabia se podia chamar assim, dada as circunstâncias. Era uma barulheira só na minha mente, e muita tristeza no coração. Fiquei sob seu olhar por um momento, antes dele desviar a atenção para Kita, que o cutucava.

— Cara, por que não me avisou que tinha café antes da janta? Eu não sei se aguento tanto. — O rapaz tentou ser discreto, mas nós o escutamos e caímos na gargalhada.

A mesa estava disposta com cuscuz, bolo, pão e biscoito, além de café e suco.

— Querido, essa é a janta. — Mainha buscou ser gentil, porém acabou rindo com a gente.

— Mas é igual ao café da manhã? — Kita coçou a cabeça.

— Isso aí, por aqui essa é a refeição cotidiana, não é que nem a gente faz lá em São Paulo — Tia Meg explicou. — O jantar de lá é normalmente nosso almoço.

— Entendi — ele murmurou, ainda parecendo meio chocado.

— Agora deixa isso pra lá e come. — Benjamin passou manteiga em uma fatia generosa de cuscuz, depois estendeu o prato para o amigo paulista, que observou a massa amarela com aquela cobertura derretida maravilhosa. — Cuscuz é simplesmente um patrimônio imaterial da humanidade! Precisa provar.

— Nunca fez cuscuz pra ele?! — Jordana bateu a mão na testa. — Tu é uma vergonha pro nordeste, Ben.

— Não apareceu a oportunidade, ok? — ele tentou se defender.

— Então era só criar!

— Tá, deixem eu comer. — Kita revirou os olhos, pegando uma colher na mesa.

O rapaz ergueu as sobrancelhas quando levou a primeira colherada de cuscuz à boca, depois suspirou em deleite, nos fazendo rir. Ele encheu outra colher e fez uma dancinha comemorativa ao comer.

— Meu Deus! Por favor, Pai, diz que tem cuscuz no céu! — Elevou as mãos para cima. — Eu preciso disso pela eternidade.

— Amém! — Jô concordou do outro lado da mesa.

— Sra. Valentina, pode me passar a receita? Espera, tem isso lá em São Paulo, Ben? — Encarou o amigo, enchendo a boca de novo.

— Tem, sim. — Riu.

— Ótimo! Vou encher meu armário! Como faz, senhora? — Olhou para mainha.

— A receita vem na embalagem, cara. — Benjamin revirou os olhos.

— É simples, querido — mainha disse com gentileza, calando Ben —, só precisa colocar a massa numa vasilha junto com um pouco de água e o bagaço do coco, então deixa um tempinho para a mistura inchar. Depois põe tudo no cuscuzeiro e põe pra cozinhar. Aí é só colocar no prato e passar a manteiga. Simples.

— O Ítalo que me aguente, vamos passar uma semana inteira só comendo isso. — Kita riu, bebendo seu café.

— Tu mora com teu produtor? — perguntei, curiosa.

— Sim.

— E teus pais? — Seu Ulisses quis saber.

— Bom, nunca conheci meu pai e quando tinha dez anos acabei indo morar em um abrigo, graças aos problemas da minha mãe com álcool e drogas. Ela foi internada e a gente se separou. Íamos voltar a ficar juntos, se ela recebesse alta da casa de recuperação, mas infelizmente o vício a venceu, e não o contrário. Ela morreu poucos meses depois de entrar no centro. — Ele deu um sorriso triste.

Um silêncio pesado nos envolveu por alguns segundos.

— Ah, gente, não! — Kita riu de leve, abanando a mão no ar. — Por favor, não entrem no modo enterro. Eu tô bem agora, o abrigo era até legal e vivo uma vida boa hoje.

— E tu nunca foi adotado? — mainha perguntou com cuidado.

— Não, senhora. — Ele deu outra colherada no cuscuz, engolindo a porção antes de continuar. — É raro quererem crianças grandes. Vivi lá até completar dezoito. Graças a Deus eu tinha conhecido o Ítalo aos dezesseis, ele me apadrinhou e acabou gostando de mim, acho que por termos a música em comum. Então quando ele formou a 4Dawn, me incluiu na banda.

— Que bom que achou apoio. — Sorri para o rapaz, que retribuiu.

— É, Deus fez tanto por mim que nem sei como agradecer. Fico pensando em como poderia ser meu coração hoje se Ele não tivesse me encontrado, lá atrás, quando eu só tinha doze anos.

— A música tem alguma coisa a ver com isso? — perguntei, lembrando de já ter lido alguma entrevista dele em que mencionava o assunto, lá na época em que ainda acompanhava a banda.

— Demais! A igreja que sou membro hoje dava aulas de música gratuitas para as crianças no abrigo, eu logo me apaixonei pelos sons e, especialmente, pela guitarra. Olho pra essa época agora e vejo a providência divina em cada detalhe, sabe? Não dói mais lembrar da minha infância, sei que não estava sozinho e que tenho um futuro inteiro pela frente, o qual não pretendo desperdiçar. — Seu sorriso brilhou nos olhos.

Eu gostava do Kita, ele tinha um jeitinho alegre que produzia um clima confortável, mesmo com o pouco tempo de contato. Talvez sua amizade fosse um bom investimento, daquelas que nos encoraja a melhorar.

Continuei conversando com ele e vários assuntos foram enchendo a mesa, até sobre teologia, um assunto que o rapaz confidenciou amar. Ri quando ele disse que quase deixou a guitarra para lá e foi fazer seminário, só que, nas palavras dele, Deus parecia querer aquele filho na música. Além de tocar na banda, ele dava apoio ao ministério de louvor da igreja sempre que podia, apesar da agenda apertada.

Quando terminamos de comer, me ofereci para lavar a louça enquanto o resto do pessoal conversava. Eu tinha que ser útil.

— Quer ajuda? — A voz de Ben me sobressaltou, fazendo com que derrubasse a esponja cheia de sabão.

— Não, valeu. — A última coisa que queria era ficar num climão com ele. Precisava de tempo para pensar numa resposta à sua revelação.

— Vou ajudar mesmo assim. — Pegou a toalha e se escorou na bancada ao meu lado.

Encarei o rapaz. Seus olhos castanhos não fugiam de mim e aquilo mais me assustava do que qualquer coisa. Pareciam me desafiar.

— Quer um pôster pra admirar minha beleza? — Ele passou a mão nos cabelos, trançados num tipo raiz, e eu percebi pela primeira vez como o estilo lhe caía bem. Antes ele usava os cachinhos bem curtos.

Voltei a lavar os pratos, ignorando sua provocação.

— Eu e a Jô decidimos levar o Kita no rio amanhã de manhã, quer ir?

— Por que continua sendo legal comigo? — Não o olhei ao perguntar. Sua gentileza me constrangia, me sentiria melhor se ele jogasse meus erros na minha cara, ou parecesse bravo, tudo para aquela culpa apaziguar.

— Eu sinceramente não sei. Acho que minha mente ainda não entendeu que fingir naturalidade não vai mudar nada com você.

— Pois é, não funciona — resmunguei. — Só vamos fazer o trabalho, tá? Sem conversa.

Eu não queria parecer brava, só externar minha confusão interna. No entanto, como mais cedo, não achava ter tido sucesso, o que só tornava nossa

relação cada vez mais tumultuada. Éramos uma cacofonia, das mais desajustadas.





5 | As partituras da amizade

— Sem pânico, Amary, terão mais duas pessoas lá, vai dar tudo certo. — Encarei meu reflexo no espelho, ajeitando o coque que tinha feito e refeito mil vezes. A ideia de passar horas com Ben me apavorava. — Deus me ajude! Por que eu invento essas coisas? Deveria ficar quieta na minha, mas não, vamos lá, se colocar em situações constrangedoras, *uhul!*

Ri da minha própria maluquice e desci as escadas, apertando a mochila que levaria meu lanche, alguns pertences e um livro, obviamente.

— Olha só! Meu mandacaru resolveu se juntar à nossa aventura! — Jô deixou seu café e estalou um beijo na minha bochecha.

— Glórias! Mais uma pessoa pra ver meu sofrimento! — Kita fez uma careta. — Que história é essa de irmos a cavalo, Amarílis?

— Vai pegar o jeito rapidinho. — Ben deu algumas batidinhas no ombro dele.

— Quem votou nesse passeio mesmo? Tem uma piscina aqui e ela parece perfeita, pra que um rio, gente? — o rapaz dramatizou.

— Cala a boca, cara, quando chegar lá tu vai nos agradecer. Não mandei que levasse tua câmera à toa. — Benjamin piscou e o amigo ergueu as sobrancelhas, parecendo repensar o desgosto.

— Então é melhor nos apressarmos, dependendo do meu ritmo vamos

chegar ao meio-dia! — Ele riu, colocando seu prato na pia e vindo até mim.

Franzi o cenho quando Kita me arrastou para uma cadeira.

— Vou fazer uma tapioca pra você, fique aí — explicou, abrindo o armário.

— Tu cozinha? — Dei risada, me servindo de café.

— Quebro o galho. Sua mãe e a Tia Meg iriam sair, então resolvi dispensar as duas do trabalho de preparar nosso café.

Encarei Jô, trocando uma mensagem silenciosa de "uau", que a fez sorrir com cumplicidade. Era muito legal ter uma irmã para conversar com o olhar.

— Você gosta de queijo, né? — Kita espalhou a massa na frigideira.

— Ela é uma ratinha — Ben respondeu, sorrindo para mim.

Sorri de volta, meio sem pensar. E lá estava ele, parecendo não conseguir me odiar.

— Como aprendeu a cozinhar, Kita? — perguntei.

— Faço isso desde criança, precisei aprender a me virar muito cedo. — Ele colocou a tapioca num prato e me entregou, agradeci, sentindo o cheiro gostoso de queijo derretido. — Mas não é nada demais.

— Ele tá tentando ser modesto, um exercício contra o ego, sabe? — Ben provocou o amigo.

— Funcionou? — Deu um sorrisinho de canto.

— Continua tentando. — O outro riu. — Mas ele é bom mesmo. Vocês tem que convencê-lo a fazer sushi, é sensacional.

— Bem clichê — Jordana murmurou, concentrada no celular em suas mãos.

— Não é clichê — o rapaz rebateu, e apesar do sorriso continuar lá, parecia ofendido. — É herança de família.

Jordana ergueu o polegar, distraída demais para perceber a mudança de humor do nosso amigo. Franzi o cenho, meio brava. Ela precisava controlar aquela língua.

— O que tá fazendo aí, Jô? — Benjamin pigarreou, percebendo o silêncio repentino.

— Terminando de subir um vídeo. — Ela desviou a atenção para ele. — É um cover, adivinha de quê?

— 4Dawn? — Ele ergueu uma sobrancelha e ela fez que sim com a cabeça. — Sua voz é ótima, vai ficar muito bom, como os outros.

— Que honra! Viu o que fiz de “Linguagem Pessoal”?

— Claro que vi! Não perco nem unzinho, só não comento pra não deixar claro meu favoritismo aos teus covers. Melhor evitar o cancelamento — brincou.

— Ah, só de saber que me ouviu cantando tuas músicas já fico no lucro.

A risada sarcástica de Kita chamou nossa atenção, ele estava de costas, lavando os pratos, mas visivelmente atento à conversa.

— O que foi? — Jordana não deixou passar.

— As músicas não são do Benjamin, sabe disso, né? São da banda. Ele compõe algumas sozinho, porém várias não são só dele. Tipo “Linguagem Pessoal”, que foi ideia do Túlio e nós escrevemos juntos. — O rapaz estava claramente defendendo o grupo da crise de fã seletiva de Jô.

— Ah, para de drama. — Jordana revirou os olhos e eu a belisquei. — Que foi? Ele tá dando uma de ciumento, o que importa se eu disse que as músicas são do Ben?

— Importa muito, é o nosso trabalho. — Kita franziu as sobrancelhas. — Você disse naquela conversa depois do show que quer ser estilista, né? Pois bem, imagine se pegam peças que você idealizou com um grupo e dão todo crédito pra um só? Gostaria de ter sua participação excluída?

Jordana engoliu em seco. Queria avisá-lo para deixar passar e evitar que a discussão se prolongasse, porém minha irmã foi mais rápida.

— Tá — respondeu seca. — Não precisa de sermão por pouca coisa. E mesmo que as músicas sejam de vocês, é o Ben que dá voz a elas com maior frequência.

— Mas que teimosa! — Kita riu, claramente bem mais calmo que a onça ao meu lado. — Ama vencer uma discussão, já te entendi, Jordana.

— Me entendeu? — Soltou o ar em desdém. — Não sou tão simples assim, *Sr. Arthur Kitamura.*

— Mais do que pensa, com certeza. — Ele balançou a cabeça.

Jô abriu a boca, mas eu a tapei rápido.

— Para de show — sussurrei. — O Kita é um amigo, e caso tu não ligue pra esse título, lembra que ele é um hóspede.

Jordana respirou fundo, apaziguando o fogo que brilhava em seus olhos.

— Bom, já tá na hora, né? — Ben chamou, doido para deixar o conflito para trás.

Concordamos e após nos abastecermos com alguns lanches, saímos de casa.

— Vamos na Crystal, Amary — Jô disse —, o Ben no Caramelo e o amigo dele no Apolo, que é o mais manso.

— Ou seja, para crianças — Benjamin zoou Kita.

— Beleza, até prefiro. Estou desde cedo orando em pensamento pra Deus me trazer de volta inteiro — rebateu, fazendo uma careta.

— Relaxa, tu vai voltar, com os músculos estraçalhados, mas vai voltar. — O outro apertou os lábios.

— Para de assustar ele, vai ser legal. — Sorri, buscando animá-lo. — Cavalgar é incrível, o vento batendo no teu rosto, a sensação de adrenalina e a amizade com um bicho tão fascinante quanto um cavalo, te prometo que vai amar.

— Obrigado pelo consolo, você é uma amiga, diferente de certos… — Estreitou os olhos para Ben, que deu de ombros.

Entramos no estábulo e enquanto o trio ia na direção dos outros cavalos, fui ver minha Duquesa.

— Tudo bem, garota? — Fiz carinho no seu pescoço e ela apoiou a cabeça em meu ombro. — Sei que ama ir ao rio, mas é um percurso muito longo pra você, tá? Prometo que assim que estiver com seus bebês e recuperada, vamos ir lá. E em mil outros lugares.

Ela relinchou para algo às minhas costas e vi que era Benjamin.

— Oi. — Ele sorriu para Duquesa, a acariciando. — Ainda lembra de mim, né? Acho bom, eu praticamente te vi nascer.

Ele não mentiu. Duquesa era filha de uma égua antiga da Fazenda — a qual já tinha partido — e a conhecíamos desde que era só uma potrinha. Jordana se juntou a nós ao ouvir Benjamin.

— Lembra daquela foto que a gente tirou quando o papai deu ela de presente pra Amary? — Ela riu. — É a representação exata da nossa amizade.

— Nossa, faria de tudo pra ver isso de novo. — Ben balançou a cabeça, se divertindo com a lembrança.

— Deus ouve, meu amigo. — Jô tirou o celular do bolso. — Eu tenho várias fotos nossas digitalizadas, mainha ainda guarda os álbuns, mas eu sou moderna.

A moça ficou entre nós e mostrou a fotografia. Nossas risadas encheram o lugar ao ver a cena nostálgica. Nela, Jordana quase fulminava Benjamin com o olhar, e eu não precisava nem pensar para saber que ele tinha a irritado, era fácil fazer isso com a minha irmã, principalmente por Benjamin ser o extremo da tranquilidade. Enquanto eles travavam suas picuinhas rotineiras, eu abraçava a mini Duquesa e beijava seu rosto, ignorando a treta formada ao meu lado.

— Vocês eram fofos, o que houve? — A voz de Kita vinda de trás nos atraiu a atenção.

— Eu ainda sou pura fofura. — Ben colou as mãos nas bochechas, exibindo um sorriso amplo.

— Vai sonhando — Jô caçoou.

— Ei, se juntem pra eu reproduzir a foto. — Kita posicionou sua câmera diante do rosto e nós obedecemos.

Não éramos atores muito bons, contudo após algumas tentativas, que

geraram confusões nada encenadas, a réplica da fotografia saiu.

— Vem tirar uma também, Kita, tu faz parte do grupo agora — Ben chamou o amigo.

— Sério? — O rapaz sorriu com empolgação.

— Claro, ainda restavam dúvidas? — Ri, desejando mesmo que ele se sentisse à vontade naquelas semanas ali e por muito mais tempo.

Olhei para Jô, esperando que apoiasse Benjamin e eu, porém ela estava concentrada nos botões de sua blusa, fugindo da situação. Kita deixou a câmera num apoio e correu para se juntar a nós.

— O que representa nossa amizade? A aceitação de vocês dois e a cara de desgosto da Jordana? — Arthur alfinetou a moça ao seu lado e eu bati a mão na testa. Era um caso pior do que pensei, os dois eram parecidos.

— Tenho a leve sensação que tu se acha, garoto — Jordana obviamente rebateu, fazendo Kita rir com certo sarcasmo.

Encarei Ben e trocamos uma careta.

O click da foto sendo tirada me distraiu e corri para ver o registro, que capturou exatamente a energia tempestuosa do quarteto. Quer dizer, quinteto, mas Duquesa estava linda e plena, como sempre.

— Chega de distração. — Tentei apagar o pequeno incêndio recomeçando no estábulo. — Temos um passeio maravilhoso *e pacífico* pra fazer.

Dito isso, Jordana foi terminar de selar Crystal e Ben ajudou o amigo a fazer isso com Apolo, já que ele já tinha terminado com Caramelo.

— Certo — Benjamin sorriu para Arthur quando levamos os cavalos para fora —, agora é só subir e ir fundo.

— Ok. — O iniciante respirou fundo e seguiu as instruções que Ben lhe deu, parando sobre Apolo de primeira. — Olha só, Deus exaltando os humilhados.

— Tá, ele subiu, vamos? — Jordana bocejou.

Ignorei minha irmã e ensinei nosso amigo a conduzir o cavalo. Ele aprendia rápido e em poucas tentativas conseguiu controlar o animal.

— Bom garoto! — Afagou o pescoço de Apolo. — Você é incrível, viu?

— Conexões feitas, podemos ir, pelo amor da minha paciência? — Jô já estava debruçada sobre Crystal e eu cutuquei sua cintura para que ela se endireitasse.

— Vamos, Srta. Apressadinha. — Ben iniciou o caminho.

Seguimos lentamente, já que Kita não estava com tanta coragem para aumentar o ritmo. Atravessamos campos e uma trilha até chegarmos na margem do rio. Era um pedaço do Rio Paraguaçu e foi ali que as primeiras famílias de

Rio Valente moraram. O nome era uma homenagem aos pioneiros e sua coragem para começar o que depois seria nossa amada cidade.

Tirei o celular do bolso e registrei a cara de deslumbramento de Arthur ao ver o lugar. Escolhemos nosso trecho favorito, onde um balanço antigo de madeira marcava a passagem dos pequenos Silvas e Torres. A grama na parte onde a trilha acabava era salpicada de dentes de leão e florzinhas coloridas. Sobre nós, o sol intenso era peneirado, deixando pequenos feixes de ouro no chão sob as copas das árvores. Do outro lado do rio, o campo era mais aberto e ao longe podíamos ver algumas casas.

— Eu amo vocês, que fique registrado. — O turista levou a mão à boca fingindo, ou nem tanto, estar emocionado.

— A gente disse que valia a pena. — Pisquei, descendo de Crystal e sendo seguida por Jô.

— Preciso de um banho. — Ben amarrou seu cavalo e foi o primeiro a correr para a água.

Nos juntamos a ele, aproveitando o dia quente de fevereiro.

Quando crianças, aquele era nosso cantinho favorito no verão, tomávamos café da manhã e corríamos para brincar no rio. Por vezes nossos pais nos acompanhavam e a diversão estava completa. Tantas lembranças vinham daquele lugar que estar ali de novo, com a adição positiva do Kita, fazia meu peito se encher de uma mistura de sentimentos. Talvez tudo seria mais simples se ainda fossemos crianças. Brigávamos e fazíamos as pazes pouco tempo depois, com abraços suados da corrida pela trilha e pedidos de desculpas risonhos.

Mas a infância se foi e deixou jovens ingressando na vida adulta, olhando o passado ficar cada segundo mais distante e lutas novas surgirem, extremamente mais perto. De repente me senti estranha. A nostalgia daquele dia me trouxe a efêmera sensação de normalidade, mas meu coração fez questão de sabotá-la. Não estava tudo normal. E a culpa era minha.

— Ei, aonde vai? — A voz de Jô me fez interromper o percurso para a margem.

— Vou avisar ao papai que chegamos direitinho. — Só lembrei do pedido naquele instante.

Minha irmã me incentivou, temendo a bronca por não cumprir a ordem. Debaixo das árvores, estendi um lençol que havia levado para nosso piquenique e me escorei no tronco atrás de mim, digitando a mensagem para Seu Ulisses ao mesmo tempo que orava numa frequência paralela.

Aquela situação estava me abatendo e não gostava de chegar naqueles níveis de melancolia, quando trocava a companhia dos outros pelos meus próprios pensamentos cinzentos e isso não me incomodava.

Fiquei tentada a pegar os fones e imergir nas músicas, contudo lembrei de vovó Jorgina me repreendendo por usá-los quando deveria estar interagindo com o mundo.

— Mas eu não quero interagir, só fugir mesmo — respondi baixinho, enquanto observava o acessório transportador bem perto.

Peguei a câmera de Kita, repousada ao meu lado, só para ocupar as mãos e acabei passando as fotos que ele já tinha tirado desde que chegou. Fiquei impressionada com a sua sensibilidade para capturar momentos que eu julgaria comuns, mas que naquele fragmento de tempo pareciam extraordinários.

Uni os lábios fortemente ao ver que as lentes dele tinham registrado minha discussão com Ben no dia anterior. Estávamos longe demais para ter nossas expressões capturadas, no entanto a mera lembrança me corroeu.

— Terra chamando mandacaru. — Jô sentou ao meu lado.

— Tu tá mais pra cacto que eu — brinquei, deixando o aparelho de lado.

— Então você é uma flor de mandacaru, ou minha flor, tanto faz. — Deu um empurrãozinho no meu ombro e eu forcei um sorriso. — Que foi? Tá meio *bad* por causa do Ben? Supera, gata.

— Como consegue agir tão naturalmente? Não sente nenhum desconforto? Ele também cortou contato com você, mas age como se fosse normal, não quer saber o motivo?

— Eu sei o motivo, Amary, perguntei ontem mesmo. A gente foi dar uma volta juntos e eu arranquei tudo dele, sabe que sou boa nisso.

— E a verdade não te desespera? — Afundei o rosto nas mãos. — Quer dizer, o Ben escondeu tanto perrengue de nós, que somos praticamente suas irmãs.

— Fiquei sentida na hora, mas depois entendi que ele teve seus motivos. Cometemos erros às vezes, porém isso não nos torna vilões, apenas humanos. É algo que penso bastante, já que eu erro bastante. — Ela deu uma risadinha. — Somos pecadores, Amary, todos nós, tomar decisões ruins vem no pacote. Mas o que fazemos depois disso importa, na verdade, direciona o impacto das consequências. Perdoe, peça perdão, conserte e repita o ciclo sempre que precisar. Deus nos abre a possibilidade de reparação, basta estarmos dispostos a pagar o custo disso. Reformas e reconstruções de relacionamentos custam nosso esforço e amor, porém se vale a pena, invista.

— Dose de sabedoria da Jô recebida. — Fiz graça, só para aplacar o soco no estômago.

— Aproveita que é 0800. — Piscou.

Deitei a cabeça em seu ombro, coisa que amava fazer com minha família. Era um cantinho confortável para dias de alma cansada.

— Olha — ela disse —, o Ben me falou que tá feliz de ter nos encontrado de novo, que tem certeza que Deus foi o responsável por isso, no intuito de nos acertarmos, e eu concordo. Muitas vezes Ele nos coloca em situações desconfortáveis, das quais fugiríamos se tivéssemos escolha, e isso só mostra quão bom o Senhor é. Aproveite a situação, ok? Depois das tempestades vem a paz, basta continuar navegando.

Assenti, guardando suas palavras no meu coração, pois sabia que eram verdadeiras.

Logo os meninos saíram da água, com um nível de fome do tamanho do rio, e resolvemos lanchar logo, para descansar e dar mais um mergulho antes de voltarmos.

— Ben, quais as chances de tu dar um spoiler de alguma próxima música da 4Dawn, hum? — Jô cutucou o rapaz com o pé, enquanto mordia seu sanduíche.

— Zero!

— Ah, Ben, vai, só um trechinho! Eu amo suas músicas, ficam grudadas na minha cabeça.

— *As músicas de vocês* — Kita resmungou em tom baixo, entretanto o furacão ouviu.

— Tá mordido mesmo, né, Arthur?

— Eu? Jamais! — Voltou a folhear o livro roubado da minha mochila.

— Ah, que isso! Começou, termina. — Jordana engatinhou sobre o lençol para sentar diante dele.

— Vai começar — murmurei, me deitando para assistir o embate.

— Diz aí, Kitamura, qual o problema?

— Você me lembra os fãs que lambem o chão por onde o Benjamin passa — ele respondeu na lata —, como se a banda fosse formada por esse único ser supremo. Mas cá entre nós, as músicas não seriam nada sem os arranjos e reparações que fazemos em grupo. Sem falar que nossas vozes também estão lá, não importa se a do galã das trancinhas aparece mais.

— Tu tá me saturando com essa crise de justiceiro — Jordana debochou.

— Ele está certo, Jô — Benjamin defendeu. — A gente trabalha junto, não são minhas músicas. Sem os garotos seria um fiasco.

Kita sorriu, satisfeito. Contudo minha irmã não gostava *mesmo* de perder discussões, não foi à toa que ganhou vários debates na escola.

— Arthur — ela disse com calma forçada, e o fato dela se recusar a chamá-lo pelo apelido parecia reforçar sua distância —, eu vou explicar o que tu ainda não entendeu. Eu só ouço a 4Dawn pelo Ben, isso aí, ouviu direitinho. Não sei se você sabe, mas ele é meu irmãozinho, eu carreguei esse menino no colo,

ok?

— Ah não, Jô… — Ben cobriu o rosto.

— Vou dizer sim! Eu sou mais velha que tu. Só dois anos? Só dois anos. Só que isso foi tempo o suficiente para fazer de você e da Amary meus brinquedos com alma.

— Brinquedos com alma? — Não aguentei ficar séria e em segundos nós três estávamos rindo da moça, que tentava ficar neutra.

— Foco! — Sua voz se exaltou sobre nosso riso. — A questão é que esse bebê já virou um homem e é super talentoso, meu orgulho, e não é um guitarrista egocêntrico que vai me fazer parar de bajular o *Benji*.

— Bajule seu ex-bebê o quanto quiser, só não esqueça o coletivo. — Kita resistiu no seu argumento.

— Vai te catar, Arthur! — O nível de raiva saiu do âmbito racional. — Tem seus próprios fãs, e eu não vou ser uma delas, aceite.

— Não quero que seja minha fã, nem gosto desse termo, na verdade. Ouvinte tá de bom tamanho.

— Chato — Jô resmungou.

— O que eu quero é que reconheça o meu trabalho e dos meus amigos. Só isso, *Jordana.*

— Já ouviu falar que querer não é poder, *Arthur?*

— Já, porém você deveria ser mais justa.

Jô mordeu o lábio com força e se virou para mim

— Vou me calar, irmã, já que gosta dele. Por você e pelo Ben. — Ela foi para perto deste último, que a abraçou, tentando apaziguar a fera que conhecíamos bem.

— Mas eu não disse nada demais. — A fera mais domada se sentou ao meu lado. — Você entende, né, Amary? Eu só queria defender nosso trabalho.

— Vocês dois são impulsivos, deveriam aprender a ficar quietos. — Decidi ser imparcial. — Tem seus erros e acertos nos argumentos, mas deixem isso pra lá, é bobagem. Sabe o maior atiçador de contendas? A falta de controle da língua. Mainha vive dizendo isso e sei que ela tem razão, e é bíblico.

Kita engoliu em seco, abaixando o olhar para as mãos e refletindo no que eu disse. Algo me dizia que ele era o tipo de pessoa que muda da explosão para o arrependimento rápido, e esperava estar certa.

Benjamin seguiu o pedido de Jô, de certa forma, e puxou uma música, que pouco a pouco nos contagiou — mas que para minha alegria não era da 4Dawn.

Os dois foguetinhos não se estranharam mais, nem se falaram também, contudo já me senti no lucro.

Seguimos nosso roteiro e depois voltamos para casa, num clima silencioso, mas pacífico. Depois disso, minha tarde se ocupou com minha mãe e Meg me arrastando para um lado e para o outro nas visitas aos velhos conhecidos que minha tia postiça queria fazer. Sem opções, me deixei ser levada, enquanto meus pensamentos viviam inconstantes, contudo sempre focados em um único rapaz.



No fim da tarde, estava sentada na varanda, de banho tomado e exausta, mas me divertindo ao ver papai ensinando Kita a selar Apolo para lhe dar umas aulas. Fiquei contente por meu amigo ter se interessado pelos cavalos e vibrava com suas pequenas conquistas.

Minha atenção se distraiu quando ouvi passos atrás de mim. Era tia Meg, o que me trouxe seu filho à memória.

— Tia, a senhora viu o Ben?

— Ele disse que ia dar uma volta, ficou estressado com o Ítalo. Como pode, ligar cobrando coisa de trabalho durante as férias?

— Isso não é ilegal? — Franzi o nariz.

— Acho que não — resmungou a contragosto. — Ben disse que é porque ele não conseguiu entregar a música nova no prazo, que era no fim do mês passado.

— Estranho — murmurei, preocupada que ele estivesse passando por um bloqueio criativo. Eu os detestava, faziam parecer que nada estava bom. — Sabe onde ele foi? Queria conversar.

— Pode estar lá nos balanços, ficamos um tempo lá ontem.

Olhei na direção que ela apontou e assenti, partindo determinada a encontrar o rapaz e acabar de uma vez com todo mal-entendido entre nós. O conselho de Jô havia me dado coragem e eu faria uso da lição, sem dar para trás.

Estava a alguns metros da enorme árvore que levava os balanços, no entanto não vi Benjamin.

— E se for um sinal pra ir embora? — Mordi a unha. — Que isso! Para de loucura, Amarílis.

Dei dois tapinhas na minha cara e continuei procurando por Ben. Já estava desistindo quando vi que tinha alguém no banquinho debaixo de algumas árvores mais distantes. Franzi o cenho, me perguntando porque ele estava tão longe.

— Ben? — chamei, chegando por trás dele. O rapaz não se virou, nem

me respondeu. — Benjamin, eu tô te procurando há um tempão!

Quando fiquei diante dele percebi que tinha alguma coisa errada. O rapaz estava com uma mão no peito e a outra apertando a beirada do banco de concreto com tanta força que seus dedos estavam brancos. Por um momento, paralisei.





6 | Trocando de faixa

Precisei de dois segundos para meu cérebro processar a cena e entrar em modo ação.

— Ei, o que foi? — Me ajoelhei diante de Ben.

— Não é nada — sua voz saiu ofegante —, pode ir embora.

— Não vou a lugar algum.

Nossos olhos se encontraram e meu coração doeu, do mesmo jeito de quando ele me contou a verdade.

— Diz o que preciso fazer — pedi, determinada.

Ben hesitou por meio segundo.

— No meu quarto. Tem um estojo verde na cômoda. E minha garrafa de água.

— Só isso? — indaguei e ele assentiu.

Corri até o chalé que eles estavam e quase tropecei de tão alvoroçada para chegar ao quarto. Graças a Deus Benjamin era organizado e foi fácil achar o estojo e a garrafa. Voltei para onde o rapaz se encontrava tão rápido quanto saí e fiquei mais calma quando ele confirmou que tudo que ele precisava estava ali.

Andei de um lado para o outro, pensando em mais formas de ajudá-lo a se acalmar. Forcei minha mente até que uma ideia brilhou forte. Eu não tinha um transtorno, mas já havia passado por alguns momentos de ansiedade e, ainda que

não fosse igual, podia ajudar.

Tirei meu mp3 do bolso da bermuda e desenrolei os fones, colocando um em cada ouvido dele. Catei uma música clássica tranquila e apertei o play.

— Agora fecha os olhos e presta atenção na melodia, enquanto respira fundo. Tenho certeza que já sabe fazer isso, não precisa se desesperar, vai passar daqui a pouco, tá bom? — Abri meu melhor sorriso tranquilo e Ben assentiu, fazendo o que instruí. — Isso, continua.

Suas mãos se prenderam ao banco enquanto ele tentava acalmar a respiração. Peguei uma delas e coloquei entre as minhas, a afagando na tentativa de lembrá-lo que tinha companhia. Levou um bom tempo para que seu peito começasse a subir e descer de modo mais controlado, mesmo que ainda não estivesse cem por cento.

— O que mais te ajuda? — perguntei, tentando não parecer muito agoniada.

— Chá — balbuciou, ainda concentrado na música.

— Continua, tudo bem? Eu já volto. — Assim que ele concordou, eu corri para casa.

Abri cada armário até achar a caixa de chá que eu lembrava de ter por ali. Quase gritei um "aleluia" quando vi que era camomila. Esquentei a água, achando o fogão um molenga por não trabalhar mais rápido. Ele não via meu desespero?

— O que está fazendo? — Minha mãe surgiu na cozinha quando eu terminava de colocar o sachê e fechar a tampa da caneca.

— Chá, pro Ben. Não tenho tempo de explicar.

Saí antes que ela pudesse fazer mais perguntas. Graças a Deus o chá não derramou pelo caminho, apesar de beirar essa tragédia mais vezes do que eu pude contar.

— Voltei! — Fiquei de frente para meu amigo de novo, com a caneca nas mãos. — Droga, tá muito quente ainda.

Soprei o líquido algumas vezes, até ouvir uma risada rouca acima de mim.

— Que foi? — Encarei Ben, confusa.

— Acho que isso não é muito higiênico — brincou. — Pra quem detesta compartilhar os fones…

— Ah, é uma emergência, não importa. — Retornei ao processo.

— Tudo bem, Amary, já está passando. — Ele tomou a bebida das minhas mãos.

— Tá com nojo de mim, é? — Dei uma risada nervosa.

— Não, só quero que se aquiete. — Segurou meu pulso, me puxando

para sentar ao seu lado.

Ficamos quietos por alguns minutos, recobrando o fôlego por motivos diferentes.

— Obrigado, Amary — a voz de Ben chamou minha atenção —, tu é ótima.

Não consegui ficar sem reação diante do sorriso frágil que ele me dirigiu, não quando Ben estava tão vulnerável. Então, envolvi seu tronco em um abraço apertado, descansando a cabeça em seu peito.

— Desculpa, por tudo — eu disse, enquanto ele retribuía o abraço.

— Tudo bem, não foi só você que errou. Pode me perdoar?

— Perdoo, com toda certeza. — Me afastei, sorrindo meio tímida pelo ato impensado, o qual racionalmente não faria. — Bom, o chá já deve estar mais frio, toma, vai ajudar.

Ele assentiu, assoprando a bebida antes de ingerir um pequeno gole.

Olhei de canto de olho para Benjamin, ali, com uma caneca enorme de chá de camomila em suas mãos, a atenção perdida entre os vaga-lumes que começavam a surgir no quintal e a respiração artificialmente ritmada. Ele parecia tão meu de novo. Meu amigo. Meu companheiro de aventuras. Meu irmão. Quem me estressava frequentemente, mas que ao mesmo tempo era um dos meus pontos de tranquilidade.

E ele não estava bem. Aquilo doeu. Vê-lo passar por uma crise de ansiedade diante dos meus olhos tirou toda a fantasia de que sua vida estivesse perfeita, pois claramente não estava. Ben era real, como eu.

Encostei a cabeça em seu ombro, como fazia no passado, contudo isso acabou o assustando.

— Desculpa! — Me afastei rápido, temendo estar prejudicando seu processo de quietude. — Eu vou te deixar sozinho.

— Ei, sem problema. — Ben riu, segurando meu pulso quando tentei levantar. — Só não esperava por isso.

— Desculpa, de novo. Foi bobagem.

— Bobagem? — Bebericou um pouco do chá. — Ok, vamos tentar de novo.

Sua mão levou minha cabeça ao seu ombro e foi minha vez de rir.

— Você sempre foi minha definição de ombro amigo — confidenciei, me ajeitando naquele lugar do qual senti falta.

— Então somos amigos de novo?

— Bom, depois desse meu ato, achei que estava claro.

— E depois de tu me salvar. — Afagou meu joelho de modo rápido, logo voltando a repousar sua mão quentinha sobre a própria perna. — Mas eu preciso

das palavras.

— Tu gosta de termos, né? Dar nome aos bois. — Revirei os olhos. — Gestos dizem muito mais, boboca.

— Palavras andam junto dos gestos, Srta. Sabe-Tudo. Se tem uma coisa que aprendi nesses meus anos de fé é que a palavra de um cristão tem que ser confiável. Se não falamos que íamos fazer algo, apenas demonstramos que temos a intenção, podemos deixar para lá. Mas se você disse que faria, o "eu prometo" está incluso nas entrelinhas, e mesmo que no fim não consiga fazer, você se esforçou de verdade para cumprir.

Ergui um pouco o rosto para olhá-lo e notei a importância do que ele tinha acabado de compartilhar. Sim, eu sabia que era o certo. Não expressar as palavras me mantinha numa linha de segurança, porém relacionamentos não são seguros, eles exigem coragem de nós. E eu estava disposta a isso.

— Somos bons juntos, não dá pra fugir — eu disse em tom de derrota e sua risada tomou o ar.

— Certo, vamos recomeçar essa relação, o que acha?

— Ok, eu vou ser sua amiga — prometi.

— E eu vou ser o seu, até quando Deus quiser. — Levou a mão até minha bochecha, a apertando.

O empurrei, fazendo com que derramasse um pouco de chá na roupa. Gargalhei enquanto Ben me passava um sermão por desperdiçar sua bebida, e queimá-lo.

— Olha só, a nossa dupla imbatível voltou. — Mainha apareceu com tia Meghan.

— Finalmente! Achei que morreria sem ver isso. — Meg riu.

— Ela não aguentou ficar sem mim, típico. — Ben apertou minhas duas bochechas dessa vez, as espremendo.

— Odeio isso! — Bati nele, apenas conseguindo que ele risse ainda mais. — Seu ridículo! Ah, tu vai ver!

Ben saiu correndo e eu fui em seu encalço, enquanto as duas mulheres riam até ficar sem fôlego. Benjamin era muito rápido e eu me cansei.

— Que fraquinha, coitada! — ele zombou e eu lhe mostrei a língua. — Vai pedir arrego? Já?

Rosnei, tipo um animal pronto a atacar, o que o fez rir, óbvio. Ben caminhou decididamente até mim e envolveu minha cintura por trás, me tirando do chão.

— Me solta, seu pulguento! — Tentei me debater, mas a academia estava lhe fazendo bem mesmo. — Sarnento!

— Tá me chamando de cachorro?

— Me recuso a ofender os coitados!

Ele então me levou até o banco e me colocou em pé ali.

— Vocês estão bem? — Tia Meg perguntou, porém olhava para o filho.

— Ótimos. — Ele beijou a bochecha dela.

— É? — ela insistiu. Provavelmente mainha tinha compartilhado a cena que viu na cozinha.

— O Ben passou um pouco mal, mas eu ajudei ele — respondi, provocando no meu amigo a reação de agarrar minhas pernas e me jogar sobre seu ombro. — Me solta!

— Linguaruda!

— Mainha, tia, me resgatem! — Bati nas costas de Ben, entretanto minhas telespectadoras estavam se divertindo com a cena, sem mover um músculo. — Que união feminina é essa? Somos três contra um! Deem na cara dele.

— Para de crise, Amary. — Benjamin riu, me deixando no chão dessa vez.

— Falando em crise… — Tia Meg não pretendia deixar o assunto morrer.

— Foi leve, mãe, relaxa. E a chatinha me ajudou, tudo sob controle.

— Tem alguma coisa a ver com o Ítalo? — Ela segurou o rosto do filho, analisando cada detalhe com preocupação.

— Só estou um pouco pressionado com o trabalho.

— Ah! Mas eu vou ter uma conversinha com aquele homem! — Meghan cruzou os braços, ficando vermelha.

— Por favor! Não vai ter conversa nenhuma, tá bom? Ele é meu chefe e esse é meu trabalho, está mais do que no direito dele me cobrar por um prazo não cumprido.

— Mas… — a mulher tentou argumentar.

— Mãe, eu sou adulto, ok? E eu já disse que não vou deixar esse problema estragar minha vida.

Tia Meg cruzou os braços contrariada.

— Não seja birrenta. — O filho a abraçou, desfazendo sua pose. — Te amo e agradeço por tomar minhas dores, porém não é necessário fazer alarde, só fiquei preocupado demais e já sabe no que isso dá.

— Tu tá com bloqueio? — perguntei.

— Acho que sim. Só que pro Ítalo não tem nada de bloqueio, ou eu entrego quando voltar de viagem ou vou levar uns puxões de orelha, talvez até uma demissão.

— Ele nunca te demitiria, tu é excelente, Ben — mainha defendeu o

sobrinho postiço e eu revirei os olhos.

— Essas fãs… — murmurei em meio a uma tosse forçada.

— Só falta tu se juntar ao clube. — Benjamin piscou.

— Humildade tá em falta nesse corpinho, hein? — Estalei a língua com deboche, começando a caminhar. — Vamos? Tô morrendo de fome.

— Não gosta de nenhuma das nossas músicas, sério? — Ele deu uma corridinha para me alcançar.

— Nunca escutei nenhuma por livre e espontânea vontade, não depois dos dois primeiros álbuns. Esses eu ouvi porque tu me mandou assim que saíram nas plataformas digitais.

— Nossa, deveria ouvir os outros, estão bem melhores.

— Senta e espera.

Benjamin ficou tagarelando sobre suas músicas favoritas e os bastidores de criação de cada uma, apenas no intuito de me irritar. Piorando tudo, as duas mulheres se juntaram a ele para dizer as que mais curtiam e o fuzuê estava formado, para meu completo terror.



Em uma linguagem pessoal
Fizemos nossa própria canção
Então, querida, pegue minha mão
Você sabe que fazemos nosso ideal
Não precisa de nenhuma outra explicação
Desde o primeiro dia
Eu não fui nada além de seu

Eu não sabia se ria ou chorava com aquele mel todo, no entanto mesmo assim segui ouvindo a faixa e depois permiti que surgisse a… vigésima música? Já havia perdido as contas! Apenas deixei os álbuns da 4Dawn tocarem nos fones enquanto limpava minha estante de livros naquela noite.

Então, depois de ouvir mil declarações de amor, trezentas pós-brigas de casal e promessas açucaradas, uma das músicas me fisgou. Era do álbum mais recente, *Camomila*, e se chamava “Escape”.

Já se vai a madrugada
Eu não consigo parar de pensar
Nas decisões erradas

Histórias fracassadas
Nas vezes que duvidei
Nas marcas que ganhei
Tudo em looping
Eu só queria um escape
Não sou nada além de um perdido
Até que te encontrei
Nas minhas noites insones
Dores cheias de nomes
Eu sei que você pode
Pode sarar meu coração
E acabar com a solidão
Dores cheias de nomes
Já não são mais tão fortes
Porque você é meu escape
É de novo madrugada
Eu não consigo parar de pensar
Nas promessas faladas
Nas provas mostradas
Nos nós que desfez
Nos laços que refez
Tudo ao infinito
Seu amor é meu escape
E já não sou mais um perdido
Seu amor me mostrou o caminho

Não podia ser sobre uma garota. Não parecia ser sobre uma. Desci as escadas correndo, o celular na mão, um fone no ouvido e o outro pendendo ao meu lado. Corri até o chalé ocupado pelo trio e um Ben de pijamas me recebeu. Primeiro eu ri da sua roupa de super-herói, depois foquei no que fui fazer.

— "Escape". Me conta os bastidores. — Mostrei a capa da música, um feixe de luz entrando por uma janela.

— Tu sabe sobre o que é. — Seu sorriso entregou tudo. — Não podia compor um álbum sobre amores calmantes e deixar de falar de Quem acalmou minhas guerras e pôs paz entre mim e Ele, sobre Quem me acalma constantemente. Achei que ninguém iria perceber, mas fiquei feliz com alguns comentários de ouvintes cristãos que associaram o escape a Deus.

Sorri eufórica, depois olhei para trás de mim, pensando que precisava voltar antes que papai viesse me arrastar para longe, impedindo que incomodasse

os hóspedes.

— Todas as de *Camomila* são sobre Ele? — perguntei, ansiando por mais informações.

— Não, “Escape” é. — Ben se escorou no batente.

— É minha favorita. — Pisquei, cantarolando em seguida: — *Tudo ao infinito. Seu amor é meu escape.*…

— Chega de tietagem, fã — provocou.

— Fã de uma música só, vale?

— Pra mim já é extremamente recompensador e honroso — debochou. — Quer um autógrafo?

— Vai catar coquinho, *Benji!* — Lhe mostrei a língua.

— Me deixa dormir, vai lá apreciar minha música, vai.

Revirei os olhos, já me arrependendo de ter contado sobre meu achado. Dei boa noite a contragosto e corri de volta para casa, com a música se repetindo na mente, nos ouvidos e nos lábios.





7 | Musas da Inspiração

Eu amava as primeiras horas da manhã, a grama cheia de gotinhas de orvalho, o sol surgindo e tingindo tudo de vida em tons brilhantes. Era meu período de maior inspiração e antes de dar uma pausa no violino ia me esconder em algum canto longe dos hóspedes para tocar e até compor algumas peças.

Pela primeira vez desde que voltei de São Paulo, senti falta do instrumento. Mas parecia haver uma parede entre nós, uma insegurança — ou o temível bloqueio —, que me afastava da case escondida dentro do guarda-roupa.

Dei uma mordida na fatia de bolo de fubá no meu prato, buscando afastar o aperto no coração e focar na minha leitura bíblica. Não tinha mais o violino, porém meu encontro matinal com a Palavra continuava de pé.

Quando terminei ainda eram 6h30 e ninguém além dos meus pais estavam acordados. Fiquei pensando no que fazer para ocupar meu tempo. Foi quando vi Estevão chegando junto de seu ajudante e abri um sorriso largo. Deixei o garoto se afastar para me aproximar do homem.

— Bom dia! — Acenei.

— Lá vem ela. — Estevão tocou no boné, em um cumprimento.

— Quer ajuda? — Pisquei os olhos algumas vezes.

— Se o patrão descobrir que a filha dele dá conta do serviço, o Iago e eu vamos deixar de ser necessários — brincou, entrando no estábulo e sendo

seguido por mim.

— Não desejo nem teu emprego nem o do teu ajudante. Pode dar comida pra todos os bichos e fazer a manutenção da fazenda, eu só quero levar os cavalos para o pasto.

— Retiro o que disse, é muito seletiva. — Ele riu. — Já sabe a minha condição.

— Ah, Estevão! Me dá um desconto, vai. — Fiz beicinho, mas o senhor não mudou de ideia. — Tá bom, vou pedir permissão.

Corri para o escritório de papai e antes de bater na porta, percebi que ela estava entreaberta, permitindo que eu visse o homem falando no celular. Parecia importante, então esperei ali fora.

— Não queria pegar um empréstimo, só que estou ficando sem escolha. — A voz de papai estava cansada e meu coração se contraiu no peito. — Eu já não tenho como demitir mais ninguém, só fiquei com o essencial do essencial… Entendi, vou pensar no assunto.

Ele se despediu e desligou, soltando um suspiro pesado em seguida. Fiquei ali, pensando se entrava ou se ia embora.

Escolhi a primeira opção.

— Pai? — Coloquei a cabeça dentro do cômodo e ele ergueu o rosto.

— Tá aí há muito tempo?

— Eu ouvi sim. — Dei um sorriso triste. — Não fica bravo.

— Tudo bem, Amary. — Ele me chamou para entrar com um gesto de mão. — Precisa de algo?

— Acho que a pergunta aqui é se o senhor está precisando de algo. — Puxei a cadeira que ficava em frente à mesa e coloquei ao seu lado, encostando a cabeça em seu ombro. — É só dizer e eu faço, qualquer coisa.

— Não tem nada que possa fazer, minha boneca. — Passou o braço por meus ombros.

— Tem sim! — Ergui o corpo, lembrando do meu plano de domingo. — Vou procurar um emprego hoje mesmo! Eu iria fazer isso ontem, porém acabei saindo e esqueci. Mas eu vou, só preciso pegar minhas coisas e…

— Na verdade, eu tive uma ideia melhor. — Ele hesitou por um segundo. — Estou pensando em mandar o ajudante do Estevão embora, então…

Ergui as sobrancelhas, pegando a mensagem contida naquelas reticências. Estevão com certeza rolaria de rir quando soubesse.

— Ah… — Apertei os lábios.

— Não precisa se não quiser, sério, é só uma sugestão. — Respirou fundo.

— Não! Eu topo sim, com certeza. Já gosto de ajudar o Estevão com os

cavalos, vou só expandir. — Dei meu melhor sorriso.

— Nem vai precisar fazer o trabalho pesado, só a alimentação e parte da limpeza. Vou ter que aumentar as tarefas do Estevão e não queria sobrecarregá-lo.

— Entendo completamente. Eu começo amanhã?

— Isso aí. — Seu sorriso ainda era nervoso. — Vou falar com tua irmã também, podem dividir as tarefas e acabar mais rápido.

— Relaxa, pai, vai dar tudo certo. — Segurei sua mão entre as minhas. — E eu não estou falando só do serviço. A fazenda está passando por uma pequena turbulência, mas já atravessamos outras, né? Deus ainda está no controle.

— São tantas coisas… — Ele parecia carregar um peso enorme nos ombros.

— Pode me contar, pai, sou bem grandinha, consigo entender.

— Não quero preocupar você e sua irmã. A Val e eu vamos dar um jeito.

— Essa família já tem quatro adultos, podemos repartir os pesos da vida, papai. Não sou tão sensível a ponto de precisar ser protegida de todos os problemas, quero estar por dentro pra ajudar efetivamente — disse com seriedade.

— Adulta é? — O homem riu, afagando meu rosto. — Ainda parece meu bebê, porém sei que não é um faz muito tempo. Por isso, vou te contar.

Me acomodei de novo em seu ombro, pronta para ouvir e dar sugestões, se pudesse.

— Depois que a Meg e os meninos forem embora vamos restringir apenas para eventos, assim a manutenção fica mais leve. As despesas nos custaram algumas dívidas que precisam ser quitadas e como estamos com o orçamento no vermelho, vou precisar pegar um empréstimo no banco. Isso me corrói, sabe? Meu pai nunca fez algo assim, ele parecia reger tudo tão bem.

— Vocês são homens em fases diferentes do mundo, pai! Hoje as coisas são bem mais caras, impostos, inflação e não sei mais o quê. As pessoas têm deixado os caprichos um pouco de escanteio, mas vai passar. Como eu disse, é só uma fase.

— É… — Suspirou. — Espero que a alta temporada nos traga retorno.

— Tenho fé que sim! E quem garante que não vai aparecer um monte de gente querendo casar ou fazer eventos aqui nesse meio tempo? Olha — peguei sua mão e o levei até a janela —, essa vista não é incrível?! Nosso lar é maravilhoso.

Os campos em diversos tons de verde se estendiam até perder de vista, salpicados aqui e ali por algumas casas, fazendas e sítios. As serras que

contornavam o horizonte pareciam uma pintura em contraste com o céu azul e dali podíamos até ver um pedaço do rio.

— É impossível não se maravilhar — comentei. — Só de ficar olhando pela janela a pessoa já sai revigorada!

Papai riu.

— É, não posso discordar. — Me puxou para um abraço. — Eu te amo, boneca. Obrigado por ser minha menina sábia.

— São longos anos de experiência, sabe? — brinquei, o divertindo. — Mas falando sério, o senhor e mainha me ensinaram muito, levo esses aprendizados pra vida, além de tudo que Deus vem me ensinando. Sei que confiar é difícil, porém não temos outra opção.

— Isso é muito bom, mas e a senhorita? Já superou aquela *instituição*? — Quis rir do desgosto em sua voz, no entanto me contive.

— Não pensei muito nisso — confessei.

— Deixa ela pra lá e volte a tocar, Amary. Sinto falta do som do teu violino pela fazenda.

— Não sou boa o bastante — murmurei baixinho.

— Claro que é! — Papai segurou meus ombros. — A minha mãe te daria uns tapas se ouvisse isso. Tu tem um talento, filha, use-o.

— Se eu sou tão talentosa assim, por que não entrei na Sollare? Por quê? Era meu sonho! Batalhei anos pra nada. — A ferida se abriu. Bom, talvez nunca tenha fechado.

— Por que não para de perguntar porque Deus não te colocou na Sollare e pergunte o que Ele quer te ensinar, pra onde quer te levar? São muitas as vezes que não podemos mudar as circunstâncias ao nosso redor, contudo podemos mudar a forma que olhamos pra elas. — Papai sorriu, fazendo algumas linhas se formarem ao redor de seus olhos. — Filha, temos sonhos que são essencialmente bons, entretanto não irão glorificar a Deus por não serem a missão dEle pra nós. Ore pra que essa vontade que está oculta aos teus olhos se torne clara e, enquanto ela não aparece, continue fazendo o que pode no agora. A Sollare te disse não, mas que tal usar teu talento pra tocar na igreja? Para ensinar pessoas que não podem pagar por aulas ou até as que podem? Use teu tempo, não fique de braços cruzados durante a espera, aja e, enquanto se move, vai descobrir o que fazer.

Seu conselho me atingiu em cheio e deixei meus ombros cederem, permitindo que ele me abraçasse. Eu amava tocar, tinha tantos momentos maravilhosos com Deus e com minha família e amigos quando o fazia, não queria perder aquilo.

— Não era pra eu levar sermão, só o senhor. — Funguei, com o rosto

escondido em seu peito.

— Aceite a exortação e vá praticar, mocinha. — Ele se afastou. — Ai de você se eu não ouvir o som daquelas cordas nos próximos dias.

— E ai do senhor se não ficar mais sossegado. — Ergui uma sobrancelha.

— Me respeita, menina, só eu digo "ai de você". — Fez graça, me enxotando para fora do escritório. — Que tal ir acordar tua irmã e receber umas aulinhas do Estevão? Quero que comece a todo vapor amanhã. Ah, e pede para o Iago vir aqui.

Assenti, beijando sua bochecha e voltando para fora. Fiquei um pouco triste ao ver Iago indo para o escritório, porém não tínhamos escolhas e, se Deus quisesse, seria temporário.

Achei Jô tomando café e expliquei tudo. Ela era uma moça determinada e prontamente aceitou o trabalho, o que me alegrou muito. Juntas contamos para o Estevão que éramos as novas ajudantes, o que o chocou, porém logo nos instruiu sobre cada tarefa designada para lhe auxiliar.

Nós duas crescemos naquela fazenda, não era nenhuma novidade fazer algum trabalho braçal e por isso não houve reclamações — só em certa parte meio… nojenta. Bom, melhor não comentar.

Quando acabamos, Jordana foi estudar — ela cursava moda à distância, então se escondia no ateliê e focava nas aulas e projetos. Já eu fui ajudar mainha na cozinha, o que tomou todo o resto da minha manhã.



No meio da tarde, eu estava no quarto, deitada no chão e com as pernas bem acomodadas sobre a cama, os olhos fixos nas florzinhas adesivas coladas no teto enquanto aproveitava meu momento de solitude, até que de repente um rapaz de tranças surgiu no meu campo de visão.

— Vaza — resmunguei, mal movendo os lábios.

— Me ajuda?

Levantei no mesmo instante, preocupada.

— O que foi? Tá tudo bem? — Examinei seu rosto.

— Não tá nada bem! — Ele se jogou na minha cama. — Como eu saio de um bloqueio criativo? Pulo de paraquedas? Vou pra Antártida? Que raios eu tenho que fazer?!

Suspirei aliviada, não era nada grave. Bom, não *tão* grave.

— Levanta daí, se meu pai aparecer… — avisei.

Desde que éramos adolescentes, papai estabeleceu que Ben não poderia passar de dois passos da porta do quarto de Jô e do meu. Não sei se ele

desconfiava que pudéssemos fazer algo indevido ou estava sendo meramente prudente, só sei que nunca desobedecemos.

— Droga, esqueci das regras. — Benjamin levantou tão rápido que quase caiu, indo parar rapidinho no batente. — Tá vendo meu desespero?

Dei risada, mesmo sabendo que não deveria.

— Me ajuda, Amary? — Juntou as mãos sob o queixo. — Fico te devendo um favor.

— Paga um sorvete de flocos pra mim? — Obviamente eu ajudaria de graça, porém não podia perder a oportunidade.

— Até dois! Vamos na vendinha agora mesmo se quiser. — Seu desespero estava claro, o que me preocupou de novo, já que fazer música nunca foi difícil para aquele rapaz.

— Vamos comprar o sorvete e tu me conta qual a treta. — O segui para fora do cômodo.

— Obrigado! Tu é a melhor. — Enlaçou meu braço no seu, me arrastando escada abaixo.

Avisamos mainha que estávamos saindo e nos pusemos a caminhar para fora da fazenda.

— Não tem nem uma música escrita? — Puxei o assunto.

— Eu tenho algumas, mas não são românticas e depois de um álbum mais diverso, Ítalo quer que essa seja no nosso estilo padrão.

— Ué, inventa uma pra teus amores imaginários, ou pra uma moça real. Certeza que não tem nenhuma paixonite? — provoquei, desviando de um buraco na estrada de terra.

— Não tenho uma paixonite há anos, nem amor, nem paixão. E minhas garotas imaginárias me abandonaram, pelo visto. Estou sem musas falsas — ele disse e depois riu. — Nossa, isso soa tão deprimente e patético.

— Concordo. — Não evitei o riso.

— Bom, então onde eu acho inspirações pra músicas de amor?

Olhei ao redor, pensando um pouco. Normalmente a vida comum me inspirava, contudo eu não era tendenciosa ao romantismo, então também era um desafio para mim. Cumprimentamos um casal de idosos que morava no sítio ao lado da Recanto e ao ver os dois de mãos dadas, uma ideia me ocorreu.

— Já pensou em procurar histórias reais? Elas são as melhores!

— Quer que eu saia entrevistando a vizinhança, igual fazíamos na escola? — Fez uma careta. — Não, obrigado.

— Para de ser chato, é uma boa ideia. — Apertei o braço dele. — Vai, eu te ajudo.

— Vão me cobrar direitos autorais — rebateu. — Não dá.

— Não precisa fazer igual. — Revirei os olhos.

— Eu sempre consegui inventar meus cenários, só preciso de um pouco de criatividade e vai dar certo.

Sua resposta me incomodou.

— Sinto que não quer minha ajuda e sim que te dê uma solução mágica. — Me afastei dele, colocando as mãos nos bolsos de trás da minha bermuda.

— Ei, Amary, não fica chateada. Desculpa.

— Qual o problema real? Poxa, pode ser sincero comigo. — Parei de andar, percebendo que tínhamos chegado na frente do mercadinho que vendia o sorvete.

— Vai comprar, te espero aqui. — Tirou a carteira do bolso e me entregou uma nota.

— De que sabor quer o teu? — perguntei emburrada.

— Tu me conhece. — Deu um sorriso de canto que me amoleceu. É, eu conhecia mesmo o Ben, por isso sabia que tinha muito mais embaixo daquela inquietação, bastava ter paciência para chegar no ponto central.

Deixei ele e entrei no estabelecimento, indo direto para o freezer onde os sorvetes ficavam. Peguei um de flocos e outro de cajá, depois fiquei presa no caixa pelas perguntas sobre cada indivíduo da minha casa, mesmo que a Dona Isabel tenha nos visto no dia anterior. Para piorar, Ben resolveu ir ver o motivo da minha demora e foi enredado pela senhorinha amável — e curiosa.

— Teu pai veio também, querido? — ela perguntou, inocente.

Olhei para Benjamin, vendo sua expressão se fechar um pouco.

— Não, ele ficou em casa.

— Ah, que pena! Vocês três fazem falta aqui. — Sorriu, finalmente pegando o dinheiro pela compra.

Benjamin agradeceu a gentileza e pudemos ir embora. O silêncio que tomou conta dele não me surpreendeu. Eu ficava triste por pensar que toda a dor envolvendo uma separação tenha repousado na vida dos Torres. O relacionamento da Tia Meghan e do Tio Juliano não começou muito bem, já que os pais de Meg não aprovavam a união, pelo fato dele não ser cristão. A diferença de pensamentos entre os dois era grande, o que influenciava negativamente na criação de Ben. Alguns anos depois, Tia Meg parou de ir aos cultos, cedendo ao descontentamento do marido. Lembro bem de meus pais tentando aconselhá-la, porém falhando. Apesar de tudo, a amizade entre os três tinha raízes muito profundas para se desfazer, mesmo com as divergências.

Minha maior alegria foi quando soube que Ben tinha se convertido e poderia causar uma boa influência em sua família. Mas as coisas seguiram um rumo diferente do desejado.

Suspirei com os pensamentos e enfiei uma boa quantidade de sorvete na boca, tentando não falar nada e respeitar o silêncio do meu amigo.

— Ai! — reclamei quando meu cérebro doeu pela temperatura tão baixa.

— Vai com calma, o sorvete não vai sumir. — Ben deu risada.

Sorri, engolindo a porção e aproveitando a oportunidade para puxar o assunto.

— Tudo bem com você?

— Hunrum.

— Posso perguntar uma coisa?

— Sempre. — Levou uma colherada à boca.

— Tua mãe tem ido à igreja também? — A esperança estava viva em meu tom de voz.

— Sim, algumas vezes. — Ele sorriu um pouco. — Oro bastante por ela.

— Nós também — confidenciei.

Ficamos em silêncio de novo por um tempo, até ele resolver se abrir sobre a música.

— Sabe, Amary, eu acho que não quero cantar músicas sobre garotas, festas e bobagens. Estou exausto de compor e repetir letras com coisas superficiais, nem as de amor tem a profundidade que eu passei a enxergar nos relacionamentos românticos. — Soltou o ar. — A grande verdade é que estou cansado de fazer o mesmo. Minha mente tá mudando e não sei o que fazer.

— Crise de identidade musical — eu disse.

— Quê?

— Teu estilo tá mudando, é uma coisa que acontece com artistas, eu mesma já passeei por vários estilos de música durante esses anos. A questão é que talvez a 4Dawn não comporte tuas mudanças. — Fui sincera.

— Tá dizendo pra eu sair da banda? — Ele parecia quase ofendido.

— Não, disse que teu estilo pode não ser mais o dela. — Apertei os lábios.

— É só uma coisa passageira. — Ele remexeu o sorvete, pensativo.

Ia falar mais sobre o assunto quando vi uma coisa que me fez parar de andar.

— É um bezerro. — Apontei para o bicho cruzando a estrada.

— Ah. — Ben encarou o animal. — Muito fofo mesmo.

— Não! Quer dizer, sim, mas tô com medo da mãe dele aparecer por aqui. — Olhei ao redor. — A vaca do Zé é terrível! Ela quase matou a Jô e eu de susto um dia desses, nunca corri tanto na minha vida. E ainda por cima eu tô de vermelho!

Fitei para minha blusa, pouco me importando com as constatações

científicas. Ben gargalhou, continuando a andar tranquilo.

— Primeiro, elas nem sabem a diferença entre vermelho e verde, e segundo, para de ser medrosa. A vaca já deve estar no pasto e o filhote a seguindo, tá tudo bem. — Voltou e segurou meu pulso, me obrigando a andar com ele. — Olha, não é ela lá embaixo?

Segui seu dedo e estreitei os olhos, enxergando uma vaca preta bem distante, no meio do verde do pasto, o qual ficava abaixo de um barranco numa das beiras da estrada.

— A mãe desse é marrom — murmurei baixinho.

— Mas… — Ben começou a falar, porém um mugido o calou.

Encarei meu amigo, depois olhamos para trás e meu coração foi parar na garganta ao ver a vaca que, segundo meu sábio companheiro, estava bem longe.





8 | Show de varanda

Ben apertou meu pulso e deu um passo para trás, enquanto a vaca nos encarava furiosa.

— Acha que ela vai entender que não queremos nada com o bezerro ou é melhor correr? — ele perguntou, contudo não pude dar uma resposta.

Nossos gritos soaram juntos quando o bicho avançou em nossa direção e não sei se corri ou se fui arrastada por meu amigo, tudo que sei é que a cena deve ter sido hilária para quem visse de fora. Vislumbrei a morte umas três vezes, já que a vaca parecia decidida a não deixar para lá. Em certo momento eu nem tentava mais olhar para trás, só corri com Ben até chegarmos na segurança de casa.

Me soltei do aperto do rapaz e deixei o corpo cair na grama, exausta. Minhas pernas pareciam gelatina.

— Isso… foi… louco! — Ben comentou entre tomadas de fôlego. Depois ele riu tanto que se desequilibrou e caiu ao meu lado. Foi minha vez de rir.

— Culpa sua! — Bati em sua barriga. — Eu avisei, mas não, ela estava lá embaixo, né?

— Eu não sabia que a mãe era outra, não deu tempo de fazer o teste de DNA — zombou.

— Vou ficar uma semana sem ir no mercadinho. — Levei a mão ao peito,

onde meu coração parecia desgovernado.

Ben segurou meu pulso e fez uma careta.

— Vou pegar uma água pra tu, espera aí. — Ele levantou e entrou em casa.

— E eu ainda perdi o resto do meu sorvete no caminho, poxa — resmunguei, só para rir em seguida ao lembrar da situação.

— A Berta perseguiu vocês? — Papai apareceu com Ben, Jô e minha água.

Assenti, sentando e pegando o copo, do qual ingeri o líquido de uma só vez.

— Ela tá parida, deveriam ter tido cuidado — Seu Ulisses advertiu, sensatamente.

— Só estão inteiros porque ela não queria pegar vocês — minha irmã zombou.

— Foi Deus por nós! — Voltei a me deitar. — Nunca mais confio no Ben, ele foi pra cidade grande e ficou burro para as coisas da roça.

— Sério? — Ele rolou os olhos. — Não tinha como eu saber, já disse!

— Um tantinho de bom senso e saberia que a mãe não ia estar a dez mil quilômetros do filhote.

— Tá, foi um cálculo ruim. Satisfeita?

— Ainda tá me devendo um sorvete. — Dei um sorrisinho e ele chutou meu pé em resposta.

— Vão tomar banho, temos que comer daqui a pouco pra ir à igreja — papai avisou e nós concordamos.

Fui o caminho inteiro provocando Ben até ele tomar a madura atitude de me mostrar a língua.

— Vou contar pra todo mundo sobre teu gritinho de medo — ameacei, rindo dele.

— Eu deveria ter te deixado pra trás, mal agradecida.

— Valeu por me arrastar. — Ergui os polegares e ele sorriu, se afastando para seu chalé.

Enquanto subia para meu quarto, fiquei sorrindo meio nostálgica. Ser perseguida por uma vaca não era nada legal, de fato, mas senti que Ben e eu ainda éramos como nos velhos tempos, a amizade despretensiosa e leve que nos unia estava intacta. Era bom — muito bom — perceber que dois anos longe não tiraram isso de nós.

O culto foi ótimo e a presença de Tia Meg me deixou ainda mais feliz. A mulher parecia se sentir confortável no lugar que por anos foi sua comunidade e acredito que muito disso se devia à recepção amorosa dos irmãos. Eu aprendi muito de misericórdia, generosidade e gentileza com minha família na fé, não me surpreendia pelo tratamento com a ovelha afastada.

Estávamos quase chegando em casa quando um breu nos encobriu.

— Ah não! — Jô reclamou num tom agudo. — Eu odeio quando falta energia.

— Medo do escuro, joaninha? — papai provocou a filha. Aquela cena não era nova, Jô sempre detestou apagões.

— Claro que não, a questão é que sou filha da luz — ela rebateu, rindo. — Liga o gerador, por favorzinho.

— Sabe que é pra situações de emergência, tipo eventos. Tu aguenta umas horas à luz de velas.

Jordana reclamou, mas foi obrigada a sair do carro como todo mundo assim que paramos na garagem. Tentei me desvencilhar quando ela agarrou meu braço, no entanto não consegui e fiquei com aquele ser grudado em mim.

— Mas tá tão claro. — Kita olhou para o céu, onde uma lua enorme brilhava e envolvia tudo com sua luz prateada.

— Ela tem me… — comecei, porém fui interrompida.

— Tô bem. — Jô me largou e sentou nos degraus ao lado de Tia Meg, a qual abraçou a moça que *não gostava* do escuro. Pura questão de gosto, claro.

— Vou pegar as velas, já volto. — Baguncei os cachos da minha irmã quando passei por ela.

Com a lanterna do celular, abri as gavetas, porém não achei o que procurava.

— Onde tá? — gritei da cozinha.

— Eu coloquei no quartinho de limpeza — mainha respondeu da varanda, no mesmo tom.

— Achei que tinham sido abduzidas — brinquei comigo mesma.

Não foi mais fácil encontrar as velas no quartinho, como esperei. Era incrível o jeito que as coisas sumiam quando estávamos procurando por elas, simplesmente abriam o chão e iam embora para outra galáxia, no caso das roupas, tinha minhas dúvidas se não iam dar uma voltinha em Nárnia. Devaneando sobre esse mistério da natureza, encontrei as velas no fundo do fundo de uma gaveta, alguns minutos depois.

Quando voltei para fora, precisei parar no batente e apreciar a cena que se desenrolava. Ben estava com seu violão e tocava em companhia do coro desajustado das vozes dos demais. Fiquei em dúvida se ainda queriam as velas,

parecia ter tanta luz naquela varanda que elas se faziam desnecessárias. Eles estavam cantando “Eu Vou Construir”, do Juliano Son, e não perdi a oportunidade de acompanhá-los.

“Eu vou construir minha vida em Ti
Tu és meu fundamento
Eu vou confiar somente em Ti
Não vou ser abalado”

Observei Tia Meg cantando discretamente e quando ela me olhou, não pude evitar de sorrir, sorriso esse que foi retribuído. Deixei as velas sobre a mesa e sentei ao lado de meus pais, me unindo ao pequeno show que era natural a um grupo que amava música. Muitas das minhas memórias eram envoltas em canções, fossem as notas do violino de vovó, a voz doce de minha mãe quando ia me colocar para dormir, os momentos de louvor nos nossos cultos domésticos ou as cantorias de Ben por todo canto. Aqueles sons ritmados fizeram parte da minha formação como pessoa e por isso fazer música era parte de mim.

Enquanto pensava no velho violino no andar de cima, Ben passou o violão para Kita e o rapaz emendou outra música. Olhei para Jô, reconhecendo “Como Ninguém Me Conheces”, do Eduardo Mano, simplesmente a música favorita da minha irmã. Ela me encarou também e eu dei um sorriso de canto.

Me aproximei dela, enquanto o rapaz iniciava a canção com uma voz muito bonita.

— Olha só, um gosto em comum! Podiam ser amigos — comentei baixinho. Ok, era exagero, mas não custava nada tentar, talvez rolasse uma comoção.

— Uau! Ele conhece uma música que eu amo, que coisa especial, nem parece que milhares de pessoas têm a mesma *conexão de alma* comigo. — Deu um sorriso falso.

— Não seja tão amarga — apelei. — Conversa com ele, vai que viram amigos e descobrem mais gostos em comum?

— N-ã-o — soletrou, me empurrando para meu lugar e se concentrando no louvor.

Revirei os olhos, voltando a prestar atenção na música.

“Meu coração não é digno de Ti
Mas aqui viestes morar
Só por graça algo assim pode ser
Alguém morto tornar a viver”

Quando Kita terminou, ele perguntou quem era o próximo e todo mundo virou para mim.

— Eu até arranho no violão, mas fica pra outro dia. — Ri, nervosa.

— Queria mesmo era te ouvir tocar violino, pode até ser aquelas músicas de pessoas que já morreram há séculos — Tia Meg fez graça e a gente riu. — Vai, eu vim de São Paulo pra ver minha violinista favorita.

— Não veio pra isso não. — Estreitei os olhos, tentando fugir do pedido.

— Vai, Amary, toca pra nós — papai encorajou. — Lembra do que conversamos?

Suspirei, encarando aqueles seres atentos à mim. Meus olhos recaíram em Ben, que balançou a cabeça, me incentivando.

Eu queria, de verdade, só que não dava, a dor no meu estômago me lembrou disso. As palavras dos avaliadores voltaram, o sentimento de fracasso e de decepção. Tudo numa salada de emoções ruins.

— Outro dia. — Forcei um sorriso. — Toca você, Jô, depois o papai.

Eles fizeram um coro de suspiros frustrados, contudo não insistiram mais e eu me senti aliviada.





9 | Audiência de Um

— Como eu estava com vontade de ir em um encontro dos jovens! — Arthur comentou enquanto caminhávamos até a casa de Júlia, a irmã que receberia a turma daquela vez.

— Vai ser ótimo! — respondi no mesmo estado de espírito.

— Espero que gostem de mim. — Ele fez uma careta.

— É difícil não gostar de tu, Kita! — Dei um soco leve em seu braço. — É um rapaz muito legal, cativa de cara.

— Até parece — Jordana debochou baixo, mas audivelmente.

— Ah, obrigado, *Amary*, você que é uma fofa. Bom, pena que não veio essa característica pra certas pessoas, né? — O rapaz sorriu para mim.

Minha irmã abriu a boca para retrucar, mas Ben foi rápido em tapá-la e emendar outro assunto, até a fera deixar a alfinetada para lá.

Chegamos na casa de Júlia e após bater palmas algumas vezes, a moça apareceu. Ela nos recepcionou com seu jeito amável e hospitaleiro e nos conduziu para a sala de estar, onde quase todos já estavam. O amontoado de conversas parou quando entramos, em parte para nos cumprimentar, mas também pelo alvoroço que um grupinho de meninas fez ao ver Kita e Ben.

— Eu sabia que não estava doida quando te vi lá no culto! — Kézia, uma loirinha de quinze anos, se colocou diante de Arthur. — Tu é o guitarrista da

4Dawn, não é?

— Sou eu sim, é um prazer. — Ele estendeu a mão e ela apertou com uma cara de encanto que me fez segurar o riso.

E ele temendo não se enturmar…

— Eu amo teu trabalho, Kita — Samara, prima de Kézia, expressou depois de cumprimentar os garotos. — É que eu também toco guitarra e fico admirando teus solos, e quando tu canta também, tua voz é linda. — Ela sorriu abobalhada, depois arregalou os olhos e encarou Ben. — A tua também é, tá? Amo os quatro, são um conjunto perfeito!

— Sem problemas. — Benjamin apertou os lábios tentando não rir.

As meninas obviamente pediram algumas fotos e depois ficaram conversando com eles até Jordana intervir.

— Então, acho que não é hora de tietagem, né? Vamos focar no culto? Depois vocês se falam, beleza? — Usou um tom gentil que fez as meninas concordarem e irem sentar. Para mim, ela cochichou: — Não aguento essas adolescentes.

— Ah, claro, tu nem ficou tietando eles no dia do show. — Estreitei os olhos.

— Com hora e lugar. — Estalou a língua, indo sentar também.

Balancei a cabeça para os lados e fui me acomodar para prestar atenção no irmão que conduziria a programação naquele dia.

Após orarmos e cantarmos algumas músicas, Renato pediu para abrirmos a Bíblia em Lucas, nosso livro do momento. Para aquele dia iríamos meditar no capítulo 5.1-11.

— A pesca maravilhosa. — Ouvi alguém comentar, empolgado.

Renato leu a passagem e começou a discorrer sobre ela, ganhando nossa atenção com sua espontaneidade e boa oratória, graças aos anos em frente a uma sala de aula. Ele explicou como aquele era o dia do "plot twist" na vida de Pedro, Tiago e João, e então decidiu focar no versículo 5.

— Depois de ouvir a ordem de Jesus para ir pra parte funda das águas e jogar a rede, essa foi a resposta de Pedro: “Mestre, trabalhamos duro a noite toda e não pegamos nada. *Mas, por ser o senhor quem nos pede, vou lançar as redes novamente*”. — Ele deu ênfase na sentença final. — Foi uma noite frustrante de trabalho, as expectativas de Pedro eram praticamente nulas, porém um detalhe fez ele obedecer: a confiança na palavra do Mestre. O que aprendemos com isso?

Ele fez uma pausa, nos deixando refletir por alguns segundos. Então continuou:

— É preciso ter coragem para ouvir a voz de Deus e obedecer Seu direcionamento, mesmo quando ele parece assustador, mesmo quando nos

sentimos frustrados de tanto lutar e falhar. Ele pode transformar nossa sorte, nada é impossível para nosso Senhor.

Senti uma flechada bem forte no meu peito. *E lá vamos nós para tapas de Bíblia…*

— Muitas vezes Deus vai nos pedir pra arriscar, no entanto nessas situações o risco está só diante dos nossos olhos, pois Ele já sabe que tudo ficará bem. Sendo assim, podemos segurar Sua mão e confiar. — Renato sorriu de um jeito encorajador. — Mesmo depois de quedas, é preciso levantar e seguir em frente, temos Cristo por guia e até nas turbulências, sabemos que nEle podemos descansar.

Suspirei, absorvendo aquelas palavras. Me sentia como Pedro, frustrada depois de esforços aparentemente vãos. Olhei em volta da sala e encontrei Ben encarando um ponto qualquer, parecendo tão reflexivo quanto eu. Pelo visto não havia sido só meu coração a levar as flechadas.

Ao fim da pregação, fiquei refletindo nela, tão absorta na minha mente que nem percebi quando Renato terminou de orar e encerrou o estudo.

— Já que nossos irmãos *famosinhos* estão aqui — um dos rapazes começou, sem esconder muito bem o ciúmes pela atenção que Ben e Kita recebiam das meninas —, porque não tocam alguma coisa pra gente?

— É com você, Benjamin. — Arthur deu uns tapinhas no ombro do amigo, se esquivando.

— Ah, não mesmo. Queremos ver os dotes dos dois. — Júlia deu corda. — Vamos, eu sou a anfitriã, façam por mim.

Os dois se entreolharam, parecendo discutir em silêncio o que fazer. Por fim, Ben aceitou o violão que era quase empurrado para ele e Kita ficaria na voz. E dava para ver o receio na expressão dele.

— Bom, estamos acostumados a tocar num quarteto, então vou chamar minhas duas amadas irmãs, Amarílis e Jordana, para preencher essas vagas. — Ben saiu em seu socorro, piscando para nós duas.

Fiz uma careta, não estava preparada para aquilo, no entanto Jô achou a ideia incrível e logo me convenceu com seus olhos ansiosos. Puxei minha cadeira para perto dos rapazes, junto com ela.

Kita e Ben lançaram sorrisos gratos para nós duas, então eles sugeriram uma música e nós quatro iniciamos, logo sendo acompanhados pelos demais, formando um coro forte e bonito.

Passamos mais um tempo louvando juntos e após a mãe de Júlia nos alimentar com seus quitutes, pegamos o caminho de volta para casa, com o melhor dos humores.

— E aí, Kita, gostou de ser paparicado? — provoquei.

— Não estava preparado pra isso. — Ele riu. — Mas elas são fofas, gostei de conhecê-las.

— Ai, ai — minha irmã resmungou.

— Ficou com ciúmes, Jô? — Ben deu risada, abraçando seus ombros. Ela se fingiu de desentendida. — Tu ainda é nossa fã número 1, fique tranquila.

Iria brincar com aquela afirmação quando meus olhos foram parar numa árvore na beira da estrada. Meu coração acelerou.

— É um gatinho! — exclamei, agarrando os braços de Ben e Arthur, que estavam ao meu lado.

— Onde? — Benjamin procurou em volta.

Apontei para o bichano num galho da árvore, miando enquanto olhava para o chão.

— Acho que ele não consegue descer, coitado! — Deixei eles para trás e me apressei até lá. — Oi, fofinho, quer ajuda?

— *Não precisa.* — Ouvi Ben responder numa voz fina.

— Para! — Lancei um olhar sério para ele. — Vou tirar ele de lá.

— Cuidado, Amary. — Jô se aproximou de mim. — Presta atenção onde pisa.

— Achei que ia impedir ela! — Kita levou a mão à testa. — Vocês são doidos?

— Relaxa, a Amarílis é ótima fazendo isso. — Benjamin abanou a mão no ar.

Com agilidade, porém atenta aos galhos mais grossos, subi até onde o gatinho estava sem sustos e o peguei, descendo em seguida com ele junto a mim.

— Uau! — Arthur comentou quando voltei.

Fiz uma reverência de brincadeira e coloquei o gato no chão, vendo ele disparar estrada acima, ou para voltar para sua casa ou a fim de continuar suas aventuras.

— Sabe, eu tive uma ideia… — Sorri com uma expressão travessa. — E se a gente proporcionar mais uma experiência de interior para nosso amigo Arthur?

O rapaz arregalou os olhos e balançou a cabeça em negação.

— Eu apoio. — Ben riu dele.

— Vai ser interessante. — Jordana deu um meio sorriso, provavelmente se deliciando com a ideia de vê-lo passando aperto.

— Se eu morrer… — Kita dramatizou.

— …te enterramos. — Seu amigo completou, para piorar o pânico nas suas expressões. — Brincadeira! Vai dar tudo certo, vamos lá.

— Ai, Deus, por que me deste esses amigos malucos? Não tinha ninguém

mais sensato disponível? — ele choramingou, aumentando nosso divertimento.

Ben subiu primeiro, para dar um tutorial do que fazer, mais especificamente onde pisar e em quais galhos segurar. Depois Kita respirou fundo, tomou coragem — e não duvido que fez uma oração desesperada — e então imitou o amigo, numa lentidão cômica.

— Anda logo. — Abafei minha risada com a mão.

— Isso é difícil, tá? — resmungou.

— Molenga. — Jô não perdeu a oportunidade de zombar.

Obviamente isso foi impulso o bastante para ele se apressar um pouco. Quando conseguiu alcançar a altura de Ben, sentou num galho, vermelho pelo esforço.

— Não morreu, né? — brinquei, começando a subir também.

— Só vou ter certeza disso quando voltar para o chão… — se interrompeu com uma careta — …por vontade própria.

Jô foi a última a subir, sem nenhum problema.

— Eu amo essa vista — ela comentou, olhando em volta. — Não trocaria minha cidadezinha por nada.

— São Paulo não é ruim — Ben comentou —, mas eu também amo Rio Valente. Fico feliz dela ainda me fazer sentir que estou em casa.

— Porque é tua casa. Não tem problema ter mais de uma. — Sorri para ele, que retribuiu.

— Que lindas declarações — Kita disse, paralisado no mesmo lugar, o que era muito engraçado —, mas a gente pode descer logo? A vista é maravilhosa, porém ainda prefiro a de lá de baixo.

Jordana gargalhou, se divertindo com o desespero do coitado. Dei um tapa nela, a calando.

— Tá bem, vamos fazer uma brincadeira então. — Ela esfregou as mãos. — Quem chegar na fazenda por último vai ter que dar um mergulho na piscina do jeitinho que tá. Topam?

— Sabe que vai perder, né? — Ben zombou.

— Veremos!

E então, sem sequer nos esperar, ela começou a descer da árvore. Troquei um olhar com meus amigos e a imitamos, Kita com um atraso considerável. Ben esperou um pouco pelo amigo, para garantir que ele não iria se espatifar no chão, então minha irmã e eu aproveitamos a vantagem para correr até em casa, levando em conta que o condicionamento físico deles dava de dez a zero no nosso.

Felizmente, nenhuma vaca se colocou no nosso caminho e Jô e eu conseguimos cruzar o portão da Recanto alguns segundos antes dos meninos.

— O que eu disse, hum? — Jordana se gabou, vendo Kita chegar por

último.

— Duvidaram do nosso potencial, maninha. — Passei o braço pelos ombros dela. — Que feio, hein?

— Só ganharam porque eu precisei garantir que o garoto da cidade grande não iria morrer. — Ben se apoiou nos joelhos, recuperando o fôlego.

— Não foi uma corrida justa, tinham que levar em conta os mais fracos. — Kita cruzou os braços, encarando Jô.

Lá vamos nós — pensei, prendendo minhas tranças em um coque por causa do calor.

— Seja homem e aceite perder — ela rebateu, imitando meu gesto ao prender os cachos. — Vai ficar chorando as pitangas ou vai entrar na água logo?

— Relaxa, não vou dar pra trás. — Kita ergueu a sobrancelha, tirando os tênis e o relógio que usava.

Ele os deixou na varanda junto de sua Bíblia e seguiu determinado. Sem fazer drama, pulou na água, voltando à superfície alguns segundos depois.

— Viu só? — Cruzou os braços na beirada, fitando Jordana com um meio sorriso.

— Impressionante, quer palmas? — debochou.

Kita riu, ajeitando os cabelos pretos que escorriam por sua testa, então saiu da água. Observei ele se aproximar de Ben e falar algo no ouvido deste. Não precisei nem de um segundo para entender seu plano.

— Não mesmo! — Dei vários passos para trás.

— Deve estar fazendo uns 30°C — Ben justificou.

— O acordo não foi esse — Jô me apoiou.

Os dois ignoraram tudo que dissemos e se aproximaram de nós.

— Ben, tu não vai me aguentar — minha irmã tentou um argumento —, olha a grossura do meu braço pra esses palitinhos que são os teus…

— Como se diz mesmo? — Ele fingiu pensar. — Ah! *Veremos.*

Benjamin então correu um pouco para alcançá-la, mas quando o fez pegou a moça no colo sob protestos e a jogou na piscina, indo se juntar a ela em seguida.

— Sua vez. — Kita esfregou as mãos.

— Calminha, amigo… — Dei um sorriso nervoso, porém ele nem me deu ouvidos.

O rapaz imitou Ben e me ergueu do chão.

— Ok, ok — envolvi o pescoço dele —, mas não me joga, viu? Tá muito tarde pra eu molhar meu cabelo.

— Tudo bem. — Ele riu, indo até as escadas e me colocando na água. — Feliz?

— Ganhou um ponto comigo — brinquei.

— Deveria ter jogado ela… — Ouvi Ben dizer e respondi tacando água nele.

E sem planejar, ficamos os quatro na piscina durante boa parte da tarde, sem qualquer lembrança de não querer estar ali.



Depois de tomar um banho e colocar uma roupa seca, decidi ir passar um tempo em solitude. Peguei um lençol, minha Bíblia e água e fui para um cantinho afastado da movimentação de casa. Em dias normais levaria meu violino comigo, mas não tive coragem, outra vez.

Estendi o tecido sob uma árvore e me deitei de barriga para baixo, relendo a passagem do estudo. As palavras de Renato ainda latejavam em minha mente, cutucando, incomodando meus medos. Era assustador.

Marquei no meu caderno o versículo 5, destacando a última parte, e adicionei ao lado: *Confiar na palavra de Jesus e não nas frustrações.*

— Ai, Senhor, me ajuda — supliquei, afundando o rosto nas mãos.

Passei alguns minutos assim, até sentir alguém afastar minhas tranças, as quais cobriam meu rosto. Gritei assustada, só para ver que era Benjamin, se divertindo com a cena.

— Quer me matar, menino? — Sentei, levando a mão ao peito.

— Foi mal? — Tentou conter o riso, em vão.

— Bobo! — Joguei a caneta nele.

— Posso sentar com você? — Apontou para o lençol e eu concordei, bebendo um pouco d'água para me recuperar. — O que tá fazendo?

— Surtando em oração. — Dei um sorriso fraco.

— Tá tudo bem? — Ele franziu as sobrancelhas, me analisando. — É por causa do violino?

— Como sabe? — Ergui as sobrancelhas.

— Te conheço. — Deu de ombros. — Sei o quanto ficar sem tocar te deixa mal.

Assenti, recostando ao lado dele no tronco da árvore.

— Me sinto tão frustrada e confusa — desabafei, descansando a cabeça em seu ombro. — O que eu faço?

— Toque — respondeu simplesmente.

— Não consigo! Só de imaginar já fico com dor de barriga.

— Toma um cházinho de boldo que passa, aí depois tu toca.

— Nossa, que gênio. — Rolei os olhos.

Ben virou o corpo, me fazendo desencostar dele e ver seu rosto.

— Amary, não pode deixar algumas críticas ditarem seu futuro.

— Mas eles devem saber do que estão falando, né? Tu é músico, se alguém muito mais experiente falasse que não toca com sentimento, acreditaria ou não?

— Bom, milhares de pessoas dizem que sou ótimo, que compus músicas que tocaram seus corações ou que marcaram momentos especiais de suas vidas, e tem aqueles que dizem que basta colocar as músicas da banda para tocar que seu ânimo melhora. Não sei, parece mais sensato acreditar nos milhares. — Ele ergueu as sobrancelhas, insinuativo.

— Papai disse uma coisa parecida… — murmurei.

— Sempre achei o tio Ulisses um homem sábio. — Deu um meio sorriso.

Deixei meu corpo cair de costas sobre o lençol, exausta daquele zum-zum-zum de insegurança fazendo a maior festa na minha cabeça. Era difícil lutar contra as vozes que me colocavam para baixo, elas pareciam tão fortes, tão invencíveis. Disse isso ao Benjamin.

— Bom, de “vozes” sabotadoras eu entendo. — Fez uma careta, deitando ao meu lado. — Mas precisa lutar contra elas. Eu sei que às vezes é *muito* difícil, só que precisa combater isso, mostrando pra si mesma a realidade. Tendemos a acreditar mais facilmente no que dizem de ruim sobre nós, porém nem tudo é verdadeiro. Pense em quantas vezes já chorou ao sentir que nunca seria uma boa violinista, essa pulguinha de insegurança é antiga, Amary, e vai voltar diversas vezes.

— Uau, que animador — resmunguei.

— Toda pessoa passa por isso, principalmente artistas. Precisa domar a insegurança antes que ela te engula. — Ele virou de lado, apoiando o rosto na mão e me encarando. — Ok, a Sollare disse que tua apresentação não teve sentimento o bastante, mas tu me garantiu que amou o que tocou naquele dia.

— Sim! Foi mágico, eu estava tão envolvida nas melodias, nas lembranças da vovó. — Foi inevitável sorrir.

— Então! Eles não se conectaram com tua música nesse dia, porém isso não define toda sua carreira. Faça uma pausa, respire e acredite no que faz. De um jeito ou de outro, com a Sollare criticando ou te aplaudindo, precisa ter segurança, ou qualquer vento vai fazer esse castelo desabar.

— Essa doeu — brinquei.

— É a verdade, trate de aceitar. A música faz parte de você, minha amiga, continue usando teu talento, pois foi Deus que te deu.

Suspirei, absorvendo suas palavras. De fato, se minha segurança estava firmada nas opiniões de outros, ainda mais de quem mal me conhecia, como iria

perseverar? Eu podia não ser perfeita, nós paramos de aprender apenas quando morremos, porém sabia que colocava meu coração nas minhas apresentações. Não podia desistir. Precisava ouvir a voz de Jesus, pois ela era maior que minhas frustrações e inseguranças.

Levantei num salto, assustando Ben, e corri para casa. Subi até meu quarto e peguei a case deixada atrás de uma pilha de roupas de cama, só para não ser vista. Tirei o violino e ele praticamente sorriu para mim, como se dissesse que era bom me ver outra vez. Retribuí o gesto, deslizando os dedos na madeira avermelhada e dedilhando as cordas. Foquei em prepará-lo para ser tocado, apreciando aqueles processos que fizeram falta.

— Quase fui te buscar — Benjamin disse quando me viu se aproximando de onde estava. — Hum, gostei dessa nova companhia.

— Pode cantar? Não quero fazer isso sozinha. — Meu estômago parecia uma banheira cheia de sabão.

— Sempre, minhas cordas vocais estão a seu dispor. — Seu tom tranquilo me acalmou.

— Estou tão feliz por tu ter voltado — confessei com os olhos marejados. — É muito bom fazer as coisas com você.

— Deus sabe como é recíproco. — Apertou minha mão com carinho.

Tomei coragem e me posicionei, ficando sob alguns feixes de sol que passavam por entre as folhas da árvore e, ao apreciar tanta beleza, uma oração vinda direto do meu coração subiu ao Senhor.

Eu não queria ter medo de tocar, não queria deixar a desaprovação da Sollare ditar meu talento, tampouco abandonar o que me era tão precioso. Deus sabia disso, antes mesmo de eu dizer. E a prece do meu coração naquela tarde, debaixo dos suaves raios que lutavam bravamente contra as folhas, foi uma só: *Pai, me ajude a tocar primeiramente pela audiência de Um, o Senhor. A minha música é Tua, assim como eu, e só quero te agradar.*

Apoiei o violino na curva do pescoço e o arco nas cordas, não olhei para Ben, minha plateia era só de Um e todo o resto sumiu no instante que a primeira nota rompeu o breu que eu mesma havia me metido. Como Jô, eu era filha da luz e ceder à aprovação humana em lugar da divina não era nossa marca. Eu não fazia ideia de como minha carreira musical seria no futuro, mas eu sabia o que podia fazer com meu talento naquele momento e para sempre: glorificar a Quem merecia todo o louvor.

Das minhas cordas e dos lábios do meu melhor amigo, “Oh Quão Lindo Esse Nome É”, da Ana Nóbrega, fluiu em sintonia. Foi uma das primeiras músicas que aprendi a tocar, quando vovó ainda fazia mil ajustes na minha técnica. O conjunto de tudo me fez sorrir enquanto tocava.

“Oh, quão lindo esse nome é
Maior que tudo ele é
Oh, quão lindo esse nome é
O nome de Jesus”

Enquanto eu tocava, as cores cintilavam outra vez. Ao fim da última nota, o som reverberou dentro de mim e eu soube que não podia mais deixá-lo calar.

Estava tão fora de órbita que me assustei quando abri os olhos e percebi que não era apenas Benjamin que estava ali, mas mainha, papai, Tia Meg, Jô e Kita. Todos com sorrisos animados e palmas prontas para serem batidas. Dei risada pelo susto e fiz uma reverência de brincadeira.

— Eu não disse? A Sollare não sabe de nada — papai repetiu, me fazendo rir.

— É, ela não sabe — confirmei. Podia ser uma escola incrível, contudo eu tinha sim sentimento o bastante, pelo menos para os ouvintes que importavam.

Quando minha família me deixou respirar após os infindos abraços, recebi com timidez os elogios dos outros. As palavras me deixavam mais sem jeito do que qualquer outra coisa, porém era bom saber que tinham gostado.

— Então, Amary, sabe aquele convite pra banda… — Kita brincou.

— Eu disse que era melhor tocando do que na voz — respondi no mesmo tom.

— Olha, não é uma má ideia. — Benjamin sorriu, com sua expressão de “tive uma ideia brilhante”.

— Era piada, Ben. — Revirei os olhos.

— Não sobre participar da banda, acho que tu surtaria com as letras, mas que tal me ajudar na música nova? Tua mente deve ter ideias frescas e adicionar o violino, uau, seria fantástico!

— Eu amei a ideia! — Kita se empolgou de cara, erguendo a mão para trocar um cumprimento com o amigo.

— Gente, que loucura. — Fiz uma careta. — Ben, tu estava em crise, lembra?

— Não estou, não, já disse. A 4Dawn é meu lugar e preciso entregar essa música. — Não sabia se ele estava decidido ou tentando fugir da dúvida. — Vamos, Amary, diz que sim.

Pensei um pouco, me dando conta que criar uma música para uma banda famosa seria bem interessante, sem falar na chance de trabalhar com os meninos, que eram talentosos para caramba. No fim, dei de ombros, não tinha muito o que

fazer mesmo, pelo menos me ocupava.

— Ok, eu topo — concordei, exibindo um sorriso para a dupla em festa.





10 | Filha de Deus

Coloquei o exemplar de *Mulherzinhas* de volta na estante e fiquei parada, encarando as opções para a próxima leitura. Romances clássicos eram meu tipo favorito de livros, amava ler sobre os costumes das épocas passadas, ver as relações, o romance em moldes tão diferentes dos vistos nos nossos dias e a escrita rica. Não era à toa que eles eram clássicos, resistiram à gerações com suas histórias encantadoras e atemporais.

Mordi o lábio com a mão coçando para reler algum da Jane Austen — pela milésima vez.

— Toma — Jordana invadiu meu quarto, estendendo o livro que tinha pegado emprestado da minha coleção —, trouxe do jeito que me deu.

— Acho bom. — Estreitei os olhos, pegando o exemplar e folheando para ter certeza que não havia nenhuma dobra nas páginas, sujeira ou objeto esquecido, já que Jô nunca usava marcadores, só coisas aleatórias. Uma vez eu achei um grampo de cabelo. Um grampo!!!

— Aprovado, bibliotecária? — zombou quando guardei o livro.

— Para seu bem, sim. Quer outro?

Jô assentiu e foi para sua parte favorita, a de vida cristã. Eu realmente tinha uma mini biblioteca, minha família vivia indo ali procurar algum título.

— Já leu esse? — Ela ergueu o exemplar de *Isto é filtro solar,* do Emílio

Garofalo.

— Sim, é ótimo!

— Perfeito, vou pegar.

Ao invés de sair, ela se jogou no puff perto da estante e começou a ler. Pelo visto eu era mesmo uma bibliotecária, até meu quarto tinha virado meio comum para leitura.

Fui vencida pela Jane e peguei *Emma* para reler. Me deitei na cama e nós duas ficamos lendo, cena não rara na casa dos Silva. Estávamos viajando em letras e embaladas pela música clássica que eu coloquei de som ambiente, quando mainha bateu na porta, nos distraindo.

— Oi. — Ela entrou de mansinho, parecendo adentrar no quarto de um bebê e nós rimos por isso. — Que foi? O momento da leitura é muito solene.

— Veio chamar a gente pra merendar? — Passei a mão na barriga. — Tô com uma fominha mesmo, e aquele bolo de aipim… nossa! Boa ideia!

— Não vim pra isso. — Dona Val deu risada. — Queria conversar sobre uma coisa com a sua irmã, mas já que tu está aqui, acredito que será bom permanecer.

Jordana deixou o livro de lado e veio sentar na cama conosco.

— Aconteceu alguma coisa, mainha? — Jô perguntou com um vinco entre as sobrancelhas.

— Sim, aconteceu. — A mulher apertou os lábios, analisando a filha. — Quero que me diga se há alguma coisa de errado entre tu e o Arthur.

Jordana automaticamente me encarou. Balancei a cabeça em negação, mandando embora a ideia de que eu tinha contado sobre a briga.

— Não tem nada errado — Jô respondeu em um tom baixo.

— Então imagino que tu vai me explicar o que eu vi naquela noite lá na varanda, porque minha interpretação não foi boa.

Os olhos da minha irmã se arregalaram, o que excluía qualquer chance de fingir naturalidade. Logo juntei os pontos. Na noite do apagão, Ben puxou uma música animada e papai tirou mainha para dançar, depois Tia Meg e eu formamos uma dupla. Kita havia ido atender uma ligação de Ítalo e quando voltou viu Jordana sentada sozinha, então chamou ela para dançar, contudo, ao invés de só dizer não, a moça deu um gelo no coitado e foi sentar perto de Ben, o deixando com cara de tonto.

Eu jurava que só eu e Benjamin tínhamos visto a cena, porém Dona Valentina provou que não.

— O que a senhora viu? — Jordana sondou.

— Tu sabe, não finja que não. — O olhar sério fez até eu engolir em seco. Aquela mulher era muito doce, porém sabia ser severa quando necessário.

— Eu só não queria dançar com ele, oxe! Qual o problema? — A moça reagiu na defensiva. *Péssima escolha.*

Mainha não disse nada, apenas ficou encarando Jordana no mais assustador silêncio. Quis me eliminar daquela confusão, por isso levantei devagarinho, entretanto minha amada mãe não deixou que eu escapasse.

— Me conta, Amarílis, o que aconteceu ali? Sei que sabe.

Ah, mães…

— Eu? — me fiz de desentendida e os olhos castanhos tão parecidos com os meus me fritaram. — A Jô e o Kita brigaram por um caso de opiniões diferentes, porém isso foi na segunda, aquele dia foi só consequência.

— Amary! — Minha irmã jogou o travesseiro em mim.

— Ela é nossa mãe, não posso esconder nadinha, o radar delas só está abaixo do divino!

— Tá, a gente se desentendeu — a ré admitiu. — Ele é irritante, ficou batendo na mesma tecla num assunto e isso me tirou do sério. A senhora sabe como eu sou, não posso mudar meu temperamento, sou assim e pronto.

Jordana cruzou os braços, mas não teve coragem de olhar para nossa mãe. Com uma sincronia cômica, "Sinfonia do Destino", de Beethoven, começou a tocar na minha querida playlist e eu ri baixinho. Foi inevitável, o drama da melodia combinava com a situação. Contudo, o olhar de mainha me fez parar no mesmo instante e esticar a mão para desligar a música.

Dona Val suspirou antes de falar outra vez:

— Quero que vocês duas me descrevam como uma filha de Deus deve ser.

A pergunta não era surpreendente, já havia sido feita e sua resposta repetida mais vezes do que eu poderia contar.

— Gentil, generosa, diligente, amável… — citei algumas.

— Alegre, corajosa, cheia de fé e paciente — Jô disse outras.

— O que mais? — mainha perguntou diretamente à filha mais velha.

— Humilde, perdoadora, misericordiosa, cuidadosa… — Jô murmurou.

— E quais tu tá evitando dizer? Aquelas que eu te ensinei com ainda mais atenção.

Jô engoliu em seco, os olhos se enchendo de lágrimas. Não consegui ficar indiferente aos seus sentimentos, então envolvi seu tronco em um abraço. Com a voz embargada, minha irmã falou:

— Que não se ira facilmente… dona de um espírito dócil e tranquilo e… apaziguadora.

— Eu não estava lá durante essa tal discussão, então preciso que me diga: tu agiu assim com o Arthur?

— Não — a moça respondeu num fio de voz. — Fui explosiva, rude, grossa, tempestuosa, raivosa, provocadora e agressiva. Não agi nem um pouco como Jesus quer que eu aja.

— E tu quer permanecer assim? Vai continuar tocando na tecla que teu gênio é imutável?

Jordana balançou a cabeça para os lados, o choro fazendo seu corpo tremer. A apertei mais forte.

— Eu não consigo, mainha, quando eu vejo já foi, a resposta sai grossa. É tipo um vulcão explodindo. Como eu controlo isso? É impossível!

— Se tu não tem forças, Quem tem de sobra? — O tom da mulher se tornou mais suave e menos inquisitivo. Jô não respondeu de imediato, então mainha segurou suas mãos. — Quem, filha?

— Cristo. — Ela fungou. — Mas eu tento melhorar, só que tem vezes que é *tão* difícil.

— E quem disse que seria fácil? A vida cristã é uma luta diária contra nossa carne. Alguns dias são mais escuros e outros mais claros, no entanto a boa mão do Senhor vai estar com você em todos eles, até o fim. — Dona Val puxou nós duas para um abraço. — Minhas meninas, sei que cada uma tem suas lutas, mas quero que ambas se agarrem ao Pai, não desistam na primeira queda, nem na segunda, nem na terceira. Levantem e continuem andando em direção ao céu. E mesmo que diversos machucados surjam no processo, Deus prometeu curar todos, basta perseverarem. Prometem que vão ser o que Deus quer de vocês?

— Prometemos. — Nossa resposta veio em uníssono.

Ficamos no abraço de mainha por longos minutos, sentindo seu afago, sempre presente, até nas conversas sérias. Cada uma refletia naquela exortação, mas Jordana teria sua chance de reparo logo no dia seguinte.



Jô e eu estávamos esparramadas no sofá no meio da tarde, depois de cumprir nossas tarefas e podermos descansar com uma bacia de pipoca e os olhos vidrados no episódio de *Heartland*, nosso seriado favorito. Foi esse clima de tranquilidade que dois garotos resolveram atrapalhar.

— Venham nos encher depois, a gente tá ocupada. — Jordana abanou as mãos, os expulsando.

Ben a ignorou e se sentou ao meu lado, roubando minha pipoca. O encarei brava, mas ele só deu de ombros.

Cara de pau.

— Eu queria te dar uma coisa, Jordy. — Kita parou diante de minha irmã,

e da televisão.

— Sai daí, Arthur! — Ela ameaçou lhe arremessar uma almofada, mas pareceu mudar de ideia. — Pode sair da frente, por favor?

— Minha querida Jordana — ele se ajoelhou e só então notei que estava escondendo alguma coisa atrás das costas. Usando uma mão, agarrou a da moça com cara de choque —, dê-me alguns segundos de sua majestosa atenção, por mercê deste pobre coitado.

Troquei um olhar com Ben, ambos segurando o riso, que escapava mesmo contra nossa vontade.

— Ficou doido, garoto? — Jô tentou tirar a mão, contudo Kita resistiu. — Ai, que droga! Tá bom.

Ela pausou a série e encarou o rapaz, tentando manter a calma.

— Estava passeando pelos campos, muito desolado por nosso infortunado desentendimento, quando vi algo tão estonteante quanto a senhorita — ele claramente estava fazendo graça, o que deixou Jô pegando fogo, dava para perceber pela forma como ela mordia o lábio inferior. — Por favor, aceite este restolho, quando comparado à sua extraordinária beleza, como pedido de seu gracioso perdão.

Kita então tirou a mão de trás das costas e revelou um buquê — se é que dava para chamar assim — de flores do mato. Eram de cores vibrantes, e que não ornavam muito entre si, mas junto com o capim que ele usou para preencher os buracos e amarrar a obra, até que era jeitosinho. Bom, talvez para Duquesa, já para Jô…

— Tá tirando onda com a minha cara? — Ela franziu as sobrancelhas.

— Jordana, acredita em mim! — Kita sorriu para a onça em processo de redenção. — Não estou zombando, mesmo.

— O que é então? — A moça cruzou os braços, desconfiada.

— Quero pedir perdão, Jordy. — Agora ele falava sério.

— De onde tirou esse apelido? Pelamor! — Minha irmã soprou um cacho para longe do rosto, só para não desfazer a pose de durona.

— Vai, é fofo. — Ele bateu as flores no braço dela. — Me perdoa, Jozinha.

— Jordy é menos pior. — Seus ombros cederam.

— Tá, Jordy então. — Soltou o ar. — Tô falando sério, me perdoa por ter sido um idiota e ter discutido com você, não te tratei com o cuidado que uma moça merece. É que esse lance do favoritismo me incomoda, sabe? Sei do nosso esforço e é chato quando esquecem do resto da banda. Só que eu nunca diria isso pra nenhum outro fã, mas por algum motivo estúpido achei que poderia falar pra você, fui muito imprudente. Pode jogar minhas falhas pra longe e cogitar uma

amizade?

Jordana o analisou de modo meticuloso, procurando o mínimo sinal de brincadeira. Só que eu nunca tinha visto aquele moço tão sério. Por fim ela suspirou e pegou o ramalhete, cheirando e fazendo uma careta, que estava misturada a um sorriso.

— Bem que podia ser umas mais cheirosas, né? — Brincou com uma florzinha laranja.

— Isso é um sim? — Kita se sentou ao lado dela.

— Vai precisar de mais pra conquistar minha amizade, porém é um começo. — Deu de ombros.

— Já estou feliz. — Ele sorriu, escondendo os olhos com as bochechas.

Observei um sorriso brigar com Jô para se exibir.

— Então, Arthur — ela começou, sem jeito —, desculpa também, fui igualmente grosseira e impulsiva, deveria ser uma anfitriã e irmã em Cristo melhor. Às vezes eu deixo a carne falar mais alto, porém estou no processo, me perdoa por te machucar.

— Ah, não, seu pedido foi melhor que o meu — o rapaz resmungou de brincadeira, se afundando no sofá.

Observei com divertimento Jordana bater na cabeça dele com o buquê e uma discussão sobre o ego do nosso amigo ser travada. Roubei o controle e dei play no programa. Contudo, eles continuaram tagarelando como dois papagaios. O amigo ao meu lado cochichou um plano e eu assenti. Juntos, enchemos uma mão com pipoca e enfiamos na boca dos dois, fazendo o silêncio reinar.





11 | Juntando sons

Era manhã e eu já tinha riscado quase todos os afazeres da minha lista para aquela parte do dia, a qual consistia em regar a horta, dar comida aos cavalos, levá-los para o pasto, alimentar as galinhas e depois ir ver as cabras. Só restavam as duas últimas tarefas, isso se a Jurema colaborasse e parasse de show. Minha irmã era muito melhor com a galinha e seu temperamento enérgico, mas eu tinha deixado ela ir no centro com mainha e ficado com as suas tarefas também, sendo assim, precisava enfrentar a ave.

— Amary! — A voz de Ben me distraiu da tarefa de tentar fazer a fujona voltar para sua casa.

— Ben! Me ajuda aqui. — Apontei para a galinha. — Preciso pegar a Jurema.

— Tu comeu queijo? A gente deveria estar trabalhando na música agora.

— Minha memória tá ótima, e não, não esqueci do combinado. Se eu conseguir terminar minhas tarefas, aí sim tô livre.

— Ok, vamos acabar logo com isso. Tu cerca ela pela direita e eu pela esquerda. — O rapaz se moveu para um canto e eu para outro, encurralando a galinha. — No três a gente avança.

Concordei, me preparando para a investida.

Sabe aquelas competições de animais adestrados? No momento em que a

galinha pulou por cima de nossas mãos, fiquei tentada a inscrevê-la. A gente ganharia, certeza.

— Droga! — resmunguei estirada no chão.

— Galinha 1, Amary 0. — Ben deu risada e eu o fritei com o olhar. — Vem, eu te ajudo.

Segurei a mão dele, mas ao invés de deixar que me levantasse, o trouxe para o chão.

— Amarílis! — Ele arrancou um punhado de grama e jogou em mim.

— Ei! — Peguei um pouco de grama e revidei.

— Para de criancice. — O rapaz levantou e me ergueu pelos cotovelos. — Pronto.

— Tu que começou! — acusei, tentando tirar a grama do meu cabelo.

— Vira, eu te limpo. — Segurou meus ombros, me fazendo ficar de costas, e começou a tirar a sujeira das minhas tranças. — Vai fazer dezenove anos daqui a pouco, precisa crescer.

Virei o rosto, sem acreditar na sua cara de pau. Ben sorriu, entregando sua provocação.

— Seu mês de diferença não faz nem cócegas no quesito maturidade — rebati.

— Somos igualmente maduros, né? Boa colocação. — Riu.

— Na verdade, mulheres se desenvolvem mentalmente mais rápido, nós dois somos a prova viva. — Dei um sorrisinho de canto.

— Deve ser verdade, sempre te achei mais inteligente mesmo.

Olhei para ele, esperando ver o mesmo brilho divertido no seu rosto, porém encontrei um sorriso gentil que me deixou confusa.

— Que foi? É verdade, tu é muito inteligente.

Aquilo me pegou de surpresa. Não consegui formular uma resposta, nem mesmo quando Ben tirou a bandana amarrada em seu pulso e prendeu minhas box braids em um rabo de cavalo.

— Ótimo! Pronta pra batalha — ele disse. — Agora a gente precisa pegar uma galinha. Pode usar esse cérebro brilhante nisso também.

Fiquei parada por alguns segundos, tentando entender porque gostei tanto de ouvir aquele elogio. Balancei a cabeça, afastando o que julguei ser uma vaidade estranha. Quando voltei à mim, notei que Ben já tinha pegado Jurema.

— Ela ficou quieta, aleluia! — o rapaz comemorou, fechando a porta do galinheiro. — O que falta?

— É… — Tentei lembrar. — Ah, as cabras, só isso.

Benjamin concordou e me seguiu até o cercado onde os bichos ficavam.

— Elas já estão comendo. — Meu amigo franziu as sobrancelhas.

— Ah, eu não vim alimentar, o Estevão já fez isso hoje, só queria dar um oi. — Sorri, procurando duas em específico.

— É sério, Amarílis? — Ele parecia mesmo chocado.

— O que foi? O Tim-Tim e a Bolhas merecem minha atenção. — Revirei os olhos. — Isso foi muito insensível da sua parte.

Meu amigo cruzou os braços e se escorou na proteção, esperando impaciente. Sem me importar com ele, entrei no espaço e achei os filhotes.

— Oi, fofinhos. — Peguei um em cada braço. — Eu trouxe um visitante chatíssimo, me perdoem. Eu sei, eu sei, foi uma decisão ruim, mas ele fica no meu pé! O que faço, bebês?

— Tu ainda não perdeu a obsessão por filhotes? — Ben riu, desfazendo a cara emburrada.

— Nunquinha! — Dei risada, apertando minha dupla. — O que vocês falaram? — Aproximei o rosto deles. — Hum… boa ideia!

Então, estendi Tim-Tim para Ben.

— Ah, não, eu…

— Ele quer isso, não seja cruel. — Fiz cara de choro.

— Eu tenho certeza que tu bateu a cabeça quando era criança, só não lembro desse fatídico dia — zombou, porém pegou o cabritinho branco, enquanto eu fiquei com a preta. — Tá, ele é bem fofo.

— Eu sei! — Ri, fazendo carinho na Bolhas. — Viu porque eu amo eles? Dá vontade de ficar apertando o dia inteiro.

Ben examinou o ser de olhinhos brilhantes e esbugalhados, até Tim-Tim lamber seu nariz e ele se render.

— Droga, Amary, a gente tinha que estar tocando — choramingou, fazendo carinho no bicho. — Não consigo largá-lo.

Desistimos de pensar na música e ficamos entretidos com os filhotes, até o som de um cavalo se aproximando nos distrair. Era Kita.

— Por que eu tive a impressão que você disse que iria ficar pra trabalhar na música, Ben? — Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Foi culpa dele! — Ergueu Tim-Tim. — E tu? Não te achei mais depois do café.

— O pai da Amary me chamou pra ir com ele até o sítio de um amigo e eu topei. — Deu de ombros.

— Não tá tentando roubar meu tio, né? — Ben brincou.

— Fazer o quê? A gente se deu bem. — Sorriu. — Mas e aí? Vão querer minha ajuda com a música? Tô livre agora. Bom, isso se os cabritos não forem mais interessantes.

— Eles são. — Ben e eu respondemos juntos.

— Então também prefiro o Apolo. — Fez carinho no cavalo, o qual tinha virado seu *bestie*. — Se a Jordana estivesse aqui, ela com certeza já teria feito nós três pararmos de enrolar. Onde ela se meteu?

— Saiu com nossa mãe. — Coloquei Bolhas de volta no cercado e, com muito custo, consegui tirar Tim-Tim de Ben, o devolvendo para perto de sua família. — Vamos lá!

— Venho ver vocês depois, bebês. — Benjamin mandou um beijo para os filhotes e Kita e eu não contemos o riso. — Sem comentários, só vamos embora antes que eu desista.

Ben e eu fomos para casa e Kita foi levar Apolo. Deixei meu amigo no corredor e entrei no meu quarto para pegar o violino, já que ensaiaríamos no ateliê de Jô, por causa da acústica. Ao passar pela minha estante, parei para ver uma foto em que eu estava com vovó Jorgina. Sorri na certeza de que ela estaria animada com aquela oportunidade, tanto quanto eu.

Quando saí, Benjamin estava parado diante do móvel que ficava no corredor, segurando um porta-retrato enquanto um brilho divertido ganhava seus olhos. Só quando me aproximei percebi o desastre. *Por que raios, relâmpagos e meteoros eu tinha deixado mainha colocar uma foto de mim bebê ali?! Por quê?!*

— Que fofa, *My Little Pony* — o rapaz zombou na cara dura.

Tentei arrancar da mão de Ben, mas ele correu para a cozinha, encontrando nossas mães e compartilhando o achado com Tia Meghan.

Eu estava *uma gracinha* vestindo uma jardineira cor-de-rosa e o chapéu de vaqueiro de papai, que por sinal era enorme, pelo menos para a cabeça de uma garota de quatro anos. Completando o quadro, o pônei — que tinha virado meu melhor amigo naquelas férias — tentava roubar o acessório.

— *Own*, que fofa! — Tia Meg pegou o retrato da mão do filho. — Ben, lembra de quando a gente foi na fazenda de teus tios e tu quase morreu por causa de um pônei?

— Ele te perseguiu? — Arregalei os olhos para o rapaz.

— Que nada! — Meg abanou a mão. — O bicho não moveu um músculo, mas o pobre do Benjamin saiu correndo e caiu de cara numa pilha de…

— Então, mãe, chega. — Ben riu, totalmente sem graça.

Demorei alguns segundos para entender e explodir em uma gargalhada, junto com mainha e Meg. Por fim, Ben se rendeu e também riu da própria tragédia.

— Quantos banhos precisou tomar pra tirar o fedor? — o provoquei quando seguimos para fora de casa.

— Alguns, *Little*. — Deu um sorrisinho de canto e eu revirei os olhos.

— É sério?

— Seríssimo! Vai ser seu apelido oficial agora, aguente. — Passou o braço por meus ombros.

— Me larga, Sr. Esterco! — Saí de perto dele, rindo da cara de desgosto do rapaz.

— Vou desenterrar tuas histórias podres também, espere só.

— Nada tão nojento, certeza. — Apertei o nariz com os dedos. — Acho que ainda precisa tomar uns banhos.

Ben balançou a cabeça, exibindo um sorriso contido.

Finalmente chegamos ao ateliê. Era um galpão, no passado, mas papai cedeu o lugar para sua filha viciada em costura, tornando o lugar o refúgio de criação da minha irmã. Entramos e uma explosão de cores nos recebeu, fosse pelas almofadas em tons vibrantes ou as roupas penduradas em algumas araras no fundo do espaço. Um tapete fofinho estava sob o sofá de paletes e uma mesa com a máquina de costura ficava no canto oposto do móvel. Existia também um armário de madeira clara, que ornava bem com o ambiente de paredes brancas.

Ben e eu conseguimos afastar o sofá e deixar um espaço bem confortável para criarmos nossa música. Kita chegou logo em seguida e ajeitou o som para podermos começar.

— Esse lugar continua igual. — Ben sorriu, olhando ao redor.

— Tem a cara da dona. — Arthur se sentou no braço do sofá. — É legal.

— Não mexam em nada, beleza? — pedi com seriedade. — Convencer a Jô a nos deixar usar seu ateliê foi sofrido, qualquer bagunça e *bye bye.*

— Que pena, estava pensando em redecorar — Kita brincou, deixando seu lugar. — Bora começar? Mostra pra gente o que escreveu, Ben.

O rapaz concordou e abriu seu caderno de composições, cantarolando a primeira estrofe da canção, que era também as únicas linhas na folha.

— E aí? — Nos encarou, ansioso.

Olhei para Kita e ele olhou para mim. Caretas surgiram em nossos rostos.

— Meio piegas. — Arthur franziu o nariz.

— Piegas?! — Ben arregalou os olhos.

— Sim, meloso que chega dói. — Fui direta. — Tu pode fazer melhor que isso.

— Mas eu fiquei *horas* pensando nisso aqui. — Ele deixou o corpo cair num banquinho. — Poxa, não dá nem pra considerar?

— Benjamin, não tá legal, é a verdade. — O amigo deu de ombros.

— *Argh!* — resmungou, levando os dedos às têmporas e as massageando.

— Tudo bem? — Me aproximei dele, instintivamente preocupada. — Olha, desculpa se fomos diretos demais.

— A dor de cabeça não é por causa da música *piegas* — ele fez uma careta ao dizer a palavra —, ela já é quase parte de mim de tão constante. Mas tá tudo bem.

— É por causa da ansiedade? — eu quis saber.

— Hunrum. É só um lembrete de que ela tá aqui. — Ben deu um sorriso torto.

— Tá muito forte ou dá pra ignorar? — Kita se aproximou também.

— Já tô ignorando desde cedo, mas piorou bastante.

— Ok, então o "oizinho" dela já vai embora, precisamos de concentração. — Arthur tirou uma cartela de remédios do bolso e entregou ao amigo.

— Eu amo ter uma farmácia ambulante, privilégio de poucos. — Benjamin riu, pegando a garrafa de água que tinha consigo e tomando o comprimido.

— Tu anda com remédio o tempo todo? — Fiz uma careta para Kita.

— Não, só quando vou conviver com ele. — Apontou para o amigo. — Resumindo, são anos de experiência de como o Ben fica quando as crises de enxaqueca estão no ápice e a cabeça tá sendo palco de um showzinho particular da Dona Dor, a ponto de precisar do medicamento. Ele poderia carregar o próprio remédio, só que é um cabeça de vento e vive esquecendo.

— Por isso que tenho tu. — Benjamin ergueu a mão fechada e os dois trocaram um cumprimento. — Mas eu ainda me sinto um limão espremido até a última gota. Não tenho um pingo de ideia pra letra, me ajudem.

— Tá pedindo pra mim? Como compositor eu só sirvo pra ajustes — Kita disse. — Mas se pedir pra criar um solo…

O rapaz tocou algo que me pareceu familiar.

— Para de ser exibido — provoquei, fazendo ele rir.

— Então diz aí uma ideia de história pra cantar. — Ele segurou as cordas da guitarra, interrompendo o ecoar das notas. — Sei que ama ler romances, deve ter algo nessa cabecinha.

Encarei meu próprio instrumento, vagando pela minha mente à procura de romantismo escondido nos cantos, bom, um que não viesse da Jane Austen, já que não deveria ornar com a 4Dawn. Posicionei o violino e toquei uma melodia doce que me veio à cabeça. Produzir o instrumental era mais fácil para mim.

— Vai ser tão legal te ter tocando com a gente. — Benjamin sorriu quando eu acabei.

— Mas pra isso precisamos de uma letra. — Bati o arco na cabeça algumas vezes. — Ai, que difícil!

O silêncio nos envolveu enquanto pensávamos, sendo quebrado apenas

por acordes aleatórios de tédio. Esse clima seguiu por longos minutos, até Jordana colocar a cabeça dentro do cômodo e nos distrair.

— Como tá indo?

— Lentamente — respondi num murmúrio.

Jô assentiu, entrando no espaço. Por alguns instantes ela ficou parada, parecendo hesitar em alguma coisa.

— Arthur — ela chamou, enfim, fazendo o rapaz levantar os olhos de sua guitarra —, eu trouxe uma coisa pra tu.

A surpresa estava estampada no rosto do nosso amigo, e não só no dele.

— É? Uma cobra? — ele brincou, mas Jô não riu. — Eita, o que é, Jordy?

A moça abriu a bolsa e tirou um chocolate, entregando ao músico.

— Não colocou veneno aí, né? — Ben fez graça e eu lhe dei um tapa na cabeça. — Ai! Desculpa, péssima piada, tá bom.

— Não tô envenenando ele. — Jordana revirou os olhos. — Eu só estava no mercado e vi o doce, lembrei que num dia desses a gente estava no estábulo e tu brincou com o Ben que o Caramelo te fazia sentir falta do teu chocolate favorito, que não achou quando foi ao centro, então como tive mais sorte, resolvi trazer.

— Você lembrou disso? — Kita tinha um sorriso surpreso nos lábios.

— Hunrum. — Ela deu de ombros. — Era de caramelo mesmo, né? Tá certinho? É essa marca?

— É exatamente esse. — O rapaz observou o doce. — Quanto te devo?

Jô ficou o encarando com uma expressão de "é sério?", no entanto controlou a língua e respondeu num tom calmo:

— Eu estou te compensando pela grosseria, só isso.

— Já pediu desculpas, Jordy, estamos bem.

— Olha, existem situações em que pedidos de desculpas precisam vir junto de ações reparadoras. Estou corrigindo meu tratamento porque senti a necessidade de mostrar que estou mesmo tranquila contigo. — Ela ofereceu um sorriso sutil. — Enfim, espero que goste do chocolate.

Observei minha irmã ir para sua mesinha de trabalho e depois encarei Kita, que ainda parecia em choque. Me aproximei dele.

— Essa é a Jô normalmente, não a moça com quem discutiu. Aquela é só uma parte feia da mulher incrível que ela é — comentei baixinho.

— É, essa parte é mesmo muito bonita. — Ele sorriu, observando a prova do coração sensível de Jordana.

Deixei os garotos de lado um pouquinho e me aproximei da minha irmã. Abri um sorriso curioso ao ver um montinho de flores coloridas dentro do

caderno que Jordana tinha em mãos. Ela percebeu e o fechou rapidamente.

— Nananinanão, mocinha, eu vi — cochichei, cutucando o braço dela.

— Viu o quê? Eu hein. — Apertou o caderno contra o peito.

— Achei que não ligasse pra ele. — Tentei esconder o sorriso provocativo.

— Não ligo. — Fez uma careta para o rapaz distraído com seus pensamentos.

— E por que guardou as flores que ele te deu?

— É que eu… — Jô mordeu o lábio, brincando com as franjas de seu kimono.

— Que foi? — Segurei sua mão, curiosa.

— É que eu nunca recebi flores, de ninguém. — Deu de ombros. — É besteira, sei que ele estava zoando comigo.

Contive um sorriso.

— Não acho não, ele foi bem gentil. Apesar do tom brincalhão, as desculpas foram sinceras, deu pra ver. Ele colheu as flores e fez um buquê com todo o cuidado, sendo que poderia não ter feito isso. Sei lá, eu vi verdade em suas atitudes.

Jô observou Kita, que pareceu sentir seu olhar e a fitou também, abrindo um de seus sorrisos que espremiam os olhos. Percebi minha irmã sorrindo também e fiquei torcendo para ele amolecer logo o coração dela e podermos ter uma bela amizade, sem muitos atritos.

— Bom — ela pigarreou, desviando o olhar para mim —, não posso confiar nele tão rápido, né? Vai precisar me mostrar que é alguém que eu queira ter tão perto quanto um amigo e não um ser incômodo.

— Meu Deus, ajuda essa moça! — A balancei, fazendo sua risada encher o cômodo.

— Deixa de conversa e vem trabalhar, Little.

— Tô indo. — Soltei o ar, voltando para perto dos meninos.

— Diz aí um assunto que tu sempre quis ouvir numa música.

Mordi o lábio, buscando na memória.

— Ah! Uma sobre uma garota de olhos castanhos. Nunca vi nenhuma. São sempre olhos azuis ou verdes.

— Oxe, Amary, a 4Dawn tem uma sim. — Jordana tomou partido de sua banda favorita, e os dois integrantes reforçaram a afirmação.

— Tem? — Ergui as sobrancelhas, meio desacreditada.

— Vamos provar. — Ben sorriu para Kita e Jô.

Minha irmã se aproximou deles e limpou a garganta, pronta para ter seu momento tão aguardado nos últimos dias. Dei risada da sua empolgação e me

escorei na parede para escutar.

A melodia mais animada me fez mexer o corpo impulsivamente, curtindo o som. Então a voz de Jô e de Ben deram vida à canção, me deixando com um sorriso espontâneo ao perceber como soavam bem juntas.

Ela tem olhos de verão
No mais profundo de seu calor
Oh, eu finalmente descobri
Não éramos mais estranhos
Eu fui aprisionado por seus olhos castanhos
Pedras, prata e ouro puro
Nada tem o mesmo brilho
Nem os maiores ganhos
Explicam o que senti
Quando me vi preso nesses olhos castanhos
De estação em estação
Você tem um lar
Quando a vida pesar
Você tem um lar
Para seu coração
Um eterno par
Oh, querida
Eu te prometo
Com o mais profundo afeto
O amor mais sincero
Que sempre serei prisioneiro
Dos seus olhos castanhos
Dos seus olhos castanhos

Quando eles acabaram eu bati palmas, deixando meu preconceito com a 4Dawn de escanteio.

— Eu amei essa! E nossa, a voz da Jordana casou tão bem com a sua, Benjamin. A melodia é ótima, e Kita, eu achei teu solo sensacional! — Eu realmente estava empolgada.

— Tá com febre? — Jô colocou a mão na minha testa.

— Não, fui aprisionada por essa música. — Fiz graça.

Peguei meu violino de volta da case e toquei um trecho que tinha entendido as notas, só por brincadeira.

— Ei, faz isso de novo — Ben pediu e quando repeti, ele juntou seu

violão ao trecho que eu tocava.

O rapaz me pediu para tornar a tocá-lo e dessa vez Kita também juntou sua guitarra ao trio de instrumentos, até que por fim, Jordana fechou cantando o coro que tocávamos.

— Ficou incrível! — Jô bateu palmas. — Ei! O que acham da gente tocar ela inteira?

— Isso demoraria um tempinho, adicionar mais um instrumento não é tão simples — expliquei.

— A gente tem a manhã toda. — Ela deu de ombros.

— E a composição? — Olhei para os meninos.

— Bom, trabalhar em uma já pronta pode nos inspirar — Kita sugeriu.

Benjamin e eu concordamos, para a alegria da minha irmã. Então ficamos algumas horas focados em deixar "Aprisionado" com um toque diferente.

Quando a gente achou que estava bom o bastante, Jô nos pediu para deixar ela gravar o resultado final, o que, com certo custo, conseguiu.

Ela estava ajeitando a câmera quando Tia Meg apareceu. A mulher queria saber como ia o processo de criação.

— Então… — eu disse, hesitante. — Até que bem.

— É? — Ela deu risada. — Não sei se parece.

— A gente resolveu tentar um método diferente — Benjamin explicou. — Vamos tocar com a Amary uma que já lançamos, pra testar a junção.

— Ótimo! O Ítalo amou a ideia de colocar o violino na música nova, está cheio de expectativas. — A loira sorriu, claramente partilhando do sentimento do produtor.

Virei o rosto instintivamente para Ben, trocando um olhar de pânico.

— Vai ficar fantástico! — Arthur garantiu. — Pode confiar.

Deus queira que sim.

— Tenho certeza disso — Meg assentiu. — Mas o produtor de vocês não ligou só pra expressar sua animação, ele me pediu para tirar algumas fotos dos bastidores e ajudar no marketing da música nova. Então, deixem euzinha fazer uns breves registros, ok? Não precisam fazer nada além de agir naturalmente.

Engraçado, dizer isso parece um incentivo para fazermos tudo, menos agir naturalmente. Resolvemos passar o som e deixar Meghan fazer seus tais registros. No fim ela deu seu aval para seguirmos em frente.

— Pode ficar e assistir, mãe. — Ben sorriu para a mulher, que se animou com a ideia.

Jordana indicou nossos lugares no enquadramento perfeito da câmera e então começamos. Nunquinha na minha vida imaginei que iria estar no ateliê da

Jô tocando com ela e mais dois amigos, tampouco uma música da banda do Ben.
E imaginei muito menos o resultado que aquele vídeo teria.



12 | Lilica

— Espera, Ben! — gritei em meio a uma risada.

Meu amigo tinha me chamado para correr algumas voltas com ele antes de irmos buscar os cavalos para levar de volta à fazenda. A área que estávamos era um pequeno relevo, com uma trilha circular. Como era fim de tarde, a vegetação estava coberta por aquela luz dourada que eu simplesmente amava, o que tornou o exercício empolgante. Mas só nas primeiras duas voltas. Na quarta eu só queria minha cama.

— Teu condicionamento físico não tá legal, hein? — ele zombou, correndo de costas, metros adiante de mim.

— Tu corre todo dia, eu não — respondi esbaforida.

— Precisa começar a me acompanhar, faria bem pra tua saúde e eu iria gostar da companhia — ele fez uma pausa antes de acrescentar: — Eu e o Kita. E a Jô foi com a gente uns dois dias, talvez empolgue em continuar.

— Quer que eu corra com vocês? De manhã?

— É, se tu quiser. — Deu de ombros, exibindo um sorriso contido.

— Legal, pode ser. — Tentei não parecer muito animada com o convite.

Espera. Mas por que eu tô tão animada com o convite?

O rapaz diminuiu o ritmo e eu o alcancei, colocando os pensamentos em mudo. Corremos o caminho de volta em silêncio e, de soslaio, observei como ele

estava concentrado.

— Eu não conseguiria correr todo dia sem música — comentei, chamando sua atenção.

— A corrida é meu momento de reflexão. Eu gosto de aproveitar para analisar meus pensamentos e organizar a bagunça que eles fazem aqui dentro. — Apontou para a cabeça. — E quando estou correndo sozinho também aproveito pra orar, o que não me deixa sentir a solidão esperada.

— Isso é ótimo, eu só penso em não cair dura ou tropeçar.

Ele riu.

— Correr em lugares bonitos me deixa animado e inspirado para o resto do dia. Tem uns parques muito legais perto do meu apartamento. Se tu for me visitar, te levo em alguns.

Aquela ideia me fez sorrir.

— *Quando* eu for — corrigi.

— Ótimo! Já tô programando mentalmente nossos passeios. — Ele me dirigiu um sorriso. — A gente pode fazer mil coisas e o pessoal da igreja, nossa, eles vão te amar!

— Acha mesmo? — Ergui as sobrancelhas.

— Tenho a mais absoluta certeza, Little. — Passou o braço por meus ombros.

— Tu tá suado, para! — Tentei me esquivar. Ele sempre fazia aquilo, era insuportável.

— Mas tu também tá! Ou é o alecrim dourado que nasceu no campo sem glândulas de suor?

Gargalhei, tentando entender de onde ele tinha tirado aquilo.

— Receba meu carinho de longe. — Dei uma corridinha, ficando de frente para ele e fazendo um coração com as mãos. — Ah, e eu gosto das minhas glândulas, só não quero descobrir nada sobre as suas.

— Anda direito, vai acabar caindo.

— Eu não… — tropecei, porém consegui me manter em pé. — Tá me jogando praga, Benjamin?!

— Eu sou de Jesus, só lanço bênçãos. — Piscou.

Iria argumentar, contudo o som do celular dele me silenciou. Quis dizer o quão egocêntrico era que o toque fosse uma música da sua banda, porém me calei. Endireitei o corpo, continuando à frente dele para lhe dar certa privacidade, ainda que fosse impossível não ouvir.

— Oi, pai — Ben atendeu, revelando que era Seu Juliano.

— Tu tá correndo a essa hora? No meio das férias? — A resposta me fez olhar para trás e perceber que era uma chamada de vídeo.

— É, minha rotina não muda, sabe disso.

— Às vezes eu esqueço de como tu funciona, muito sistemático — o homem respondeu em tom divertido.

— Como o senhor tá? — Benjamin mudou de assunto.

— Bem. E vocês?

— Muito bem. — Ele fez uma pausa antes de perguntar: — E sua namorada?

— Igualmente bem. — Houve outra pausa. — E a bebê também, sei que é isso que quer perguntar, porém toda vez fica dando voltas.

Arregalei os olhos com a informação. Benjamin tinha uma irmã?

— Ela tá por aí? Queria dar um oi. — Podia saber que Ben sorria mesmo sem olhá-lo.

— Saiu com a Luísa, mas vou dizer que você ligou e sei que ela vai ficar doida pra retornar, então se prepare pra horas de tagarelice naquela língua embolada. — O pai riu.

— Não me importo, amo nossas conversas. — O tom de Ben tinha uma alta dose de carinho e isso só aumentou minha curiosidade. — Preciso desligar, tenho que fazer uma coisa agora.

— Tudo bem, te ligo mais tarde. Boa noite, filho.

— Boa noite. — Ele desligou.

Continuei andando, como se nada tivesse acontecido. Não queria ficar especulando porque ele não tinha contado aquilo. Mas também, fazia poucos dias que eles chegaram, era normal ter novidades em aberto. MAS UMA IRMÃ? Ok, meia-irmã. Porém ainda era uma irmã.

— O nome dela é Alice. — A voz de Benjamin me assustou.

— Ah, é? Bonito. — Tentei agir com naturalidade.

— Não contei porque não surgiu a oportunidade, não crie paranoias.

— Ei! — Me virei, só que não consegui dizer "eu não fiz isso". — Ela tem quantos anos? Vocês se dão bem?

— Ela tem 1 ano e 5 meses, nos damos bem até demais. A Lilica é super esperta e não me dá sossego quando consegue roubar o celular do pai, vive me ligando nas horas mais aleatórias do dia. — Balançou a cabeça, tentando não sorrir, mas falhando.

— Sabe que não tem problema a amar, né? — Franzi o cenho.

Ben deu de ombros. Diminuí o passo e fiquei ao seu lado.

— Tive muito medo de desrespeitar minha mãe no início, raramente ia ver a Alice, só que aí me dei conta de que ela era apenas uma bebê e não tinha culpa de nada. Foi quando me aproximei dela que consegui perdoar meu pai. Minha irmã foi um meio de Deus me curar da mágoa. — Ele suspirou. — Mas

mesmo assim, meu relacionamento com o Seu Juliano, aquela amizade que tínhamos, se foi. A traição fica voltando à minha mente, sabe? É sempre estranho estar na casa dele, sair com ele, até falar com ele. O perdão não apaga as atitudes ruins e suas consequências, e sei que será uma luta constante pra corrigir nossa relação pai e filho.

— Vai conseguir, sei disso! — encorajei. — Bom, talvez nunca volte ao que era antes, porém a leveza deve ir tomando o lugar desse desconforto todo.

— Oro por isso, de verdade.

— Tem alguma foto da Alice? — Juntei as mãos debaixo do queixo, decidindo mudar de campo.

Ben riu e mostrou a bebê de cachinhos e olhos que pareciam muito com os do meu amigo. Ela estava no colo do irmão, sorrindo para ele, e aquela cena me deixou com o coração quente. Pecados destroem coisas, mas Deus tem Seus meios de tornar mal em bem.

— E como tua mãe reagiu? — Voltei para o campo delicado. — Se quiser falar disso. Se não, a gente volta para como as bochechas da Lilica são a coisa mais fofa do universo.

— São mesmo, né? Vivo as apertando, coitada. — Ele sorriu. — Mas eu gosto de falar com você, normalmente não faço isso, quer dizer, falar sobre as coisas que sinto. É tão mais fácil guardar tudo pra mim.

— Não precisa fazer isso, sua *bestie* tá aqui, toda ouvidos! — Enlacei meu braço ao seu.

— Senti saudades disso. — Seu sorriso me fez sorrir. — Então, minha mãe ficou mal, obviamente, porém agora já tá tudo bem. Ela enfim está superando o meu pai e todo o mal que a atingiu. Estamos numa fase de tranquilidade.

— Devem ter ficado bem próximos depois de tudo.

— Muito! Viramos os melhores amigos, mesmo. A gente faz um monte de coisas grudados, ela se envolveu ainda mais com a banda, então trabalhamos juntos também. Mas a parte mais legal é fazer coisas que a gente não fazia antes.

— Tipo?

— Nós dois viramos viciados em cinema, eu brinco que somos quase críticos, de tantos filmes que vemos. — Riu. — Ah, e passamos a fazer as coisas que o outro gosta também. Sério, Amary, minha mãe me fez ler, inclusive romances, um monte deles. E o pior de tudo é que eu gostei, estou na fase de comprar e ler por livre e espontânea vontade.

— Benjamin, lendo romances? Sua mãe fez o que eu nunca consegui, vou enchê-la de beijos quando chegarmos — comemorei.

— Posso fingir que só leio pra fins de inspiração na hora de compor as

músicas? — brincou.

— Não mesmo! Tu é um leitor de romances, aceite. — Dei risada. — E o que ela fez por tu, Sr. Bookstan?

— Obriguei ela a fazer todos os tipos de atividades físicas possíveis. A gente andou de patins, correu uma maratona, jogou vôlei, nadou…

— Tu gosta mesmo de esportes, né?

— Muito! A Rebeca me disse que exercícios são bons pra controlar a ansiedade.

— Quem é Rebeca? Falou dela naquele dia no carro.

— Ah, minha psicóloga. Ela é incrível! Foi uma benção encontrar uma profissional cristã, ajuda muito.

— Fico feliz que tu esteja se cuidando, mesmo. — Dei um empurrãozinho em seu ombro.

— Se preocupa comigo? — perguntou, me fazendo olhá-lo.

— Um tantinho assim. — Abri os braços o máximo que pude.

— Droga, como eu não fico com vontade de te abraçar se tu é tão fofa?! Vem aqui. — Ameaçou me agarrar, mas eu escapuli.

Corri dele o caminho inteiro de volta, até chegar no pasto.

— Sai fora, Ben! — Abracei Duquesa. — Me salva, Du.

— O que uma égua vai fazer por você? — Meu amigo riu.

— Te dar um coice, te morder, pisotear… Ela é treinada.

— Essa garota aqui nunca me machucaria, somos bons amigos. — Fez carinho nela, que pareceu apreciar o toque. — Viu?

— Me traindo, Duquesa? — Estreitei os olhos.

Ben ficou todo convencido e decidiu que levaria ela e Crystal naquele dia, enquanto eu fiquei com Apolo e Caramelo.

— Ei, depois de tomar banho, bora trabalhar na música? — ele sugeriu.

— Escreveu algo?

— Tecnicamente… sim? — Fez uma careta e eu já me preparei para as pérolas.

Deixamos os cavalos no estábulo e cada um seguiu para uma direção, a fim de tomar banho. Alguns minutos depois, lá estávamos os dois na sala da minha casa, Ben com seu violão e eu com meu violino.

— E aí? — Ergui as sobrancelhas.

— Certo. — Ajustou o instrumento no colo antes de tocar algumas notas introdutórias. — *Não importa onde eu esteja/ Meus olhos sempre procuram você…*

Então ele parou e me olhou.

— O que foi? Continua, estava bom.

— Então… — Coçou a nuca.

— É só isso? — indaguei desacreditada. — Benjamin! Dois versos? Jura?

— Já que é moleza, por que tu não termina, fada da composição?! — Soltou o ar, irritado.

— Fada? — Mordi os lábios, tentando não rir. Ele continuou com a cara fechada. — Ei, não é minha culpa se o compositor experiente não compõe, tá? Eu nunca disse que sabia fazer isso.

— Eu sou um desastre. — Deixou o violão de lado e cruzou as mãos atrás da cabeça.

— Não é, não. — Afaguei seu braço. — Tu só precisa ir com calma, na hora certa tudo…

— Se acerta? — completou com um sorriso sutil.

— Mais ou menos isso. — Ri. — Olha, as rimas estão em dia.

— Que rima de qualidade essa, hein? Nada previsível. — Balançou a cabeça.

— Bom, deve ter uma que preste nesse caderninho. — Peguei o objeto ao seu lado. — Vejamos a mente artística de Benji.

Passeei pelas páginas, achando graça de como o fluxo de ideias dele era agitado — percebia isso pelas rasuras — as palavras provavelmente fluíam rápido demais para serem perfeitas. Reconheci algumas letras que já haviam sido lançadas, mas a que me prendeu mesmo a atenção foi a última escrita.

— *Meu coração é todo Teu/ Fecho os olhos e me entrego/ Com toda devoção* — cantarolei alguns versos. — *Sei a Quem pertenço/ Na canção desse mundo não me encaixo/ Vou Te seguindo/ Rumando pra longe daqui.*

— Tá no ritmo errado. — Ele pegou o violão e tocou, cantando os mesmos versos na melodia correta.

— Que lindo. — Deixei escapar um suspiro, fazendo Ben rir.

— Essa não deveria estar aí, normalmente anoto as cristãs em outro lugar.

— Bom, o que importa é que eu amei! Podia mostrar para o mundo!

— Calma, Little, tá se empolgando demais. — Puxou uma trança para me irritar.

— Para de incorporar o Gilbert Blythe[4]! — Revirei os olhos. *Pena que não tenho uma lousa pra quebrar na cabeça dele.*

— Quem?! Ah, esquece, já sei que é de algum livro — disse, me conhecendo muito bem. — Voltemos pra música que precisamos compor, que tal?

— Por que sempre foge quando o assunto é seu dilema musical? Tem

medo de alguma coisa?

Benjamin suspirou, abaixando os olhos para as cordas de seu violão. Não era a primeira vez que notava seu comportamento, parecia haver algo o incomodando.

— Eu gosto tanto disso — ele disse, prendendo minha atenção —, gosto de fazer música. No início era pura diversão, eu só escrevia algumas letras que me vinham à mente e pronto, as cantava. Me sentia leve. Só que nos últimos meses tô meio estranho. Eu escrevia poucas músicas dessa que tu achou, mas agora elas fazem barulho bem mais vezes.

— E o que acha que causou isso?

— Deve ser o cansaço, provavelmente achei um escape nessas outras letras, posso escrever o que quiser, só Deus as ouve e sei que Ele aprova, então é reconfortante ter algo simples assim.

— Certeza que não é nada mais? — Ergui a sobrancelha.

— Hunrum. — Forçou um sorriso. — Vamos continuar? Não temos tanto tempo assim.

Concordei, sabendo que, assim como aconteceu comigo e meu violino, Jesus também mostraria a Ben qual era Sua ordem, aquela que sobrepõe as inseguranças.





13 | Eufonia

Ben e eu estávamos voltando de uma caminhada no fim de tarde seguinte — graças a sua determinação em me fazer gostar daquilo, me arrastando além da corrida pela manhã —, quando um furacão cacheado apareceu.

— Que demora! A gente vai ter que carregar vocês pra casa? Pelo amor das minhas lantejoulas! — Ela praticamente arrastava Kita pelo braço.

— Eu não aguento mais andar, sério. — O rapaz sentou na cerca, enquanto minha irmã caminhou até nós. — Viemos aqui no pasto, mas vocês não estavam, então a Dona Jordy resolveu vasculhar a fazenda. Claro, menos onde estavam.

— Demos uma volta. — Apontei na direção do morro. — Mas o que houve? Tudo bem lá em casa?

— Ah, sim! — Jô abanou a mão. — Só que aconteceu a coisa mais incrível que poderia acontecer com nós quatro ao mesmo tempo.

— Ganhamos na loteria? — chutei.

— E por acaso a gente *jogou* na loteria? — Ela revirou os olhos. — Venham, vou mostrar.

Cada um de nós pegou um cavalo e caminhamos até em casa. Após deixarmos os bichos em suas baias, Jô nos arrastou para seu ateliê.

— Lembram do vídeo que postei uns dias atrás? — Ela abriu seu notebook sobre a mesa.

Assentimos. Jordana obviamente não perdeu a chance de publicar em seu canal o cover com participação dos próprios donos da música.

— Chutem quantas visualizações tivemos. — Tamborilou as unhas compridas na mesa.

— Mil. — Foi minha sugestão.

— Minha irmã, tu tá desesperançosa, hein? Pelamor! Muito mais.

— Cem mil — Kita chutou.

— Mais alto, Arthurzito. — Ela ergueu uma sobrancelha, esboçando um meio sorriso.

— A gente tá ferrado! — Ben exclamou, chamando nossa atenção. O rapaz estava encarando o celular, mais ágil que o mistério de Jordana. — Trezentas mil? Sério? Como?

— Hã? — Puxei o celular de sua mão, confirmando o número 300.000 na parte das visualizações. — Eita!

Para completar, o celular de Arthur tocou e seu rosto ficou igual papel.

— Ítalo… — Olhou para Benjamin. — E é em vídeo.

— Ou seja, ele quer que vejamos sua fúria — Ben completou, tão pálido quanto.

Arthur engoliu em seco e atendeu a ligação.

— A gente não planejou isso… — O rapaz começou a explicar. — Foi um vídeo despretensioso.

— Bom, se tivessem planejado não teria sido tão bem feito! — O homem de fios grisalhos artificiais riu. Ítalo parecia mesmo aqueles produtores de filmes, a imagem veio à minha mente desde que o vi no show.

— Quê? — Os meninos falaram ao mesmo tempo.

— Vocês estão fazendo um marketing melhor do que imaginei para a música nova. As pessoas já estavam criando teorias depois da foto misteriosa dos bastidores que postamos na página da banda, agora com essa novidade, não param de especular como a mocinha do show foi parar num vídeo com vocês dois.

Arregalei os olhos.

— Especular? — Fiquei ao lado de Kita para ver o produtor. Aquela palavra não me agradou.

— Ah, elas são criativas… — Ítalo riu, parecendo bem satisfeito. — Um grupo defende um romance entre você e o Benji, ou com o Arthur, né? Vai saber.

Meu rosto ardeu tanto que achei que iria virar o próprio sol e não tive coragem de olhar para nada além da tela.

— Tem também o outro lado — Ítalo prosseguiu —, esses defendem com unhas e dentes que você foi um achado, puro talento. Não sei qual é a certa…

— Nenhuma das duas — Kita interviu. — Só estávamos tocando por diversão, não era para ter esse alvoroço.

— Você não é tão ingênuo, meu amigo. — O homem sorriu. — Sabe que o público ama uma história e receberam uma.

— Tá, e o que a gente faz agora? — Ben perguntou.

— Continuem, oras! Eles vão amar ver vocês quatro juntos de novo. Aliás, cadê a outra?

— Aqui. — Puxei Jô para perto de mim.

— Você, mocinha, está fazendo os fãs desejarem uma voz feminina no grupo. Eu nunca tinha pensado nisso, mas quem sabe… — Ficou pensativo por alguns segundos, até voltar ao foco. — Enfim! Gravem mais, vamos alimentar essa fogueira.

— Mais? — Arthur franziu a testa. — Ítalo, o foco era a música nova, lembra? Não temos tempo pra isso.

— Vocês conseguem, meus garotos! Confio totalmente no potencial da minha duplinha favorita. Bom, agora está virando um quarteto, mais o Túlio e o Yuri, um sexteto! — Ele riu de novo, como se tivesse sido a piada do século. — Enfim, deixem de conversa, vão lá colocar nosso plano em ação.

Nós quatro nos entreolhamos, no entanto não dissemos nada, por hora.

— Ah, e me liga depois, Arth, quero que me conte tudo da viagem. — O tom do homem mudou para algo quase paternal. — Tá se cuidando, né?

— Não sou criança. Na verdade, eu que deveria perguntar isso.

— Bom, por aqui a pilha de caixas de fast-food não tá legal… — brincou.

— Aprende a cozinhar, cara, não quero achar seu corpo quando eu voltar. — O rapaz riu e os dois se despediram, encerrando a chamada. — É, meus amigos, a gente se deu mal.

— Mal? Olha esses comentários. — Jordana apontou para a tela do computador. — “Estou viciada nessa versão. Preciso dela no Spotify, urgente!” e “Achei que essa música não podia melhorar, mas isso tá sensacional!" e mais: “Por tudo que é mais sagrado, postem mais músicas juntos, qualquer uma, até canção de ninar”.

— Esse foi bom. — Kita deu risada.

— Tem centenas de outros, porém resumindo, amaram nosso som! A gente precisa gravar mais. — Jordana nos fitou, eufórica.

— Não quero fazer isso. — Ben estava sério.

— Nossa, não sabia que tinha detestado tocar com a gente — Jô

resmungou.

— Não é isso! — Ele ergueu as mãos. — Eu amei tocar com vocês, é que…

— Tá em crise — comentei baixinho.

— Amary… — ele me repreendeu.

— Nunca te vi rejeitar tocar, Ben. — Kita franziu a testa. — Qual o problema?

O rapaz respirou fundo e foi se sentar no sofá. O seguimos.

— Já sentiu que chegou no limite de algo? — Ben murmurou. — Estou enjoado, frustrado, cansado e vários equivalentes à exaustão. Eu quero minhas férias pra não ser obrigado a tocar as mesmas músicas mil vezes. Era pra ser um tempo de descanso, e no fim eu estaria pronto pra voltar. Mas a 4Dawn não sai da minha vida nem que eu pegue um avião! Isso é uma droga.

Olhei para meus companheiros, que aparentavam estar tão preocupados quanto eu. Jordana sentou ao lado do amigo e o abraçou, ao passo que Ben repousou a cabeça no ombro dela. Tive um déjà-vu de nossa adolescência, quando os pais de Ben brigavam e ele corria para nossa casa, ou quando eu tinha uma apresentação horrível e ia até os dois do mesmo jeitinho. Éramos um time, não, uma família. E quando um de nós passava por algum problema, ninguém descansava até resolver. Quando vi Kita sentar ao lado do amigo e apertar seu ombro, eu soube que nossa família tinha aumentado.

— Vamos te ajudar — eu disse, me abaixando diante de Ben.

— Se tu falar que eu tô tendo uma crise musical de novo, vou tirar teu título de “fofa”. — O rapaz riu um pouco, endireitando o corpo para me olhar.

— Ia dizer que tu tá saturado dessa banda, por isso, vamos trocar por outra. — Abri um sorriso animado.

— Qual?

— Oxe, nós! A sua bandinha de fundo de quintal — expliquei, os fazendo rir. — Não vamos tocar 4Dawn…

— Mas e o Ítalo? — Jô perguntou.

— Ele falou que a gente tinha que continuar postando, porém não disse quais músicas. Se ele reclamar nós dizemos que é uma estratégia de marketing muito melhor.

— Cantar músicas alheias? — Kita arqueou uma sobrancelha.

— Não, impedir que o vocalista surte e jogue a banda pro ar. — Dei de ombros.

— Ah, nossa, que bom ponto. — Ben sorriu, balançando a cabeça.

— Tô mentindo?

— Não. — Fez uma careta.

— Mas não diga isso a ele, Kita — me virei para o rapaz —, só fala que é um meio de deixar os fãs alimentados, porém com expectativas pra outra música da 4Dawn com nossa trupe.

— Boa, Amary! — ele concordou.

— E o que vamos tocar pra distrair o Ben? — Jô quis saber.

— Diz aí uma música que tu gosta. — Olhei para o alvo do nosso socorro.

— Muitas.

— Eu resolvo. — Jordana pegou o celular dele e procurou o aplicativo de músicas, navegou até achar as que estavam sendo mais repetidas. — Ah, eu amo essa! Olha, Amary.

A moça então mostrou que "Sublime Dança", do Israel Subirá, estava lá no topo da lista. Minha irmã e eu tínhamos escutado muito aquela nas últimas semanas e sabíamos de cor e salteado.

— Nosso vício recente, estava até na playlist da viagem pra São Paulo — contei. — E eu sei tocar no violino. É cristã, mas a gente já tá mudando tudo mesmo, que tal algo radical?

— Maravilha! Arthur e eu também ouvimos essa pra caramba. — Ben encarou o amigo, que concordou de imediato.

— Beleza, vamos nessa! — Jordana levantou e pegou sua câmera e tripé.

Ela ficou ajeitando essa parte enquanto os meninos e eu fomos pegar nossos instrumentos. Quando terminei de afinar meu violino, fiquei observando Ben rir de alguma coisa que Kita tinha lhe dito. Vê-lo feliz produzia o mesmo sentimento em mim. Se a nossa família de amigos compartilhava as frustrações e tristezas, não poderia ser diferente com as alegrias.

O som de uma sequência de notas me distraiu da dupla, só para ver minha irmã dedilhando seu próprio violão.

— Que foi? — Jô sorriu. — Vocês são *muito* lentos. Tenho que cogitar a possibilidade de fazer tudo sozinha.

— Já sabemos quem é o integrante com mais chances de seguir carreira solo, não é mesmo? — Kita estreitou os olhos, ao passo que Jordana lhe mostrou a língua.

— Só não te esgano porque quero que cante a última parte da música sozinho — ela disse.

— Eu? — O rapaz arregalou os olhos.

— Não, Martinho Lutero! Quem acha que é?

— Mas porque eu?

— Tua voz vai combinar. — Ela sorriu, dando de ombros. — Te ouvi cantando naquela noite e fiquei pensando agora, acho que é perfeito.

— Minha voz é perfeita? — Deu um sorriso provocativo.

— Não, o encaixe dela com os versos mais suaves. — Rolou os olhos, mas Arthur ainda sorria do mesmo jeito, claramente zombando da moça. — Vamos começar antes que eu perca meu domínio próprio?

Tomamos nossos lugares e após a contagem de Benjamin, começamos a tocar. Foi preciso algumas tentativas até sentirmos confiança para a versão final.

Eu já havia feito aquilo — tocar — muitas e muitas vezes, fosse em festas, dias comuns, apresentações em teatros, concursos e sei lá mais o quê. A questão é que eu nunca tocava em primeira instância pelo público, tampouco por elogios ou fama. Era simples e puramente pelo intenso desejo de ouvir aquele som característico do violino, ver aquelas cores que só existiam na minha mente e me sentir fora de órbita, uma viajante no espaço criado pelos acordes. A música me levava a outro lugar, um onde as notas eram mais que simples sons ritmados, elas eram vozes internas. Música era a voz do meu coração.

Minha adoração mais sincera vinha em momentos nos quais as palavras pareciam pouco e tudo que eu conseguia fazer era tocar. Como uma linguagem pessoal entre Deus e eu. Ele entendia como cada nota era para Ele e eu sentia que se me concentrasse bem, quase podia vislumbrar Sua presença. Não era nada físico ou visível, era como se minha alma soubesse que não estava sozinha, que meu Senhor observava, melhor, apreciava as canções do meu coração.

E naquele momento, no lugar que tinha virado nosso estúdio, eu experimentei essa exata sensação. Era como se estivéssemos em perfeita sintonia, cantando e tocando com a mais profunda sinceridade.

— *Tudo converge em ti/ Tudo converge em ti /Meu redentor /Meu redentor* — Arthur cantou, apenas com o dedilhar suave do violão.

— *Me envolveu em sua dança…* — Jô se juntou a ele, e mesmo que a voz feminina fizesse parte da canção original, acho que o rapaz estava tão concentrado que se assustou, pois abriu os olhos que antes estavam fechados. Naquele pequeno espaço de tempo, percebi que a junção da voz dos dois era uma eufonia. — *…Ao som de harpa humana com passo de céu.*

— Ficou incrível! — Ben se virou quando a última nota parou de ecoar. Jordana e Arthur desviaram o olhar um do outro para o amigo. — Vamos tocar outra?

Concordamos e depois de decidir por uma que os quatro conheciam, tocamos. Estávamos tão empolgados que emendamos mais uma e quando escolhíamos a quarta, mainha apareceu.

— Pessoal, não estão com fome? Já são 19h.

— Já? — Arregalei os olhos. — Nem percebi.

— O som estava ótimo — ela elogiou com um sorriso carinhoso e nós

agradecemos. — Mas precisam conservar esses corpinhos em pé, então venham comer. Meg e eu fizemos pizza.

— Pizza?! — os meninos disseram juntos e foram os primeiros a deixar os instrumentos e seguir a mulher.

Jô e eu rimos, dando uma arrumada em tudo antes de sairmos também.

— Nossa, eu amei o resultado. E tu? — minha irmã compartilhou, enquanto íamos para casa, com as estrelas dando seu olá costumeiro e uma brisa fresca soprando.

— Já estou ansiosa pra gravar mais. — Sorri empolgada. — "Sublime Dança" ficou linda, né?

— Ah, demais. Amo essa música. — Escondeu as mãos nos bolsos do shorts larguinho que usava.

— Principalmente aquele final, ou tô doida? — sondei.

— Tá doida. Gostei de tudo. — Mordeu o canto da boca. — Tá bom! A voz do Arthur é linda e eu amei cantar com ele.

— Assim, na lata? — Ri, bem surpresa.

— Oxe! E desde quando elogiar a voz de alguém é algo extraordinário? Só não posso fazer isso na frente dele, porque aquele ego vai se expandir até engolir todos nós.

— Que exagero! Ele faz isso de brincadeira.

— Tô nem aí. — Balançou os ombros. — Ele é irritante e ponto final.

— Irritante, mas com uma voz per-fei-ta — provoquei, a levando a correr atrás de mim.

Fui mais rápida que sua tentativa de me estapear e entrei em casa, indo na cozinha pegar minhas fatias de pizza. Jô me deu um beliscão quando me alcançou e eu revidei, iniciando uma briga que foi interrompida por papai.

— As crianças comem lá fora. — Seu Ulisses nos empurrou para a varanda, onde os meninos comiam sentados nos degraus.

Nós quatro ficamos nos entupindo de pizza e conversando sobre música, o plano doido do Ítalo e mais o que desse na telha, menos a composição que aguardava em *pause*.

— Venham, vou atiçar a fogueira, como diria nosso amado produtor. — Kita tirou a sua câmera do pescoço e a estendeu para fazer uma selfie em que coubesse todos nós. — Beleza! Também vai ficar ótima no meu álbum.

— Álbum? — Jordana comeu seu último pedaço de pizza.

— Hunrum. Tá lá em casa, estou doido pra chegar e encher as páginas.

— É tipo um diário fotográfico — Ben explicou.

— Legal! — Jô sorriu, sincera.

— Deixa eu tirar uma sua, pra pôr com a legenda: “Jordy, a chata”.

— Que tal uma só tua com: “Arthur, o sem miolos” — rebateu.

O rapaz riu, levantando e a puxando consigo. Ele a posicionou e pediu para fazer algumas poses, o que não era difícil para Jô.

— Falando em fotos, tenho que pedir pra minha mãe postar as de hoje. — Ben tirou seu celular do bolso e selecionou os registros para enviar para Meg.

— Ué, por que não posta? — perguntei.

— Não tenho nenhuma rede social.

— Tem sim. É “Benji” em todas elas.

— Não tenho no meu celular — ele corrigiu.

— Então é tudo administrado pela tua mãe? — Abri a boca, em choque. — Tu engana teus fãs? Que feio!

— Claro que não! Eu digo pra ela o que postar e ela posta. E tiro uns minutos na semana pra interagir um pouco com eles, tipo responder comentários e coisas do tipo.

— Qual a lógica? Não era mais fácil só deixar os aplicativos aí?

Ben sorriu, se encostando no corrimão atrás de si e me olhando de frente.

— Ser uma figura pública não é um conto de fadas. Existem situações incômodas, quando pessoas acham que podem falar o que quiser por estarem “protegidas” atrás de um perfil e uma tela. Já fiquei muito fissurado nesse lance de opinião, notícias falsas, especulações e tudo o mais. Como vi que estava me fazendo mal, só abandonei mesmo. — Encolheu os ombros. — Não sinto falta. Minha mãe é ótima, ela entende bem mais do que eu de como administrar, então a presenteei com a função.

— Alguém já foi maldoso com tu? — Minhas sobrancelhas franziram e meu semblante fechou.

— Calma, onça. — Ben riu, esticando a mão para puxar uma das minhas tranças de leve. — Não me afeta mais.

Sorri, satisfeita. Não gostava nem um tiquinho de imaginar alguém dizendo bobagens sobre meu amigo e o magoando.

— Uau, ficaram lindas, Arthur! — Jô voltou com o seu fotógrafo particular. Ela passava as fotos com um sorriso ainda maior que o normal. — Tu é muito talentoso.

— Que isso, eu só registrei, a beleza já estava aí.

Uau, ponto pra ele!

Jordana o encarou e esperei uma resposta sarcástica, contudo ela não veio.

— Isso foi um elogio? — Estreitou os olhos, sondando se ele não estava brincando.

— Que mulher desconfiada! Se não quer o elogio eu pego de volta.

— Pare de drama! — Rolou os olhos, mordendo o lábio para esconder o sorriso. — Obrigada, se é assim.

— Você é muito fotogênica, quer tirar outras? — Kita pegou a câmera das mãos dela.

— Sim! Vou entupir minhas redes sociais. — Ela riu, enlaçando o braço ao dele. — Aonde vamos, Arth?

— Era só tirar umas fotos e te bajular que eu ganhava sua amizade? — O rapaz ergueu as sobrancelhas. — Interesseira, hein?

— Eu tô brincando, desmiolado. — Jô revirou os olhos. — Vamos ou preciso te arrastar, *Arth?*

Kita estreitou os olhos pelo deboche, mas acabou rindo, o que contagiou Jô. Ele então a arrastou para todos os lugares que julgou serem bons para as fotos e a noite virou um ensaio.





14 | Persuasão

Encostei o quadril na pia do banheiro, olhando no espelho para ter certeza que estava aplicando a máscara em todo o rosto. O creme verde prometia deixar a pele hidratada, o que alguém com o próprio chão do sertão na cara tinha necessidade.

Meus amigos e eu havíamos passado o dia ocupados. De manhã, trabalhamos em algumas músicas e Ben e eu tentamos preencher sua página branca, onde deveria estar a música nova, mas saíram apenas rasuras de caneta depois de frases ruins. De tarde, fomos com os jovens da igreja fazer um evangelismo por ali mesmo e na volta os meninos ajudaram Jô e eu com as tarefas da fazenda. Já estava no fim da tarde e tudo que eu queria era descansar.

— Oi, Fiona. — Ben se escorou no batente da porta, me distraindo do procedimento de beleza.

— Oi, Burro. — Pisquei.

Sua risada rouca preencheu o cômodo.

— O que tá fazendo?

— *Skin care*. — Espalhei a máscara na testa.

— É isso que tu usa? Tua pele parece bem macia mesmo.

Paralisei os dedos na ponte do nariz, o encarando de soslaio. Por fim abri um sorriso, virando o corpo em sua direção.

— Foi um elogio original, hein?

— É uma constatação. — Ele inclinou um pouco a cabeça para o lado, o que fazia com que parecesse um cachorrinho.

— Quer passar também? — Terminei de aplicar em mim e ofereci o pote a ele.

— E homem pode usar isso? — Fez uma careta de genuína dúvida.

— Ah, não, teu rosto é feito de uma pele especial, diferente da feminina, sabe? — respondi com um caminhão de ironia.

— Ei, não era pra ofender. Só achei que, sei lá, tinha produtos específicos pra cada um. Tipo perfume.

— Não vai derreter tua pele, se é o que te preocupa. — Dei uma risadinha. — Posso passar?

— Por favor. — Ele se aproximou e fechou os olhos, o que me deu vontade de gargalhar, mas me controlei.

Com a ponta dos dedos, apliquei o creme por todo o seu rosto, até parecermos um cosplay do Shrek e da Fiona. Ben se olhou no espelho e caiu na risada, o que me atiçou também.

— Tá, o que a gente faz agora? — Me encarou.

— Tem que esperar uma hora até secar, aí é só lavar e tua cara tá um xuxuzinho — respondi enquanto lavava as mãos. — Pode ir viver sua vida nesse tempo.

— Ficou louca? Não quero que me vejam assim. — Olhou ao redor, como um paranóico esperando ser atacado.

Coloquei as mãos na cintura, o observando com expressão de tédio. Desviei do rapaz e segui para meu quarto, sendo seguida por ele.

— Vai se esconder debaixo da cama? — zombei, parando na porta e me voltando para Benjamin.

— Posso ficar contigo até tirar esse troço? — Juntou as mãos sob o queixo.

Fiz uma careta em resposta. Pretendia dormir, isso sim.

— A gente pode ler um pouco — ele sugeriu. — Deixa eu pegar um livro?

Verifiquei o meu quarto. Estava organizado e nada comprometedor pendia de algum móvel. *É, aceitável.*

— Entra. — Escancarei a porta, colocando um peso em frente a ela para não bater com o vento vindo da janela.

Benjamin vagou pelo cômodo, parando para observar meus prêmios de competições e as fotos dos concertos, com minha família ou com amigos — nas quais sua presença era predominante. Ele também brincou com meus bichinhos

de pelúcia, xeretou minha penteadeira e, por fim, estacionou diante da estante repleta de livros.

— Uau, que capas lindas. — Virou para mim com um sorriso amplo.

— É, aprendi a gostar dessas edições vintage depois que a vovó Jorgina me deu um. — Me sentei na cama, puxando o celular do bolso e checando as mensagens dos mil e um grupos que eu participava.

— Minha mãe também ama a Jane Austen.

Seu comentário fez as mensagens ficarem para depois.

— Sério?

— Hunrum. Desde que a descobriu ficou viciada e já leu todos os livros, além de me obrigar a conhecer vários. — Ben pegou um volume na coleção e examinou a capa. — *Orgulho e Preconceito*, esse eu li. "É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, em posse de grande fortuna, deve estar procurando uma esposa…" Um clássico!

Eu provavelmente parecia uma boba olhando para ele naquele momento, contudo não liguei. Ouvir que ele lia romances era legal, mas romances clássicos, nossa, era outro nível.

— Eu ainda não li esse. — Fisgou meu exemplar de *Persuasão*, numa capa rosa repleta de detalhes dourados. — Posso pegar emprestado?

— Claro, sou a maior incentivadora da leitura. — Dei um sorrisinho torto. — Mas se não me devolver, vou te caçar até tu pedir arrego.

— Entendido, Little. Tem um lápis aí?

— Vai riscar meu livro?! Essa edição é de colecionador! Foi presente da minha avó e…

— É lápis, pode apagar. — Rolou os olhos. — E eu me concentro melhor marcando os trechos e comentando. É legal, livros foram feitos pra nos imergir em experiências, não pra serem tratados como um bebê.

Abri a boca, pasma. Entretanto, algo em mim lhe deu razão. Dona Jorgina também marcava os dela, de alto a baixo, não importava quão especiais fossem. Na verdade, acho que era isso que os tornava tão preciosos, e eu amava reler seus comentários. Envolvida por aquelas memórias, peguei o lápis e lhe entreguei.

Não querendo ficar apenas olhando, aproveitei para pegar minha leitura atual a fim de continuá-la.

— Vamos. — Ele segurou minha mão, me puxando para o corredor.

— Ah, por que a gente não fica aqui mesmo? — resmunguei, com saudades da minha cama. — Pode sentar no chão.

— Melhor não, Amary, teu pai não vai gostar. Tem lugares bem melhores pra ficarmos.

— Mas o papai não tá em casa.

Ben interrompeu o passo e me encarou, de repente muito sério.

— E que diferença faz? Seu pai me deu uma regra e descumpri-la seria desrespeito, não só a ele, mas a você também.

Por alguns segundos, as palavras sumiram do meu repertório. Fiquei encarando o rapaz de semblante sério, como se tivesse acabado de proclamar um princípio vindo do fundo de seu coração. Não conseguia traduzir o que se passava na minha mente, só senti uma vontade estranhíssima de abraçá-lo. O que confirmava algo que vinha pensando ultimamente: o retorno de Benjamin estava me enlouquecendo. Por que raios eu iria querer abraçar meu amigo só porque ele disse meia dúzia de palavras?

Palavras tão sinceras e leais…

— Droga — balbuciei, tendo um presságio nada bom.

Não, isso não! Tudo menos isso.

— O que foi? — Ben franziu as sobrancelhas.

— Ah, nada. — Sorri sem graça. — Então… é… sim. Quer dizer, tu tá certo. Só estou cansada e falei bobeira. Obedecer, sempre.

Minha cara deveria estar expressando quão estúpida me sentia, porque Ben continuou parado.

— Vamos pegar um lanche e ir pro quintal? — Puxei sua mão, nos levando para a cozinha. — Vovó amava pipoca de chocolate, eu também amo, acho que vai cair bem, né? Tudo hoje tá me lembrando dela, que coisa!

— Tá tudo bem, Amarílis?

— Sim! Eu só tô com fome. Tu também? Nossa, tem um buraco no meu estômago. — Claramente, eu virava uma matraca quando estava nervosa.

— Eu te ajudo — ofereceu.

— Não precisa! Quer saber? Pode ir começando tua leitura, já chego lá. — Dei um sorriso nervoso.

Ben estranhou meu comportamento, contudo assentiu e saiu pela porta lateral. Me escorei na pia, respirando fundo e dizendo para mim mesma que apenas estava feliz pela atitude dele. Só isso. Benjamin e eu éramos irmãos de coração, melhores amigos, e nada mais. Nunca.

— Sem pânico, foi só um encantamento passageiro. Qual é?! Dois anos longe! Eu só tô feliz de ter sua companhia. É isso aí. — Sorri de modo forçado, tentando confiar naquilo.

— É isso o quê? — A voz de mainha me assustou.

— Nada. — Abri o armário e peguei o pacote de milho de pipoca, com o máximo de naturalidade que minhas mãos trêmulas permitiam. — O Ben tá lá fora, vamos ler um pouco. Já libero seu fogão.

— Me disseram que eu não precisava fazer nada hoje.

— Quem?

— Arthur e Jô. Acho que estão aprontando alguma coisa, os dois foram com teu pai até o centro — contou, me deixando curiosa. — Meg e eu vamos assistir um filme juntas, se tu e Ben quiserem aparecer são bem-vindos.

— Ele tá lendo *Persuasão,* não vai querer. — Troquei um sorriso cúmplice com ela. Tínhamos lido e surtado juntas. Mainha, vovó e eu. A lembrança me fez suspirar de saudade. — A vovó estaria feliz, né? Com o que estou fazendo agora. Eu não consegui a Sollare, mas…

— Meu bem, não tem "mas", tu não está vivendo uma vida secundária. Precisa ter contentamento no presente e vivê-lo ao máximo, sem ficar imaginando outras possibilidades. Deus te deu esse "agora", desfrute pra glória dEle. — Dona Val afagou meu rosto. — E sua avó faria uma festa só de saber que tem se divertido tanto com seus amigos. Tudo que ela queria era que tocasse por amor, e pelo que vi nos últimos dias, está fazendo isso.

— Estou sim. — Foi impossível não abrir um sorriso. — Quem dera durasse pra sempre. Pensar no fim das férias dói.

— Deixe o fim para seu momento, não o antecipe, vai perder muito do que há de bom no agora — aconselhou, sábia como sempre. Deixei a panela de lado por um segundo para aceitar seu abraço. Desse eu nunca fugiria.

A pipoca ficou pronta e depois de colocá-la em duas vasilhas, me despedi de mainha e fui para o quintal. A luz do pôr do sol estava iluminando tudo e, como se não bastante, parecia conduzir meu olhar para o rapaz deitado numa das redes, super concentrado na leitura. Senti um calorzinho no peito ao vê-lo tão à vontade. Era como estar no passado, só que melhor, já que era o presente. Real e cheio de possibilidades.

Arregalei os olhos. *Possibilidades? Ficou doida? Não tem possibilidade nenhuma.*

Mordi o lábio, querendo me jogar dentro da piscina quando o pensamento de que ele ficava lindo naquela luz invadiu minha mente.

Maluca! É fato, eu bati a cabeça. Tô doidona.

Calei meu cérebro e me deitei na rede ao lado da de Ben, deixando sua porção de pipoca perto dele, no chão. O rapaz desviou a atenção das páginas só para provar do seu lanche.

— Se sujar meu livro… — ameacei.

— Tenho duas mãos. — Balançou os dedos. — Espero que essa máscara não se misture ao meu chocolate.

— Hum, gostinho de abacate e produtos químicos — brinquei, arrancando uma risada dele. — Em que parte tu tá?

— No início, mas já fiquei triste porque a pobre da Anne teve que se separar do seu amor. Oito anos longe! Nossa!

Balancei a cabeça, sorrindo.

— Olha, esse livro tem uma das melhores declarações de amor do mundo! — contei, buscando atiçá-lo, e pela sua cara, consegui. — Acho que o livro em geral vai te inspirar pra música, ele é bem melancólico e romântico, pode criar uma composição de arrancar lágrimas e suspiros.

— O que ele diz na declaração? Um equivalente a "eu te amo ardentemente"?

— Melhor, na minha humilde opinião.

— Ah não, me fala, Amary! — Levantou um pouco o tronco.

— Leia e descubra. — Pisquei, enchendo minha boca de pipoca para não precisar falar.

Benjamin estreitou os olhos e voltou a ler, parecia determinado a chegar logo na declaração. Quis rir, no entanto me contive.

Tentei ler meu livro, mas por alguma razão não conseguia me concentrar. Li e reli a mesma frase algumas vezes e então desviei os olhos involuntariamente para espiar Ben. Sorri quando notei as partículas coloridas de luz que passeavam por seu rosto. Eram apenas uns raios solares passando pelo objeto de cristais que decorava a varanda, porém naquele momento eles pareciam partículas mágicas, compondo um quadro muito bonito.

Sem querer, deixei o livro cair no meu rosto, me assustando.

— Ei, tá tudo bem aí? — Benjamin tirou o objeto do meu rosto. — Sortuda, tua máscara já tá seca.

— É? Que bom. — Dei um riso fraco, o rosto quente.

Virei de costas para ele e só assim consegui ler, com Benjamin bem longe das minhas vistas. Embalada pela chuva que tinha começado a cair, levei um bom tempo lendo direto, fisgada pelo poder da ficção, até o rapaz me atrapalhar.

— Eles se encontraram! — Benjamin gritou, quebrando minha viagem para outro século.

— Quem? — O encarei, por um segundo esquecendo o que ele estava lendo.

— Anne e o Capitão Wentworth, quem mais?! Olha: "Ela descobriu que, para sentimentos contidos, oito anos poderiam ser pouco mais que nada". Incrível, não tem nem um diálogo entre eles e já tô shippando. Os dois tem que ficar juntos logo. Coitados, viu?

— Tem muita água pra rolar ainda, continua. — Abafei uma risadinha.

Ben não reclamou e continuou lendo. Deixei Emma de lado para observar suas reações durante a leitura. Sorri com cada sorriso que ele dava

enquanto lia, em certos momentos ele mordia o lábio de nervoso e eu ria baixinho, outras vezes franzia as sobrancelhas e eu me perguntava se tinha achado alguma palavra diferente.

Queria ficar ali até ele acabar o livro, mas uma zoada vinda da cozinha o distraiu, levando seu olhar até mim.

— Acho que é a Jô e o Kita — expliquei, reconhecendo as vozes.

— Vamos lá?

Assenti, secretamente infeliz. Fomos de fininho até o banheiro para lavar nossos rostos e depois seguimos para a cozinha.

— O que estão fazendo? — perguntei quando entramos no cômodo e demos de cara com Kita secando o cabelo numa toalha.

— Pegamos chuva — Jô explicou, tirando algumas coisas das sacolas sobre a mesa.

— Por que tá molhado e ela não? — Ben perguntou ao amigo.

— Só tínhamos minha jaqueta. — Ele deu de ombros.

Ergui as sobrancelhas, procurando o olhar de Jordana, mas ela estava concentrada nas compras.

— Vamos fazer sushi. Bom, o Arth vai. — Ela riu.

— Vou nada, você prometeu que ia me ajudar, Jordy.

— Vou nada digo eu. — A moça ergueu as vistas. — Quem deu a ideia foi tu, te vira, homem!

— Mas foi você quem começou com a sugestão de comemorar o sucesso da "banda", tá lembrada, *mulher?*

— Tá, tá. — Revirou os olhos. — Agora enxuga logo esse cabelo. Meu Pai, que filho lerdo esse. Eu já tô com fome, ok?

— Eu seco e seco, mas ainda continua pingando — respondeu irritado.

— Deixa que eu faço. Nossa, não sabe nem secar um cabelo, o nível da burrice!

Jordana tirou a toalha do amigo e esfregou os fios negros lisos com força demais.

— Vou ficar careca! Sai, Jordana! — Kita correu para o outro lado da mesa.

— Para de drama. — Ela o puxou para perto de novo e foi mais gentil dessa vez.

Ben cutucou minha cintura, me dirigindo um sorrisinho insinuativo.

Um romântico incurável, coitado.

Retribuí sua expressão com uma careta, incerta sobre aquela ideia.

— Também tô com fome. — Inspecionei as compras. — Misericórdia, sushi é peixe cru, né? Não vai descer nem com farinha. Quero não.

— Eu também tinha preconceito, Little, mas é bem gostoso. O Kita faz direitinho, vai gostar. — Ben sentou à mesa, afastando as embalagens para colocar o livro.

— Não vai largar a leitura, não? — indaguei.

— Tu disse que tem uma das melhores declarações de amor do mundo e eu preciso de inspiração pra música, lembra? Vou correr pra chegar lá. — Se afundou na cadeira, e nas páginas.

Sorri, secretamente ansiosa para ele ler a parte específica.

Jordana terminou de ajudar o amigo a se secar e os dois colocaram os aventais e as toucas para prepararem a refeição. De modo discreto, tirei uma foto deles, sentindo que era um bom registro para se ter, os dois furacõezinhos super unidos.

— Prepara o arroz, Jordy — ele instruiu e a moça concordou, milagrosamente sem reclamar.

— E eu? Não quero ficar parada. — Me encostei na pia. Estava feliz pela dupla cão e gato ter voltado para casa, assim podia fugir daquelas bobagens que estavam tirando minha sanidade.

— Pode lavar as verduras?

Assenti, pegando-as e colocando na pia.

— Como tu aprendeu a fazer isso, Kita? — perguntei.

— Com a mãe — Jô respondeu por ele e depois devolveu nossa encarada. — Que foi? Também tive a mesma curiosidade.

— Isso aí — o rapaz riu —, Dona Amanda me ensinou.

— Como ela era? — Sorri para meu amigo. Ele já tinha a mencionado algumas vezes naqueles dias e eu sabia que falar dela o deixava muito animado.

— Incrível! A mulher mais linda, engraçada e gentil. Bom, quando estava sóbria. — Ele deu uma risada curta. — Mas não me apego às lembranças dos dias ruins. Elas estão aqui, sabe? Só não as deixo manchar a imagem da minha mãe. As mudanças de humor, explosões de raiva e tudo mais, essas coisas pareciam fora da curva, nunca deixei virar o normal. Ou ela nunca deixou, não sei.

— Sempre foram só vocês dois?

— Tínhamos uma vizinha, a Edilene, uma mulher que ajudou a mim e à minha mãe desde o início, mas só.

— Queria ver uma foto da Dona Amanda, tu tem alguma?

— Claro. — Ele sorriu, do jeitinho que escondia os olhos. Então tirou o celular do bolso e mostrou o papel de parede, me fazendo rir um pouco.

Na foto, um mini Arthur, vestindo um avental e abraçando uma moça que era sua versão feminina do presente.

— Ela era linda mesmo! E bem nova. Ou é a genética? — Jordana se intrometeu, espiando por sobre meu ombro.

— Ela tinha vinte e cinco nessa foto, e eu nove. Mamãe ficou grávida com dezesseis, o que foi um desgosto pra sua família mais rígida do que misericordiosa. Então ela saiu do interior e foi pra capital, procurar uma chance de criar seu filho sozinha.

— E seu pai? — perguntei com hesitação.

— Ela nunca falava dele, jamais. — Apertou os lábios, guardando o celular e voltando para o salmão que cortava. — É meio esquisito não saber nada sobre ninguém do resto de sua família. Por um tempo senti que eu não existia, até descobrir que eu tinha sim um Pai, e muito presente. Minha família biológica é uma incógnita, mas Deus me adotou em Sua própria família, e também me deu irmãos maravilhosos nessa terra. A ideia de adoção vinda dEle é fascinante, sabe? Nós, órfãos, sozinhos e sem esperança, somos feitos parte de uma herança eterna! Eu simplesmente amo pensar nisso. É meu conforto.

— Glória a Deus! — Ben exclamou, nos fazendo rir em meio ao susto. — Desculpa, mas eu amo esse assunto.

— Para de moleza e vem nos ajudar — chamei e ele obedeceu. — Então, Kita, acho linda tua história. Deus cura qualquer machucado, é incrível.

— Exatamente! — Ele sorriu. — Algumas pessoas acham que meu jeito não faz sentido com tudo que passei, mas se tem uma coisa que aprendi com a minha mãe é que escolhemos como enfrentar as feridas que a vida nos causa. Ou as curamos, e nós sabemos que só tem Um que pode fazer isso, ou deixamos elas ditarem quem somos, nos entregando a elas. Eu escolhi tratar os machucados e, mesmo com as cicatrizes, viver a vida mais feliz que eu puder, afinal de contas, Jesus me enche dEle mesmo e é impossível não ser feliz tendo Sua companhia. O Senhor veio quando eu ainda era um quebra cabeças com um monte de peças bagunçadas e desde então Ele está me ajeitando para formar a figura perfeita no fim.

— Isso é lindo e verdadeiro — Jô disse, meio para si mesma, concentrada no tempero que fazia para o arroz.

— Maravilhoso! — concordei.

— E como tu virou o melhor amigo do Ben? — Jô perguntou.

— Ah, ele era meu fã, sabe? Foi por caridade — brincou, lançando um olhar divertido para o amigo.

Ben respondeu jogando água nele, que revidou, levando embora nossa paz. Jô precisou puxar os dois pela orelha — literalmente — para agirem como os adultos que deveriam ser.

— Ok, conta a história direito, Benjamin, alguém tem que prestar atenção

no jantar — Kita se rendeu.

— Ele era legal, a gente gostava de muitas coisas em comum e deu nisso.

— Que relato ruim, hein? — O outro riu, terminando de cortar o peixe.

— Tá legal. Acho que foram mais do que as partidas de videogame que nos uniram. O Arthur era diferente do Túlio, do Yuri e de mim também. Eu gostava de como ele falava de Jesus de um jeito natural, sabe? Meio que esse amor dele me fez querer estar por perto. Resumindo, ele me lembrava de vocês duas — apontou para mim e Jô — e eu queria me sentir em casa. Claro, depois Deus me fez desejar fazer parte desse ponto que unia vocês três e eu não consegui mais me afastar. A gente virou mais do que amigos que partilham uma coisinha ou outra, o Arthur me ensinou muito do que sei sobre Cristo e foi o Senhor mesmo que fez a gente duplamente irmãos.

Eu e minha irmã trocamos um sorriso, ambas com os olhos marejados.

— Cara, isso foi muito bonito. — Kita sorriu para Ben. — Preciso te dar um abraço.

— Não precisa… — Benjamin tentou se esquivar, mas o amigo o alcançou e o apertou contra si. — Ok, então.

— Que amorzinhos — provoquei e os dois se afastaram, me olhando de maneira travessa. — Ah, não…

Eles me puxaram para perto, me espremendo em seus braços. Tentei protestar, porém no fim acabei com os dois garotos e Jô me torturando.

— Odeio vocês — resmunguei, desistindo de lutar e me deixando ser abraçada pelo trio.

— Ama a gente que eu sei. — Ben riu.

— Amo nada!

— Ama sim. — Jô estalou um beijo na minha bochecha e eu fiz careta.

— O jantar, lembram? — argumentei. — Precisam terminar.

— Você é incrível. — Kita deu risada, me soltando primeiro e sendo seguido pelos outros. *Ufa!* — Tem algum trauma que te fez odiar abraços?

— Não, só fico sufocada com tanto aperto. Eu sou carinhosa, ok? Mas não precisa de tanto — expliquei, porém eles só acharam graça.

Os deixei com sua mania de excesso de toque e me sentei para ver Arthur terminar de preparar o arroz, que parecia assustadoramente grudento, mas que meu amigo explicou ser daquele jeito mesmo. Ele deixou o preparo esfriar um pouco e enquanto isso nós quatro resolvemos responder alguns comentários dos nossos covers. Ao contrário do que pensei, o pessoal gostou bastante, provando que Jô tinha muitos cristãos a acompanhando.

Quando o arroz ficou na temperatura certa, nosso amigo com sangue japonês nos ensinou a fazer os tais sushis.

— Espalha arroz na alga, põe recheio, enrola… — repeti as instruções, meio cantarolando para não fazer nada errado.

— Tá sentindo falta de música, né, maninha? — Jô brincou, colocando 4Dawn para tocar. Sim, ela amava mesmo, em um grau altíssimo.

A batida me soou familiar e quando percebi já estava cantando com o trio, enquanto fazíamos o jantar.

Marcando minha vida
Seu amor é avassalador
Dividiu tudo em fases
Antes e depois de você

Meus batimentos descompassaram quando Ben segurou minha mão e me girou algumas vezes. Antes eu riria e continuaria como se nada tivesse acontecido. Mas algo havia mudado. Algo que fez meu coração tropeçar no peito e despencar em queda livre.

Só há uma coisa tão forte quanto o amor
A morte, nunca indolor
Então só me resta dizer
Que estou morrendo de amor
Depois de você

Tudo seria menos pior se ele não tivesse feito aquilo. Se não tivesse cantado aquela maldita estrofe olhando para mim.





15 | Amor Calmante

Soltei a mão de Benjamin, a esfregando no shorts ao perceber como estava molhada. Seus olhos rondaram meu rosto por alguns segundos e tive medo que reconhecesse meus sentimentos indevidos. Sim, indevidos. Me apaixonar pelo meu melhor amigo? Sério? Esse clichê eu não viveria, não, não e não. Eu só iria estragar o que estávamos reconstruindo depois de anos de distância dolorosa. Eu não seria a responsável por nos afastar de novo. Não mesmo.

— Kita — chamei, desviando o olhar das íris castanhas analíticas —, vamos comer de palitinhos?

— Sim, vamos comer de *hashi*. — Ele riu.

— Vai fazer aquele sushi frito? É o único que quero provar. — Desviei de Ben, ficando ao lado de Arthur.

Continuei fazendo perguntas sobre o jantar, apenas para não ter necessidade alguma de encarar Benjamin. Uma dose de curta distância nos faria bem.

Quando tudo ficou pronto, chamamos mainha e Meg, que estavam batendo papo e rindo alto na sala. Fiquei observando as duas um pouquinho, encantada com aquela relação, a qual persistiu mesmo com a distância e as turbulências da vida — inclusive a separação de seus filhos.

Elas se conheciam desde crianças — como Jô, Ben e eu — e cresceram juntas. Tia Meghan era filha de pai americano e mãe baiana, o que fez uma mistura na mulher. Já mainha era a junção de dois rio-valentenses. As duas sempre fizeram questão de manter a herança de amizade e nós a recebemos com prazer.

— Tudo bem, meu amor? — Tia Meg beijou minha bochecha ao passar por mim, parada no batente.

— Não pareço bem? — me preocupei. Só meio segundo depois percebi que era uma pergunta gentil, apenas.

— Hum, está precisando de um prato de brigadeiro e madrugada de conversas? Se é isso, podemos fazer uma festa do pijama, nós quatro!

Pra dizer que estou me apaixonando por seu filho? Ah, não sei…

— Tô bem, tia, mas aceito a festa… e o brigadeiro. — Dei risada.

Ela me puxou para armar o plano com Jordana e mainha, enquanto esperávamos papai para poder comer. Quando Seu Ulisses chegou, fez a oração costumeira e pudemos atacar a especialidade de Kita.

Ok, atacar não era a melhor palavra.

— Como usa isso? — Papai riu, tentando segurar o hashi.

— Coloca os dedos assim — Arthur mostrou devagar e nós repetimos —, e então vira uma pinça. É só pegar o sushi e molhar no shoyu.

Os mais velhos e Ben arrasaram, mas eu e minha irmã não nos demos tão bem.

— Assim, Amary… — Ben pegou minha mão.

— Já consegui. — Me afastei, dando meu jeito, só para não ter que ser tocada por ele.

O que o desespero não faz, não é mesmo?

— Droga! Eu não consigo. — Jordana soltou o ar.

— Tudo bem, eu comprei uma coisa especial, caso alguém não conseguisse. — Arthur levantou e pegou algo na gaveta. Era um hashi claramente infantil, dado o ursinho na ponta. — Gosta de azul, né? Não querendo ser maldoso, mas pensei que poderia ser você a precisar.

— Que gentileza da sua parte. — Ela estreitou os olhos, pegando o hashi e colocando os dedos nos lugares adicionais, o que facilitava o uso. — Não vou me afetar por seu ataque.

— Não foi um ataque. — Kita ergueu as mãos em defesa, tentando esconder o sorriso.

Todo mundo comeu e até minha família, que não tinha contato prévio com o prato, aprovou. Mas eu não consegui experimentar nada além do tipo frito e do de legumes.

— Vai, Amary, prova o com salmão — mainha me incentivou. — É gostoso, mesmo.

— Taca no shoyu que encobre o gosto. — Jô mergulhou o seu no molho escuro e enfiou inteiro na boca. — Maravilhoso!

Olhei para aquele negócio branco com uma fatia laranja em cima e fiz uma careta. Respirei fundo e peguei, molhando bastante no shoyu e depois levando até a boca. A textura era a coisa mais bizarra que eu já tinha comido.

— Ai, não! — Balancei a cabeça, pegando um guardanapo e cuspindo tudo nele.

Fiquei com medo de ofender Kita, contudo o rapaz quase caiu da cadeira de tanto rir das minhas caretas ao tentar tirar o gosto da boca. Bebi um copo inteiro de refrigerante, porém a sensação do peixe cru ainda me dava arrepios.

— Isso é pior que fígado. E eu odeio fígado. — Comi um do frito, só para tentar esquecer o outro. — Por que não são todos como esse?

— Porque esse não é japonês. — Arthur deu risada, comendo na maior naturalidade aquela coisa crua. — É uma invenção brasileira.

— Ah! Eu amo meu país por isso! — brinquei.

Abracei o prato com meus queridinhos durante o jantar inteiro. Quando terminou a refeição, ficamos sentados na mesa conversando pelo resto da noite. Era bom ter a cozinha cheia de vozes misturadas, risos e laços sendo reforçados.

Depois dos mais velhos lavarem a louça, nós mulheres fomos para o quarto de Jô fazer nossa festa do pijama regada à brigadeiro e os homens resolveram fazer sua própria festa, o que envolvia assistir futebol.

— Boa noite, Amary — Ben disse quando chegamos no topo da escada, prontos para seguir direções diferentes.

Virei para ele, encontrando seu sorriso e uma centopéia dançante na minha barriga.

— Boa noite — murmurei, enlaçando o braço no de Jô e seguindo para seu quarto.

Meu trajeto foi todo orando por conserto para meu coração desajustado.



Eu sempre desejei um amor
Um que merecesse ser cantado
Um amor intenso, meio inventado
Eu sempre quis um amor ardente
Daqueles que te roubam o ar

Um amor pra marcar
Mas então
A vida me deu você
E me fez saber
Que eu não quero um amor que queime
Eu não quero um amor que mente
Eu não quero um amor inquieto
Com você eu descobri
Que só quero um amor calmante
Daquele que vale mais que diamante
Não quero um coração desgovernado
Tampouco um amor inventado
Troco tudo de mais requisitado
Pelo seu sorriso de camomila
E esse amor calmante

Era mesmo o fim. Eu estava escovando os pelos de Duquesa e com aquela bendita música tocando nos meus fones. Eu, Amarílis Silva, ouvindo música romântica e, pior, ouvindo uma música romântica da 4Dawn. "Camomila" não saía da minha cabeça e isso foi uma terrível ironia.

— Com você eu descobri… — cantarolei, me deixando cair num banquinho, bem dramática — …que só quero um amor calmante.

Duquesa cheirou meu cabelo, fazendo cócegas na minha pele.

— É, minha amiga, eu fui fisgada. É o fim. *The end*. — Segurei seu rosto, beijando seu focinho. — Sou uma garota apaixonada. Quem diria, hein? A flecha do amor me alcançou e… porcaria! Eu tô falando essas baboseiras bregas! Não, tudo tem limites e me recuso a continuar.

A égua me empurrou, como se me lembrasse que ainda não tinha acabado meu serviço. Du estava desanimada para passear naquele dia, então a levei para sua baia de novo e resolvi usar meu tempo para a aprumar. Já tinha cumprido minhas tarefas e tudo que queria era me isolar do mundo.

— E teus bebês? Hum? — Me curvei para fazer carinho em sua barriga. — Tá bem perto agora, animada? Eu estou! Ok, animada e com medo. Mas a animação é em maior nível.

— Para de falar com a Duquesa e vem socializar. — Jordana invadiu o estábulo.

— Prefiro a Du. — Enlacei o pescoço da minha amiga equina.

— Ela já tá enjoada da tua companhia. Faz horas que não sai desse estábulo.

— Eu quero ficar aqui, só isso — resmunguei.

— A gente tá na piscina, se quiser deixar o casulo — avisou, indo embora.

Soltei o ar, voltando a atenção para Duquesa. Bom, eu realmente estava entrando no meu casulo, mas ele era por pura proteção. Que mal tinha?

— O Ben vai embora em duas semanas! — Arregalei os olhos ao me dar conta. — Eu deveria aproveitar, né?

Du relinchou e eu resolvi aceitar como um "sim".

— Obrigada! — Beijei sua testa.

Depois de deixar a égua confortável em sua baia, corri para casa e coloquei meu maiô e um shorts, então fui para a área da piscina, onde encontrei um grupo composto por quase todos os moradores, menos papai.

— Meu mandacaru apareceu! — Jordana acenou, fazendo todo mundo me olhar.

Entretanto, só prestei atenção mesmo em uma pessoa. Tomei nota mental de não ficar o encarando de maneira tão clara. A última coisa que queria era Jordana ligando seu radar.

— Oi — cumprimentei de forma geral e fui me sentar ao lado de mainha, mergulhando minhas pernas na água.

— Ah, vem aqui. — Jô puxou minhas mãos. — Não se junte às velhas.

Tia Meghan deu um tapa na cabeça dela como resposta e eu ri. Deixei minha irmã me levar para dentro da água fria. A sensação de refrescância me fez suspirar em deleite.

— O Arth estava contando umas histórias das viagens com a banda. Sabia que uma vez uma fã se escondeu no ônibus do grupo e saiu no meio da viagem? Que louca!

Segurei o riso. Aquela poderia facilmente ser Jordana.

Me escorei na beirada da piscina, observando a conversa, porém não muito concentrada nela. Minhas pernas se mexiam em um ritmo constante e apreciar a sensação da água em contato com elas se mostrou interessantíssimo.

— Participar da 4Dawn deve ser um sonho — Jordana comentou entre um suspiro.

— Não usaria essa palavra. — Arthur riu.

— Não gosta do teu trabalho? — Jô franziu a testa.

— Gosto, mas é complicado…

— Amo desvendar coisas complicadas — minha irmã desafiou. — Diz aí, qual o problema?

— É que eu quero que vejam Cristo em tudo que eu faço, mas não sei se estou conseguindo fazer isso com a 4Dawn, sabe? — Kita desabafou e percebi o

olhar de Ben, que estava tão calado quanto eu, se desviar. Uma pulguinha alugou minha orelha. — É complicado, tenho orado sobre esse sentimento.

— E é a escolha certa — Jô sorriu para ele —, orar clareia nossa mente e coloca diante de Deus nossos problemas, mesmo que Ele já saiba.

Deixei os dois e fui para perto de Ben, atraída pelo seu comportamento.

— Tudo bem? — perguntei.

— Tu que precisa me dizer. — Forçou um sorriso. — Tá estranha comigo.

Porcaria de transparência!

— Impressão sua. — Tentei criar uma máscara para meus sentimentos reais. — Sério, estamos bem.

— Mesmo? Pode dizer se eu tiver feito algo errado, não tenho problemas em me desculpar. — A carinha preocupada dele derreteu meu coração.

— Tu não fez nada de errado, nada mesmo. Só estou pensativa com umas coisas, sabe como eu sou, às vezes preciso ligar o modo introspecção.

— Que bom, não quero perder nem um dia com você — ele disse e meu coração respondeu acionando a orquestra de percussão. — A gente ficou brigado tempo demais e estragar tudo é o que menos quero. Vamos ser sinceros um com o outro de agora em diante, pode ser?

Não vai dar, sinto muitíssimo.

— Claro! — Ri, bem nervosa. — Nada vai estragar nossa amizade de novo.

Ben sorriu, concordando. Eu iria cumprir minha promessa, com toda força que pudesse. Sentimentos bobos eram passageiros, mas nossa conexão não. Seríamos amigos e eu me contentaria demais só com aquilo. Mesmo. 100% verdade.

Desviei minha atenção de Benjamin para a movimentação atrás dele. Papai havia chegado e olhar para mainha foi inevitável. A mulher seguia seus passos com ansiedade. Era o aniversário de casamento deles, mas papai tinha saído cedo e os dois não tiveram tempo de se falar. Todo ano Seu Ulisses fazia questão de marcar a data em todos os calendários e preparar alguma surpresa fofa para a esposa, o que deixava minha irmã e eu tão encantadas quanto Dona Valentina.

— O que acha que vai ser? — Jordana se apoiou nos meus ombros.

— Estou pronta pra ser surpreendida — respondi animada.

Papai desceu do carro distraído com alguma coisa em seu celular e demorou um pouquinho para nos ver, mas quando o fez, veio até nós. O homem tirou os chinelos, lavou os pés e os mergulhou na piscina.

Ficamos o encarando, esperando alguma palavra.

— O que foi? — Ele franziu as sobrancelhas, intercalando a atenção entre todos.

Respondemos que não era nada e tentamos fingir naturalidade. Uma ideia ruim passou pela minha cabeça. Nos anos normais, papai estaria agarrado em mainha o dia inteiro, no entanto ela estava em um canto da piscina e ele em outro.

— Pai — chamei baixinho, parando ao seu lado —, sabe o que é hoje?

— O que é hoje? — Ele riu um pouco. — Parece uma pergunta meio complexa.

— A data importante. — Mordi o lábio.

— Não sei. Qual?

Ergui as sobrancelhas, olhando de soslaio para mainha, que conversava com Tia Meg.

— Pai… — Franzi a testa.

— Fala de uma vez, Amarílis, tá me preocupando. — Ele imitou meu gesto.

— O aniversário de casamento. O senhor lembrou, né?

A expressão de pânico do homem foi minha resposta.

— Droga! — Bateu a mão na testa, chamando a atenção de todo mundo. Ele então riu sem jeito. — Vem aqui, filha?

O homem levantou e estendeu a mão, me ajudando a sair da água. O segui até a varanda.

— Eu esqueci completamente — confessou, agoniado. — Quer dizer, eu lembrei na semana passada, mas aconteceu um monte de coisas e foram encobrindo a memória. O que eu faço, Amary? Tua mãe vai ficar tão decepcionada.

— Não acho que vá ficar, pai, ela sabe que o senhor tá ocupado.

— A Val é tão incrível que provavelmente não vai dizer que ficou magoada, nem deixar transparecer, mas eu sei que vai se sentir assim. — Passou a mão pelo cabelo curto. — São vinte e três anos de casamento e eu nunca esqueci um aniversário sequer, e olha que a gente já passou por muita coisa. Eu queria que ela soubesse o quanto estou grato pela sua companhia, queria ter preparado algo.

Suspirei, compartilhando sua inquietação. Meus pais estavam encobrindo muitos dos medos em relação à fazenda, eu sabia disso, e ambos vinham apoiando um ao outro com aquele amor e companheirismo que eu tanto admirava.

Eles mereciam um momento deles no meio do agridoce dos últimos tempos.

— Relaxa, pai, já sei o que fazer! — Uma ideia cruzou minha mente.

— Sabe? — Esperança encheu seus olhos.

— Não precisa se preocupar com nada, só leva mainha pra dar uma volta durante a tarde. Que tal um passeio até o rio e um piquenique? Sei que amam fazer isso.

— E o que tu vai aprontar? — Ele estreitou os olhos.

— Só se preocupe em não se preocupar. — Pisquei. — E traga sua princesa no fim da tarde, tá bom?

Papai parecia desconfiado, contudo eu o apressei para preparar as coisas e fui mandar minha mãe se arrumar, segundo o pedido de seu marido. Ver a expectativa encher as expressões dela me animou ainda mais para o plano que tive.

— O que tu tá aprontando? — Tia Meg perguntou depois que a amiga entrou em casa.

— Preciso que me ajudem! O papai esqueceu o aniversário, mas quem o culpa? A questão é que eu dei uma ideia e ele vai manter mainha longe até a gente terminar tudo.

— Tudo o quê? — Jordana saiu da água.

Contei rapidamente o que tinha pensado e com as sugestões adicionais deles, a ideia subiu de patamar. Quase ri da empolgação de todo mundo naquela operação romântica, porém no fundo estava mesmo era grata.

Depois de nos trocarmos, Tia Meg e Jô foram até o centro comprar as coisas para o jantar que tinham em mente, deixando os meninos e eu com a decoração.

— Ok, só precisamos pegar algumas coisas. — Conduzi os dois.

— Como você conseguiu pensar em tudo tão rápido? — Kita perguntou.

— Não sei, acho que as comédias românticas que assisto com minha irmã penetraram no meu subconsciente. — Dei uma risadinha nervosa. — Eu basicamente sei que temos que fazer uma decoração legal e fofa, a Jô deu a ideia do jantar, que vai ser um momento especial para os dois e por fim uma coisinha que não poderia faltar nessa família…

— Música — Ben deduziu e eu lhe lancei um sorriso.

— Lembra daquela que te ensinei? A que vovó disse que estava tocando quando meus pais se conheceram?

— "Can't Help Falling in Love", do Elvis Presley — respondeu de cara. — Como eu esqueço? Tu ficou viciada depois que tua avó nos contou a história.

— Então, gente, eu sou novo aqui, sabe? — Kita riu. — Não faço ideia do que estão falando.

Entrei no quartinho onde guardávamos a bagunça, inclusive as

decorações de Natal, e peguei os pisca-piscas, entregando para meus ajudantes.

— Resumindo — subi as escadas, sendo seguida pela dupla —, meus pais se conheceram numa festa beneficente em que minha avó Jorgina foi tocar com alguns amigos. Valentina era filha de um casal entre os convidados. Ulisses se encantou pela moça doce e inteligente, e foi convencido pela mãe a tirá-la para dançar. Bom, essa música estava tocando no exato momento histórico — dei risada, pegando mais algumas coisas úteis no meu quarto —, mas eu só soube por vovó.

— Seus pais estavam mais interessados um no outro do que na música que dançavam — Ben comentou, achando graça.

— E como eu conheço muitos detalhes dessa história, vou tentar reproduzir a noite em que meus pais se conheceram, como presente de aniversário — finalizei, voltando para o andar de baixo.

— Que fofo! Até eu, que não sou lá o mais romântico, achei encantador — Arthur disse.

— Meu sonho é viver um amor como o dos meus pais. — Suspirei, deixando meu lado romântico aflorar. — Quero casar com alguém que esteja disposto a ser meu amigo pra sempre. Que me suporte até quando nem eu mesma me suportar, e olha que acontece muito. — Fiz uma careta em meio a um sorriso. — Alguém tão decidido quanto eu a fazer nosso amor ser pra vida inteira.

Apertei a caixa em meus braços, controlando aquela vontade idiota de olhar para Ben.

— Também quero isso — Arthur concordou. — Não tenho uma história de família pra me inspirar, posso partilhar da sua, Amary?

— Claro! Um amor segundo os moldes de Deus é pra ser inspiração de todos. — Empurrei de leve o ombro do meu amigo. — Se Deus quiser, tu vai criar tua própria história de família, Arthur, seguir um caminho de amor, perseverança e piedade com sua esposa e deixar marcas de bênçãos por gerações.

— Amém! — Ele sorriu para mim e eu retribuí. — E você, Ben? Por que ficou calado? Tu é o mais açucarado de nós três.

O rapaz parecia estar perdido nos próprios pensamentos, por isso se assustou quando Kita o chamou de novo.

— Ah, sim. — Forçou um sorriso. — Espero poder criar a minha também. Ou melhor, deixar Deus escrever minha canção de amor. Percebi que se Ele não for a base de um relacionamento, muitas tristezas que poderiam ser evitadas vem no pacote.

Equilibrei a caixa num braço para poder passar o outro na cintura do meu

amigo, entendendo bem sua reação. Seguimos assim até o salão de eventos da Recanto, que ficava um pouco atrás dos chalés.

Havia árvores altas e estreitas ao redor dele, ao fundo, um pequeno lago brilhava com a luz do sol. Destranquei a porta e entramos, encontrando um espaço amplo e bem iluminado pelas grandes janelas de vidro em três das paredes.

— Eu queria colocar os pisca-piscas no telhado, sabe? — Olhei para os meninos, que me encararam como se eu estivesse falando chinês.

Tirei o celular do bolso e catei uma referência para que eles visualizassem. Achei uma que era do jeitinho que vovó tinha falado e meus amigos prometeram dar seu melhor para reproduzir. Enquanto eles usavam as escadas para prender as luzinhas nas vigas, eu me sentei no chão e comecei a separar as fotos para espalhar pelo espaço. Percebi que tinha poucas no meu mural e voltei em casa para assaltar o álbum da família e o do casamento de meus pais.

Quando terminei, ajudei os meninos e depois colhemos algumas flores para os vasos e também deixamos a mesa do jantar posicionada.

Demoramos umas boas horas para deixar tudo pronto e quando conseguimos, fomos tomar um banho e nos preparar para o momento em que tudo aconteceria. Coloquei um vestido preto tubinho, que usava nas apresentações mais sérias, e soltei minhas tranças, as ajeitando sobre o busto. Sorri ao pegar uma das cor-de-rosa, lembrando do show.

— Pronta, Little? — Era a voz de Ben do outro lado da porta.

— Pode entrar — respondi, sentando para calçar um par de sapatilhas prateadas, mesmo que tivesse ponderado o coturno. Queria parecer bem social.

Benjamin abriu a porta e ficou no batente. Ele estava usando uma camisa branca, gravata preta, calça jeans e tênis da mesma cor da camisa. *Um príncipe*.

— Roubei a gravata do Tio Ulisses, espero que ele não me mate — brincou, me tirando do deslumbramento.

— Ficou muito bom. E eu? Como estou? — Levantei, dando uma giradinha.

— Chique. — Ele sorriu, me estendendo a mão, a qual segurei.

Ben me girou, como na cozinha, mas meu coração não vacilou dessa vez. Uma esperança de sanidade brilhou em meu peito, até ele parar e segurar meus ombros, as íris castanhas fixas nas minhas.

Todos os instrumentos dentro de mim erraram cada acorde, produzindo um som desafinado.

O que ele tá fazendo?!





16 | Chances

Minha cabeça parecia ter virado um show de rock, graças ao barulho que fazia ali dentro.

— Preciso te dizer uma coisa… — Ben umedeceu os lábios.

— O q-quê? — gaguejei.

— "Você perfura minha alma. Sou metade agonia, metade esperança." — ele disse, mexendo com cada estrutura do meu ser. Alguma coisa tentava me alertar para um fio conduzindo à realidade, mas eu não consegui segurá-lo. — "Não me diga que é tarde demais, que esses sentimentos preciosos se foram para sempre. Ofereço-me de novo com o coração ainda mais seu do que quando você quase o partiu, há oito anos e meio."

Cinco segundos. Foi o tempo da minha própria agonia, sem um pingo de esperança.

— É uma declaração incrível! — Ben riu, me soltando e enfiando as mãos nos bolsos da calça. — Tinha que ver minha cara lendo. Te juro que tive umas ideias muito boas pra nossa música.

E então eu agarrei o fio e me senti a garota mais estúpida de toda a Bahia, não, de todo o universo. Virei de costas, tentando recolher os caquinhos do meu coração que se espalharam pelo piso.

— Ah, é? — murmurei, pegando meu violino sobre a cama e começando

a afiná-lo. — Que bom que gostou.

— Eu trouxe o livro, quer checar se tá tudo ok?

— Deixa aí na cama. — Não tinha coragem de olhar para ele.

— Posso pegar outro? Depois de *Persuasão* a Jane me fisgou.

Balancei a cabeça, afirmando. Ouvi seus passos pelo quarto e tentei conter meus batimentos.

Como eu pude ser tão lerda? Era óbvio que ele não estava se declarando pra mim! Eram só palavras fictícias. Por que eu não entendi a brincadeira?

— Achei que ia se empolgar mais com minha descoberta. Fez tanta questão. — A voz de Ben soou pelo cômodo e eu parei de passar o breu no arco.

Girei o corpo, encontrando o rapaz parado na porta, me encarando com uma expressão confusa.

— Fiquei feliz que gostou, mesmo. — Me esforcei para sorrir. — Depois me conta as ideias, tá? Tenho que terminar de me arrumar, vai ver se a Jô precisa de ajuda na cozinha.

— Ok… — Permaneceu me fitando por uns segundos, antes de ir embora.

Sentei na cama, levando a mão ao peito e tentando entender aquelas reações.

"Pode dominar seus sentimentos, Amary, só precisa se esforçar e não dar a eles mais poder do que têm. Não escolhe o que sentir, mas sim como isso vai se desenrolar, se apagando ou sendo alimentado."

Vovó Jorgina tinha dito aquilo em relação às minhas inseguranças e medos pré-apresentações. Mas por alguma razão, o conselho brilhou na minha mente naquele momento.

As pessoas diziam que não dava para controlar o coração, mas eu estava disposta a domar o meu. Ele não era meu guia.

Peguei o livro sobre a cama para guardar, porém antes disso o abri e encontrei as marcações de Benjamin. Sorri com seus "rsrsrsrs" — quem ainda usava isso? — em várias partes, coraçõezinhos em outras, comentários incríveis, carinhas felizes e algumas tristes também. Um trecho nas últimas páginas me chamou a atenção.

"Sua fonte de felicidade estava no brilho de sua alma, assim como sua amiga Anne estava no calor do seu coração. Anne era a ternura em pessoa, e ela recebia a retribuição integral disso nas afeições do capitão Wentworth."

Os trechos "Sua fonte de felicidade estava no brilho de sua alma", "no calor do seu coração" e "era a ternura em pessoa" estavam grifadas e uma setinha levava para uma mensagem dele na margem da folha, que dizia: *"isso me lembrou tu, Little :)"*.

Levantei exalando determinação. Guardei o livro e peguei meu violino, descendo para a cozinha e encontrando Ben encostado na pia, esperando a mãe terminar de colocar os pratos numa bandeja para ele levar.

Eu governava meus sentimentos, não o contrário. Por isso, fiquei diante do meu amigo e apertei suas bochechas numa provocação, o pegando de surpresa.

— Meu Deus! A Amarílis foi trocada por uma sósia! Ou uma alienígena! — Tia Meg fez graça.

— Sou euzinha. — Sorri para eles. — Mas queria dizer que o Ben é muito fofo lendo! Eu nunca vou apagar suas marcações.

Meu amigo sorriu também.

— Que alívio! Agora não vou precisar ficar tentando desvendar o que fiz de errado.

— Absolutamente nada de errado, Benzito — brinquei, erguendo o mindinho como fazíamos quando crianças. Ele entrelaçou o seu ao meu.

Arthur apareceu, dizendo que meu pai tinha mandado mensagem avisando que eles já estavam bem perto. Corremos para terminar de ajeitar tudo, deixando Meghan para guiar o casal.

— Uau, agora que tá anoitecendo ficou ainda mais lindo. — Contemplei o salão, animada para meus pais chegarem. — É definido, reforcei meu desejo de me casar aqui.

— Quer casar aqui? — Benjamin perguntou, se acomodando no banquinho que ficaria durante a apresentação.

— Isso aí.

— Hum, legal. — Desviou o olhar para as cordas de seu violão.

Passei a música com ele algumas vezes, mas já sabíamos de cor, então só ficamos esperando o casal.

Logo Tia Meg surgiu com ambos vendados. Os dois tinham sido instruídos a vestir uma roupa apropriada para nosso jantar — seguindo uma foto da festa beneficente de mais de duas décadas atrás, separei as mais parecidas. Estavam lindos e Arthur fez questão de registrá-los com sua câmera.

— Fiquem paradinhos aqui. — Meghan os soltou e com a ajuda de Jordana, tirou as vendas.

A surpresa e os sorrisos nos rostos deles encheram meu peito de satisfação.

— Há vinte e três anos atrás — eu comecei a falar, atraindo a atenção da dupla —, numa noite parecida com essa, vocês dois começaram uma história de amor que seguiria por décadas.

— Um amor que além de fazer bem um para o outro — Benjamin

continuou —, abençoa uma porção de outras vidas, inclusive a minha. Vocês dois são um belo exemplo de como Deus une pessoas para Sua glória e não podíamos deixar um dia tão importante quanto esse passar em branco.

— Por isso, tivemos a ideia de reproduzir a noite em que vocês se conheceram, o início de sua história juntos. — Dirigi um sorriso ao casal emocionado diante de nós. — Ben e eu vamos tocar a trilha sonora pra vocês aproveitarem sua dança juntinhos.

Em nossas posições, troquei um "ok" com meu amigo. A junção do violino e do violão encheram o espaço na melodia doce de "Can't Help Falling in Love". Benjamin ficou responsável por cantar, no seu inglês bem mais fluente que o meu.

Enquanto tocava, apreciei meus pais se movendo no ritmo da canção. O brilho amarelado das luzinhas os envolvia enquanto conversavam entre si e trocavam aqueles olhares típicos dos apaixonados.

Pegue minha mão
Tome minha vida inteira também
Porque eu não consigo evitar
Me apaixonar por você

Desviei os olhos para Ben só umas duas vezes e me senti vitoriosa, contudo evitar apreciar tanto sua voz quanto a cena se desenrolando foi impossível. Quando a música terminou, meus pais trocaram um beijo que nos fez bater palmas.

Os dois pombinhos nos encheram de agradecimentos, os quais foram recompensa o bastante por todo o trabalho. Deixamos eles aproveitarem o jantar na companhia um do outro e fomos nos alimentar também.

— Somos uma boa equipe — Tia Meg disse, enquanto nos servia na mesa da cozinha.

— Devíamos abrir uma empresa de surpresas românticas, ficaríamos milionários — Arthur brincou.

— Bom — Meg respondeu —, sobre ficar milionários, acho um pouco cedo, mas quem sabe consigam fazer um bom dinheiro com outra coisinha. Mostra pra eles o que achamos lá no centro, Jô.

Observamos com curiosidade a moça tirar um papel do bolso e desdobrar sobre a mesa.

— Gente, é um concurso pra bandas cristãs, lá em Serra Brilhante! — Ela bateu as mãos na mesa.

Os garotos me olharam, tão surpresos com a notícia quanto eu.

— Serra Brilhante? Aquela aqui perto? — Ben perguntou.

— A própria! E mais… — Jordana apontou para as informações sob o nome do concurso. — O prêmio pra banda vencedora é de 70 mil reais. 70 mil! Já pensou?

A primeira coisa que me veio à mente foi papai e o empréstimo que estava tirando seu sono, a possibilidade de ajudá-lo fez meu estômago se remexer.

— Pode ajudar a Recanto, Amary! — Minha irmã expôs meus pensamentos.

— Pensei nisso, mas tem os meninos, Jô, a gente nem sabe se eles topam. — Virei para a dupla.

— Ainda tem dúvidas? Se ajuda vocês, a gente tá dentro. — Ben sorriu.

— Somos amigos e irmãos, lembram? — Arthur apertou meu ombro e o de Jô. — Podem contar conosco pra qualquer coisa.

— E temos chances? Quer dizer, a gente mal começou a tocar juntos. — Mordi o lábio, insegura.

— Tentar é de graça. — Jordana riu. — Mas eu acho que somos sensacionais.

— Incríveis, eu diria — Kita a apoiou.

Ben me encarou, com uma careta de nervoso.

— Parem de ser pessimistas! — Tia Meghan revirou os olhos. — Confiem no potencial de vocês. Olha, eu sei que sou suspeita, mas acredito que tem chances reais de vocês ganharem.

— E se não for o primeiro lugar — Jô disse —, o segundo e o terceiro também ganham uma quantia. Não é tanto assim, porém já nos ajudaria um pouco.

— E se não for nem o primeiro nem nenhum outro, vamos nos divertir tentando. — Kita deu de ombros. Contudo acrescentou, fingindo não querer ser ouvido: — Mas a gente vai ganhar, certeza.

Rimos pela confiança dele.

— Tá, eu topo — cedi, para comemoração do trio. — Vamos, Ben? Vai ser divertido.

— Onde vocês estão eu tô, né? — Ele riu. — Ok, vou acionar meu lado competitivo.

— Você tem um? — Kita provocou.

— Descobriremos. — O amigo sorriu.



17 | Acima do Sol

— Acho que *My Little Band* é uma boa — Benjamin opinou, estirado no sofá do nosso "estúdio".

Estávamos desde cedo tentando decidir o nome da banda para a inscrição no site do concurso, mas não saía nada sério.

— Minha bandinha? De onde tirou isso? Soa péssimo. — Jô girou em sua cadeira.

Ben olhou para mim, exibindo um sorriso cúmplice, que retribuí espontaneamente.

— Para de ficar cubando minhas coisas, Arthur! — A reclamação de Jordana me distraiu do rapaz.

— Ficar o quê? — Kita não parou de examinar cada uma das peças de roupa que Jô tinha no ateliê.

— Olhando o que não é teu.

— Uau, você é muito boa nisso. — O rapaz ergueu um vestido, ignorando a bronca e sorrindo para a moça, a qual logo desfez a cara de brava. — Deveria criar sua própria marca.

— Ah. — Jô ajeitou o cabelo atrás da orelha. *Jordana, tímida?* Que evento! — Talvez eu faça isso, um dia. — Deu de ombros.

— Seria incrível! — encorajou, devolvendo a peça.

— Vamos focar na banda. — Ela tentou parecer séria, no entanto só tentou mesmo. — Ideias, me mandem uma chuva delas.

Ben disse mais alguns nomes aleatórios, deixando claro que não foi ele quem deu nome à 4Dawn. Eu sugeri uns, mas nem eu mesma os achava legais o bastante.

— Que povo exigente. — Kita riu, pegando em uma prateleira o livro que eu tinha emprestado à Jô.

Ele sentou no chão e começou a folhear.

— Os Peregrinos, Os Aventureiros, As Ovelinhas… — Ben ligou seu botão de "modo aleatório".

— Acima do Sol! — Jordana gritou, interrompendo o amigo. Observamos a moça levantar e pegar o exemplar de *Isto é Filtro Solar*[5] na mão de Arthur. — Olha, na contracapa.

— Hã? Eu acho que não peguei a referência — Ben disse, sentando-se no sofá.

— É um livro sobre Eclesiastes — Kita respondeu, pegando Jordana de surpresa. — Que foi? Eu já li. O "Acima do Sol" é a perspectiva da vida pela ótica de Deus, em contraste com o "Debaixo do Sol", que se repete em Eclesiastes. Se olharmos a vida apenas pelo lado humano, nada tem valor ou sentido, mas em Deus nós vemos propósito e cuidado do Criador.

Nos entreolhamos, trocando sorrisos animados.

— É exatamente isso — assenti. — E eu acho que encaixa bem com uma banda cristã. A gente vê as coisas de um jeito diferente e isso reflete na nossa música.

— Uau, quem diria que acabaríamos com algo tão poético? — Ben riu. — Eu apoio que seja "Acima do Sol".

Depois do nosso aval, Jordana pegou seu notebook para fazer a inscrição. Com todos os dados no lugar certo, estávamos oficialmente dentro do concurso, sem volta.

— Deus nos ajude — supliquei baixinho.

— Agora vem a parte mais difícil, a música — Kita lembrou, olhando para Ben. — Você disse que tinha algumas escritas, trouxe?

O rapaz assentiu, pegando um caderno de capa preta e colocando sobre a mesinha de centro. Era mais grosso e muito mais manuseado, em comparação com o caderno de composições da 4Dawn.

— Olha, podem escolher uma, mas não sei se são tão boas assim. — Mordeu o canto do dedo.

— Ah, para! — Jô abanou a mão, pegando o objeto e folheando.

— E não leiam as páginas dobradas. — Ben se sentou no chão, ao nosso

lado. — São só pensamentos pessoais, ok?

— Ui. — Jordana riu, ameaçando desdobrar uma das páginas.

— Tô falando sério, é pessoal meu com Deus. — Ele colocou a mão sobre o caderno, fazendo a moça o encarar. — Não seja curiosa.

— Tá bom. — Ela revirou os olhos, passando para uma página aberta.

Kita e eu ficamos ao lado dela e lemos juntos as letras. Com certeza não eram nem um pouco como seu compositor as via. As músicas eram sinceras, bonitas e profundas.

— Sua modéstia me inspira, Ben — Kita brincou, pegando o violão do amigo para tocar algumas que gostamos.

— Gostaram mesmo? — A insegurança estava palpável em sua voz.

— Muito! Acho injusto só podermos tocar uma. — O amigo sorriu. — Vamos gravar as outras? Eu topo super.

— Para de graça. — Benjamin revirou os olhos.

— Não, cara, tô falando sério. — Arthur ergueu as sobrancelhas. — São ótimas! Olha só, vou tocar e você canta.

Ele colocou o violão no colo e seguiu a cifra, Ben juntou sua voz na hora marcada.

Eu sei errar tão bem
Mas ainda assim
Tua graça se mantém
Nas minhas lutas incessantes
És a Rocha sempre firme
Jesus,
Aceita meu amor tão frágil
Me ensina a continuar
Posso confiar pois sei
Que Teu amor fiel sempre será

Jô e eu sorrimos uma para a outra, apreciando o ritmo e a letra honesta, a qual todo cristão poderia tomar como sua. Era lindo ver Ben cantando, ele fazia isso como se fosse tão natural quanto respirar.

Pedimos para Kita tocar mais algumas que gostamos e a cada nova música eu só ficava mais encantada com as letras cristãs de Ben. Era certo, eu admirava as da 4Dawn também, porém as que se assemelhavam mais com "Escape" eram outro nível de apreciação. Tal como — em um grau alto de hipérbole — comparar Beethoven tocando suas sinfonias ou batendo gravetos numa panela.

Quando Ben terminou de cantar a quarta, tivemos certeza que era a melhor para o concurso. Definia bem nossa banda e possuía uma musicalidade incrível, com deixas maravilhosas para adicionar o violino, além de ficar ótima com a união de Benjamin e Jordana nas vozes principais e nós quatro no coro.

— Isso é tão você! — Apertei o braço de Ben, animada. — Deveria mesmo compartilhar essas letras.

— Vamos tocar, daqui a alguns dias. — Ele suspirou, abaixando o olhar para o caderno em suas mãos.

— Sabe o que quero dizer… — insisti. — Tu tá sentindo isso, porém é mais fácil ignorar.

— Não, Amary, não é mais fácil. — Ele me encarou, sério. — Pode ser tudo, menos fácil.

Apertei os lábios e o silêncio pesou no cômodo, até Ben o quebrar, com o som de sua respiração profunda.

— Eu acho melhor a gente ensaiar, não temos muito tempo. — O rapaz levantou e foi para seu lugar.

Troquei um olhar com meus amigos e Kita apenas balançou a cabeça para os lados de modo sutil. Ele e Jô também seguiram para onde os demais instrumentos estavam e eu fiquei alguns segundos parada, pensando se no fim era eu quem tinha as ideias erradas. Mas não cheguei a nenhuma conclusão além de que deveria deixar o assunto em seu canto por mais um tempo.



Trabalhamos na música a manhã inteira, indo almoçar em seguida e descansar por algumas horas, para poder voltar para ela mais tarde. Jô estava esparramada na cama tirando um cochilo, Kita aceitou o convite de Meg e mainha e as acompanhou até a fazenda ao lado para uma visita — que não enganou ninguém no quesito motivações, pois todos sabíamos que ele estava interessado nos doces que Dona Helena empurrava para qualquer alma que aparecesse em sua casa —, e eu estava ponderando ainda o que fazer. Entediada e um pouco empanturrada com a lasanha do almoço, resolvi dar uma volta por ali mesmo.

Passei para dar um “oi” à Duquesa, mas ela estava mais interessada em seu próprio almoço, então mudei de rota. Virava a esquina da casa quando vi uma cena que me fez sorrir.

Pé ante pé, me aproximei da rede, onde Ben parecia adormecido. Observei seu rosto sereno e me perguntei com o que estava sonhando. De

repente, ele sorriu.

— Eu sei que é tu, Little. — Abriu os olhos, me fazendo corar.

— Como sabe? — Endireitei a postura, tentando fingir naturalidade.

— Teu perfume. — Sentou-se, chegando para o lado a fim de me dar espaço. Me acomodei perto dele.

— É tão característico assim? — Continuei na minha missão de não parecer nada afetada.

— Hunrum. Tem cheiro de tangerina.

— Isso é muito específico. — Dei risada, impulsionando a rede, que nos embalou.

— Eu gosto de prestar atenção nos cheiros, eles me acalmam quando estou ansioso. É meu exercício favorito, reparar nos aromas ao redor. — Ele deu mais intensidade ao nosso balanço. — Tem um parque em frente ao meu apartamento, eu corro lá toda manhã e amo o cheiro das flores e da grama. É confortável. Já minha mãe usa sempre um perfume doce, acho que é baunilha. Toda vez que a abraço esse aroma me envolve e aquieta minha mente.

— Sabe aquelas pessoas que trabalham vendendo vinho?

— Sommelier?

— Isso! Já pensou em tentar? — Uni os lábios, escondendo o riso.

— Engraçadinha. — Apertou minha bochecha. Dessa vez eu não fiz nenhum esforço para me afastar. — Primeiro, eu não bebo, segundo, não faço nada demais. Sabe, uma das coisas que aprendi nos últimos tempos foi a diminuir o ritmo. A gente vive nesse frenesi, sempre se ocupando com alguma coisa, apenas para não ficar parado. Seria maravilhoso se todo mundo tirasse um tempo pra fazer uma pausa, olhar o que tem ao redor, notar os detalhes da criação que nem ligamos mais, de tão acostumados. O mundo é fascinante, Deus o criou com tanta beleza, e é uma forma de adorá-Lo apreciar Suas obras, nem precisa ser obrigado pelo seu cérebro inquieto, basta fazer.

— Teu cérebro tá inquieto agora?

— Eu falei um monte de coisa e só foi isso que tu ouviu? — Deu risada.

— Não, mas tu ficou silencioso depois do ensaio. Não se chateou com o que te falei, né?

— Acredite, precisa de bem mais pra me chatear, principalmente se tratando de tu, Amary. — Ele sorriu. — Só não quero falar sobre esse assunto, ok?

Eu conhecia Benjamin o bastante para saber de seu jeito e de como as mudanças bruscas não o animavam, por isso, não insisti mais, apenas continuei confiando que Jesus iria direcioná-lo ao caminho certo.

— Teu aniversário é no dia do show, hein? Vai ser duplamente especial.

— Ele mudou de assunto.

— Sim! — Bati palmas, o fazendo rir. Eu amava meu aniversário, muito mesmo.

— Dezenove anos de pura chatice — provocou e eu acertei um soco em sua barriga. — Brincadeira! Dezenove anos de *um pouco* de chatice.

Revirei os olhos, cruzando os braços e me fingindo de brava.

— Mas também de muita doçura — ele continuou, me fazendo olhá-lo de soslaio —, inteligência, coragem, talento…

— Melhor. — Sorri, com o coração quentinho. — Comprou meu presente?

— Pra quê? Eu sou teu presente. — Piscou.

— Aff — resmunguei, me afundando na rede e a impulsionando.

— Ei! — Ben se vingou me fazendo cócegas.

— Para! — Segurei as mãos dele, ofegando em meio ao riso. — Ok, é verdade, te ter aqui já é um presente enorme!

— Ótimo — ele disse, parando de me irritar.

Balancei a cabeça diante da sua cara de pau. De repente, o rapaz saiu da rede.

— Segura firme. — Abriu um sorriso travesso.

— Benjamin… — Tentei repreender, prevendo que ele faria o que eu estava pensando.

— Corajosa, né? — Ergueu a sobrancelha. — Tu lembra que quando a gente era mais novo fazíamos apostas de quem conseguia ir mais alto?

— Claro que lembro! Mas se eu morrer antes de fazer dezenove, te mato — ameacei, me acomodando melhor na rede.

Benjamin puxou o tecido e deu vários passos para trás, até que eu o ouvi bater contra a parede. Apertei os olhos durante sua contagem regressiva e em poucos segundos senti o vento passando por mim. Quando o título de corajosa fez mais sentido, contemplei o jardim daquele ângulo mais alto e foi impossível não prender a respiração, até estar perto do chão de novo.

Porém logo voltei para o alto e desfrutei dessa sensação por muitos minutos, graças a persistência de Ben em me empurrar. As árvores me cumprimentavam com seu balançar ligeiro, em frente ao céu limpo e brilhante. Os raios de sol as atravessavam em feixes de luz dourada.

Eram quase dezenove anos naquele lugar, mas às vezes eu o redescobria em sua beleza. Não queria perdê-lo. Nunca e jamais.

— Chega. — Ben parou a rede e se acomodou comigo, cansado.

— Obrigada. — Minha voz saiu mais suave do que eu esperava e ele me encarou.

— Sempre à sua disposição, Little.

Deixei o ritmo tranquilo do vai-e-vem nos embalar.

— Eu concordo com tudo que tu falou, sobre apreciar a criação. Viver no interior não me livra de perder a sensibilidade e preciso me esforçar muitas vezes pra prestar atenção no ordinário — eu disse, fechando os olhos para apreciar o som suave do vento brincando com as folhas e me surpreendendo com o canto melódico de um pássaro se unindo à sinfonia. — O mundo é a orquestra de Deus, Ele rege isso de um jeito sublime.

— Gosto dessa palavra, sublime, descreve bem.

Nós dois ficamos em silêncio, com os corações atentos ao redor. Embalada por aquela obra artística, me surpreendi quando minha mente devaneou para uma série de lembranças envolvendo o rapaz ao meu lado. As vezes em que ele me ajudou com minhas crises de timidez, quando eu coloquei aparelho e ele me defendeu dos garotos idiotas da escola, os dias em que eu não queria sair de casa e sua insistência me fez viver as melhores aventuras. Lembrei com deleite de como Ben era um som presente em toda a canção da minha vida.

Por instinto, abri os olhos e virei para vê-lo, porém não esperava encontrar aquele par de íris cor de chocolate em mim. Tampouco o sorriso que foi puxando seus lábios para cima lentamente.

Se eu fosse uma máquina, cada parte teria entrado em curto circuito naquele segundo.

— Ai, carambolas — murmurei, endireitando o corpo.

— Que foi? — Imitou meu gesto, procurando meu olhar, que fugia do seu.

— Acho que umas muriçocas me atacaram — eu disse a primeira coisa que pensei, coçando a perna teatralmente. — Melhor a gente sair daqui, vamos ficar completamente empolados.

Para meu alívio, papai apareceu chamando Ben para o ajudar com uma cerca danificada — algo me dizia que Seu Ulisses estava gostando muito de ter dois filhos temporários — e meu amigo, com uma estranha hesitação, se despediu de mim e o seguiu.





18 | Monstros, chás e garotos

Horas e horas de ensaio preencheram os dias antes da apresentação, até chegar a noite da véspera e nos comprometermos a descansar. Eram 21h30 quando me deitei na minha cama, na intenção de adormecer, mas sem obter sucesso.

Rolei pelo colchão, ouvi música, orei, contudo nada me fez dormir e míseros trinta minutos haviam passado. Sentei na cama e espiei a lua iluminando tudo com seu brilho prateado. Minha contemplação só foi interrompida quando reparei na luz amarelada que vinha do estábulo.

— Duquesa! — Pulei da cama, correndo escada abaixo e cruzando o gramado.

Será que ela tá tendo os bebês e papai não me chamou?

Entrei no estábulo num ímpeto de nervosismo, mas todo o pânico se esvaiu ao ver Benjamin fazendo carinho na égua. Ele não se assustou com a minha chegada.

— Ben? O que tá fazendo aqui?

— Só tentando relaxar um pouco. — Esboçou um sorriso fraco, voltando a se concentrar na Duquesa. — Estava andando aqui perto e ouvi um barulho, vim checar se ela estava bem.

Me aproximei dele e abracei a égua.

— Também não consegue dormir? — perguntou.

— Não mesmo. Minha cabeça não para um segundo.

— Te entendo. — Deu uma risada baixa. — Como são teus pensamentos?

— Ah, animados pra amanhã. — Encolhi os ombros. — Quero que todo mundo veja a música linda que fizemos. E os teus?

Benjamin cruzou os braços sobre a porta da baia, as íris escuras percorrendo o interior do lugar.

— Ruins. — Forçou um sorriso. — Estou pensando em tudo que pode dar errado e não gosto nada disso. É como se tivessem pequenos monstrinhos na minha cabeça sussurrando várias possibilidades perigosas e desastrosas. Como se… — ele parou, parecendo ter se dado conta de algo, então me olhou. — Desculpa, não quero te assustar.

— Não sou mais criança pra ter medo de monstros, Ben, eu já sei que eles são reais. — Minha resposta o fez arregalar os olhos e eu ri. — A questão é que eles não são peludos, tampouco se escondem debaixo da cama, na maioria das vezes estão no nosso coração e na nossa mente. Alguns podemos chamar de pecado, outros são reações do nosso corpo, como no seu caso. Quem nunca sentiu o medo lhe paralisar, literalmente, como se garras te prendessem ao chão? — Suspirei, tendo lembranças de meus próprios monstros, dos dois tipos. — Ser amigo é isso, Ben, não fugir quando o outro conta seus monstros, mas ficar e lutar junto. Não quero mais que tenha medo de me contar algo que esteja sentindo, eu não vou fugir, vou ficar e lutar com você.

O rapaz sorriu para mim, me surpreendendo ao pegar minha mão e depositar um beijo no dorso dela.

— Sabe, tu é um raio de sol na minha vida. Só consigo pensar em quão burro fui em quase te perder.

— Ben…

— Eu sei, o passado perdoado fica no passado. — Ele riu. — Só queria que soubesse que essa luz em você me acompanhou por todos esses dias de distância.

— Como assim?

— A falta de nossas conversas não significa que não pensei em você, que não lembrei de você. Quando eu menos esperava, lá estava a Amarílis, dando seu "oizinho" até nos momentos em que eu só queria calar tua voz, tipo quando puxava minha orelha. Tu faz muito isso…

— É que tu é um cabeçudo. — Dei um peteleco na testa dele, que tentou revidar, porém me esquivei.

— Bom, como eu dizia… Tua presença estava viva nas minhas

memórias, fosse para me irritar com sua sensatez ou me confortar com sua ternura. Dois anos longe, mas nunca apaguei você da minha vida. — Ele apertou minha mão, ainda junto a sua.

— Por que tá tão sentimental? — me preocupei. — Não gosto disso. Não tá morrendo, né?

— Todos estamos morrendo, mas não, não sei qual é a minha hora, só sou grato e queria que soubesse. — Me puxou para si, me envolvendo num abraço.

Seu moletom cheirava indiscutivelmente à lavanda e aquilo me deu uma ideia. Mas por hora eu cedi ao meu coração e fiquei um tempinho naquele abraço, divagando como ele estava se tornando desejável.

Não se deixe dominar pelos sentimentos.

Me afastei, tendo noção de como não era mais um simples e puro abraço, e sim minha ruína. Como o amor podia ser assim? Essa via de mão-dupla, se parecendo com um fogo que te aquece e ao mesmo tempo te queima? Queria não sentir a parte da queimadura, queria ficar apenas com o conforto.

— Vem comigo, vou fazer um chá pra você. — Escondi as mãos nos bolsos do vestido, fugindo da tentação. — No caminho, me conte esses monstros, vamos mandar um por um embora.

O rapaz dividiu seus pensamentos um tanto catastróficos e eu o ajudei como pude a ver a realidade da situação. Percebi como a mente dele funcionava nessas ocasiões e desejei estar sempre pronta para o amparar.

Chegamos na cozinha e eu lhe servi um chá de lavanda — que secretamente tinha comprado só para ele.

— Lavanda me lembra desinfetante. — Ele riu, bebendo o líquido amarelado. Podia ser roxo, só que chá é chá. — Mas é muito gostoso.

— E faz bem pra ansiedade.

— Então não vou tomar. Não acha que é melhor fazer muito mal à ela pra expulsá-la? — ele brincou.

— Se tivesse como mandar ela embora, eu faria uma viagem intergalática, pisaria em cada planeta e voltaria — eu disse, provando do chá.

— Morreria no processo, sabe disso, né? — Ben riu.

— Eu daria um jeito. — Encolhi os ombros.

— Tu não existe. — O rapaz balançou a cabeça, um sorriso brilhando nos olhos. — Quer saber? Eu já me sinto bem melhor.

— O chá deve ser bom, então.

— Não acho que foi o chá. — Inclinou um pouco a cabeça para o lado, analisando meu rosto. — Foi a conversa, a companhia, teu empenho.

— Pode contar com essa caçadora de monstros. É de graça e com acesso

vitalício. — Estendi a mão, a qual ele segurou, rindo da minha gracinha.

— Ok, nosso encontro foi um momento de ver graça no meio do caos. — Ele riu, bebendo do seu chá.

— "Graça no meio do caos". Olha, daria um ótimo título de livro, hein? — brinquei.

— O subtítulo seria: relatos de como Deus me ensinou lições preciosas através da minha ansiedade.

— Best-seller! Juro que eu compraria. — Levei a mão ao coração, numa promessa. Ele achou graça. — Tô falando sério!

— Tá bom então, quer ouvir um "parágrafo"?

— Óbvio! — Meu sorriso se alargou em expectativa.

Ben limpou a garganta teatralmente e eu revirei os olhos, pensando que ele faria piada. Porém estava muito enganada.

— Eu aprendi nesses anos lutando contra um transtorno de ansiedade que aqui a gente enfrenta muitos males, e eles tem uma função ótima: nos lembrar que esse mundo não é nosso lar final. E no meio disso eu sei que há uma alegria que sobrepõe toda e qualquer dor ou enfermidade: Cristo é meu e eu sou dEle. O meu pecado Ele perdoou, me tirou das trevas e me pôs na Sua luz. — O sorriso e olhar brilhantes dele fizeram meu coração esquentar.

— Achei que era brincadeira. — Apoiei o rosto nas mãos, sentindo meus cílios ficarem molhados.

— Eu estava refletindo nisso esses dias, pregar pra si mesmo é ótimo.

— E o parágrafo acaba aí ou tem mais?

— Tem mais, o melhor costuma ficar no final, certo?

— Sim, senhor. Sou toda ouvidos. — Continuei na minha posição de admiradora.

— Bom, a vida não acaba aqui. Tenho a firme esperança de que Jesus em breve voltará e firmará um mundo novo, onde com certeza não vai existir mais problemas de saúde, contudo a maior benção será ser livre do pecado que me afasta dEle, um mundo onde meu amor pelo Senhor será perfeito e ao Seu lado, sem mais distâncias, eu irei eternamente morar. Mas, enquanto ainda estou aqui, no meio do caos que a vida se mostra frequentemente, eu sei que permaneço seguro nas mãos de Deus, que tudo coopera para o meu bem, que as dificuldades aprofundam meu amor por Ele e me fazem perceber o quanto dependo do Seu cuidado. Podemos ver luz até nesses dias escuros da vida.

Enxuguei minhas bochechas quando duas lágrimas quentes rolaram ali.

— Eu amei essa lição, de verdade — eu disse ainda meio emocionada.

— Best-seller, né? — Benjamin deu uma risadinha.

— Best-seller — reafirmei, sorrindo para ele.

Ficamos em um período de silêncio confortável, onde nossos olhos pareciam conversar. A atmosfera da cozinha ficou mais doce, porém um movimento atrás de Ben distraiu minha atenção.

— Ah, é aqui que o senhor se meteu. — A figura de Kita surgiu na janela e tive a impressão de ouvir Benjamin suspirar. — É um encontro da madrugada? Como assim me excluíram?

— Não foi planejado. — Abri a porta da cozinha para ele, tentando não ficar frustrada. — Vou te servir uma xícara, espera um pouquinho.

Tirei mais um sachê da caixa e coloquei a água para esquentar.

— Que baderna é essa? — Jordana apareceu e me perguntei se ela sentiu a chegada de Arthur.

— Outra xícara saindo… — Coloquei mais água na chaleira.

— Ninguém conseguiu dormir, não foi só má sorte sua. — Kita exibiu um meio sorriso quando a moça se sentou perto dele, mesmo com outras cadeiras à disposição.

— Minha barriga tá doendo — ela compartilhou, nos levando a fazer caretas de nojo. — Parem! — Abafou uma gargalhada. — Acho que não é um caso tão grave. Se bem que a gente já tá bem íntimo…

— Nem pense! — Tapei o nariz.

— A Jordy não deve soltar pum, olha essa carinha linda. — Kita apertou as bochechas da amiga, que sorriu com o gesto.

— Ah! Tu não faz ideia… — Benjamin segurou o riso, trocando um olhar comigo.

— Eles estão exagerando. — Jô arregalou os olhos, de repente parecendo bem nervosa.

Ben pigarreou, parando de constranger a amiga e mudando de assunto. Ficamos tomando chá e conversando baixinho, até a hora avançada mandar os meninos de volta para seu quarto.

— Boa noite, Little — Ben desejou, beijando minha testa e fazendo as centopéias sapatearem. Eram muitas perninhas se movendo na minha barriga.

Acenei em resposta e observei o rapaz até que sumisse de minhas vistas. De soslaio, percebi minha irmã tão concentrada na dupla quanto eu. Uma covinha surgiu em sua bochecha e guardei algumas coisas para tratar depois.

Lavamos a louça e subimos as escadas, onde cada uma deveria ir para seu quarto, mas Jordana não seguiu o roteiro.

— Vamos conversar, tô com zero sono — choramingou.

Revirei os olhos, mas a deixei se acomodar na minha cama. De frente para mim, a figura um pouco mais alta e encorpada que eu me encarou com íris que pareciam gotas de chocolate.

— Amary, tô te achando meio estranha esses dias. — Jô tocou meu braço. — Quer contar alguma coisa?

Eu sabia que Jordana me conhecia o bastante para não deixar minhas mudanças passarem batido. E eu a amava por isso, por ser atenta o bastante para me ajudar quando eu não conseguia pedir.

— Não é nada, joaninha. — Abracei meu travesseiro.

— É sim. — Bateu o dedo no meu nariz. — Confia na tua irmã mais velha e abre esse coração.

Soltei o ar, pensando direito em como expor aquilo.

— Eu… — Apertei os olhos, a barriga começando a doer de nervoso.

Senti os braços de Jô me puxarem para si e não relutei. Precisava daquilo.

— Eu estou me apaixonando pelo Ben — confessei de uma vez.

Jordana, exagerada como era, me afastou rápido. Seus olhos arregalados quase me fizeram rir.

— Eita. — Fez uma careta. — Bom, estou surpresa, porém não é como se nunca tivesse pensado na possibilidade…

— Queria ser como tu e não sentir nada a mais por ele — choraminguei.

— É que pra mim é meio fácil, Amary, o Ben é mais novo que eu e, querendo ou não, sempre vou vê-lo como meu irmãozinho.

— Mas não é assim com outros amigos, certo? — sondei.

— Me diz, o Benjamin já te deu algum sinal de reciprocidade? — A cara de pau fingiu não ter escutado meu comentário.

— Não, acho que não. — Mordi o lábio. — Será que ele gosta de mim também?

— Eu seria bem imprudente em fazer uma especulação sobre isso. — Ela passou um zíper imaginário na boca. — Se ele gostar, tenho certeza que vai dizer.

— Mas eu não sei se é certo sentir isso. — Virei de barriga para cima, encarando as florzinhas no teto. — Ele é meu amigo, o melhor de todos, e se eu estragar tudo com minhas bobagens?

— Ore, meu querido mandacaru. — Seu olhar de irmã mais velha me aqueceu. — Pode confiar em Deus nessa área também, sabe disso.

Assenti, me afundando de novo em seu peito. O cheirinho de chocolate que vinha dos seus cachos me fez sorrir e lembrar de Ben e seu dom. Suspirei, apertando os olhos e orando por aqueles sentimentos.

— E o Arthur? — perguntei depois de alguns minutos.

— O que tem ele?

— Percebi que vocês conversam bastante…

— É, conversamos — respondeu tranquilamente.

— Só isso? — Me afastei, olhando-a. — Me conta, como foi a ida ao supermercado? Alguma coisa aconteceu pra vocês se unirem tanto que eu sei.

Jordana revirou os olhos, mas insisti.

— Ok, a gente acabou conversando sobre um monte de assuntos. Não foi forçado, entende? Só acabou vindo à tona e fomos falando e falando. Não sei, Amary, é estranhamente fácil conversar com o Arthur e sair de um assunto bobo pra um profundo. — Ela deu um meio sorriso. — Ele me contou sobre sua infância, a parte ruim dela, e eu contei sobre a vovó Marta e como a costura me ajudou a lidar com minhas inseguranças.

Ergui as sobrancelhas, surpresa. Na adolescência, Jordana tinha passado por um período de insatisfação com o próprio corpo e a moda, em especial a costura, a fizeram enxergar toda beleza que havia em si. Mas era raro que Jô contasse aquela história tão fácil, precisava de um bom tempo para ganhar a confiança daquela mulher. Porém, por alguma razão, Kita conseguiu sem esforço.

— Eu sei o que tá pensando… — Ela estreitou os olhos e só então me dei conta do sorrisinho em meus lábios.

— Tu se abriu muito fácil com ele, talvez signifique alguma coisa. — Fiz cócegas em sua barriga.

Minha irmã deu de ombros, apoiando a cabeça nas mãos e me encarando de volta.

— Somos amigos e eu gosto disso, sabe? O Arth é engraçado, piedoso e temos vários gostos em comum, apesar de querer arrancar o couro dele em certas ocasiões. — Riu. — Mas posso estar descobrindo um amigo pra vida toda e não um interesse amoroso. E isso não me assusta. Eu acredito que quando as coisas tem que acontecer, elas seguem um curso natural, ficar criando *fanfic* não vai fazer nada além de me machucar e machucá-lo.

Ficamos em silêncio, cada uma presa em seus pensamentos por alguns instantes. Eu sabia que Jô tinha tomado uma decisão madura e decidi seguir seu exemplo. Me imaginar com o Benjamin era prazeroso, porém de alguma forma poderia não terminar nada bem.

— Ah, vamos deixar os garotos pra lá e dormir — Jordana disse. — Tenho um vestido lindo e mil abraços pra te dar de presente antes da apresentação.

Sorri, concordando e me acomodando para dormir. O dia seguinte seria longo.





19 | Uniformizados

Eu ainda não acreditava que iríamos fazer um show. Nós quatro, uma bandinha de fundo de quintal! Ok, não era um *show,* estava mais para uma apresentação. Entretanto, ainda assim teria um monte de gente nos assistindo, e pior, nos julgando.

Apesar do nervosismo, eu estava pura animação e não enrolei para levantar da cama de manhã. Jordana já não roncava ao meu lado e pelo horário todos deveriam estar tomando café. Depois de passar no banheiro, fui para a cozinha, que estava vazia.

Franzi as sobrancelhas quando não vi ninguém no refeitório. Estava pensando se Jesus tinha voltado de uma maneira estranhamente silenciosa quando um “feliz aniversário” coletivo me fez pular de susto. Depois daí foram um monte de abraços — que suportei só pela data — e várias felicitações e desejos de bençãos.

— Tenho um presente! — Meg se adiantou quando sentamos na mesa onde um bolo lindo, com vela e tudo, nos esperava. — Na verdade, é meu e dos teus pais.

Olhei para o casal, curiosa, e recebi como resposta um incentivo para pegar o presente. Tia Meg me estendeu uma sacola branca e eu tirei a caixinha de veludo preto de lá. Quando a abri, uma delicada pulseira prateada cheia de

pingentes se exibiu. Tinha notas musicais, um minúsculo violino, um livrinho e um monte de coisas que eu amava.

— É maravilhosa! — Levantei para abraçar os três. — Muito obrigada! Que coisa fofa. Põe pra mim, mainha?

— Já vai usar? — Ela riu, prendendo o acessório no meu pulso.

— Claro! Estou pensando em não tirar nunca mais.

— Meu presente tu só vai ver de noite — Jordana contou. Ela estava trabalhando no meu vestido para o concurso. — Entretanto, pode experimentar o presente do Arth agora.

— Experimentar? — Virei para o rapaz.

— Ele fez teu bolo favorito. — Jô apontou para o doce sobre a mesa. — É de chocolate com recheio de coco, eu já provei e tá perfeito!

Arthur corou com o entusiasmo da amiga e explicou:

— Eu não tive tempo de comprar um presente melhor, então…

— Tá louco? Melhor que comida? — Dei risada, o abraçando também. — Obrigada mesmo, amigo. Tu deve ter acordado super cedo pra fazer isso.

— A Jordy me ajudou. — Sorriu para a moça, que prontamente retribuiu.

— Vamos cantar os parabéns e comer? — Ben apressou.

Concordamos e após a cantoria e uma oração de papai, atacamos o café da manhã. Fiquei seriamente tentada em convencer Jô a casar com Kita, já que o lucro de ter um cunhado cozinheiro era alto.

Depois de comermos, Jordana me dispensou de qualquer tarefa da fazenda e arrastou Kita para ajudá-la, me deixando livre para ir checar as redes sociais lá na sala de estar. Sentada no sofá, respondi algumas mensagens e estava concentrada na de uma amiga da igreja quando Ben se sentou ao meu lado, com uma caixa na mão. Tentei não parecer muito animada. Durante o café me perguntei se ele não iria me dar nem uma mínima lembrancinha, como fez em todos os nossos anos de amizade.

— Feliz 25 de fevereiro, Amary. — Ben me entregou a embalagem pesada.

— Que isso? Um tijolo ou um saco de cimento? — brinquei.

— Abre logo! — Revirou os olhos.

Empolgada, tirei a tampa da caixa, encontrando três livros amarrados com fita azul. Desfiz o laço e meu coração deu pulos eufóricos. As capas eram duras, lindas, nitidamente edições de colecionador. A primeira era marrom, a segunda azul e a terceira laranja, todas em tons bem clarinhos. Elas tinham uma leve textura de tecido e eram repletas de detalhes em dourado com arabescos e símbolos referentes a cada história, pelo que julguei. Sem falar na caligrafia perfeita dos títulos.

— Ben… — Minha boca se abriu em um "o".

— É uma trilogia — ele explicou. — Não são clássicos vitorianos ou sei lá, mas foram escritos na década de oitenta, acho que conta como antigo, certo?

— Com a beleza disso aqui, poderia ter sido tu que escreveu e eu nem ligaria.

— Isso não soou como um elogio… — Estreitou os olhos e eu contive o riso.

— Isabella Lewis? — Li o nome da autora. — Não conheço.

— Calma, eu fiz uma pesquisa sobre ela — pigarreou, se preparando para um monólogo. — Isabella Lewis é uma autora de ficção cristã e foi rainha de Porto das Rosas por muitos anos, porém hoje é seu filho que governa o país, o qual fica numa ilha na América do Norte. Ela lançou vários livros de romance e fantasia, todos com mensagens enraizadas no Evangelho.

— Tu tá inventando isso, né? — Ri com gosto. — Uma rainha? Escritora?

— Ei, não tô mentindo não! Eu também fiquei surpreso quando descobri, mas é verdade. Ela é bem famosa na gringa e tem alguns de seus títulos traduzidos aqui no Brasil.

Estreitei os olhos, muito desconfiada. Peguei meu celular e chequei a informação.

— Eita! — Levantei o olhar para meu amigo. — É verdade.

— Vou relevar que achou que eu estava mentindo, só porque é teu aniversário.

— Desculpinha. — Sorri, sem graça.

— Olha logo os livros, quero ver tua reação.

Assenti, abrindo o primeiro volume e dando de cara com uma folha de rosto que mais parecia uma pintura renascentista. Passei as folhas e parei na dedicatória. Eu as amava, por isso fui logo ver a de todos os exemplares. A do primeiro, Coração Negro, dizia: "Para meu Amado, por me ensinar tanto sobre a graça". A do segundo, Coração de Diamante: "Para meu querido Nick, por me ensinar tanto sobre coragem". E a do último, Coração em Chamas: "Para Susan e Atlas, por me ensinarem que o amor é simples".

Não conseguia parar de admirar os livros, cada detalhe novo era uma festa para meu coração de leitora.

— Ben, eu amei de um jeito que nem consigo descrever! — Me lancei sobre ele em um abraço. Acho que nunca tinha dado um com tanta empolgação. — Ai, deve ter sido tão caro.

— Essa reação valeu cada centavo — ele disse e eu me afastei, sem jeito. — Tem mais uma coisa na caixa.

Ergui as sobrancelhas, pensando se tinha como o presente ficar melhor. Tirei da caixa um retângulo envelopado em papel marrom, o rasguei e encontrei um quadro repleto de registros de Ben e eu, desde a nossa primeira foto juntos, ainda recém nascidos, até uma que tínhamos tirado naquela semana. Meus olhos arderam, mas o estopim foi ler a legenda bem embaixo do quadro: “Há 6935 dias, tu faz o meu mundo melhor, Amarílis.”

As lágrimas desceram sem pedir permissão e eu olhei para Benjamin, sorrindo em meio ao líquido salgado. Ele segurou meu rosto e o enxugou com seus dedos.

— Sou tão grato a Deus por ter você. — Suas palavras me fizeram chorar mais. — Obrigado mesmo, por cada segundo me aguentando e amando com esse jeitinho todo seu. Nenhuma heroína de livro algum chega perto da moça incrível que tu é. Prometo que vou lutar pra não perder mais nenhum aniversário teu, ok?

Assenti, deixando ele me abraçar de novo. Eu só conseguia pensar no quão agraciada eu era por ter um amigo como aquele, e por hora, não me preocupei em sentir mais nada além de gratidão por nossas melodias terem se enlaçado desde tão cedo.



Eu estava envolvida numa fuga no meio da floresta, temendo o perigo enorme que se aproximava, quando de repente alguém arrancou o livro de minhas mãos, forçando meu retorno ao mundo real.

— Jordana! Devolve! — Tentei pegar de volta, mas ela subiu na cadeira.

— A gente vai sair daqui a uma hora e eu preciso te arrumar.

— Passou tanto tempo? — Arregalei os olhos. — Felizmente já tomei banho. Foi tudo culpa do Ben por me dar um livro tão bom!

— É lindo. — Ela admirou a capa por alguns segundos, antes de colocar na estante. — Mas vamos pra produção?

Apertei as mãos, ansiosa por aquilo, especialmente ao reparar em Jô, que já estava pronta. Seus cachos volumosos se erguiam ao redor de sua cabeça e repousavam em seus ombros, já seu rosto levava uma maquiagem leve em tons terrosos.

— Teu look! Que arraso! — Dei pulinhos, admirando a produção. Ela usava uma calça preta larguinha, com uma blusa branca estampada de passarinhos em laranja e amarelo, a peça tinha decote em formato de coração e mangas ombro a ombro, e por fim um cinto de pedrarias da mesma cor da calça adornava sua cintura.

Jô sorriu em agradecimento e me puxou para a penteadeira a fim de me

maquiar.

— Não exagera, ok? Sabe que não gosto muito de maquiagem — pedi.

— Calada. Vou fazer o que precisar. — Piscou, produzindo em mim um revirar de olhos. — Fica quieta.

Sem escolhas, deixei a moça trabalhar. Podia sentir o pincel fazendo cócegas na minha pele, produtos que eu nunca tinha nem visto serem aplicados e um monte de processos mais, até ela se dar por satisfeita.

— Admire minha obra-prima. — Seu sorriso era amplo.

Me olhei no espelho e ergui as sobrancelhas. Estava esperando algo extravagante, mas Jordana respeitou meus gostos e fez uma maquiagem leve, colocando um pouco de brilho nos olhos e um batom de um tom bem parecido com minha boca, além da pele perfeita.

— Tu é maravilhosa, meu mandacaru. — Apertei sua cintura.

— Eu sei, eu sei. — Abanou a mão no ar, rindo. — Vamos para o vestido, a melhor parte!

A moça foi até a cama e pegou a peça, protegida por uma capa preta. Ela não enrolou, felizmente, e revelou o vestido laranja, cheio de florzinhas brancas. O tecido era leve, do jeitinho que eu gostava, acinturado e com babados na parte de baixo.

— É tão lindo! — Levei as mãos à boca.

— Põe logo, quero ver se ficou certinho — ela pediu, ansiosa.

Coloquei o vestido e corri para o espelho. Ao me ver, abri um sorriso, contente com o resultado. Ele ia até meus joelhos e tinha alças não muito finas. Jordana ativou seu lado estilista e checou se estava tudo certinho, por fim, abraçou minha cintura, ficando ao meu lado no espelho. Estávamos as duas de laranja, já que tínhamos decidido que a cor da banda seria essa — por algum motivo escolher aquilo era muito importante para minha irmã.

— Uau, hein? As garotas Silva são lindas pra caramba — ela disse, me fazendo rir alto. — Não se garante, não? Porque eu sim.

— É, somos uma obra de arte mesmo — confessei, para alegria dela.

— Minhas meninas incrivelmente talentosas já estão prontas? — Mainha apareceu na porta. — Ah, como estão lindas!

— Obrigada. — Sorri para ela, saindo da frente do espelho e indo me sentar na cama para calçar os coturnos.

— Os meninos já estão lá embaixo, melhor correrem — Dona Valentina avisou.

Jordana e eu assentimos e a mulher saiu. Minha irmã me puxou para o espelho mais uma vez e prendeu algumas das minhas tranças atrás da cabeça, colocando uns acessórios dourados nelas antes de enfim podermos descer.

Ao chegar na metade da escada, Kita e Ben apareceram. Os dois estavam vestidos iguais, calça jeans clara, camisa branca e tênis da mesma cor. Os cabelos negros de Arthur se ajeitavam para o lado, enquanto Benjamin estava com seu cabelo preso para trás pelas tranças, como de costume.

Assim que os olhos deles pousaram em nós, seus sorrisos surgiram, parecendo quase um gesto automático. Ouvi Kita elogiar Jô quando chegamos ao fim dos degraus, mas minha atenção foi capturada pelo outro rapaz. Seus olhos brilhantes e sorriso doce aceleraram meus batimentos. Era estranho como a forma que alguém te olhava mexia com o jeito que você se sentia. Naquele momento, me senti muito bonita.

— Que moça graciosa. — Ben segurou minha mão e a beijou.

— Tu tá lendo muitos livros da Jane Austen. — Ri, sentindo as bochechas quentes.

— Estou, gostou do efeito? — Ergueu uma sobrancelha e eu assenti, secretamente, ou nem tanto, muito encantada.

Lembrei então da nossa conversa na noite anterior e resolvi checar como seu coração estava.

— Pronto pra frustrar alguns monstros? — Cruzei os braços, fingindo uma pose ameaçadora que o fez rir.

— É, acho que sim. Bom, levando em conta que tenho uma caçadora tão habilidosa comigo. — Piscou e eu fiz uma reverência de brincadeira. — Mas estou tranquilo, até agora.

— Ótimo, vai dar tudo certo.

— Deus te ouça. — Ele suspirou, sorrindo de leve em seguida.

Estava tão concentrada na conversa com Ben que me assustei quando a voz empolgada de Jordana encheu o lugar.

— Fiz uma coisinha extra, vocês sabem como eu sou. — A moça quase deu pulinhos.

Então, ela jogou uma jaqueta jeans para cada um de nós. Atrás da peça, um sol bordado e a sigla da banda dentro dele.

— Não acredito que uniformizou a gente. — Balancei a cabeça, admirando a peça.

— Você tá levando isso muito a sério. — Kita riu, vestindo a jaqueta, que lhe serviu perfeitamente. — Mas eu amei.

— Somos uma equipe, ué. Queria que ficasse bem claro. — Ela deu de ombros, pondo a sua.

— Vai ficar, a quilômetros de distância — Ben brincou.

— Pare de exagero e se vista, temos que ir.

Todos prontos, saímos para a varanda e os meninos foram terminar de

guardar os instrumentos no carro. Minha atenção se desviou da tarefa para meu pai, que vinha do estábulo. As rugas de preocupação em sua testa me fizeram ir ao seu encontro.

— Ei, tá tudo bem? — perguntei.

— Sim, só estava vendo a Duquesa, ela tá meio agitada.

Todos os meus instintos piscaram.

— Ela vai ficar bem? Não vai acontecer hoje, né?

— Deus que sabe, filha, não posso dar certeza de nada. — Um suspiro lhe escapou.

— É melhor eu ficar. — Meu coração se apertou.

— Amary, tu é veterinária? — Ele sorriu, apertando meu ombro. — Eu vou estar aqui pra tudo que ela precisar, caso o parto seja hoje, mas talvez demore mais uns dias.

Apertei as mãos, inquieta.

— Apenas vá para o concurso e dê o teu melhor. — Papai levou suas mãos até as minhas, as envolvendo de um jeito reconfortante. — Eu sei que minha mãe ficaria orgulhosa da neta estar se aventurando em algo novo. E eu também estou. Te ver deixando uma frustração pra trás e seguindo tocando é incrível. Tenho certeza que vocês vão louvar ao Senhor com todo o amor e excelência que possuem, e mesmo que eu não esteja lá pessoalmente, já pedi pra sua mãe gravar tudinho pra mim.

Meus olhos marejaram e eu o abracei com força, grata por aquelas palavras. Foi um encorajamento inesperado, mas que me deu tranquilidade para seguir em frente. As coisas ficariam bem, Deus estava conosco em tudo.

Dei uma passada para me despedir de Duquesa e depois entrei no carro com meus companheiros de banda — e também mainha e Tia Meg — rumo à Serra Brilhante.

20 | Sir. Alfredo

Numa emenda de "Ao Eterno", da Karis Liszt, e "The Projectionist", do Sleeping At Last, Tia Meg dirigiu pelo estacionamento do espaço onde ocorreria o concurso, até achar uma vaga. Cantarolando uma estrofe da última canção, desci do carro com os outros.

— Acho que a entrada é por ali. — Mainha apontou a direção, depois de pegarmos os instrumentos.

A seguimos pelo mar de gente que preenchia o pátio. Eram funcionários e participantes, circulando de um lado para o outro sob o céu rosado do pôr do sol. Serra Brilhante era bem mais urbanizada que Rio Valente, mesmo que ficasse a apenas uma hora de distância. Graças a Deus, e para o fracasso de um

dos monstros de Ben, não pegamos engarrafamento, chegando horas antes da apresentação.

Paramos na porta que levava às salas destinadas aos candidatos e um segurança conferiu nossas identidades e ficha de inscrição. Com tudo certinho, entramos no corredor cheio de salas.

— Aqui, a nossa. — Ben nos mostrou a porta com “Acima do Sol” escrito.

Meu coração acelerou de animação e, pelo visto, o dos meus amigos também, pois nos entreolhamos com sorrisos tomando nossos rostos.

A sala não era grande, mas coubemos bem. A primeira coisa que fizemos ao chegar foi afinar nossos instrumentos, enquanto Jô só se esparramava numa das cadeiras dispostas ali, junto com nossa mãe e Tia Meg. Quando eu já estava satisfeita com meu violino, saí da sala para espiar o movimento.

Alguns funcionários passaram, debatendo entre si sobre algum detalhe da montagem do palco. Duas garotas loiras conversavam em frente à sala de sua banda e pude ouvir outra equipe testando o som em algum dos outros cômodos. A melodia super agitada me fez sorrir, imaginando a plateia animada.

Mas aí o sorriso sumiu e uma insegurança sobre nosso trabalho quis se enraizar no meu coração. Contudo, a expulsei no mesmo instante. Estávamos satisfeitos e ficar nervosa só estragaria nossa performance.

Voltei para a sala e me sentei também, pegando meu fiel companheiro — o mp3 — e deixando Mozart fazer seu trabalho de me acalmar, enquanto uma curta oração por confiança vinha em minha mente.

O silêncio agoniante nos abateu quando os meninos se sentaram também.

— Faltam duas horas pra começar — Jô balbuciou, parecendo um zumbi. — Quem fez a gente vir tão cedo? Ah, claro, o Benjamin!

— Olhe pelo lado bom, não vamos nos atrasar. — Ele sorriu, aparentando estar tranquilo.

— Vou entrar em pânico se ficar sentada aqui esse tempo todo! — ela resmungou.

— Por que a gente não vai dar uma volta enquanto não começa? — sugeri. — Passamos por um parque de diversões aqui pertinho.

— Sair? Não, melhor não. — Benjamin balançou a cabeça.

— Ah, seria legal. — Dei de ombros. — Mas se não quiserem ir, tudo bem, não tô frustrada. Nem queria ir mesmo.

— Não faz isso. — Ben suspirou.

— Isso o quê? — Pisquei os olhos algumas vezes, fazendo um sorriso crescer no rosto dele.

— Ai, eu também queria ir — Jô me apoiou.

Olhamos com carinha de cachorro abandonado para os outros, pedindo por uma folga.

— Por mim, tudo bem — Arthur concordou, chocando um total de zero pessoas. Ele se voltou para as mulheres ao seu lado. — O que as senhoras acham?

— Seria bom não passarem esse tempo todo aqui, vão acabar ficando nervosos pra apresentar — Tia Meg opinou.

Mainha olhou para o relógio, depois para nós.

— São 18h, o concurso começa às 20h, só têm uma hora, ok? — ela deu o aval e Jordana e eu comemoramos. — Vamos ficar aqui mesmo, se divirtam, e fiquem de olho no horário, por favor.

Benjamin foi o primeiro a assentir e ninguém tinha dúvidas que ele ficaria no nosso pé.

— Cuidem delas, vocês dois. — Tia Meg sorriu para os meninos.

— Vamos cuidar — garantiram.

Juntos, saímos do espaço, com Ben marcando um alarme no seu telefone.



Dez minutos depois, chegamos em frente à praça onde o parque estava instalado. Muitas luzes coloridas, risadas e conversas misturadas montavam a atmosfera do lugar. Crianças corriam entre as barracas, vendedores passavam anunciando suas mercadorias, casais andavam de mãos dadas e alguns, como nós, só pareciam estar procurando uma distração despretensiosa.

— Ah! — Jô deu um gritinho animado, chamando nossa atenção. — Tem uma montanha russa.

— Não mesmo — Ben e eu dissemos juntos.

Era sempre assim quando íamos a parques, Jô amava os brinquedos mais loucos, enquanto Benjamin e eu só queríamos qualquer coisa pacífica — ou comer, o que era bem melhor.

— Vamos, pessoal! Vai ser incrível — ela insistiu. — Não me deixem na mão.

— Olha o tamanho dessa fila! Deus me livre. — Neguei com a cabeça e Jô murchou.

— Eu vou com você, Jordy. — Kita deu um passo, ficando ao lado da moça, que logo voltou a se iluminar.

— Vamos ficar aqui plantados esperando vocês brincarem com a morte? — Ben fez uma careta.

— Bom, você e a Amary podem ir fazer alguma coisa e a gente se

encontra depois, que tal? — ele sugeriu.

— Ah, eu acho uma boa — olhei para Ben —, topa?

— É melhor ficarmos todos juntos, assim nada vai dar errado.

— Ninguém vai ser sequestrado, relaxa, cara. — Kita riu, mas a expressão de Benjamin continuou apreensiva. — Certo, certo, eu tenho uma ideia.

O rapaz tirou o celular do bolso, digitou alguma coisa e então mostrou para o amigo.

— Dois alarmes, só para garantir. Tudo bem agora?

— Ainda não gosto da ideia, mas se vocês insistem… — Ben coçou a nuca, desconfiado.

— Amary, distrai ele — Jô pediu, claramente ansiosa para ir no brinquedo.

Após eu concordar, nos separamos e, enquanto os dois desmiolados se uniam à fila de outros desmiolados, Ben e eu caminhamos entre as pessoas.

Um monte de menininhas passaram por nós, soltando bolhas de sabão de um brinquedo luminoso. Ergui o dedo e estourei uma, apreciando a sensação do líquido se chocando contra minha pele.

— Foi por causa dessas bolhas que dei o nome de Bolhas pra cabritinha — contei para Ben.

— É… *encantador* — provocou.

Respondi beliscando seu braço de leve e ele riu, mas logo o som morreu. Reparei que o rapaz mexia no relógio em seu braço, o que ele vinha fazendo de 5 em 5 segundos.

— Ben — chamei, ganhando sua atenção —, nos ocupar enquanto esperamos a hora do show será bom! Se solta um pouco, vai te fazer bem.

— Só não quero que nada dê errado.

— Ficar vidrado no tempo não muda nada, sabe disso. Sossegue, todos estaremos naquele palco no horário certo, tocaremos e se Deus quiser a gente até ganha esse concurso!

— É difícil, mas eu prometo me esforçar. — Ben sorriu, respirando fundo.

— Já é o bastante! — Enlacei seu braço. — Agora vamos continuar na missão e afastar a ansiedade.

— O que quer fazer?

Olhei em volta, vendo vários brinquedos, algumas barracas com comidas e jogos.

— Ah, a gente podia jogar alguma coisa — sugeri, apontando para uma das barracas.

Benjamin concordou e seguimos para a pequena fila. Quando chegou nossa vez, meus olhos viram a coisa mais fofa daquele parque.

— Olha, Ben! — Apertei o braço dele, como uma criança animada. — É um polvo, de pelúcia! Quero esse.

Meu amigo examinou primeiro o brinquedo azul, depois as garrafas onde deveríamos acertar as três argolas para conquistar o prêmio.

— Não parece tão difícil. — Ele apertou os lábios.

— Eu vou primeiro! — Coloquei o dinheiro na bancada e o atendente me deu as cinco argolas que tinha direito.

Mirei, remirei e então joguei a primeira. Fora. Repeti a sequência com as outras quatro e errei todas.

— Poxa. — Murchei.

— Minha vez. — Ben pagou pelas suas argolas.

Fiquei de canto, olhando ansiosamente cada tentativa. Ele acertou uma, mas errou as outras quatro.

Acho que ele tinha mesmo ativado seu lado competitivo, pois pegou mais cinco argolas e tentou de novo. Acertou duas, errou três.

— Ei, tá tudo bem, deixa quieto. — Segurei seu pulso.

— Não! Eu vou conseguir, mesmo.

Voltei para meu cantinho e esperei. A tentativa foi igual à anterior. Éramos horríveis de mira, porém Benjamin estava determinado e persistiu.

— Vai perder todo seu dinheiro — murmurei, mas ele continuou concentrado.

Uma argola acertou a garrafa de vidro. Depois outra. Juntei as mãos sob o queixo, ansiosa. A terceira foi fora e a quarta também. Meus ombros cederam.

Já estava pronta para arrastar meu amigo para longe quando ele jogou a última argola e ela acertou em cheio numa das garrafas.

— A-rá! — Ele sorriu, satisfeito. — Eu disse que conseguiria.

— Tu foi incrível. — Bati palmas e ele fez uma reverência.

O atendente deu o brinquedo para Ben, que o entregou a mim.

— Ele é tão fofo! — Apertei o polvo de pelúcia azul. — Obrigada, Ben, eu amei.

— Qual nome vai dar?

Pensei um pouco, encarando os olhinhos miúdos, as bochechas rosadas e o sorriso amável.

— Ele tem cara de Alfredo. — Brinquei com os tentáculos fofos. — Isso aí, vai ser o Sir. Alfredo.

— Sir? Coitado, envelheceu cem anos em um segundo.

— É porque ele é um cavalheiro. — Segurei o brinquedo perto do rosto.

— Não parece?

Ben riu e mirou o celular em mim, tirando uma foto.

— É, uma princesa e seu cavalheiro. — Me deu um empurrãozinho.

— Obrigada, obrigada. — Fiz uma reverência, o divertindo. — A gente precisa de um príncipe.

— Ih — olhou em volta —, tá em falta.

— Bobão! — Cruzei os braços.

— Brincadeira, chatinha. — Abraçou meus ombros, me puxando para perto. — Vamos resolver isso.

Ben esticou o braço e tirou uma selfie, ele de um lado, eu de outro e Alfredo no meio.

— Me mostra! — Tomei o celular e alarguei o sorriso ao ver como tinha ficado linda. Nós três e a roda gigante toda colorida no fundo. Devolvi o aparelho e apertei Alfredo de novo, voltando a andar. — Esse tá sendo o melhor aniversário de todos!

— Sério?

— Hunrum! Estou me divertindo com meus amigos, vou fazer uma coisa nova, tu tá aqui… — Encolhi os ombros. — Sei lá, tô feliz. É estranho? Estar tão feliz sem um grande motivo?

— Acho que não. A maior parte da vida é feita de pequenos momentos, certo? Se prestar atenção neles, vai ser bem mais feliz. — Ele pegou minha mão, a apoiando em seu braço. — O que a senhorita manda agora? Estou às suas ordens.

— Vamos na roda gigante? E no carrinho de bate-bate e no pula-pula…

— Acho que somos grandes pra esse último. — Riu.

— Piscina de bolinhas! — Apontei, o puxando até lá. — É enorme!

— Reparou que só tem crianças aqui, né?

— Não me importo! Segura o Alfredo, não posso perdê-lo. — Entreguei meu precioso prêmio e mergulhei entre as bolas coloridas, me deixando submergir. — Isso é perfeito!

Senti algumas bolinhas se moverem perto de mim e sentei, encontrando Ben.

— Vocês são muito grandes pra isso. — Um menino emburrado surgiu atrás de nós.

— Quem disse? — Benjamin jogou uma bolinha no coitado.

As bochechas do garoto ficaram vermelhas e ele revidou, com mais bolas.

— Ei! — Meu amigo imitou o menino. Fiz uma careta, esperando que a criança começasse a chorar e um pai furioso fizesse picadinho de Benjamin.

Mas o menino riu e jogou outras bolinhas.

— Tu tá me desafiando? — Ben levantou e o menino correu, mas claramente esperando ser seguido.

Observei com divertimento as crianças se juntando contra o gigante intruso. Felizmente as bolinhas eram muito leves e meu amigo não sofreu nenhuma lesão.

— Eu me rendo! — Ben ergueu as mãos e deixou o corpo cair no mar colorido.

— O Gulliver[6] tá diferente — brinquei, me aproximando.

— Seu namorado é legal, tia. — Uma menina de trancinhas roxas exibiu um sorriso.

Mordi o lábio rápido, evitando sorrir também. Olhei para Benjamin, que parecia tranquilo demais com a suposição.

— Ele não… — Iria explicar, mas não tive chances.

— Tio, brinca com a gente nos outros brinquedos! — o menino de antes pediu.

— Só vou aonde essa moça for. — Ben apontou para mim.

As crianças então me cercaram e imploraram para deixar o "tio" as acompanhar. Com *muito custo,* concordei, sob a condição de que eu fosse também. Elas aceitaram e nos levaram para os brinquedos mais legais.

Ficamos um pouco com elas, até percebermos que nosso tempo já estava quase no fim. Decidimos ir procurar um lugar para comer.

— Eu não sabia que já estava na idade de ser chamado de tio — Benjamin comentou.

— Tu tem dezenove anos, um jegue velho desses — zombei.

— Vou te dizer, viu? Eu gostei da sensação. — Sorriu, orgulhoso, o que me fez rir. — É sério, às vezes eu paro e percebo que já tenho idade pra casar, ter filhos e essas coisas. Não é assustador?

Olhei para a cara dele. Não parecia assustado, estava mais para animado.

— Acho que pra quem não tem nenhuma pretendente à vista, tu tá sonhando demais.

— Vai me dizer que nunca pensou no assunto. — Ergueu uma sobrancelha.

— Claro que já. — Dei de ombros, um pouco desconcertada. — Eu sonho em ter uma família, desde sempre.

— A questão é que talvez não seja mais um sonho tão distante assim. — Sua resposta me fez encará-lo. — Quer dizer, a vida tem suas surpresas, né? Muita gente casa cedo. Seus pais casaram com vinte, certo?

— Bom, sim, mas não sei se vai ser meu caso.

— Não sabe ou não quer?

— Oxe, não sei. — Franzi o cenho. — Por que estamos falando disso mesmo?

— Ué, foi um assunto que levou a outro. — Ben escondeu as mãos nos bolsos. — Mas enfim, tem uma barraca de pastel bem ali na frente, que tal?

Assenti devagar, ainda processando a conversa estranha.

Entramos na fila e depois de alguns minutos, pegamos nossos pedidos e escolhemos um lugar para sentar.

— Jô e Kita estão demorando… — observei.

— Verdade. Onde os dois pombinhos se meteram? — Benjamin olhou em volta.

— Para de brincadeira, hein?! Se eles te ouvirem… — repreendi, temendo criar confusão.

— Não sei tu, mas eu shippo. — Ele riu, sem ligar para meu puxão de orelha. — Vai, não seria legal?

— Bom, eu gosto do Kita… — Levei os canudos à boca e a enchi de refrigerante.

— A-rá! Confessou, né?

— Mas isso fica entre nós, não quero machucar nossos amigos.

— Tudo bem, tem razão, Little. Tu sempre foi mais sensata mesmo.

— Acho melhor ligar pra Jô e apressar esses dois, né? — eu disse e Ben pareceu aliviado pela sugestão.

Tirei meu celular do bolso e disquei o número da minha irmã. Ela logo atendeu e disse que eles estavam vindo até nós, felizmente. Meu estômago roncou e devolvi o aparelho ao bolso, ansiando pelo pastel que me aguardava.

— Oxe! — Cruzei os braços, encarando o prato e depois o rapaz diante de mim, que segurava o riso, mordendo a metade roubada do meu pastel.

— Tu lembra? A gente fazia isso quando íamos comer lá na pastelaria perto da escola.

Abri um sorriso nostálgico, pegando o pedaço do pastel dele, o qual repousava no meu prato.

— Lembro sim, eu amava poder comer de dois sabores pelo preço de um. — Mordi o salgado, apreciando o queijo esticando. — Hummm! Maravilhoso.

Ben deu risada.

— O teu também tá ótimo.

Deixei o dele e experimentei o que escolhi, aprovando a mistura.

— Podia comer isso todo dia — comentei, suspirando.

Esperei uma resposta, que não veio. Quando levantei as vistas, percebi que Ben estava mexendo no celular.

— Ei, deixa isso! — Tentei arrancar o aparelho de sua mão.

— Espera, tô fazendo uma coisa importante.

— Poxa, é feio ficar com o celular na mesa. Se estivesse lá em casa, mainha puxaria tua orelha. — Bebi o refrigerante, chateada.

— E com isso aqui, não vai me perdoar? — Ele estendeu o aparelho, mostrando nossa foto de mais cedo no papel de parede.

— Quê? — Peguei o objeto, rindo surpresa. — Não entendi tua intenção.

— Ficar lembrando de tu o dia inteiro, assim quando voltar pra São Paulo vou te encher toda hora de mensagens, como prometi.

Olhei para ele, sentindo meu coração ficar estranhamente quente.

— Vou sentir saudades. Não deveria, mas estou pensando nisso desde agora. — Ele se inclinou para frente.

— Eu também — respondi baixinho. Meu peito parecia uma orquestra de percussão.

Um silêncio estranho nos envolveu e eu estava começando a ficar nervosa quando ele voltou a falar.

— Amary… — Seus olhos brilharam mais. — Eu queria te dizer uma coisa.

— Diz.

Algo na expressão dele, o jeito que seus olhos estavam fixos nos meus, o toque suave das pontas de nossos dedos, cada pequeno detalhe parecia colaborar para o jeito destrambelhado que meu coração batia.

Ninguém precisava me avisar, eu já sabia que seja lá o que Ben dissesse, mudaria tudo.





21 | Jordy :) e Arth :)

Narrado pela Jordana

Me segurei nos braços de Arthur, rindo enquanto tudo girava ao meu redor depois de descermos de um brinquedo.

— Você tá bem? — Sua voz saiu entre uma risada.

— Vou vomitar nos teus tênis — ameacei, de brincadeira, esperando que ele me soltasse, mas não ocorreu.

— Vem, senta um pouquinho, já vai melhorar. — O rapaz me guiou até um banco e eu me acomodei, respirando o ar fresco da noite e sentindo as coisas se estabilizarem.

— Foi tão divertido! Vamos em outro?

— Mais um? Já foram três.

— Quer procurar o Ben e a Amary? — perguntei.

— Não! — respondeu rápido demais, me fazendo erguer uma sobrancelha. — Quer dizer, bom, ainda temos alguns minutos, podemos comer alguma coisa.

— Ah, eu topo. — Sorri, me levantando e cambaleando um pouco. — *Ops.* Vão achar que eu provei algum daqueles licores — brinquei, apontando para a barraca onde algumas pessoas degustavam as muitas opções de bebida.

— Vai ser engraçado, pra não dizer trágico, pensar isso e depois te ver

num concurso de música cristã. — Ele fez uma careta, pegando meu braço e apoiando no seu. — Melhor assim, sem chance de você tropeçar e perdermos nossa vocalista.

Aceitei o apoio, já que nem a ideia do mau testemunho nem a de quebrar os dentes me animava. Assim seguimos lado a lado por entre o mar de gente.

— Qual o doce que mais gosta de comer quando vem ao parque? — Arthur perguntou.

— Banana real.

— Quê? — Sua careta de confusão me fez rir.

— Nossa, tu é tão desligado. — Revirei os olhos.

— Ei, nunca ouvi falar desse doce, me dá um desconto.

— Não tem isso lá na tua enorme São Paulo? — indaguei e ele continuou me encarando com a expressão confusa. — É pastel de banana, coberto de açúcar e canela.

— Olha, pode até ter, mas eu nunca vi, muito menos provei.

— Que tristeza! — Bati a mão na testa. — Bom, isso mudará hoje! Eu aprendi a amar esse doce com minha avó Marta, o vovô sempre faz pra ela. Ele é o cozinheiro da casa e ensinou muito do que mainha sabe, mesmo que a esposa não fique pra trás nos quitutes.

— Seu avô cozinha? Que legal. — Arth sorriu.

— Sim! O vovô é incrível, nossa, acho que vocês dois se dariam muito bem. Podiam até cozinhar juntos! Ele amaria.

— Tem que me apresentá-lo então.

— Ele e minha avó estão viajando, são uns bobos apaixonados até hoje, vivem se aventurando juntos. — Balancei a cabeça, sorrindo ao lembrar dos meus velhinhos, nada velhinhos no quesito disposição.

— Mesmo assim, espero ter a chance de conhecer os dois em outra oportunidade.

— Quer voltar? — Ergui as sobrancelhas. — Não sabia que tinha amado tanto nosso finzinho de mundo.

Arthur deu uma risada anasalada e eu franzi o cenho, confusa com a reação.

— O que foi?

— Nada. — Ele umedeceu os lábios antes de desviar o olhar para o caminho. — Talvez não devesse sentir tanta saudade, mas sei que vou.

— Bom, se Deus quiser a Recanto não vai desaparecer.

O rapaz assentiu, me lançando um sorriso rápido antes de voltar a atenção para frente. Tentei não me emburrar diante de seu comportamento esquisito, talvez fosse coisa da minha cabeça.

— E tu? — Decidi retornar ao assunto anterior. — Qual teu doce de parque favorito?

— Algodão doce.

— Açúcar colorido? É sério? — Ri com gosto, fazendo-o me encarar. — Por favor, Arth, tu cozinha, deveria ter um paladar mais "requintado", hein?

— O seu doce tem a ver com sua infância, né? Imagino que sempre que coma se sinta de volta aos momentos com seus avós, ou tô errado?

Neguei.

— É o mesmo comigo. Sei que algodão doce é bem sem graça, no quesito complexidade, mas quando eu era criança, jurava que eram nuvens de verdade. Não ria… — advertiu, mas eu não pretendia fazer aquilo. — Minha mãe sempre comprava pra mim, era a primeira coisa que a gente fazia ao chegar no parque.

— Era o favorito da tua mãe também?

— Não, ela não gostava muito de doces. — Ele sorriu. — Mas se você chamasse ela pra comer hambúrguer, nossa, ela toparia na hora! Só ficava atrás de comida japonesa. Esses dois pratos eram comuns quando a gente queria celebrar alguma coisa e fugir do arroz nosso de cada dia. Mamãe dizia que cozinhar uma comida muito boa é uma das melhores formas de amar alguém. Sempre sonhei em… — ele se interrompeu, olhando para mim, que estava concentrada em cada palavra que saía de sua boca. — Tô falando demais? Às vezes eu faço isso, foi mal.

— Para de ser bobo! — Dei um leve soco em seu braço. — Eu gosto das nossas conversas, pode falar o quanto quiser.

Arthur sorriu, levando sua mão à minha, que repousava em seu braço.

— Você é muito gentil. — Seus olhos negros pareciam duas estrelas brilhantes e por algum motivo eles me fitaram por mais tempo que o normal. Engoli em seco, me perguntando porque meu amigo estava tão esquisito naquele dia.

É o nervosismo com o concurso, certeza. Foi a resposta mais plausível que encontrei.

— Olha, tem pastel ali! — Indiquei a direção e ele olhou, quebrando o momento. — Vou te apresentar um doce dos bons.

Arrastei o rapaz até a barraca e pedi uma banana real para dividirmos, para o caso de ele não gostar. Segurando o doce, segui para um banquinho ali perto e nos sentamos. Um monte de crianças corriam pelo gramado, soprando bolhas de sabão e fazendo rastros de luz com seus brinquedos brilhantes.

— Aqui. — Parti a massa ainda quente em duas e entreguei para meu amigo, que examinou a banana molinha dentro.

Sem fazer cerimônia, deu uma boa mordida, analisando o gosto em seguida. Sua concentração me fez rir.

— Que isso? Tá parecendo aqueles jurados de reality de culinária.

— É bom, tipo, muito bom. — Sorriu para mim, me fazendo bater palmas. — Você tem bom gosto, Jordy.

— Obrigada, obrigada. — Fiz uma mesura e degustei da minha parte.

Comemos em silêncio, mas isso não me incomodou. A companhia de Arthur tinha aquele detalhe especial, quando não se faz esforço para ser agradável, se falássemos pelos cotovelos ou se ficássemos quietos, não importava, apenas o fato de estarmos um do lado do outro já era melhor do que estar sozinho.

— Então — eu disse, depois de me desfazer do guardanapo —, com que tu sempre sonhou?

— Não vai esquecer, né? — O canto dos seus lábios se curvou para cima.

— De jeito nenhum. — Apoiei meu cotovelo no encosto do banco e descansei a cabeça na mão, o fitando. — Pode me contar o que quiser. Suas histórias, tristezas, alegrias, sonhos, e tudo o mais. Não me incomoda te ouvir falar de tu, Arth, sério.

Percebi com divertimento suas bochechas ficarem um pouco rosadas.

— Bom, eu sempre sonhei com uma família grande, a casa cheia e uma mesa pra servir, porém na maioria do tempo era só minha mãe e eu, às vezes recebíamos nossa vizinha e sua família, mas era bem raro. Lá no abrigo era diferente, tinha muitas pessoas, mas não era minha família, nunca me senti em casa, sabe? Mesmo que não fosse ruim. E vou te confessar que também não sinto que o apartamento do Ítalo é meu lar. Eu amo ele e tal, mas é como se eu estivesse procurando esse lugar ainda, um canto que me faça sentir vontade de nunca ir embora.

— Tu vai achar, certeza. — Quase estendi a mão para segurar a sua, porém me contive, já tínhamos passado por esquisitices o bastante por uma noite.

Por alguns segundos, Arthur só me encarou, sem dizer nada.

— É, eu espero que sim. — Suspirou, desviando a atenção para frente. Meu coração se apertou ao imaginar que deveria ser um campo bem sensível para ele, por isso preferi respeitar seu silêncio.

Observei seu perfil, devaneando como há menos de um mês eu nunca toparia sair sozinha com ele, na verdade nem daria para pensar nisso tendo bons resultados. Arthur foi uma surpresa boa na minha vida, ele tinha uma alma bonita, a qual eu vinha conhecendo mais a cada dia. Uma parte de mim achava que ele seria um amigo igual a Ben, para a vida toda.

Fui pega no flagra quando ele virou para mim, no entanto só estreitei os olhos, fingindo analisá-lo. Ele abriu um sorriso desconfiado.

— Tem açúcar na minha cara? — o rapaz quis saber.

— Não — ri, endireitando o corpo no banco —, só estava pensando como nossa relação é doida.

— Doida? É assim que vai descrever nossa amizade? Uau, valeu, hein? Que beleza. — Cruzou os braços, emburrado.

— Para de drama!

— Ah, olha quem fala, você é rainha nisso.

— Tá vendo? Eu gosto de tu, mas ainda sinto tanta vontade de te estapear às vezes. — Soltei o ar com força, o fritando com o olhar.

— Calma, foguinho, foi brincadeira. — Ele ficou cutucando minha cintura até eu rir.

— Tu é muito chato, me deixa ficar brava.

— Não tá brava de verdade, se tivesse não seria tão fácil amansar a fera.

Ele disse aquilo de brincadeira, contudo meu semblante fechou. Não de raiva, mas sim de tristeza.

— Ei, o que foi? — Me fitou com preocupação. — Desculpa, não falei pra te magoar.

— Não magoou, é só que não queria ter sido tão idiota com tu no início, detesto mesmo esse meu gênio tempestuoso. Eu tô lutando pra melhorar, mesmo. — Suspirei.

— Eu percebo isso. — Ele sorriu, apertando meu ombro de um jeito carinhoso.

— Nem sei como tu ainda é meu amigo.

— Jordy, eu também errei e vou errar outras vezes, será esse esquema de erros e acertos até chegar no céu. Mas se deixarmos de construir amizades por causa das imperfeições das pessoas, todo mundo vai viver só. Sério, é impossível achar alguém que não peca. Porém, amigos se perdoam, fazem as pazes e voltam a caminhar juntos. O ciclo é normal e o fato de existir essa reconciliação é maravilhoso. Fique tranquila e siga se esforçando pra fazer o certo.

Abri um sorriso amplo para ele, grata pelas palavras.

— Tu é chato, porém sabe ser fofo também — brinquei.

— E você é igualzinha — rebateu, com um sorriso provocativo.

Ri com gosto. Aquela era uma verdade.

— Então… — ele disse depois de um tempo. — Sabe o que eu estava pensando? Não tenho seu número ainda. Queria poder continuar falando com você, quando for embora.

— Claro — assenti e recitei o número. Ele gravou e me ligou, para que

eu salvasse o seu. — Como vai salvar meu contato? “Jordy, a chata”?

— Não, com certeza não. — Ele sorriu.

Me inclinei sobre seu ombro, vendo que ele tinha colocado meu apelido e uma carinha sorrindo ao lado.

— Vou sempre sorrir quando você me ligar ou mandar mensagem, então acho que é uma boa ideia — explicou, me fazendo erguer um pouco as sobrancelhas. — Bom, você sabe, nossa amizade é doida e bem divertida, né?

— Ah, isso é mesmo! Então vou colocar “Arth” e uma carinha feliz também. — E assim fiz, mostrando a tela para ele em seguida.

Nossa atenção foi atraída quando uma garotinha ruiva se aproximou, com os braços lotados de mini ramalhetes de florzinhas de diversos tipos e cores. Foi impossível para mim não sorrir ao lembrar do buquê que Arthur me deu.

— Moço, quer comprar flores pra ela? — A menina exibiu o sorriso com um dente faltando.

— Quero todas — ele respondeu sem hesitar.

Virei a cabeça, ouvindo meu pescoço estalar pelo movimento abrupto. O rosto da pequena vendedora se iluminou e eu soube que ela tinha ganhado seu dia. Por um segundo esqueci do espanto e fiquei contente pela benção.

— Muito obrigada, moço. — Ela quase deu pulinhos ao receber o dinheiro. Percebi que era uma soma maior do que ela estava cobrando pelos buquês. — Deus abençoe o senhor um montão.

— Foi muito bonito da tua parte — eu disse quando a menina saiu —, mas que fim vai dar pra tanta flor?

— Não se preocupe, elas serão bem úteis.

— Em quê? — Pendi a cabeça para o lado.

— Estava pensando aqui… — Ele exibiu um sorriso travesso. — E se a gente der um *up* nesse seu visual?





22 | Canções pra Ti

Algumas pessoas dizem que em um momento romântico e mágico se ouve sinos, fogos de artifício e sei lá mais o quê. Mas eu estava escutando "Camomila" — numa imaginária versão com orquestra —, vindo direto de algum lugar cor-de-rosa e cheio de glitter no meu subconsciente. Sim, meus sentimentos por Ben eram essa definição de cor. Rosa brilhante.

Seus dedos cobriram as pontas dos meus e o ato produziu um sorriso instantâneo em mim, o qual Benjamin retribuiu. Ele iria dizer. Eu sabia que sim.

E então, todo o rosa e o brilho derreteram em cinza opaco.

— Chegamos! — Jordana se jogou na cadeira, seguida por Arthur.

Nos afastamos de imediato, mas eu continuei encarando Ben, aguardando ansiosa a sua fala.

— O que tu ia dizer? — insisti, desviando sua atenção da dupla ao nosso lado.

Ele olhou de novo para minha irmã, concentrada em nós dois, então se recostou na cadeira e suspirou.

— Depois eu te falo, vamos focar no show, é melhor. — Sorriu, de um jeito meio forçado.

Meus ombros cederam em frustração e olhei brava para os estraga-prazeres, mas depois me apaziguei. Não era culpa deles.

Sem escolha, resolvi aceitar a situação e focar em nossos amigos, já que uma cena estranha se desenrolava. Jordana estava de costas para Arthur, que prendia algumas flores coloridas no cabelo da moça.

— Que foi? — Jô riu, entregando para o rapaz uma margarida do buquê em suas mãos.

— Ah, sei lá, o fato dessa cena não ser nada comum?

— A gente encontrou uma garotinha vendendo flores lá perto da roda gigante, então compramos todas. — Kita encolheu os ombros.

— Tu sozinho comprou todas. — Jordana virou um pouco o rosto, sorrindo para o amigo.

— E como veio a ideia de encher os cachos da Jô? — perguntei, evitando olhar para Ben, lutando mesmo para não fazer isso.

— Flores combinam com ela — ele respondeu —, flores e cores. Senti que estava faltando esse toque vibrante e peculiar na sua produção, que por si só já é magnífica, então dei meu jeito. Acho que aquela menina foi providencial!

Olhei para Jordana, que estava sorrindo, admirando as flores que lhe restaram. Ninguém nunca tinha feito Jô ficar boba daquele jeito. Quebrando meu empenho até ali, encarei Benjamin, erguendo as sobrancelhas. Ele exibiu um sorriso torto, como se dissesse "eu não falei?".

— Prontinho — Arthur disse ao finalizar seu trabalho. — Vou pegar nossos pastéis, beleza, Jordy?

Ela assentiu e o observou ir até a barraca, depois guardou as flores em sua bolsa e nos encarou, fazendo Ben e eu pararmos de nos comunicar por olhares.

— Quem é esse carinha? — Jô apontou para Alfredo.

— Ben ganhou pra mim. — Foi minha vez de sorrir boba.

Mostrei cada detalhe da pelúcia, até Kita voltar e entregar o lanche dela, encerrando para Jô qualquer ato que não fosse o de mastigar. O meu celular vibrou no bolso e eu o peguei. Era Ben. Primeiro vinham as fotos que ele tirou, depois a seguinte mensagem: “Vamos continuar a conversa lá na Recanto, é uma promessa”.

Levantei o rosto, encontrando suas íris sobre mim. O sorriso que ele deu tirou meu coração para dançar. Eu deveria ficar ansiosa com a mensagem, e realmente estava, mas ao mesmo tempo, uma paz me envolveu. Ben não queria brincar comigo, tampouco aquela cena tinha sido fruto do calor do momento. Ele iria continuar o que começou, como o meu Benjamin era, confiável.

Quando Jordana e Arthur terminaram o lanche, Benjamin nos arrastou de volta poucos minutos antes de seu celular tocar, avisando do fim da nossa hora livre.



— Respira fundo, vai dar tudo certo. — Ben segurou meus ombros.

— Tô tão nervosa. — Esfreguei a mão livre no vestido. A outra segurava o violino e o arco.

— Tu é a melhor violinista do mundo, sossega. — Piscou, me fazendo sorrir.

— Exagero nível máximo.

— No meu mundo, tu é a melhor. — Ele passou o braço por meus ombros. — Querida Little, não tem nadinha a temer, sabe Quem está no lugar mais importante da platéia? Isso mesmo, Deus, e se tocar pra Ele, a noite vai estar ganha.

Assenti, abraçando sua cintura. Kita e Jô se juntaram a nós para orarmos pela apresentação. Éramos os próximos.

— Acima do Sol, no três. — Jordana estendeu a mão no meio do círculo que formávamos. Cobrimos sua mão com as nossas. — Um, dois, três…

— Acima do Sol! — dissemos juntos, levantando as mãos e rindo em seguida.

O apresentador chamou nosso nome e entramos pela porta que levava ao palco. A plateia nos aplaudiu com vigor, como tinha feito com as outras bandas que se apresentaram antes. E nós seríamos os penúltimos.

Cumprimentamos nossos ouvintes com simpatia e tentei não ficar muito nervosa com a quantidade de gente nos olhando, por isso foquei em me acomodar no lugar que tínhamos marcado ao conhecer o palco e aguardar Arthur começar a introdução que tínhamos planejado.

— Nós vivemos debaixo do sol — o rapaz iniciou, captando toda a atenção para si —, onde as coisas parecem vazias e sem sentido. Em Eclesiastes, o Pregador nos diz que não há nada novo debaixo do sol, é tudo vapor, que some rápido. Mas, quando Quem é de acima do sol enche nossos corações, encontramos um propósito. Não entendo muita coisa desse mundo, porém sei que Deus entende tudo. Olhando ao redor, tudo parece perdido, há tanta maldade e dor, no entanto se olharmos para cima, encontraremos socorro Naquele que tem o caos em Seu controle e porá fim na desordem no tempo determinado, pois para Ele nada é surpreendente. E é para Deus e por Deus que estamos aqui hoje, tudo graça, rendendo louvor a Quem nos deu os talentos e a vida. Para o Rei de Acima do Sol, nós cantamos.

Quando Arthur terminou sua fala, eu me senti mais tranquila, encorajada pelas palavras dele, mesmo que já as conhecesse de cor. Então Ben iniciou a

música, dedilhando as notas em seu violão, em seguida eu me uni a ele e depois foi a vez de Kita, para enfim Jô e Benjamin se juntarem na voz.

Vaguei no meu silêncio
Até Tu transformá-lo em canção
Ouvi ecos de além
Como sussurros ao meu coração

Com o peito quente, os olhos fechados e cada músculo do meu corpo ligado à música, reproduzi os acordes já gravados, mas que soavam como se fosse a primeira vez. O trecho seguinte tinha mais foco no violino e nas vozes, então me concentrei em dobro.

E enfim eu vi
O caminho do lar
E para trás, nunca mais vou olhar

Sorri espontaneamente. Era hora de aumentar o ritmo para o coro e eu amava essas transições.

As minhas notas se moldaram
Ao som do Criador
E agora meu coração
Toca canções só pra Ti
Só pra Teu louvor
(2x)

E então aquela sensação de quando tocamos "Sublime Dança" no ateliê tomou conta de mim outra vez, porém de uma forma mais intensa. Meu coração parecia pegar fogo e estava consciente de cada palavra daquela canção. As cores surgiram, quentes e vibrantes, como uma festa diante e dentro de mim.

Eu andei na solidão
Até Tuas notas de luz
Encherem os meus vãos
Dessa melodia de amor
Eu nunca mais vou sair

Meus olhos marejaram enquanto cantava junto. Todas as vezes que eu tocava eram especiais, mas algo naquele dia estava disposto a superar tudo. Havíamos ensaiado tantas vezes, porém nenhuma foi tão boa quanto aquela.

Estávamos mesmo dando nosso melhor. Entretanto, pelo menos para mim, não era o prêmio que vinha à mente e sim um rosto indecifrável, sorrindo em deleite pelo meu louvor.

As minhas notas se moldaram
Ao som do Criador
E agora meu coração
Toca canções só pra Ti
Só pro meu Senhor
(2x)

E então terminamos. Os aplausos soaram, nossa banda se entreolhou e sorriu, com olhos brilhantes como estrelas.

— E esses foram a banda Acima do Sol! — o apresentador anunciou, entrando no palco.

Saímos de lá e voltamos para a área de espera. O dia que apresentei na Sollare pareceu tão pouco comparado ao que senti naquele palco. E ao olhar para meus amigos eu soube que não tinha sentido tudo sozinha.

— Vocês também? — Intercalei a atenção entre o trio, que se encarou, as pupilas dilatadas. — Eu nunca me senti daquele jeito ao tocar.

— Nem eu! — Jô foi a primeira a confessar.

— É, eu também não. — Ben escondeu as mãos nos bolsos, sorrindo largo.

— Foi como fazer a coisa mais legal do mundo! — Kita estava eufórico. — Nunca fiz um show tão bom, e olha que já toquei pra grupos de milhares.

— Vocês acham que… — Jordana mordeu o lábio, cruzando os braços em volta de si. — Acham que Deus quer que façamos isso mais vezes? Que a gente cante sobre Ele?

— Tá falando de continuar com a banda? — Franzi o cenho e ela assentiu.

— Lançar músicas, tipo vocês fazem com a 4Dawn. — Olhou para os meninos. — Vamos lá, foi incrível, sejam sinceros.

— É, acho que podia ser bom, Jordy — Kita apoiou minha irmã. — Mesmo se não ganharmos hoje, a gente deveria sentar e pensar em como continuar o que fizemos aqui.

— Não podemos. — Ben balançou a cabeça para os lados.

— Ah, não seja o estraga-prazeres, Benjamin! — Jô revirou os olhos. — Tu nem tá mais tão empolgado com a tua banda.

— Tu não entende, Jordana, a 4Dawn não é apenas sobre mim e o Kita.

O Túlio precisa do emprego para sustentar a esposa e a filha pequena, o Yuri paga o tratamento do avô com o salário dos shows. Somos um grupo, se dois saírem, acha que a banda sobrevive?

— Tem razão. — Seu companheiro suspirou. — Sem falar no Ítalo, ele nunca me perdoaria. Ia ser o fim do seu sonho.

— Tá, eu sei que é importante pra além de vocês, mas não podem guiar suas vidas só pensando nos outros! E se Deus estiver pedindo para vocês renunciarem a 4Dawn pela Acima do Sol? Vão dizer não?

— Jordana… — Segurei seu braço, temendo que falasse demais e magoasse os meninos.

— Não, gente, sejam sinceros consigo mesmos. O que somos? A junção de dois membros de uma banda de pop romântico, uma estudante de moda que faz uns covers e uma violinista fracassada, mas chegamos longe!

— Espera — meu rosto esquentou —, eu sou fracassada? Acha isso mesmo?

— Amary, me desculpa. — Tentou me abraçar, mas eu me afastei. — Não quis dizer isso, foi muito idiota.

Encarei o chão, lutando contra as lágrimas.

— E qual o problema das nossas músicas? — Kita franziu o cenho. — Não tem nada de errado com o que cantamos.

— Gente, foquem no importante! — Jordana quase gritou.

— Tu quer isso, Jordana, não nós. Qual teu problema em perceber? — A encarei de cenho franzido. Estava tão brava que nem refletia nas palavras que fluíam de mim. — Foi um show mais por diversão e pra ajudar nossos pais, e nem sabemos se fomos tão bons assim, aquieta o facho, pelamor!

Um som agudo de microfonia nos atraiu para os degraus que levavam ao palco.

— As bandas, por favor, voltem para cá — o apresentador pediu.

— Só vamos lá e pronto. — Suspirei, entrando no palco com o resto dos músicos.

Todos os participantes se acomodaram atrás do homem que estava com o microfone, agitados para saber quem levaria a bolada e a gravação da música. Eu esperava que ganhássemos pelo menos o terceiro lugar, já ajudaria muito.

A enrolação do apresentador estava quase me dando nos nervos, quando enfim ele começou a anunciar:

— Em terceiro lugar… — olhou em volta —… Firmes em Cristo!

O trio que cantou uma música numa vibe forró deu pulos de alegria, enquanto meus ombros cederam.

— Em segundo lugar — o apresentador disse depois de alguns segundos

—, Sal e Luz!

E foi a vez da banda que eu tinha escutado nos camarins — a da música super animada —, gritar, se abraçar e chorar. Bati palmas com os outros, mas por dentro estava abatida. Quais as chances de ganharmos o primeiro lugar?

O apresentador esperou a folia cessar e, com bastante pompa, se preparou para o ápice da noite.

— E a banda que irá levar os 70 mil reais e a gravação em estúdio é… — pausa dramática — …Acima do Sol, com a música “Canções pra Ti”!





23 | Heartland

Eu não esperava que depois de ganhar o concurso, voltaríamos para casa naquele silêncio fúnebre. O envelope com o cheque estava no porta-luvas, como se não fosse uma bolada. Jô estava sentada em um canto do banco e Ben entre mim e ela, já Kita ficou sozinho no banco do meio, entre nós e nossas mães — elas desistiram de entender nosso comportamento, que mudou de uma alegria surpresa na hora da revelação para uma quietude anormal ao entrarmos no carro.

Não conseguia parar de pensar no insulto da minha irmã, nem em como sua ideia era boa, mas inviável.

Ao pararmos na fazenda, quase de madrugada, Jordana foi a primeira a descer e entrar como um raio em casa, seguida por nós.

— E aí? — Papai levantou do sofá e se aproximou com um sorriso largo, que sumiu quando viu nossas expressões. — Ué, vocês ganharam, não ganharam?

— Sim, pai. — Sorri de modo sutil. Peguei o envelope e mostrei. — A gente só precisa sacar e dar a parte dos meninos…

— Na verdade, a nossa parte também é de vocês — Ben disse, me pegando de surpresa.

— O quê?

— Achei que fosse óbvio. — Kita riu um pouco. — Fizemos isso só por

vocês, tudo que estava em jogo era ajudar a Recanto, não queremos dividir o prêmio.

Meus olhos arderam e eu sorri com gratidão.

— Mesmo? Vocês são os melhores amigos do mundo! — Dei alguns pulinhos, os levando a rir.

— Não precisam fazer isso, garotos… — Papai tentou intervir.

— Eu amo esse lugar, tio, o senhor sabe. — Ben deu de ombros. — Nunca deixaria de ajudar se pudesse.

— E eu aprendi a amar. — Kita sorriu. — Quero que permaneça aqui pra eu poder voltar muitas vezes.

Meu pai os abraçou, grato pelo gesto.

— É o bastante pra pagar o empréstimo, né, pai? — perguntei.

— Sim, mais que o bastante. Agora é orar para as reservas voltarem ao ritmo antes que o restante acabe. — Deu um sorriso nervoso. — Mas não quero pensar nisso por uns dias, só ficar aliviado.

Ouvimos o barulho de algo caindo no andar de cima, interrompendo nossa conversa. O som foi seguido por alguns resmungos, bem conhecidos pelos moradores daquela casa.

— O que aconteceu com a Jô? — Papai franziu o cenho. — Ela passou aqui com uma expressão chateada.

— Ela queria que a gente continuasse com a banda, mas não podemos. — Ben uniu os lábios.

— Entendi… — Seu Ulisses nos analisou por alguns segundos e ambos fugimos de seu olhar. — Enfim, já está bem tarde, melhor irem dormir para descansar, amanhã quero que me contem detalhe por detalhe.

Concordamos e cada um foi para seu quarto, não tão animados como quando saímos.



Estava deitada na minha cama depois do café da manhã, olhando algumas fotos e vídeos do concurso, quando certa cacheada invadiu meu quarto.

— Posso entrar? — Jordana perguntou baixinho, claramente arrependida.

— Já entrou — murmurei.

Ela sentou na beirada da cama, brincando com o zíper da sua blusa e produzindo um barulho irritante. Chutei sua perna para que parasse.

— Ei! Não pode partir pra violência do nada. — A maluca veio para cima de mim, prendendo meus braços na cama.

— Vou te dar outro chute!

— Peça desculpas.

— Não! — Semicerrei os olhos. — Tu tem que pedir primeiro.

— Eu já pedi! Ontem! — Ela tentou controlar a voz.

— Mas não foi sincero o bastante — resmunguei, magoada.

Jô suspirou, me soltando e deitando ao meu lado. Seus braços me envolveram e eu tentei afastá-la, porém sem sucesso.

— Tu é a pessoa mais talentosa que eu conheço — ela começou —, sabe que não quis dizer que era fracassada nesse sentido, só com a Sollare. Mas nem sempre os fracassos são ruins, em alguns casos eles nos abrem possibilidades melhores.

— Tá tentando se justificar?

— Não, estou dizendo que falei uma idiotice na tentativa de dizer outra coisa. — Soltou o ar, frustrada. — Eu te amo, me perdoa, mandacaru.

Pensei um pouco, percebendo que não era para tanto. Ela errou, mas — estranhamente — foi tentando acertar.

— Perdoo. E peço perdão por ter te chutado. — A apertei de volta. — Que tal pedir perdão aos meninos também?

— Quê? Eu nem falei nada errado! Eles estão sendo uns molengas, isso sim.

— Não acho, parece mais que estão tentando ser racionais.

— Que mané racionais! — Jordana sentou, cruzando os braços. — Pensa comigo, a ADS é bem mais legal que a 4Dawn.

Levei a mão à boca, abafando uma gargalhada, um pouco pela sigla e muito pela deslealdade da *fã-nática*.

— Ei! — Ela riu também, confusa.

— Que fã fajuta! Logo mudou de lado.

— Só porque são bandas completamente diferentes. — Encolheu os ombros. — Eu quero cantar com vocês pra sempre! Até a gente chegar lá no céu.

Sorri, balançando a cabeça em negativa, mas internamente concordando. Desde criança, meu sonho era tocar em uma orquestra, em teatros imensos e com um monte de músicos renomados. Mas o “não” da Sollare abafou esse sonho. Eu só não esperava que ele ressurgisse numa canção tão diferente. A ADS, como diria Jô, era uma banda amadora, sem qualquer perspectiva, nascida do nada. Entretanto, eu conhecia um Deus que era especialista em transformar nadas em obras de arte, caos em ordem e dar valor e propósito onde antes não havia nenhuma possibilidade.

— Ei, podemos conversar? — A voz de Ben me assustou e virei para o rapaz parado no batente.

— Comigo? — Sorri em expectativa.

— Ah, ainda não. — Deu um sorriso que pedia desculpas. Me conformei. — Na verdade, eu e o Arthur queremos tratar da nossa briga de ontem.

Só então percebi que ele não estava sozinho.

— Pra mim não tem muito o que conversar — Jô murmurou.

— Jordana… — Arthur começou, pronto para passar um sermão defensor do lado deles.

— Não, Arth! — Ela sentou na cama, o encarando, parado no batente. — Foi tu que disse que o Evangelho envolve renúncias e obediência, certo? E se Deus está nos chamando pra deixar algo por esse projeto?

Franzi o cenho, percebendo que não tinha pegado o contexto daquele diálogo. Mas não me importei, era claro que eles estavam tendo muitas interações fora do nosso quarteto.

— Jordy, você tem que entender que as coisas não são preto no branco, tá sendo impulsiva — Kita respondeu, calmo.

— Não tô!

— Tá sim. Precisamos analisar se não é, como você diz, fogo de palha. Só emocionalismo.

Minha irmã apertou os lábios, denunciando que estava contendo um comentário do qual se arrependeria se soltasse.

— Vamos orar, gente — sugeri, buscando apaziguar a tempestade. — Orar, conversar com nossos pais, colocar na ponta do lápis o custo disso e o que é necessário pra ser real. Aí decidimos.

— Amary, não dá. — Arthur suspirou. — Desculpa.

Dirigi a atenção para Ben, seu olhar estava fixo no piso do quarto. Algo me dizia que aquela recusa não agradava o seu coração.

— Achei que eram mais corajosos — Jordana resmungou, levantando e passando pelos meninos.

— E eu achei que você era mais razoável — Kita rebateu, a fazendo parar no meio do corredor, de costas para ele. — Tá agindo como no início e precisa aceitar que não é a dona da razão.

Jordana ficou parada alguns segundos e eu fechei os olhos, esperando o vulcão explodir. Mas não houve nenhuma gota de lava. Quando abri os olhos, presenciei a moça descendo os degraus tranquilamente e indo embora.



O dia seguinte estava correndo igual ao anterior, com um clima esquisito entre nós quatro. Parecia que quem não estava bravo — como Jordana e Arthur — estava introspectivo — lê-se Benjamin e eu.

Passei a tarde inteira lendo no estábulo, estava tão envolvida que já havia chegado no segundo livro dos que Ben me presenteara. Era impossível não pensar na conversa que ele ainda não havia recomeçado, especialmente quando precisava ler as cenas românticas do livro.

— Ai, Hillary — eu disse para a personagem —, como esses homens são, né? Tá certa, amiga, vai resolver as tretas do reino e deixa ele bem longe dos teus pensamentos.

Duquesa relinchou, como se achasse graça da sua dona maluca. Fechei o livro e dei atenção à mamãe mais linda do mundo equino. No fim, estaria ali para o parto, bom, se não ocorresse durante nossa ida até Salvador para gravar a bendita música do concurso. Mas, levando em conta o andar da carruagem, talvez nem tivesse mais banda para gravar.

O silêncio reinava no ateliê quando passei por ele no início da noite. Era como se toda a alegria que desfrutamos ali tivesse acontecido há anos e tudo por um desentendimento. Temi que nossa amizade também fosse para o ralo.

Entrei em casa e o trio estava espalhado pelos cômodos. Kita e Ben largados no sofá da recepção e Jô na cozinha, esquentando o jantar que mainha deixou para nós, uma bela pizza. Os mais velhos tinham saído para o aniversário de um amigo, enquanto seus jovens antissociais ficaram.

Ajudei minha irmã a arrumar a mesa e chamei os meninos, que buscaram suas fatias e voltaram ao sofá. Revirei os olhos com aquela bobagem. Não era porque tínhamos opiniões diferentes que precisávamos agir como inimigos.

— Vou chutar cada um pra fora da minha casa daqui a pouco. — Jordana lançou um olhar de desprezo para os dois, enquanto íamos nos sentar na varanda.

Fiquei quieta, mordiscando o queijo derretido.

— Como fomos arranjar dois seres tão irritantes pra sermos amigas? Que azar! — Jô continuou sua reclamação.

Iria dizer que era exagero dela e que logo consertaríamos a mancada quando um relincho alto veio do estábulo. Demorou um segundo para eu largar o prato e correr para lá.

— Duquesa! — gritei, levando a mão à boca ao vê-la deitada no chão. — Não, garota, agora não!

Se a égua tivesse poder de fala, com certeza me diria que ela não decidia a hora que seus filhotes queriam nascer. Mas justo quando os mais velhos estavam longe? Pior! Quando meu pai, *veterinário*, estava longe.

— Ai, que porcaria! — Jô praguejou quando chegou atrás de mim, junto com os meninos.

Me ajoelhei ao lado de Duquesa, que estava agitada.

— Calma, garota, vamos dar um jeito. — Percorri a mão por seu corpo,

tentando achar uma solução.

De soslaio, vi Ben se aproximar e tentar acalmar o animal também.

— Ok, sem desespero, ela vai fazer tudo sozinha. — Jô andava de um lado para o outro. — O papai explicou isso uma vez, as éguas têm seus filhotes sem ajuda.

— Mas nem sempre, ainda mais no caso da Du. — Levantei os olhos para minha irmã. — Quanto tempo até sabermos que tem algo de errado?

— Uns 30 minutos — Arthur respondeu, nos pegando de surpresa. — Eu acabei de pesquisar.

Só então notei o celular em sua mão. Sorri, grata pela proatividade.

— Vai dar tudo certo. — Jordana se ajoelhou ao nosso lado, junto com Kita.

Os minutos pareciam voar e nada acontecia. Duquesa se levantou e deitou umas duas vezes, e quando já fazia vinte minutos daquela agonia, decidi não esperar mais.

— Tem alguma coisa errada, né? Já deveria ter algum sinal dos potros. Melhor chamarmos o papai.

— Vou fazer isso — Kita se prontificou.

— E eu vou com você! — Jô emendou.

— Jordana! Não! — Virei para ela, chocada. — Não pode me deixar sozinha, o que vou fazer? Tem que me ajudar.

— O Arthur não sabe onde é a fazenda que eles estão, preciso mostrar o caminho. Além do mais — ela ergueu as mãos, ressaltando as unhas cor-de-rosa compridas —, se acontecer o que estou imaginando, não vou mesmo poder participar, foi mal.

Choraminguei, mas ela arrastou Kita para fora.

— O que vai acontecer? — Ben me perguntou, confuso. O encarei tempo o suficiente para ele entender. — Ah, não, não mesmo!

— Se não der tempo do papai chegar, vamos ter que ajudá-la no parto, querendo ou não. — Coloquei a mão sobre a barriga da égua e ao olhá-la um medo repentino me encobriu. — Duquesa, eu não vou deixar nada de ruim acontecer, eu prometo.

— Ruim? O que poderia acontecer? — Benjamin parecia tão em pânico quanto eu.

— Qual a pior coisa que tu pode imaginar?! Que pergunta idiota!

— Ei, calma, eu não entendo nada de bichos, ok? — Ele levantou, olhando ao redor do estábulo. — O que temos que fazer? Me diz e eu faço.

Meus batimentos foram se acalmando e eu pedi desculpas pela grosseria, levantei e peguei o que precisávamos, estendi duas luvas para ele e quase ri da

sua cara de desespero.

— Quantos partos já viu? — meu amigo perguntou.

— Alguns.

— Ótimo, já é alguma coisa.

— Mas só um pessoalmente. — Dei uma risadinha nervosa. — Eu sou formada em quinze temporadas de *Heartland*, sabe?

— Ah! Que pena que tu perdeu todas as aulas de *Realidade* — zombou, quebrando por um segundo o clima de pavor.

Mas Du fez questão de lembrar que não estava nada bem. Ajoelhados ao lado da égua, tentei me lembrar do que papai fez quando a vaca do vizinho teve problemas para parir. No entanto, eu não conseguia pensar direito, era como se estivesse num sonho, não, em um pesadelo.

A mão de Ben afagou minhas costas e eu suspirei, pedindo forças ao Senhor.

— Eu tô com você — Benjamin disse, em um tom seguro que me trouxe calma —, não entra em pânico, vai ficar tudo bem.

Estava pronta para colocar meus talentos teóricos em ação quando o som da chegada de carros me distraiu por completo. Em segundos, papai e José — o amigo aniversariante e também veterinário — entraram no estábulo. Ben suspirou aliviado.

— Fazer um parto de gêmeos é um baita presente de aniversário — Zé brincou, tomando meu lugar.

Mas a expressão descontraída se tornou séria quando ele analisou minha égua, que se remexia desconfortável no chão coberto de palha. Meu coração quase parou quando o homem trocou um olhar com papai, num silêncio que gritava coisas horríveis.

— Ben — Seu Ulisses se virou, encarando o rapaz ao meu lado —, tira ela daqui, ok?

— O quê? Não! Eu não vou a lugar nenhum. — Bati o pé.

— Por favor, Benjamin — papai insistiu e meu amigo segurou meus braços.

— Me solta! — Tentei me desvencilhar. — Ela é minha amiga, eu vou ficar aqui, não posso abandoná-la.

— É só por um tempinho, Amary, vamos. — Ben praticamente me arrastou para fora do estábulo.

Lutei contra seus braços fortes, mas ele agarrou minha cintura, me impedindo de correr. A ideia de perder a Duquesa me fez chorar ao ponto dos soluços balançarem meu corpo.

— Vem, vamos sentar um pouco. — Ben me puxou para nos

acomodarmos em um dos balanços, um pouco distantes do estábulo e da casa.

— Ela… não… pode… morrer. — Meu peito parecia comprimido. — Não, não e não!

Ben me puxou para seus braços e eu não relutei nem por um segundo. Suas mãos afagando minhas costas eram todo consolo que eu precisava naquele momento. As lágrimas de temor não paravam de escorrer, impedindo minha visão.

— A Duquesa é muito forte — ele disse —, tenho certeza que ela vai ficar bem.

— E os filhotes? — Funguei.

— Também! Eu já consigo ver esses dois traquinando pelo pasto e tu tentando trazê-los pra casa.

Dei uma risada fraca, imaginando a cena.

— Como vamos chamar essa duplinha? Já pensou nisso? — Ben perguntou.

— Depende, se forem dois machos vai ser Toni e Canela, se forem duas fêmeas, Lua e Amora, ou pode ser um de cada — compartilhei. Levamos muito tempo discutindo as opções em diversos jantares em família, até decidirmos por aqueles.

O peito de Benjamin estremeceu de leve com seu riso contido.

— Que foi? — Me afastei um pouco, ainda o abraçando. — Muito bobos?

— Não, na verdade são muito amáveis. — Esboçou um meio sorriso, me puxando de volta para perto de si. — Teus bichos devem ser bem felizes, tu é uma graça, Little.

Um pequeno sorriso surgiu no meu rosto, contudo logo desapareceu, vencido pelo medo.

— E se não tiver filhotes pra ganhar os nomes? — Me separei de Ben e levantei, andando de um lado para o outro.

— Amary… — Benjamin puxou minha mão, me fazendo sentar ao seu lado outra vez. — Respira fundo e para de pensar nos piores cenários.

— O jogo virou? — Forcei um sorriso, me lembrando de ter falado algo parecido para ele.

— Ninguém tá livre de se sentir ansioso, mas todos nós precisamos domar esse mal, alguns em proporções diferentes. — O rapaz escondeu minhas mãos entre as suas, as aquecendo. — Então foque na realidade: não sabemos o que vai acontecer, só nos resta esperar e orar pelo melhor.

Assenti, respirando fundo algumas vezes e focando nas palavras do meu amigo. A realidade era tudo o que tínhamos. Pedi ao Senhor para que as coisas

dessem certo e decidi descansar.

Permanecemos ali por todos os longos minutos que pareceram horas, com os grilos fazendo a trilha sonora e os sentimentos sendo acalmados como uma tempestade nas mãos de Deus.

Então ouvi passos e me virei, encontrando um Kita ansioso nos mandando segui-lo. Não consegui decifrar o que havia acontecido, então só corri atrás dele junto com Ben, até pararmos na porta do estábulo e meu coração ser tomado por uma avalanche de sensações.



24 | Banda de babás

— Eu nunca vi potros pessoalmente, bom, até agora. — Arthur riu, parecendo deslumbrado.

— Aposto que se pudesse levava os dois pra casa, né? — Jô zombou.

— Se a Amary deixar… — ele rebateu, mas eu não tive como responder a brincadeira.

Deixei eles para lá e abracei Duquesa forte, com lágrimas de alegria banhando meu rosto. Minha fiel escudeira relinchou em resposta e eu ri, feliz demais por ouvir aquele som.

— Boa garota, muito boa. — Me afastei, fazendo carinho em seu pescoço. — Tu me assustou, sabia?

— A todos nós. — A voz de papai me distraiu. Ele e Zé estavam limpando os dois potrinhos, que se equilibravam sobre as pernas magricelas. — Mas graças a Deus deu tudo certo.

— Acho que vocês deveriam chamar o jornal pra noticiar essa raridade. — Zé riu.

— Ah, não mesmo. — Seu Ulisses fez uma careta. Achei graça, sabendo que ele odiaria ter qualquer aparição midiática.

— São dois machos? — Me aproximei dos recém-nascidos. Papai assentiu.

— Então sejam muito bem vindos, Toni e Canela. — Ben se juntou a mim, acariciando os bichos. — Vocês dois tem uma dona muito maravilhosa, sabiam?

Sorri sem jeito, me abaixando para cumprimentá-los. Ambos eram marrons como a mãe, mas Toni tinha uma mancha branca na testa. Eles me receberam com curiosidade, inspecionando cada detalhe de mim. Ri quando cheiraram minhas mãos, como se pedissem carinho. Os afaguei até a fome levar os dois a me trocarem pela mãe.

— Vamos precisar suplementar a alimentação deles, a Duquesa não tem leite suficiente para os dois — papai contou.

— Eu faço isso. — Me levantei.

— Vai dar conta dos dois? — Ele riu. — Acho melhor dividirmos os turnos, assim ninguém fica muito sobrecarregado.

— A gente ajuda. — Kita ergueu a mão.

— Tá doido pra ficar paparicando os bichos, né? — Ben provocou o amigo.

— Nunca tentei enganar ninguém. — O rapaz riu.

Meu pai e José nos ensinaram como preparar o leite especial e passaram as instruções dos horários e modo de alimentar a duplinha. Ben colocou um alarme para cada hora, com seu jeito prevenido.

Algum tempo depois, os dois veterinários deixaram nosso quarteto no comando.

— Sabe uma coisa que percebi? — comentei, sentando num banquinho ao lado dos meus amigos.

— O quê? — Jô indagou.

— Que eu mal mordi minha pizza, ou seja, não jantei. — Levei a mão à barriga.

— Nem eu. — Minha irmã fez uma careta.

— Não seja por isso — Benjamin sorriu para nós —, vou buscar pra vocês.

— Eu te ajudo. — Arthur levantou também.

— A pegar dois pratos de pizza? Sério? — Ergueu uma sobrancelha.

— Você pode se perder no caminho. — Passou o braço pelos ombros do outro, seguindo para fora.

Ficamos olhando a dupla se distanciar.

— Hum, acho que alguém quis ser útil pra outro alguém… — insinuei, cutucando Jordana.

— O Benjamin, né? Realmente, bem óbvio — respondeu com sarcasmo.

— Tô falando do seu Arthurzinho — provoquei.

— Para! — Me empurrou. — Já disse que somos só amigos e estou bastante satisfeita com isso.

— Já até fizeram as pazes, né? — Brinquei com seu cabelo para irritá-la.

— E o teu "friends to lovers"? Vamos chamar de #Benlis? — Sorriu maléfica.

— Bobona. — Cobri o rosto, escondendo como gostava da ideia.

— Tu não engana ninguém! — Gargalhou.

Os meninos voltaram com nosso jantar e o assunto dos casais morreu. *Temporariamente.*

Depois de comer, foi a vez de alimentar os pequeninos.

— Vocês cuidam do Canela — apontei para Arthur e Jordana —, e Ben e eu do Toni.

Eles concordaram e começamos nosso trabalho. Mas não foi tão simples quanto pensei.

— Ben! Eu disse pra tu segurar ele. — Bati a mão na testa, depois de várias tentativas frustradas de imobilizar o fujão.

— Eu tentei! — ele rebateu.

Olhei para Kita e Jô, ele segurava Canela enquanto ela dava a mamadeira. Soltei o ar ao observar nosso filhote encolhido num canto do espaço, pronto para correr.

— Tu escolheu ele — Ben acusou.

— É assim? Só gosta de um bebê quando ele é fácil de lidar? Vai fazer isso com teus filhos? — Cruzei os braços.

— Um recém-nascido humano não foge da gente.

— Mas teus bebês vão crescer e ficar complicados.

— Espera — Ben ergueu a mão —, o que alimentar um potro tem a ver com filhos?

— Bom… — Tentei achar uma desculpa para minha maluquice. — Foi tu que estava falando de filhos outro dia, só achei que era uma boa chance de refletir no assunto.

— Um test drive? — Apertou os lábios, tentando esconder o riso.

Revirei os olhos, mas acabei rindo da situação. Empurrei o ombro dele e pedi foco no problema atual. Tentamos de novo, indo com mais calma, até que enfim Ben imobilizou o fujão e eu consegui dar a mamadeira a ele. Felizmente, assim que descobriu o conteúdo do frasco em minha mão, Toni desistiu de fugir.

— Primeira hora, ok! — Deixei meu corpo cair no banco. Meus amigos imitaram o gesto.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, observando Toni tentar interagir com o irmão, que estava na cara preferir uma soneca.

— Ainda tá brava comigo, Jordy? — Kita perguntou, puxando um cacho de Jô, que o encarou.

— Tu me irrita numa proporção estratosférica — ela começou —, mas muitas vezes é porque fere meu ego, e mesmo que eu não goste, preciso ser confrontada. E foi o que aconteceu dessa vez.

— "Como o ferro afia o ferro, assim um amigo afia o outro" — ele recitou provérbios e Jordana riu. — Acho que somos assim, se afiando.

— E confesso que isso é ótimo. — Ela deu de ombros, abrindo um sorriso de canto.

Levantei instantaneamente o rosto para Ben, que estava me encarando com um sorrisinho insinuativo.

— Bom, desculpa por ter sido tão teimosa. — Jô suspirou, olhando para os meninos. — Podem relaxar, eu já aceitei que nem sempre temos o que queremos.

— Realmente — Ben concordou num tom triste.

— Mas vamos nos ver várias vezes ainda e podemos tocar juntos, por diversão. — Tentei nos consolar.

Era uma pena, porém pelo visto só nos restavam os encontros esporádicos.

Alguns minutos entretidos com os filhotes depois, Kita comentou:

— Sabe, nós quatro fazemos uma equipe ótima. O Canela e o Toni que o digam! Somos bons babás.

Como se tivessem escutado, a duplinha se inquietou, no mesmo momento que o celular de Ben despertou baixinho, indicando que era hora de outra mamadeira.

— Deveríamos ter chamado os dois de Tic e Tac — Kita brincou.

Repetimos o processo, os meninos os seguraram e minha irmã e eu os alimentamos.

— Vocês são muito bonzinhos. — Deixei um beijo em cada um depois que esvaziaram as mamadeiras. — A Duquesa está orgulhosa.

— Ela te disse? — Ben me provocou.

— Só quem tem um cavalo entende. — Abanei a mão no ar.

— Telepatia?

— Cala a boca, Benjamin! — O empurrei, ignorando seu riso.

Sentamos de novo nos banquinhos, para levantar uma hora depois. O processo se repetiu durante toda a noite e lá pelas duas da manhã já estávamos bem mais sonolentos que nas últimas vezes.

Jô e eu cochilávamos nos ombros dos meninos quando papai, mainha e Tia Meg apareceram nos mandando ir dormir. Quis ser teimosa e ficar, mas já

estava quase caindo de sono, então aceitei a troca de turno.

Abracei meu corpo enquanto seguíamos para casa. Um céu cheio de estrelas me cumprimentou ao ser contemplado, contudo foi a visão daquele trio de amigos que me esquentou de verdade. Não importavam as inquietações que nos atingissem, eu estava contente em termos sido unidos naquelas férias. E eu sabia que foi tudo obra de Quem regia nossas histórias.



Acordei com o sol atravessando as cortinas do meu quarto e umas batidas chatas na porta.

— Amary! Vem tomar café. — Era mainha.

Chequei o celular e percebi que já eram mais de 9h. Bocejei, querendo me fundir ao colchão e não sair tão cedo.

— Vai ficar aí? — ela insistiu.

— Tô indo! — gritei, ou resmunguei, não fazia ideia.

Orei deitada mesmo, pedindo energia para me erguer. Quando consegui, segui para o banheiro e assim que estava pronta, fui para cozinha.

— Cadê todo mundo? — perguntei à Dona Valentina.

— A Meg aproveitou a carona de teu pai e foi até o centro, a Jô estava aqui cinco minutos atrás, mas foi com o Arthur alimentar os potros.

— O Benjamin também?

— Não, ele está falando com o pai lá fora.

Assenti, pegando uma fatia de bolo e me sentando na bancada.

— Tem suco de tangerina, quer? — Mainha pegou um copo.

Ao ouvir o sabor, um sorriso tomou meus lábios sem que pudesse evitar.

— Quero sim — respondi quando me dei conta de que ela ainda esperava uma resposta.

— Que sorrisinho foi esse, Amarílis? — Estreitou os olhos, me entregando o copo em seguida.

— Oxe, nada demais. — Tomei um gole da bebida laranja.

— Tenho cara de besta, menina? O que tu tá escondendo?

— Nada! — Saltei da banqueta e ameacei fugir, mas ela agarrou meu braço.

Mainha me analisou por alguns segundos, vasculhando cada centímetro do meu rosto à procura de segredos.

— Sou tua mãe, tem que me contar o que está escondendo. — Soltou meu braço, voltando para seu lugar, onde catava alguns quilos de feijão. Ia dizer que não estava escondendo nada, quando ela acrescentou: — Pode esconder de

mim, mas Deus vê tudo, hein? Vigia.

— Golpe baixo… — murmurei, sentando ao seu lado. — Ok, eu sorri porque lembrei de uma coisa fofa que o Ben me disse, só isso.

Fofa? Podia ter dito legal, mais genérico, né, Amarílis?

— Fofa? — Dona Val ergueu as sobrancelhas.

— É, fofa. — Enchi minha boca de bolo.

— Hum. — Foi a sua vez de dar um sorrisinho, me surpreendendo. — Gosta dele, não gosta? — Estava pronta para a negação quando ela continuou: — Pode dizer a verdade, não vou ficar fazendo caso nem nada. Se estivesse gostando de um rapaz ruim, aí eu te daria muitos sermões, mas é o Ben, não é como se eu estivesse surpresa ou me esforçasse pra não mostrar que ele é uma boa escolha.

Meu queixo caiu. Como ela podia ser tão direta?

— E aí? Acertei? — Sorriu de novo.

Foi a vez dos meus ombros caírem.

— Sim…

— E ele gosta de tu?

— Como posso saber? Quer dizer, eu estava esperando que ele se declarasse, mas não aconteceu.

— Como assim esperando? — Se virou para mim, completamente interessada.

— Lá no parque, no dia do concurso, rolou um clima… — Percebi que ela tinha interpretado errado pela forma que seus olhos se arregalaram. — Não assim! Ele disse que precisava me dizer uma coisa, aí segurou minha mão…

— Não me diga que alguém atrapalhou! — Soltou o ar, igual a mim lendo um romance. Ri baixinho.

— Tua outra filha chegou bem na hora e lá se foi o momento. Mas o Ben prometeu continuar a conversa depois, só que até agora nada! Ele tá me enrolando? — choraminguei.

— Não! — respondeu de forma ligeira, depois pigarreou. — Eu conheço o Benjamin, ele não faria isso. É um rapaz maduro e de caráter.

— Então o que eu faço? Cobro ele? — Mordi o lábio.

— Se o Ben prometeu continuar a conversa, espere e confie na palavra dele. Não fique dando indiretas nem se fazendo de chateada. Tenha um pouco mais de paciência, coisas assim não se esquecem pra que tu precise lembrar.

— É, a senhora tá certa. — Respirei fundo.

— Deus está cuidando de tudo, minha filha, descansa. — Mainha apertou minha mão e eu retribuí o gesto.

Terminei meu café bem a tempo de ver meus amigos voltando de suas

tarefas. Não sabia quem estava pior, eu ou eles, no quesito caras amassadas.

— Bom dia — cumprimentei, abafando o riso.

— Bom dia pra qualquer um que não conviveu com o Arthur na primeira hora acordado, que bicho insuportável! — Jordana se jogou num banquinho.

— Ei! Eu estava acordado por fora, mas dormindo por dentro, já lhe expliquei que demoro pra despertar. — O rapaz se sentou ao lado dela.

— Tu estava tão lerdo que quase te empurrei na piscina pra acordar. — Jô revirou os olhos.

— Imagina quando casarem… — Ben cochichou para mim e não pude deixar de rir, chamando a atenção da dupla.

— Que foi? — Jordana estreitou os olhos.

— Nada não. — Benjamin abanou a mão no ar. — Ei, tu e a Amary podem vir aqui fora? Queremos conversar sobre uma coisa com vocês, Kita e eu.

Minha irmã me encarou buscando pistas, no entanto eu só consegui encolher os ombros. Seguimos os quatro para a varanda. Ben sentou nos degraus ao lado de Kita e nos chamou para imitá-los.

— Nós temos um ano antes de podermos começar a banda, se formos fazer isso — ele disse.

— O quê?! — Jô agarrou o braço do amigo. — Vamos fazer?

— Eu disse "se". — Ben tirou as unhas afiadas de seu bíceps. — Bom, eu e o Kita sabemos que vai ser difícil abandonar a 4Dawn, porém não conseguimos ignorar a clara chance de usarmos nossos talentos pra algo ainda melhor. O que fizemos no concurso foi incrível, não dá pra negar, mas a gente precisa analisar se é um projeto viável.

— Ai, que técnicos! — Jordana resmungou.

— Jordy… — Kita a repreendeu e ela passou um zíper invisível na boca.

— Vocês podem ser toda a empolgação que precisamos, só que é necessário ser responsáveis também, não vamos brincar, é algo sério, envolve o Reino e isso não é besteira — Ben disse tão sério que até me surpreendi. — Vocês duas estão de acordo em esperar um ano e depois entrar de cara nisso?

— Sim, eu estou! — Jô parecia prestes a sair dançando de tanta empolgação.

— E você, Amary? — Kita, que estava do meu lado, apertou meu ombro, buscando uma resposta. — Não podemos fazer isso sem nosso toque especial.

Olhei para cada um daqueles que seriam mais que minha banda, seriam minha família. Meu coração nunca se agitou tanto por alguma possibilidade profissional, nem nas minhas fantasias sobre entrar em orquestras famosas e internacionais. Queria meu quarteto e que nossa bandinha de fundo de quintal alçasse voo pelo céu da vontade divina.

— A ADS já tá no meu sangue — respondi em meio a um sorriso animado e eles comemoraram.

— Vamos falar com os pais de vocês duas e com a Tia Meg — Kita disse e nós concordamos.

Ficamos conversando sobre a organização da banda até os dois faltantes voltarem. Assim que isso aconteceu, corri até papai e Meg e os arrastei para a varanda, enquanto Jô buscava mainha.

— Que complô é esse? — Tia Meghan riu, sentando-se com o casal.

— Nós decidimos que queremos continuar com a Acima do Sol — expliquei —, e que os meninos vão sair da 4Dawn.

Eles se entreolharam, mas não pareciam surpresos.

— Até que enfim! — Papai levantou os braços.

— Vocês já sabiam que íamos escolher isso? — Jô indagou, boquiaberta.

— Tínhamos nosso palpite — mainha disse e ela e Meg trocaram um olhar cúmplice.

— Uma coisa estava estampada nos rostos de vocês sempre que tocavam juntos. — Papai levantou, entrando na cozinha e nos deixando intrigados. Ele voltou com uma Bíblia e pediu para a abrirmos em Salmos 92:1-5 e assim fizemos.

"É bom dar graças ao Senhor e cantar louvores ao Altíssimo. É bom proclamar de manhã o teu amor e, de noite, a tua fidelidade, ao som de um instrumento de dez cordas, da harpa e da melodia da lira. Tu me alegras, Senhor, com tudo que tens feito; canto de alegria por causa de tuas obras. Quão grandes, Senhor, são os teus feitos e profundos os teus pensamentos!"

Nós nos entreolhamos, sorrisos sutis fixos em nossos lábios.

— Isso faz sentido pra vocês? — papai perguntou ao ver que tínhamos acabado.

— É exatamente o que sentimos ao tocar — respondi, levando meus amigos a assentirem.

— Creio que estão no caminho certo, meus filhos e tenho orgulho de vocês. — Seu Ulisses sorriu com carinho para nós. — Vamos apoiá-los no que pudermos, não é, senhoras?

Ele olhou para as duas amigas.

— Com certeza! — disseram juntas.

Nós os abraçamos, agradecendo pelo encorajamento. Era bom saber que três das pessoas mais importantes para nós estavam conosco naquela aventura.

— É, espero que o Ítalo reaja igual. — Kita soltou o ar, nervoso. — Ele é a pessoa mais próxima de um parente que tenho, não quero que me odeie.

— Se ele te ama, como parece ser o caso, vai ficar tudo bem. — Jô

afagou as costas dele com ternura. — Pode haver um chateamento momentâneo, mas vai passar.

— Liga pra ele, a gente te dá apoio moral — Ben sugeriu.

O rapaz assentiu, pegando o celular e ligando para o produtor. Dois toques depois, o homem atendeu:

— Me ligando dois dias seguidos? O que aconteceu? — Ítalo parecia de bom humor.

— Eu… — Kita nos olhou e erguemos os polegares, o incentivando. — Preciso te contar uma coisa.

— Não vai me dizer que se de…

— Espera eu falar — o mais novo cortou levemente desesperado. — Olha, não vou renovar o contrato com a 4Dawn. É isso.

— Tá maluco?!

— Não, não tô. Eu e o Ben vamos sair, queremos continuar com a Acima do Sol.

Silêncio. Arthur nos encarou, apavorado.

— Íta? Tá tudo bem? Não teve um ataque de desgosto, né? — brincou, mas estava na cara seu nervosismo com a possibilidade.

— Não, ainda não — respondeu seco. — Sabia que sua aventurazinha tocando nesse concurso ia acabar mal.

— Ei!

— Como tem coragem de fazer isso, Arthur?! Você foi o primeiro que coloquei nessa banda! Sabe o quanto ela importa pra mim, mais do que todos os outros.

— Eu sei… — Engoliu em seco.

— Vai desistir dessa maluquice, não é? Diz que vai, sério. Você e o Benjamin! O que eu faço sem os dois? Por favor, Arth…

Apertei as mãos, nervosa com toda aquela pressão sobre o rapaz. Mas, de repente, ele pareceu se iluminar.

— Quando nos conhecemos você disse que estava tudo bem em fazer outra coisa enquanto não achasse meu sonho, lembra? — Ele sorriu. — E agora eu finalmente achei esse sonho, e é junto dessas três pessoas. Eu amo você e a 4Dawn, mas não posso perder essa chance de fazer o que move meu coração.

Mais silêncio, deixando todos nós apreensivos. Kita respirou fundo e disse:

— Você me viu sair de um lugar sem perspectivas pra um mar de chances. Pela maior parte da minha vida, tentei fazer o que fosse preciso para me manter estável, sem riscos de perdas. Só que chegou minha hora de arriscar. Eu tenho que sair da zona de conforto.

— Não faz isso. — Ítalo suspirou. — Sabe que sou a pessoa que mais torce por você.

— Eu sei e sou muito grato. Mas você mesmo me disse que nunca deveria fazer algo por me sentir em dívida por ter me abrigado, lembra?

— Claro que sim. E não é agora que vamos mudar isso. — O ouvi suspirar outra vez. Ítalo ficou em silêncio por um tempo, até falar de novo: — Você tá feliz?

— Muito!

— Vão arranjar substitutos, ok? Você e esse imprestável do Benji — resmungou, para nossa comemoração. — Não vai sair de casa, também, né? Pelo bem dos meus nervos, não diz isso.

— Você vai ter que me aguentar por mais um tempo. — Riu.

— Vou te dar tantos cascudos quando voltar pra cá… — ameaçou.

— Certo, certo, também te amo. Vou desligar enquanto estou por cima.

E ele fez mesmo isso.

— Ok, ninguém morreu. Vencemos. — Arthur riu, se juntando a nós em um abraço.

— É só o começo de algo incrível. — Jordana bateu palmas.

A moça começou a tagarelar sobre suas ideias enquanto Kita e nossos pais ouviam.

— Ei — Ben me puxou de canto —, eu terminei a letra da nossa música.

— Terminou? — Sorri, empolgada.

— Vamos ensaiar agora? — Seus olhos brilhantes aqueceram meu coração.

— Sim!

Avisamos os outros e eu corri para pegar meu violino, ansiosa para ouvir a tal letra incrível que ele tinha em mente.



25 | Nossa música

O dia seguinte chegou com um brilho de expectativa. Iríamos para Salvador logo após o café da manhã e passaríamos o dia num estúdio, gravando "Canções pra Ti". Eu acordei eufórica — se bem que nem tinha dormido direito.

— *As minhas notas se moldaram/Ao som do Criador…* — cantarolei, me dirigindo até as janelas para abrir as cortinas.

Os raios suaves beijaram minha pele e eu sorri, sussurrando uma oração de gratidão. Meus olhos percorreram o jardim e foram parar debaixo de uma árvore, onde um rapaz bem conhecido tocava seu violão. Ben estava sentado sobre um lençol, com alguns objetos em volta e um caderno onde fazia anotações depois de alguns acordes.

Desci as escadas correndo e passei pela cozinha, pegando meu café da manhã na velocidade da luz — o que fez dona Val soltar algumas repreensões — e seguindo até meu amigo.

— Bom dia! — Me sentei ao seu lado.

— Bom dia, Little. — Ben me ofereceu um sorriso caloroso.

— O que tá fazendo? Acordou com as galinhas? — perguntei, mordendo meu misto quente.

— Digamos que sim. Mas já são… — ele olhou seu relógio — …7h. Acordei às 6h, corri meia hora e vim fazer meu devocional aqui. É um bom

lugar.

— Ah, eu tô te atrapalhando? Desculpa! — Ameacei me levantar, mas Ben impediu, segurando meu pulso.

— Já terminei. Estava só escrevendo uma ideia que veio à mente, enquanto tomo café. — Ele apontou para o prato e o copo ao seu lado.

— E o que tá escrevendo? Posso ouvir? É pra 4Dawn ou pra ADS?

— Calma, matraca. — Riu, me fazendo sorrir timidamente. — É do Benjamin, não sei se vamos tocar essa na ADS.

— Me mostra?

— Tudo bem. Mas não repara muito, tá? Eu acabei de escrever, não lapidei ainda.

— Só canta! — insisti, antes que ele me enrolasse.

— Sim, senhora. — Sorriu e depois limpou a garganta, tocando alguns acordes introdutórios. Quando ele começou a cantar, abracei meus joelhos e descansei a cabeça neles, contemplando Benjamin Torres fazendo o que era seu talento nato.

Estou quebrado aos Teus pés
Vem romper minhas barreiras
Limpar toda sujeira
As farsas expostas por Luz
Estou sem máscaras, não mais trapaças
Aos pés do meu Redentor
Uma palavra, Verbo encarnado
Um amor, o que primeiro amou
Uma esperança, A Fonte Viva
Jesus, Aquele que me resgatou
E vai continuar a me moldar
Até o final

— Não sei como termino — ele disse, ainda com os olhos nas cordas.

— É tão lindo. — Deixei escapar, o admirando.

Suas íris castanhas me flagraram.

— É um hino muito lindo — corrigi, tentando manter a voz neutra.

— Que bom que gostou. — Inclinou a cabeça para o lado, me analisando.

— Não acho que precise de mais nada. Na música, quero dizer. Acredito que ela diz tudo o que precisa ser dito. É como uma oração — opinei. — Ficaria linda com uma introdução mais longa, tipo uma preparação. Então vem a primeira estrofe, um instrumental e a segunda parte. Mais alguns acordes e fim.

— Que musicista sagaz. — Seu sorriso de canto me desestruturou. *Logo cedo? Tenha dó de mim.* — Vou fazer isso, obrigado pela ideia, Amary. Tu é

incrível, já te disse?

— Algumas vezes. — Sorri sem jeito.

— Olha, preciso que a gente se encontre ainda hoje…

Meu coração pareceu prestes a explodir. *Encontro?! Um encontro?!*

— O Ítalo gostou do áudio que mandamos, da música nova da 4Dawn — ele continuou, me fazendo murchar —, mas pediu um vídeo. Acho que ele quer ver a performance, algo assim.

— Ah, pode ser. — Dei de ombros.

— O que foi? — Ben estreitou os olhos.

Lembrei de mainha me aconselhando e mordi a língua. Não queria parecer desesperada, então contive a vontade de perguntar o motivo de sua demora. Era melhor assim, no fim das contas eu nem tinha certeza se ele ia se declarar mesmo, podia ser uma coisa totalmente diferente. Não me surpreenderia.

— Tudo bem, Amary? — A mão de Ben envolveu meu tornozelo, já que estávamos em direções opostas. — Por que tá com essa cara?

— Não é nada. — Balancei a cabeça.

— Parece alguma coisa.

— Nem tudo é o que parece, certo? — Tentei conter o gosto amargo na minha boca.

— Hã? — Fez uma careta.

Arregalei os olhos, começando a ficar nervosa com a minha língua grande.

— Tá, minha vez de tocar. — Me estiquei e peguei o violão de seu colo.

Não dei tempo de ele analisar meus atos, apenas comecei a dedilhar a primeira coisa que tocou em minha mente. No fim a música sempre me servia de rota de fuga.

Só não parei para refletir que estava prestes a tocar uma música da 4Dawn na frente do Ben. Uma música romântica. Eu me tornei uma consumidora assídua delas. As odiava, até ser fisgada pelo amor e ficar ouvindo canções bregas e melosas porque me identificava com as letras.

Quando olhei para Benjamin, ele estava estranhamente parecido comigo, segundos antes, quando o admirava cantar. Fugi de seus olhos e não tive coragem de erguer a cabeça até ouvir a última nota se dissipar.

— É, acho que no próximo show já posso te chamar pra cantar comigo algo que não seja "Cósmica" — ele brincou.

— Talvez. — Encolhi os ombros, devolvendo o instrumento. — Tenho que ver os filhotes.

— Eu te ajudo. — Levantou antes que eu pudesse impedir.

Não querendo dar muito na cara meu desejo de fugir dele, aceitei a ajuda, torcendo para não ter mais nenhum momento estranho entre nós.



Sonhos. Esses bichinhos brilhantes e coloridos, que fazem cócegas na sua barriga, rondam sua mente e permeiam seus devaneios. Se eles tivessem cores seriam todo um arco íris, e eu estava vivendo um dos meus.

— Bem vindos! — A responsável pela produtora Som de Esperança nos abordou assim que nos viu na recepção da gravadora.

O espaço era cheio de tons quentes, símbolos musicais, capas de álbuns e toda uma áurea mágica, pelo menos para uma novata naquele ambiente. Queria ver cada detalhe que pudesse, por isso fiquei em festa quando Daiane, a produtora, nos convidou para um tour.

— Vai acabar babando. — Ben bateu de leve no meu queixo e percebi que estava boquiaberta só com os pôsteres nas paredes.

— Não pode me julgar, tu tá acostumado!

— Não tô julgando, é fofo. — Sorriu, passando o braço por meus ombros enquanto virávamos em um corredor cheio de portas, seguindo a loira adiante.

— Sei… — Apertei os lábios, escondendo o sorriso.

Daiane abriu uma das salas e revelou um cômodo dividido em dois por uma porta e um painel de vidro, que possibilitava ver o outro lado.

— Ali fica a sala de gravação — ela apontou para a parte além do vidro —, onde vocês vão tocar e cantar, e aqui a sala de edição — indicou o espaço em que estávamos —, onde esse material que vocês produziram é tratado. Todas as salas têm isolamento acústico, o que bloqueia os sons externos e o eco.

Olhei ao redor como uma criança em um parque de diversões, ansiosa para trabalhar.

— Essa é a mesa de som — a mulher mostrou a superfície cheia de botões. Então pegou um microfone ao lado dela —, e através desse microfone vamos poder falar com vocês enquanto estão lá dentro. É isso.

— Incrível! — Jô expressou meus pensamentos e a mulher riu um pouco.

— Estou ansiosa para trabalhar com a Acima do Sol, fiquei encantada com a apresentação no concurso e tenho absoluta certeza que a música terá um resultado excelente.

— É uma honra estar aqui. — Sorri com gratidão.

Daiane segurou minha mão e abriu um sorriso amplo ao dizer:

— Então vamos fazer música?

Assenti, extremamente animada. A mulher foi chamar alguns outros

profissionais responsáveis pela gravação enquanto nós nos acomodamos, afinando os instrumentos e aquecendo as vozes.

— Ai, é meu sonho ter isso aqui como profissão — Jordana compartilhou.

— Vai abandonar a moda? — Ergui a sobrancelha.

— Nunca! Posso fazer nossos figurinos, ou me aproveitar de nosso sucesso pra lançar uma coleção da ADS, que tal?

— Abaixa a bolinha, Jordy. — Kita riu.

— Eu acredito na gente, só isso. — Balançou os ombros.

— Também acredito — ele rebateu —, mas existe algo chamado prudência e ela envolve não criar expectativas antes do tempo. Estamos no começo, há muito pra sonhar e idealizar, porém vamos ter calma, tá bem?

Jô soltou o ar, mas a chama se aquietou aos poucos. Achava engraçado como Arthur era bom em controlar o furacão.

— Quando ficou tão sensato? — ela brincou, se sentando ao lado dele, onde sempre tendia a estar. — Era bem impulsivo antes.

— Ainda sou, às vezes, mas estou tentando melhorar, assim como a senhorita. — Bateu o dedo no nariz dela. — Uma pessoa me disse esses dias que eu preciso aprender a não atropelar as coisas, a ser paciente e cultivar o que precisa ser cultivado antes de agir. É um desafio que venho me esforçando pra cumprir.

Franzi as sobrancelhas. Aquelas palavras me pareciam muito familiares.

Meus pensamentos foram interrompidos pela chegada de Daiane e dos outros funcionários que ela foi buscar. Depois de passarmos o som para ajustar tudo, as gravações começaram.

Não, não era todo o conto de fadas que pensei. Nem sabia que podia errar tantas vezes, sair do ritmo e não sei mais o quê. Meu consolo era que não foi apenas eu a precisar repetir as partes algumas vezes. Como a gente gravava os instrumentos separados das vozes, podia ver Jô cantando em sua vez. Apesar de ser muito talentosa, ela também não estava nem um pouco familiarizada com o ambiente. Ben e Kita arrasaram, aquele espaço era praticamente a segunda casa deles e quando desanimávamos eram eles que nos colocavam para cima outra vez. Não sei o que faria sem aqueles rapazes.

Por fim, muitas sessões depois, o material bruto ficou pronto. Ficamos colados no moço que editava, ouvindo alguns trechos da união do instrumental e das vozes, e quase chorei de emoção. Minha mente foi levada de volta para a sala da casa da minha avó Jorgina, suas aulas, suas conversas, as vezes que vi seus concertos, o encorajamento e orgulho até quando eu não vencia uma competição. Ela estaria tão feliz se estivesse ali. A visão do seu sorriso me

arrancou algumas lágrimas, que enxuguei discretamente ao ouvir a voz da produtora.

— Prontinho, agora é só esperar alguns dias e a versão final fica pronta! — Daiane bateu palmas. — Não vão mesmo querer lançar agora?

— Não podemos. — Ben fez uma careta.

— Tudo bem, eu entendo. — Sorriu, conformada. — Mas quero mesmo que a gente mantenha contato.

Tentei sustentar a expressão profissional com aquele contato precioso.

— Pode deixar, será um prazer. — Benjamin assentiu com um sorriso educado. Contive uma risadinha ao notar que ele era quase o líder do grupo.

— Estamos dando um salto no escuro — observei, quando a produtora se afastou.

— Pra gente está escuro, mas pra Deus não — Ben rebateu. — Ele colocou a ADS em nossas mãos para algo maior do que nós, uma missão em serviço dEle, de Seu Reino. Não temos garantias de sucesso financeiro ou algo do tipo, porém temos algo melhor, a certeza de estarmos agradando ao Senhor.

— Não vamos dar pra trás, vamos seguir em frente, independente das dificuldades que surgirem — Jô encorajou.

— Sim — Benjamin assentiu. — Eu não quero voltar a tocar sobre qualquer coisa que não seja Jesus, a vida com Ele e Sua Palavra. Não porque o que fazia antes era intrinsecamente errado, mas por não ser mais a música que sai do meu coração. Deus mudou a minha vida e cheguei num estágio que não quero e nem posso fazer algo que toma tanto de mim sem colocar Ele em foco.

— É, é exatamente isso. — Sorri, concordando com ele. — Nossos corações estão tocando uma música plantada pelo Senhor e cabe a nós ouvi-la e servir de alto-falantes para o mundo.

— Isso aí, Little! — Me deu um abraço lateral. — Esse dia foi incrível e um marco pra nossa carreira.

— E eu só quero minha cama agora — Kita bocejou.

— Ih, sai da frente, pessoal, o Sr. Mau Humor vem aí — Jordana zombou.

— Já vamos embora? — perguntei baixinho para Ben. Não queria que aquela experiência acabasse.

— Na verdade, eu pedi um favor pra Daiane… — Sorriu de um jeito meio nervoso. *Suspeito.* — Eles vão usar essa sala agora, mas liberaram a do lado pra gente gravar o vídeo da nossa música, lembra dele? O som vai ficar ótimo.

Assenti, sem fazer ideia de tudo que aconteceria nos próximos minutos.





26 | Dois corações, uma música

— Prontinho… — Ben colocou o celular num tripé improvisado e voltou para o seu lugar.

Estávamos nós dois na sala, ele de frente para mim, com seu violão preto preso em volta do corpo pela alça e um microfone no pedestal diante de si. A ideia de fazer um dueto com Ben sempre me aquecia.

— Pronta, parceira? — Ben esfregou as mãos na calça. Vinha reparando seu nervosismo, o que não era comum quando ele ia tocar, mas julguei ser pelo esforço que empregamos naquela canção.

— Sim, parceiro — brinquei, posicionando meu violino.

As notas iniciais eram doces, vindas do meu instrumento, em seguida Benjamin começava a tocar e cantar, mantendo a melodia que antigamente eu julgaria melosa, mas naquele momento pensei nunca ter escutado som mais eufônico.

Não importa onde eu esteja
Meus olhos sempre procuram você
Meu coração sente tua presença
E na minha mente já posso te ver

Não sei se a impressão vinha dos meus sentimentos comprometidos, mas Ben não tirava os olhos de mim nem para conferir as notas. Me senti como naquela vez na cozinha, quando ele cantou "Antes e Depois" com aquelas íris presas em mim. De repente me vi prisioneira delas também.

Você faz parte de mim
Em cada esquina
Em cada brisa
Eu não consigo conter
Em todo canto eu vejo você
Acho que a explicação
É que tu tá marcada no meu coração

Naquela última frase ele sorriu de um jeito que me tirou o ar. Era tão amável.

No campo achei minha Flor
Em teu olhar eu posso voar
Um mundo inteiro pra conhecer
Mas no teu sorriso
É que vou repousar

Minhas pernas estavam meio bambas, contudo tentei manter cada nota em seu lugar sem o sacrifício de precisar parar de encarar Benjamin.

Cheia de ternura
Uma alma brilhante
Toda sua graça
É fascinante

A referência à *Persuasão* me fez sorrir de um jeito espontâneo. Acho que eu tinha oficialmente um livro favorito.

E eu preciso saber
Se tu vai me corresponder
Se vai me deixar
Fazer parte do teu jardim
Little, estou à mercê do teu “sim”

Pisquei algumas vezes, buscando ter certeza que não ouvi errado. Meu

apelido não estava incluso na letra original e sim um "querida". Achei que ia ter um treco e perder totalmente o fio da música. Contudo, ela ainda fluía das minhas mãos, como se fosse parte de mim. *De nós.*

No campo achei minha Flor
Em teu olhar eu posso voar
Um mundo inteiro pra conhecer
Mas no teu sorriso
É que vou repousar

Naquela última estrofe, Benjamin deixou o microfone de lado e deu alguns passos para mais perto de mim. Ele estava mesmo cantando *para mim.*

— Então, estou totalmente à mercê do teu “sim” — Ben disse, movendo o violão para suas costas e tirando delicadamente o violino das minhas mãos, para as tomar entre as suas. — Amarílis, posso fazer parte do teu jardim? Me aceita na tua vida pra sempre?

— Ben… — As palavras se entalaram na minha garganta.

— Amary… — Ergueu as sobrancelhas.

— O que quer dizer? — Pisquei algumas vezes, sentindo meus olhos arderem.

— Que eu te amo. — Uma de suas mãos foi parar na minha bochecha, a acariciando. — Que estou apaixonado por você. Que não consigo te tirar da minha cabeça. Que todas as músicas românticas que escreverei a partir de agora terão você como musa inspiradora.

Sorri totalmente abobalhada. Meu coração batia forte contra o peito e não consegui fazer outra coisa a não ser derramar lágrimas, as quais Benjamin enxugou.

— Fala alguma coisa, por favor. Tô aqui entendendo direitinho o que o Capitão Wentworth quis dizer com “metade esperança e metade agonia”. — Ele riu, encaixando meu rosto em ambas as mãos.

— Eu… — Fechei os olhos por um instante, tentando conter o tsunami dentro de mim, que rebatia minha razão para bem longe. Fisguei a fujona e abri os olhos outra vez, quase me perdendo na imensidão de amor que me encarava de volta. — Eu também te amo, Ben. Tu não tem ideia do quão feliz eu estou agora.

— Teu rosto diz tudo. — Beijou minha bochecha, aquecendo a região.

Ele me puxou para seu peito e me afundei ali. De repente não existia nada além de nós dois e a reciprocidade do nosso amor. Eu havia me apaixonado pelo meu melhor amigo e ele me amava de volta! Se fosse um sonho, poderia

existir ali até o fim dos meus dias.

— Falta uma coisa. — Ben me afastou e quis protestar, mas quando o vi levar a mão ao bolso me calei. Ele tirou uma caixinha de lá e me entregou.

— O que é isso? — perguntei.

— Um presente, pra lembrarmos um do outro, até quando estivermos longe.

Abri a caixinha e encontrei dois colares prateados, ambos com palhetas do mesmo material como pingente.

— Eu amei! — Coloquei as duas correntinhas na palma da mão.

— Não dava pra ser um arco e uma palheta, então ela venceu — explicou brincalhão e eu ri.

— "Nesse coração toca música". — Li a frase gravada na superfície prata.

— E os nossos corações tocam a mesma música. — Deixou outro beijo na minha bochecha, me fazendo corar.

Ainda bem que não dá pra ver!!!

Ele então virou o pingente e mostrou que o nome da nossa música também estava gravado ali: "Marcada no Meu Coração". Olhei para Ben, sorrindo encantada.

— Posso colocar? — Ergueu uma sobrancelha.

— Claro! — Virei de costas.

Benjamin ajeitou meu cabelo para o lado e colocou a corrente, que repousou sobre minha pele com seu toque frio. A segurei entre os dedos, sabendo que repetiria muito o gesto, especialmente nos próximos meses. Peguei o outro acessório e fiquei nas pontas dos pés para colocar nele.

Não aguentei ficar longe dele nem por mais um segundo e o abracei outra vez.

— Hum, quem é essa moça amante de abraços? Trocaram minha Amary? — Ben riu, me apertando contra si.

Minha Amary. Me senti nas nuvens.

— Aff, que coisa linda! — A voz de Jordana me assustou.

Olhei para o outro lado do vidro e a mulher deixou o microfone de lado para fazer um coração com as mãos. Minhas bochechas queimaram com a ideia de termos plateia. Me afastei de Ben, constrangida.

— Podemos entrar? Ou vocês querem mais uns minutos agarradinhos? — ela caçoou.

Revirei os olhos e cruzei os braços. Ben não parecia nem um pouco sem jeito e me puxou pela cintura, colando a lateral de nossos corpos.

— Ignora ela, Little — sussurrou, fazendo um monte de coisinhas se

mexerem na minha barriga. Me perguntei por quanto tempo me sentiria daquele jeito perto dele.

Jordana e Arthur entraram na sala e só quando o rapaz pegou o celular do amigo no tripé eu lembrei da gravação. Arregalei os olhos.

— Ninguém vai ver isso, né? — Levantei o rosto para Ben.

— Claro que vai, foi uma ordem dos seus pais, em especial da sua mãe. Ela foi bem incisiva quando disse que não queria perder um detalhe da declaração.

Meu estômago embrulhou.

— Relaxa, vou cortar essa parte final. — Ele riu, entendendo minha reação.

— Nada vai cortar a cara de boba da Amary. — Jordana cutucou minha barriga.

— Para de provocar ela, Jordy — Kita pediu, mas dava para ver a diversão brilhando em seu rosto.

Mostrei a língua para os dois, com toda a maturidade do meu ser.

— Falando sério agora… — Kita escondeu as mãos nos bolsos — Tô muito feliz por vocês! O Ben não parava de dizer o quão animado estava pra hoje, desde que teve essa bendita ideia. Sou um mártir de tanto ouvir sua tagarelice.

Olhei para o rapaz ao meu lado, que sorriu timidamente.

— Vocês são meu casal favorito. — Jordana juntou as mãos sob o queixo. — Quero ser madrinha, tá?

— Temos bastante tempo pra pensar nisso, então vamos com calma. — Dei uma risadinha.

— Essa sou eu "indo com calma". — Tombou a cabeça para o lado, se fazendo de desentendida.

— A gente tem que ir, tá tarde — Benjamin lembrou, olhando as horas.

Concordamos e deixamos a sala de gravação. Olhei para trás antes de fechar a porta, pensando que aquele lugar tinha mais um motivo para ser lembrado com carinho por mim.





27 | Som de Escolhas

O vento fazia meu cabelo voar, dada a velocidade com que passava por mim, e Crystal parecia tão determinada quanto eu a ganhar aquela corrida.

— Tu é uma lesma. — Virei para Ben, que estava poucos metros atrás.

Dei risada quando ele aumentou o ritmo, mas não o bastante para me alcançar.

— O Caramelo não tá no seu melhor dia — ele gritou de volta, só me fazendo rir mais pela desculpa esfarrapada. Aquele cavalo era ótimo, quem estava montado nele que era o problema.

— Que delícia essa vantagem. — Sorri com presunção. — Quer ver sem as mãos?

— Não, não quero — rebateu sem hesitar. Era um medroso.

Desobedeci, obviamente. Me apoiando mais nas pernas, levantei os braços devagar e os deixei na altura do busto. Ignorei a voz desesperada do meu adversário, pedindo umas mil vezes para eu devolver as mãos para as rédeas.

— Para, Amary, já deu. — Benjamin me alcançou e segurou minha mão. Olhei surpresa para ele, me perguntando como tinha conseguido chegar ao meu lado tão depressa.

— Deixa de bobagem — provoquei, levantando um pouco mais os braços.

— Já pensou se a Crystal se assusta e tu cai? Tuas mãos devem estar nas rédeas, é pra isso que servem.

Seu tom preocupado me fez obedecer, segurando-me ao animal. Primeiro quis rir dele, porém seu rosto sério derreteu meu coração.

— Nunca mais faz isso, tá? Principalmente se estiver sozinha. Não quero que se machuque.

— Own, que protetor! Queria te colocar num potinho — brinquei, diminuindo o ritmo e me inclinando para beijar sua bochecha.

— Quer me colocar num caixão, isso sim — resmungou.

— Exagerado. — Revirei os olhos, achando graça. — Mas boa sorte, vai ter que me aguentar a vida toda, lembra?

— Que Deus me ajude! — Elevou uma mão ao céu.

Empurrei seu ombro de leve e virei uma curva na estrada, seguindo para o lugar onde queria fazer nosso piquenique. Aquele cantinho era para onde eu corria quando precisava desesperadamente de solitude, mas dividi-lo com o Ben não me assustava.

Era o último dia dele ali em Rio Valente, já que nossos visitantes pegariam um voo para São Paulo na manhã seguinte. Meu coração ficou minúsculo com a lembrança, porém engoli o sentimento a seco, a fim de aproveitar nossas horas juntos.

O lugar que eu queria levar meu namorado era uma espécie de vale, onde uma velha amiga residia. Ao chegarmos na parte plana, desmontamos e amarramos os cavalos em uma árvore que fazia sombra no gramado.

— Ainda não me contou quem mora aqui. — Ele olhou em volta, admirando o lugar.

Era mesmo lindo, um espaço não muito grande, cercado por colinas que formavam um barranco ao lado da estrada de terra. Muitas árvores frutíferas, arbustos floridos e até um pequeno lago com patos adornavam o local.

— A Dona Ana. Ela é um doce de pessoa! — Alcancei o portão de madeira e bati palmas, chamando pela senhora. Alguns cachorros vieram nos receber com latidos e rabos abanando. — Oi, fofinhos! Também estava com saudades. Vão chamar a dona de vocês, pode ser?

— Tu ama falar com todo e qualquer bicho, né? — Ben me provocou.

— Sim, eles são bons ouvintes — rebati no mesmo tom. — Espero que tu seja tão bom quanto eles em me ouvir falar sem parar.

— Será um prazer.

Troquei um sorriso com ele antes de Ana aparecer, ganhando a atenção do seu bando de fiéis escudeiros caninos.

— Meu solzinho! — A senhora saudou do jeito que sempre me chamava.

Segundo ela eu era uma luz na sua vida, por lhe fazer companhia e ajudar com algumas necessidades que a idade avançada transformava em obstáculos.

— Dona Ana! — A abracei apertado. — Que saudades! Como foi a viagem? Sua filha tá bem? E as netinhas?

— Ah, bom Deus! Como senti falta desse monte de perguntas. — Ela riu e eu me afastei, sem jeito por ter falado sem parar outra vez. — A viagem foi incrível, meu sol. Minha menina está ótima e minhas netinhas também, todos com saúde, graças ao Senhor! E tu? Como está? Olha, parece que muito bem…

Dona Ana olhou sugestiva para Benjamin e eu deixei uma risadinha escapar. Foi mais forte que eu.

— Esse é teu namorado? Que moço bonito! — A senhora entrelaçou as mãos sob o queixo, admirando o rapaz ao meu lado, que abaixou o rosto, escondendo um sorriso.

Cara de pau!

— É sim, Dona Ana, e tem razão, ele é lindo, mas não diz isso não que sobe pra cabeça — respondi.

— Minha garota é meio engraçadinha — Ben estreitou os olhos para mim e se voltou para a senhora —, mas obrigado pelo elogio, a senhora é um amor e é um prazer te conhecer.

— Bonito e fofo! Que sortuda, Amarílis. — Ela riu, sem qualquer constrangimento. — Venham, quero ouvir cada detalhe dessa história.

Sem conseguir dizer não, entramos na casa simples e acolhedora. As paredes eram cheias de retratos e reconhecer algumas do casamento da senhorinha aqueceu meu coração. Ela nos conduziu por um corredor até a cozinha, onde nos sentamos.

Meu plano era só aproveitar do seu jardim, mas ganhar uma xícara de café e bolo de fubá com a deliciosa geleia de goiaba dela foi um acréscimo maravilhoso.

Deixei Benjamin contar nossa trajetória, dando uns pitacos aqui e ali.

— E foi assim que eu me apaixonei de novo por ela… — Ben finalizou, me fazendo engasgar com o bolo.

— De novo? Como assim? — Ergui as sobrancelhas.

— Ah, a outra vez foi quando a gente tinha uns quatorze pra quinze anos. — Deu de ombros, como se não fosse nada. — Mas tu não me dava bola, era toda apaixonada por aquele *nerd* arrumadinho da nossa sala. E ele era da igreja, sabia que não tinha a mínima chance de competir, então só não alimentei o sentimento e ele felizmente sumiu.

— Felizmente? — Fiz uma careta.

— Não era o tempo certo e tampouco eu era a pessoa certa. — Esboçou

um meio sorriso.

Fiquei quieta, refletindo nas suas palavras.

— Teu namorado sempre foi maduro assim, sol? — Dona Ana colocou mais uma fatia de bolo no prato dele, sem nem perguntar.

— Ele era um pouco "pra frente", mas não imaginava que tinha tanto controle dos sentimentos. — Entrelacei nossos dedos.

— Nossa amizade era mais importante que uma paixão de adolescente — Ben explicou. — E mesmo agora eu precisei ter calma, não queria ser precipitado e estragar tudo. Eu te amo muito pra correr o risco de te perder, já disse que não vou cometer esse erro outra vez.

Desviei o olhar dele, sentindo um sorriso nascer no meu rosto quente.

— Digam que vão casar amanhã e eu não me surpreendo — Ana brincou, nos analisando com olhos brilhantes.

— Ele vai embora amanhã, na verdade. — Mordi o lábio, contendo um suspiro.

— Já? Por quê?

— Volto ao trabalho na segunda — Ben respondeu.

— Que pena! Mas venha me ver quando visitar sua amada. — Dona Ana segurou nossas mãos, sua pele enrugada afagando as nossas. — Eu vou orar por vocês, minhas crianças, relacionamento não é coisa fácil, especialmente um casamento, mas quando a gente tem Deus no centro, tudo fica bem. Meu amor e eu também éramos jovens quando nos casamos, foi uma luta atrás da outra, porém tínhamos uma certeza que movia tudo…

— Qual? — indaguei curiosa.

— Que amar é uma escolha diária. Seja quando seu parceiro te magoa, quando ele não age como tu gostaria ou quando os atritos ocorrem. Em toda ocasião é preciso decidir amar. No início estamos acostumados à paixão, contudo a rotina mostra que não é só de sentimentos que se faz um casamento, mas também de escolhas. Escolher amar e não brigar por qualquer besteira, escolher amar e pedir perdão, mesmo quando tu acha que o outro é o errado, ou quem errou mais, escolher amar quando as aflições balançarem o barco de vocês. É escolher imitar Jesus, olhar com misericórdia para seu cônjuge, lembrar que antes de seu companheiro, ele é filho de Deus e um irmão da mesma família espiritual.

Aquelas palavras acertaram em cheio meu coração e fincaram suas raízes ali. Naquele momento eu não imaginava quantas vezes lembraria delas nos anos vindouros, no entanto Deus sabia que era justamente o que Ben e eu precisávamos escutar.

— Bom, agora vou deixar vocês dois irem aproveitar essa tarde linda! —

Dona Ana deu dois tapinhas em nossas mãos e praticamente nos enxotou dali. — Ah, e meu filho — segurou o braço de Ben —, antes de ir embora, não esquece de passar aqui pra pegar uns vidros da minha geleia, vi que tu amou.

Benjamin riu, agradecendo pela gentileza. Seguimos para debaixo da árvore mais frondosa do jardim, que fazia uma sombra perfeita para descansar. Estávamos entupidos de bolo, então o piquenique virou nós dois estirados aproveitando a brisa gostosa.

O tempo parecia perfeito de repente. Como se estivéssemos numa bolha, longe de qualquer coisa que pudesse atrapalhar. O mundo real era recheado de pontas afiadas, mas ali, naquele momento do tempo e do espaço, estava tudo muito bem.

Com a cabeça descansando no ombro de Ben e apreciando o afago que seu dedo fazia na minha mão, eu consegui entender o que as pessoas diziam sobre as maravilhas de amar e ser amado. Todas as declarações me pareceram mais palpáveis.

— Tu me acalma. — A voz de Benjamin fez meus batimentos acelerarem.

— E tu faz meu coração desgovernar. Feliz? — brinquei, tentando controlar a agitação dentro do peito.

— Desculpa. — Ele beijou minha mão.

— Então eu sou tua camomila? — Levantei o rosto para vê-lo.

Ben riu, aquele som que eu amava mais que Händel, Bach ou Mozart. Sua risada era a canção mais linda que eu poderia ouvir.

— Sim, Amarílis, tu é minha camomila. Meu amor calmante. — Apesar de estar citando sua própria música, eu senti a intensidade de cada palavra, como se nunca tivessem sido ditas antes. — E eu amo isso. Amo você, Little.

Por que eu não ficava plena perto do Ben? Meu coração parecia uma escola de samba, um show de rock ou uma orquestra só de instrumentos de percussão.

No entanto, eu não sentia nada além de deleite com aquele sentimento.

— Eu também te amo — balbuciei, desfrutando de um calor confortável dentro de mim.

Fiquei deitada no seu ombro, aproveitando a proximidade e o seu toque, e também enxotando os pensamentos que me traziam à memória sua partida tão próxima. Se desse brecha sofreria duas vezes e não queria aquilo.

Senti algo vibrar sob meu braço e percebi que era o celular de Ben. Ele pediu desculpas e pegou o aparelho do bolso, devolvendo-o segundos depois.

— Prontinho, sem incômodos! — ele disse.

— E quem era?

— O grupo da banda, o Ítalo mandou o cronograma de shows hoje e o Túlio tá respondendo em *delay,* como sempre. — Riu.

— Uma turnê internacional, que incrível. — Cutuquei a barriga dele.

— Tô tão ansioso! De um jeito bom, no caso. Sempre foi nosso sonho e finalmente vamos realizar.

A voz dele transmitia bem a veracidade de suas palavras. Aquilo me deixou um pouco cabisbaixa.

— Amor? O que foi? — Ben perguntou depois de alguns minutos do meu silêncio.

— Talvez tu não devesse sair da tua banda — compartilhei, sentindo o peito pesar.

— Amary — ele segurou meu queixo, erguendo-o para que nossos olhares se encontrassem —, eu estou feliz pela conquista da 4Dawn, mas isso não quer dizer, de jeito nenhum, que estou hesitando com a Acima do Sol. Ela é minha banda também agora, mesmo que demore pra ser oficial.

— Mas as coisas estão indo tão bem pra vocês!

— Olha, algumas vezes é preciso ter coragem pra desistir de algo que está dando certo, mas que tu sabe que não é o que Deus tem pra você. Então mudamos a rota no desejo de sermos obedientes ao Senhor. E com certeza vale a pena. — Sua convicção me envolveu. — Não me arrependo nem por um segundo da escolha que fiz, Deus sabe como estou mais leve, aquele peso que sentia antes me abandonou.

— Tá bem, acredito em você. — O abracei.

— Melhor assim. — Ele beijou o topo da minha cabeça.

Tudo vai valer a pena, com certeza.



Estava deitada na cama, concentrada em terminar a minha leitura — eram as últimas páginas do segundo livro que ganhei de aniversário e tudo parecia um caos, bem naquele estilo "fim de livro com sequência" — quando Ben e Kita surgiram com uma Jô eufórica.

— A gente tem que te mostrar uma coisa. — Minha irmã sentou ao meu lado, colocando sobre o colo o notebook que carregava. — É incrível, fantástico e maravilhoso!

— Fala logo, tá me deixando agoniada.

Jordana abriu o aparelho e revelou a interface do site da Recanto, o que me fez olhar para ela sem entender. A moça então apontou para o canto da tela, onde ficavam registrados os pedidos de reservas. Quase caí para trás quando vi

um número que nem na alta temporada surgia na nossa caixa de entrada.

— Que isso?! — Tomei o notebook das mãos dela e aproximei do rosto.

— Tu não é míope — Jô zombou.

— Mas como isso aconteceu? Mágica? Milagre? Vocês não prometeram nada que não possam cumprir, né? — Fitei o trio.

— Existe algo chamado publicidade, sabe o que é? — Kita ergueu a sobrancelha e antes que eu pudesse rebater, continuou: — E quando você junta publicidade de qualidade e influência, o resultado é esse aí.

— Mas que publicidade? O que vocês fizeram?

Benjamin sentou ao meu lado e mostrou seu perfil no Instagram, clicou na última publicação e eu finalmente entendi. Ele e Arthur tinham postado uma sequência de fotos lindas da pousada, junto com uma legenda enaltecendo o atendimento e o lugar em si, no fim uma recomendação e nosso perfil marcado. Como de costume nas publicações deles, haviam milhares de comentários e curtidas. Os dois tinham voz e usaram dela para nos ajudar.

Meus olhos arderam e a chance de não perdermos nosso lar, o sustento da família e o sonho de uma vida encheu meu coração.

— Alguns amigos nossos amaram as fotos e já garantiram suas reservas. E se as pessoas que vierem gostarem, e elas vão, tenho certeza que irão indicar para outras e assim por diante. — Ben apertou meu braço, me fazendo olhar para ele. — Vai ficar tudo bem, Amary, não vão precisar vender a fazenda.

Um choro de gratidão irrompeu de mim e não pude me conter, agarrando Ben em um abraço apertado e depois ao Kita.

— Vocês são os melhores amigos do mundo, sabem disso, né? — Ri, enxugando o rosto ao me sentar outra vez. — Sério, muito obrigada, nem sei como agradecer direito por tanto.

— Eu sei como — Arthur sorriu travesso —, pedindo pizza!

Dei risada.

— Ok, vai ser nosso programa da noite!

Eles me mostraram os comentários das fotos e como o perfil da fazenda estava movimentado. Meu coração parecia estar a ponto de explodir. Eu não cansava de perceber que não éramos apenas amigos, mas também irmãos. Uma família que encontrei por aí, onde nem todos os membros tinham meu sangue, mas compartilhavam comigo um laço de coração e alma.

Quando chegou perto da hora do jantar, convoquei Kita para ser meu motorista e irmos pegar as pizzas que tinha pedido por telefone. Fomos o caminho todo tagarelando sobre um autor em comum que amávamos e nem percebi a hora passar. Assim que estacionamos ele desceu e foi pegar as pizzas, logo voltando com as caixas e me dando para carregar.

— Vou sentir saudades daqui — ele confidenciou enquanto fazia a curva para retornarmos.

— Daqui ou de alguém daqui? — Minha língua foi mais rápida que minha prudência.

Arthur me olhou de soslaio e deu um sorriso de canto.

— Sabe que pode me contar sobre isso — encorajei. Desde a volta da gravadora eu percebi como ele estava tentando manter certa distância de Jô, o que era muito estranho.

— Você é a irmã dela, não sei se é uma boa pessoa pra guardar esse segredo.

— Ei! Eu sou ótima guardando segredos. Às vezes faço isso tão bem que até esqueço do que me contaram.

Ele encostou a cabeça no banco, rindo de mim.

— Certo. — Tamborilou os dedos no volante. — A Jordy é perfeita.

— O amor é cego mesmo, bem dizem. — Estalei a língua, o divertindo.

— Amo ela até com os defeitos, ok? — corrigiu em tom risonho.

— Ama? — Apoiei minhas costas na porta do carro para ver a cara de bobo dele.

— Bom, eu achava que era certeza, mas agora estou com medo de ser só paixão. Não vou dar promessas vazias e sentimentos passageiros à Jordy, quero dar toda minha sinceridade e compromisso, um plano seguro pra nós dois. Não posso me declarar. Não agora. Tô sentindo coisas demais e sentimentos sozinhos não dizem nada. Além de que nos conhecemos há pouco tempo, quero que nossa amizade cresça antes de tudo.

Lembrei da conversa com a Dona Ana e assenti, concordando com ele.

— Isso tem alguma coisa a ver com aquilo que mencionou na gravadora? — recordei.

— Totalmente.

— E quem te disse aquelas coisas, sobre ser paciente?

— Que criaturinha curiosa você é, Amary. — Estreitou os olhos, tentando fugir do assunto. — Deixa isso quieto.

Pensei um pouco, tentando descobrir porque a frase soava tão familiar. Vasculhei cada espaço da minha mente até ouvir a voz de Seu Ulisses dizendo algo parecido em alguma ocasião na igreja.

— Meu pai! Foi ele, né?! — Me inclinei um pouco na direção do motorista.

— Você é terrível. — Revirou os olhos.

— Sou mesmo! Agora continua, quero detalhes.

— Não vai desistir, né? — Soltou o ar e eu neguei. — Sim, foi seu pai.

Aconteceu uma coisa engraçada nesses tempos aqui, ficamos bem próximos e meio que vejo nele algo de que senti falta durante a minha vida toda.

— Uma figura paterna? — perguntei, compassiva.

— Sim. — Deu um pequeno sorriso. — Foi tão bom ter alguém mais experiente e sábio pra compartilhar essas coisas que tô sentindo. Felizmente ele não ficou bravo pelo alvo do meu interesse ser sua filha e me aconselhou muito bem. Seu pai disse que é muito cedo pra uma declaração e a conversa só me fez ter certeza que estava sendo impulsivo. Eu odeio isso em mim. Tenho uma ideia e ela parece tão certa, logo fico empolgado, sabe? Mas aí a realidade vem e se choca contra mim.

Apertei o ombro dele, sabendo como deveria ter sido difícil.

— O Seu Ulisses me mostrou Provérbios 19:2 e agora eu fico repetindo um monte de vezes, até já memorizei: "De nada adianta o entusiasmo sem conhecimento; a pressa resulta em escolhas erradas". Que flecha certeira no meu coração.

— Mas sabe o melhor? Tu percebeu o erro, dá pra ver como quer mudar! — encorajei.

— E quero mesmo. Seu pai é uma benção! Disse pra eu cultivar uma amizade sincera e pura com a Jordana, então, se depois de um tempo tiver certeza do que quero, voltar e pedir a mão dela. E é isso que farei. — Dava para ver que estava decidido. — Bom, também tenho que esperar pra saber se ela vai retribuir meus sentimentos ou não…

— Melhor não sofrer por antecipação — eu disse e ele concordou.

— Eu não pensei que iria aprender tanto em algumas semanas de férias, sabe? Porém Deus claramente me trouxe aqui por razões que eu nem imaginava.

— E tem muitas coisas por vir. — Sorri para ele. — Vou orar por tu e pela Jô, tenho certeza que Deus guiará seus caminhos para a glória dEle.

— Amém!

Chegamos na fazenda e o assunto ficou em segredo, como prometi. Não cabia a mim interferir e eu sabia disso, estava tudo nas mãos de Deus e não havia lugar mais seguro para nossas vidas estarem.



28 | Clubinho do Sol

A tela do meu celular brilhava em sua luz amarela e indicava quanto faltava para o voo: 5h. Fiquei me imaginando naqueles filmes em que o tempo era constantemente mostrado na tela, lembrando que ele estava se esvaindo e logo algo grandioso iria acontecer.

— Para de encarar esse celular, menina! — A voz de mainha me fez largar o aparelho.

— Que susto! — retruquei, me levantando da mesa.

— Amarílis, te aquieta aí, por favor. Tá parecendo uma barata tonta — ela reclamou. — É tanto "senta e levanta" que já estou ficando agoniada.

— Cadê eles? Por que ainda não vieram tomar café? A gente tem menos de 5h! — Sentei de novo, afundando o rosto nas mãos.

— Falando assim nem parece que vai vê-lo na semana que vem. — Revirou os olhos.

Aquilo era verdade. Ítalo já havia me mandado as passagens, iria para São Paulo gravar a música que fiz com Ben e tirar algumas fotos para divulgação. Estava animada, porém esse fato não mudava nadinha do presente.

— É, mas pra trabalho, e só vou ficar dois dias, então ele vai embora por três meses pra não sei quantos países e eu vou ficar de escanteio.

— O Ben nunca te deixaria de escanteio — mainha defendeu seu

precioso genro.

— Ah, até parece! Com uns mil eventos na agenda, entrevistas, shows e não sei mais o quê, acha que ele vai ficar pendurado no telefone falando comigo? Claro que não. — Cruzei os braços sobre a mesa e descansei o rosto ali. — Vou ficar morrendo aqui, "sentindo a saudade se espalhar pelos meus ossos, lenta e gradativamente, até se fundir a mim".

— Tá repreendido, menina! Que papo estranho. — Me lançou um olhar severo e eu gargalhei, a deixando confusa.

— É um trecho do livro que tô lendo, desculpa!

— Ai, que susto, já achei que ia ter que te levar num psicólogo.

— Minha saúde mental tá bem, mas meu coração não. Talvez fosse melhor um cardiologista — murmurei e mainha se cansou do meu drama, levantando enquanto resmungava alguma coisa.

A ajudei a lavar a louça do nosso café e fui procurar aquele dorminhoco. Não demorou para eu bater na porta do chalé, não muito paciente.

— Bom dia! — Ben me cumprimentou com ótimo humor.

Analisei sua roupa e percebi que o pijama de super-herói não estava mais ali, dando lugar a uma calça jeans e camisa.

— Já tá pronto? — perguntei para ter certeza que não precisava apressá-lo.

— Sim, senhora. — Abriu espaço para eu entrar.

Algumas malas estavam acomodadas perto do sofá, Kita estava deitado no móvel com o braço cobrindo o rosto e Tia Meg terminava de checar se não havia esquecido nada.

— Já tá na hora? — Arthur resmungou sonolento.

— Já, cara, levanta daí. — Benjamin me lançou um olhar divertido. — Primeira hora acordado…

Me forcei a sorrir, contudo meu estômago estava gelado, muito gelado.

— O que foi, Amary? — Ele franziu a testa.

Balancei a cabeça para os lados, desviando a atenção para trás dele. Não conseguia conter minha tristeza e isso me apavorava.

Benjamin pegou minha mão e me levou para fora do chalé, onde ele se encostou na parede e me puxou para um abraço.

— O que foi? — repetiu a pergunta num tom gentil que me fez derramar algumas lágrimas.

Porcaria de emotividade!

— Tu vai ficar muito ocupado? — murmurei.

— Vou sim, por quê?

— Vai lembrar de mim? De me ligar, responder minhas mensagens… —

Resolvi abrir meu coração. — Por favor, não some de novo, eu não aguento isso, tá?

Ben ficou alguns segundos em silêncio, antes de me afastar um pouco para nos vermos.

— Não vou te esquecer, porque tu tá em um lugar bem notável. Sabe onde? — Ele ergueu uma sobrancelha, esperando minha resposta.

— Na tela do teu celular? — Funguei, lembrando do passeio no parque.

— Não — ele pegou minha mão e levou até seu peito —, aqui, bem no meu coração. Tu tá marcada nele, Amarílis. Tem como eu te esquecer assim?

Um sorriso foi crescendo no meu rosto e meus medos sendo espantados.

— Promete me ligar até quando não estiver bem? — perguntei.

— Prometo. Não precisa se preocupar, não vou mais me esconder de você, ok? — Suas íris brilhavam em sinceridade e eu assenti, aliviada por inteiro. — E o mesmo vale pra senhorita. Vamos conversar sobre tudo, combinado?

— Combinado! — O abracei, apreciando a sensação de segurança.

Tia Meg e Arthur logo saíram e nós dois ajudamos a pegar as malas e levar até o carro de papai. Eles tomaram café — comigo indo contra todos os meus princípios de espaço pessoal e não desgrudando de Ben — e depois pegamos a estrada para o aeroporto.

As conversas enchiam o carro e isso foi muito bom para dissipar a sensação que a noção da despedida próxima causava.

Observei Jordana e Arthur dividirem os fones de ouvido e sorri discretamente, imaginando o que resultaria daquela amizade.

— Eu ainda shippo — Ben cochichou para mim, olhando a dupla também.

— Somos dois — devolvi no mesmo tom, trocando um sorriso cúmplice com ele.

— Já pensou se eles não ficarem juntos? — Ergueu as sobrancelhas. — O tombo que vamos levar?

— Ah, para! — resmunguei, não gostando da ideia.

— Que isso? Vai ficar em prantos por ser frustrada? — Ben riu de mim.

— Até parece que tu não é o número um do fã-clube! Pior, o criador!

— Só gosto de analisar *possibilidades*. — Tentou se defender.

— Ei — Jordana nos encarou —, o que vocês tanto cochicham? Parecem dois fofoqueiros.

— Nada! — ele e eu respondemos juntos, fazendo a moça revirar os olhos e voltar à sua posição anterior.

Troquei um olhar com Benjamin, passando um zíper imaginário na boca

e mudando de assunto antes que a gente se entregasse.

Quando chegamos no aeroporto, os meninos e Tia Meg foram despachar as malas e passar por todos aqueles processos necessários antes de poderem enfim ir para a sala de embarque, a fim de esperarem a hora do voo. O lugar estava agitado naquela manhã, parecia que todo mundo queria viajar, provavelmente por ser o fim das férias escolares. Papai avistou algumas cadeiras vazias e fomos para lá.

Esmoreci ao ver que os lugares estavam bem debaixo do ar-condicionado. Esfreguei minhas mãos, tentando aquecê-las enquanto me culpava por ter escolhido justo aquele dia para colocar um vestido de alcinhas.

— Tá com frio? — Ben perguntou, me fazendo erguer o olhar.

— Um pouquinho. — Dei um leve sorriso.

Ele então começou a tirar seu moletom que, como um rapaz prevenido, tinha levado consigo.

— Não precisa… — Tentei impedir.

— Olha, tá escrito "Camomila", foi feito pra tu. — Ele apontou para o escrito em verde na peça cinza. Sorri com o argumento. — Sem falar que daqui a pouco o inverno chega, preciso saber que tu tá bem agasalhada.

— Eu tenho capotes em casa, e cobertor… — Abafei uma risada.

— Queria estar aqui pra te aquecer, mas como os próximos abraços vão demorar um pouco para acontecerem, vou deixar meu moletom pra cumprir esse serviço. — Ele sorriu tranquilo, enquanto meu coração errava algumas batidas.

Ben colocou a peça em volta de mim e me ajudou a vestir, quis dizer que não era mais criança, porém o cheirinho do seu perfume me calou. Aspirei discretamente, cogitando a possibilidade de nunca lavar aquilo, só para sempre sentir seu perfume.

— Prontinho. — Ele colocou o capuz que, assim como o resto da peça, me engoliu. — Que fofa! Como alguém pode ser tão graciosa?

Ben me pegou de surpresa com um beijo na bochecha, fazendo meu rosto esquentar. Olhei em volta, me certificando que ninguém tinha visto. Enquanto estava distraída, meu querido namorado repetiu o gesto.

— Para! — Cobri o rosto.

— Que foi? Não gosta de demonstrações públicas de afeto? — zombou.

— Gosto, às vezes. — Tirei as mãos do rosto. — Mas me deixam sem graça.

— Nada tira sua graça, meu amor. — Ben me puxou para seus braços e eu não resisti, sabendo o quanto aquele carinho me faria falta nos meses seguintes.

— Te amo — eu disse baixinho.

— Eu também — respondeu em um sussurro teatral, me fazendo rir.

Enquanto estava deitada no peito de Benjamin, observei Jô e Kita conversando no banco em frente ao nosso. A moça se aproximou mais do rapaz, olhando alguma coisa no celular dele, o olhar cúmplice que trocaram me preocupou, especialmente quando o meu telefone e o de Ben tocaram juntos.

"Você foi adicionado ao grupo *Clubinho do Sol*"

— Ridículos! — Ri, me afastando de Benjamin ao ver que tinham mandado uma foto nossa, estilo paparazzi.

— Clubinho do Sol, sério? — Ben riu também.

Kita começou a mandar um monte de figurinhas cômicas e eu balancei a cabeça, me preparando para aguentar o tumulto que aquele grupo seria.

"Para de onda e venham aqui", digitei e enviei a mensagem.

Os dois logo se sentaram ao nosso lado.

— Estava falando com o Arth que a gente não tinha um grupo pra mensagens, como pode? — Jô rolou os olhos. — Isso foi muito altruísta da minha parte, não queria ter o prazer de receber as figurinhas do Arthur sozinha.

— Elas são ótimas, quem consegue se comunicar sem figurinhas? É a melhor invenção da comunicação moderna! — Kita se defendeu. — Amanhã de manhã eu mando umas de bom dia pra vocês salvarem, de nada.

Ben gargalhou, parecendo entender uma piada que eu e Jô não.

— O Kita é a versão jovem e masculina das tias do grupo de família — Benjamin explicou, ainda meio risonho —, ele ama mandar aquelas figurinhas com "bom dia" cheio de flores ou com aqueles bonequinhos bizarros. Isso agora, antes ele mandava aquelas imagens mesmo, as figurinhas foram a evolução dessa era.

Minha irmã e eu rimos.

— Em minha defesa — Arthur começou —, as senhoras do grupo da igreja amam mandar essas e como eu sou empático com elas, sempre tão ridicularizadas, me juntei ao time. É um exemplo de cavalheirismo, esses jovens sem respeito de hoje em dia nunca entenderão.

Nós três nos juntamos em uma explosão de risos às custas da declaração, deixando Kita vermelho, mas ele não resistiu muito tempo e riu também. Só o aviso de chamada para o voo dos meninos e de Tia Meg foi capaz de acabar com nosso clima. Era hora da despedida oficial.

— Se cuidem, minhas meninas. — Tia Meghan abraçou Jordana e eu. — E vão me visitar, ok?

— Vamos sim — garantimos, a apertando de volta.

A mulher então foi abraçar meus pais e chegou a vez dos meninos.

— Sem muita enrolação, senão vou chorar. — Envolvi o pescoço de Ben.

— Ok, vamos deixar o choro pra semana que vem — ele respondeu brincando.

— Vou ser uma mulher forte e segurar as lágrimas — rebati.

— Chorar não te faz fraca. — Segurou meu rosto em suas mãos. Eu amava quando ele fazia aquilo. — Pode chorar se quiser.

Exibi um pequeno sorriso, assentindo.

— Hoje não. Vou agarrar bem firme toda a alegria que esses dias me deram, as esperanças para o futuro e a certeza que eu tenho o melhor homem do mundo comigo.

— O melhor, é? — Deu um sorriso convencido.

— Pelo menos pra mim, sim. — Encolhi os ombros. — Tá juntinho com o papai no topo da lista. Os que eu mais amo e admiro.

— Me admira? — indagou, abrindo um sorriso meio surpreso.

— Claro! Tu é forte, corajoso, prudente, piedoso, gentil, talentoso e uma porção de qualidades. Sempre me faz sentir amada e especial, é meu melhor amigo e sei que posso contar com você. É confiável.

— Uau. — Seus olhos brilharam. — Não sabia que me achava tudo isso.

— E tem mais, só que tenho uma vida inteira pra dizer e pra descobrir mais coisas sobre você. — Fiquei na ponta dos pés, beijando sua bochecha. — Eu te amo, Benjamin.

Ele respondeu envolvendo minha cintura e me puxando para perto. Ficamos abraçados por mais um tempinho, até lembrarmos que existia mais pessoas para dizer "até logo". Deixei Jô se despedir dele e fiquei diante do meu amigo paulista favorito.

— Vou sentir saudades da melhor violinista do mundo — Kita me abraçou e acrescentou baixo: —, e a garota mais insistente.

— Também vou sentir tua falta. — Contive o riso pela parte final. — E de ter um amigo cozinheiro por perto, agora quem vai inventar de fazer receitas aleatórias de madrugada? Claro, menos aqueles peixes crus.

— Ainda vou te fazer gostar de sushi, fique esperta — ameaçou, se afastando.

— Vamos ver — rebati irredutível.

Ele deu um passo para o lado e ficou de frente para Jordana, que encarava os pés, meio sem jeito.

— Também vou sentir sua falta, Jordy. — Arthur abaixou o rosto, tentando achar o olhar dela.

— Detesto despedidas — ela murmurou em resposta, erguendo o rosto e revelando os cílios molhados.

— Ah, não acredito que tá chorando. — Kita riu, a segurando pelos

ombros.

— Insensível! — Ela deu um leve soco em seu peito.

— Desculpe, vou ser mais compreensível com seu coração mole. — A puxou para um abraço. — Não precisa chorar, ainda vamos todos nos ver e nos falar milhares de vezes, é só um tempinho distantes fisicamente.

— Tá bem. — Jô se afastou, enxugando o rosto.

Mais um aviso sobre o voo e o trio pegou suas bagagens de mão e acenaram, indo para a fila de embarque. Segurei a mão da minha irmã e a puxei para um abraço, enquanto a gente observava metade da nossa bandinha ir embora.



2 meses e meio depois

E lá estava eu, pela centésima vez, deitada na cama com o celular quase colado no rosto, só para ter a sensação que Ben estava mais perto.

— Tá muito frio aí? — ele perguntou.

— Não, teu moletom faz mesmo milagres — brinquei, puxando o capuz da peça até meu nariz. — Olha que eu posso sumir aqui dentro e ir parar…

— Em Nárnia — ele completou, rindo pelas minhas piadas previsíveis, e sempre literárias. — Achei que precisava de um guarda-roupa.

— A evolução da tecnologia. — Pisquei, o levando a rir de novo.

Era bom ouvir aquele som, ficava esperando cada ligação para escutar sua voz outra vez. Faltavam duas longas e dolorosas semanas para ele retornar da turnê e ir me ver. Contava os dias, horas e minutos, tudo para abraçá-lo.

— Adivinha quem também tá colado no celular aqui do meu lado? — Ben deu um sorriso sugestivo.

— Sua "possibilidade"? — brinquei, me deitando de barriga para cima e tateando até encontrar Sir. Alfredo e apertá-lo junto de mim.

— Eu acho que estamos indo bem na nossa suposição, sabe? Arthur fica todo ansioso por essas ligações.

— Ele ainda não se decidiu?

— Não que eu saiba. — Franziu as sobrancelhas, pensativo. — Bom, mas deixa isso pra depois, quero te mostrar uma coisa!

Ben levantou da sua cama e cruzou o quarto do hotel em que estava hospedado.

— A gente mudou de estado hoje, já te disse, né? — perguntou e eu assenti, curiosa. — Olha que vista linda!

Ele virou a câmera e mostrou o mar, mesclado com os tons quentes do pôr do sol.

— Que lindo, amor! — Girei na cama, ficando de barriga para baixo. — Vocês já foram na praia?

— Ainda não, vamos ver se conseguimos ir amanhã.

— Tira muitas fotos e me manda. Já estou fazendo uma coleção das tuas andanças.

Ben sempre me mandava um monte de fotos de todos os lugares que passava, das comidas diferentes que experimentava e de qualquer coisa que julgasse interessante, ele disse que era uma forma de eu conhecer também. Amava como meu celular vivia recebendo mensagens dele, do jeitinho que prometeu. Sempre que ele achava tempo na agenda, passávamos algumas horas lendo livros juntos, conversando, fazendo planos e aprendendo um pouco mais sobre o outro. No fim das contas, o amor podia vencer qualquer distância.

— Vou ver se consigo algo daqui pra sua caixa de lembranças — ele disse.

Ah, e tinha aquilo. Benjamin colocou na cabeça que iria comprar uma lembrancinha em cada canto que fosse. Quem era eu para reclamar, não é?

— Quero conchinhas — pedi.

— Seu pedido é uma ordem. — Voltou a câmera para seu rosto. — Tenho que ir agora, vou tomar banho pra sair.

— Já? — lamentei. — Tudo bem, me liga amanhã?

— Ligo sim, na hora do almoço.

— Combinado! — Sentei na cama, pegando Alfredo e aproximando do rosto. — Tchauzinho.

Ben deu risada e acenou, antes de desligar. Suspirei, deixando o celular de lado e me deitando outra vez, os dedos afagando o pingente em meu pescoço.

— É, Alfredo, fim do contato de hoje. — Olhei para o bichinho sorridente e imitei sua expressão, lembrando de quando Benjamin fez de tudo para ganhá-lo para mim.

Desviei o olhar para a porta ao ver Jordana aparecer, e a cara de boba estava lá, como acontecia com frequência ultimamente.

— E aí? A conversa foi boa? — indaguei, abrindo espaço para ela deitar ao meu lado.

— Eu tô me apaixonando por ele. — Ela roubou minha pelúcia, a abraçando.

— O quê? Diz isso de novo! — provoquei, fazendo cócegas em sua barriga.

Jordana e Arthur vinham mantendo contato, como amigos mesmo, mas

se tornou perceptível nos últimos dias que as coisas estavam subindo de nível. Os dois conversaram bastante naqueles meses e quando nos falávamos em grupo dava para ver que a conexão entre os dois tinha crescido muito.

— Na verdade, eu tenho certeza que já tô apaixonada. — Me olhou, mordendo o lábio. — E é assustador.

— Eu sei, esse sentimento é assim mesmo. — Senti algumas borboletas baterem asas no meu estômago. — E o que vai fazer?

— Não sei, torcer pra ser recíproco? — Riu um pouco. — Sinto que Deus tá me moldando, irmã. Eu oro sempre pedindo por paciência, porque sei que sou fraca nessa área, e agora cá estou eu, precisando esperar e esperar. — Ela suspirou. — Mas, apesar de tudo, eu estou tão tranquila, sabe? Tenho pedido muito a Deus pra não cometer nenhum erro, sei que o coração é um negócio traiçoeiro e por isso estou orando bastante para o Senhor guardar o meu.

— Estou orgulhosa. — Apertei sua mão. — Vou ajudar no que precisar, além das orações.

— Sei disso. Tu é a melhor, meu mandacaru. — Me puxou para um abraço e ficamos ali, suspirando e sonhando acordadas graças aos sentimentos que floresciam dentro de nós, regados pelo maior Compositor de canções de amor.



29 | Aceita casar comigo?

2 semanas depois

— "O amor, simples em toda a sua complexidade. Um paradoxo que mexe com nossas estruturas, que muda nosso olhar para a vida. Simples e complexo. Nas curvas imprevisíveis ou nas brisas da bonança, o amor ainda valerá a pena ser experimentado, apreciado e cultivado." — Reli um dos trechos do último livro da trilogia que Ben havia me presenteado.

Vivia relendo minhas partes favoritas dos três e as anotações que fiz na primeira leitura. Sim, Benjamin havia me contaminado com aquela mania de rabiscar livros, mas voltar e reler minhas reações era mesmo uma experiência excelente.

Algo encostou na minha perna e ergui os olhos das páginas, encontrando Duquesa com o focinho colado em mim.

— Já tá na hora? — Conferi o relógio em meu pulso e percebi que faltava pouco para às 17h. — Nossa, vamos lá!

Me pus de pé e limpei a grama da calça jeans, depois guardei o livro na bolsa.

— Tô indo, Dona Ana! — gritei para a senhora, que alimentava os cachorros.

— Vai com cuidado, sol! — Ela acenou. — Te vejo amanhã?

— Sim, e vou trazer companhia — avisei, fazendo um sorriso animado tomar seu rosto.

Montei em Duquesa e subimos a colina, chegando até a estrada. O vento frio fez cócegas nas minhas bochechas e dei algumas batidas nas laterais da égua, a apressando. Chegando na fazenda, a acomodei em sua baia, fiz carinho nos seus filhotes e corri para casa a fim de tomar banho e não me atrasar.

Eu não conseguia parar de cantarolar enquanto fazia cada processo, era mais forte que eu.

— *De estação em estação/ Você tem um lar/ Quando a vida pesar/ Você tem um lar/ Para seu coração.* — Coloquei de volta o colar de palheta, o qual só tirava para tomar banho e para dormir.

— Eu tô bem, Amary? — Jordana invadiu meu quarto, alisando o vestido amarelo.

— Linda, meu mandacaru! A mais linda. — Segurei seus ombros. — Relaxa, vai dar tudo certo.

— Nem acredito que vou ver o Arthur! Eu tô tão ansiosa. — Ela deu pulinhos.

— E eu vou ver o Ben. — Suspirei, com o coração queimando.

O som de um carro chegando nos alvoroçou. Corremos para a janela a tempo de ver papai estacionar e os rapazes descerem acompanhados de Tia Meghan.

— Ai, eu vou ter um treco. — Jordana levou a mão ao peito. — E se der tudo errado?

— Para de loucura! — Revirei os olhos. — Falando assim nem parece que o Kita disse com todas as letras que viria aqui pra vocês se acertarem.

— E se "acertar" for "dispensar"? — Puxou um cacho do cabelo, num gesto nervoso.

— Com aquela voz de apaixonado que ele disse isso? Pelamor! — Balancei a cabeça. — Tá procurando sarna pra se coçar, deixa de show e vai lá dar um abraço nele.

Jordana sorriu, animada pela ideia. Contive o riso, a puxando para o andar de baixo. Quando chegamos na recepção, apenas Benjamin estava.

— Cadê o Arth? — Jô perguntou.

— Nossa, é assim agora? Não era eu o seu irmãozinho? — O rapaz levou a mão ao peito. — Tô magoado.

— Tá, oi. — Abanou a mão no ar. — Cadê ele?

Ben riu do desinteresse e abraçou a moça. Olhei em volta, tentando entender onde o outro foi parar.

— Eu tenho tantas ideias pra nossa banda, fiquei martelando mil e uma

coisas nesses meses — Benjamin continuou a tagarelar. — Compus umas três músicas que, modéstia à parte, estão bem legais.

— Benjamin Torres, se tu não disser onde tá o Arth… — Jordana ameaçou.

— Ele veio — respondeu simplesmente.

— Isso eu sei, mas onde ele foi parar?

— Ai, que difícil te distrair! — resmungou.

— Me distrair? Pra quê? — Ela franziu a testa.

Uma chavinha girou na minha mente quando Ben me olhou, pedindo ajuda.

— Ele deve ter ido fazer alguma coisa, Jô — eu disse —, talvez papai tenha o chamado, né?

— Ah. — Ela fez uma careta, não muito convencida.

— Vamos levar as malas deles para o quarto lá em cima? — Apontei para a bagagem ao lado do sofá.

Meio hesitante, Jordana concordou, pegando uma das malas e subindo os degraus, seguida por mim e Ben.

— Esse lugar tá bem cheio, hein? Nem teve vaga pra gente — meu namorado comentou.

— Graças a Deus! As coisas estão indo tão bem. — Suspirei aliviada. — As contas estão no verde, recebemos alguns casamentos, eventos e hospedagens, que são de onde vem o maior lucro. Conseguimos recontratar os funcionários que precisamos demitir e até contratamos novos pra atender a demanda! Ver nossa bênção se estendendo pra outras pessoas é muito bom. As coisas estão voltando a ser como eram. Não, melhor do que eram. Nossa popularidade disparou depois das pessoas que vocês trouxeram até nós.

— Graça purinha. — Ele passou o braço por meu ombro e só naquele momento me dei conta de que não havia surtado com sua presença, como pensei que fosse acontecer.

Deixei a mala no chão e lhe dei um abraço, o pegando de surpresa.

— Eu esperei três meses pra isso! — O apertei o mais forte que consegui.

— E agora vai me matar sufocado — murmurou com a voz entrecortada.

— Desculpa! — Me afastei assustada.

— Me deixando respirar, tá tudo bem. — Ele riu, me levando para perto de si outra vez e deixando um beijo na minha testa. Fechei os olhos, aproveitando a sensação do calor do seu corpo. Ainda que nos falássemos todo dia, aquela proximidade fazia muita falta. — Vou te dar tua caixa depois, tudo bem? Prometi ao Arthur que ia manter a Jô longe do jardim por uma meia hora.

— Ele vai pedir ela em namoro? — Me afastei com um sorriso largo.

— Fala baixo. — Colocou a mão na minha boca. — E sim, é isso. Um pedido de casamento, na verdade.

— Ah! — Meu grito foi contido pela palma dele. A afastei. — Então vamos fazer o almoço de noivado juntos? Nós quatro?

O almoço de noivado era tradicional na minha família, todo membro que firmava um relacionamento sério, com a finalidade de casar — como o caso de Ben e eu, e Arthur e Jordana —, tinha que convidar a família inteira para presenciar o pedido formal. Eram ocasiões muito divertidas e especiais também, pois os futuros novos membros se integravam ao "clã".

— Isso aí — Ben confirmou minha suposição. — Vocês já tiveram almoços duplos?

— Nunca!

— Pois iremos fazer história na família Silva então. — Ele riu.

Nossa conversa foi interrompida ao perceber que Jordana estava saindo do quarto.

— Vocês não vem? — ela perguntou.

Assentimos rápido e pegamos as malas, a fazendo ficar no cômodo por quanto tempo pudemos. Benjamin até inventou de pedir ajuda para desarrumar sua mala, tudo para a surpresa de Arthur dar certo.

Quando ela já estava cansada de nos ouvir repetir os planos que tínhamos para a ADS, Kita apareceu no quarto.

— Arth! — Foi como se Jô se iluminasse.

— Jordy. — Ele sorriu, parado no batente com as mãos nos bolsos.

Troquei um olhar com Ben quando eles ficaram lá, se encarando sem dizer nada. Dava para ser vela estando com seu namorado junto?

— Tenho uma coisa pra te mostrar — Arthur disse finalmente.

Jô ergueu as sobrancelhas e seguiu o rapaz para fora de casa. Ben pegou a câmera de Arthur sobre a cama e me puxou pela mão para irmos atrás deles. Não pude deixar de rir um pouco da situação, parecíamos dois paparazzis.

— Aonde vamos? — Jordana perguntou para Arthur depois de andarmos alguns minutos.

— Espera aqui — Kita pediu e ela obedeceu.

O rapaz então a vendou e a conduziu por mais alguns metros até os balanços. Minha boca se abriu em um "o" ao ver o que Kita tinha feito.

— Vou tirar a venda — ele avisou e minha irmã assentiu.

Quando os olhos dela visualizaram o que havia diante de si, Ben captou sua expressão de deslumbre. Os dois balanços e a árvore que os sustentavam foram adornados por luzinhas e por flores multicoloridas, inclusive em alguns vasos no chão, contrastando com o verde e o marrom. Mas a parte mais especial

eram as inúmeras fotos dos dois presas numa espécie de varal por todo o espaço da surpresa.

— Como tu conseguiu fazer isso? — Jô riu em meio ao choro emocionado. — Quer dizer, essas fotos…

— São de algumas das nossas chamadas de vídeo marcantes, e tem algumas trocas de mensagens também — ele contou, segurando a mão dela e a levando para mais perto da decoração.

— Tu legendou elas? Pra identificar? — A moça não tirava o sorriso do rosto.

— Hunrum. — Ele apontou para algumas das fotografias. — Tem de quando a gente fazia devocional junto porque algum dos dois estava desanimado, dos surtos aleatórios, das nossas cantorias, das vezes que assistimos filmes juntos…

— Momentos icônicos em que teus comentários eram melhores que o filme. — Jô riu. — Nem acredito que tu guardou essas coisinhas, foi bem sagaz.

— Eu gosto muito de fotografar os momentos bons, mas como estávamos longe, essa foi minha alternativa.

Suspirei, encantada com aquela fofura. De fato, os relacionamentos se constroem de muitos momentos ordinários, que tantas vezes nem serão registrados, mas que nos moldam e fortalecem o amor.

— Fico feliz por esse detalhe em tu, agora temos vários registros. — Ela sorriu para ele e depois analisou as demais fotos. — Ah, essa eu lembro, foi da semana passada, quando tu quase chorou de tanta saudade de mim.

— Chorar? Que exagero. — Revirou os olhos.

— Assume, homem! Dava pra ver teus olhinhos brilhando — provocou.

— Olha quem fala, você estava pior!

Balancei a cabeça, pensando em como nem assumidamente se amando eles paravam com as alfinetadas.

— Mas isso não importa — Arthur continuou, segurando as mãos da moça —, o que eu quero dizer é que cada uma das nossas conversas me mostraram um pouquinho mais de você e foi impossível não te amar. Eu estou decidido, Jordana, eu *sei* que te amo, que quero envelhecer ao seu lado, que não importa as lutas que apareçam no nosso caminho, vamos enfrentar juntos, Deus, você e eu.

— Eu também te amo, Arthur — Jô disse com a voz abafada pelo choro.

— Bom, seu pai finalmente me deu a benção dele, e sua mãe também, só preciso saber se você…

— Sim! — ela o interrompeu, fazendo Ben e eu rirmos. — Desculpa, não me aguentei.

Arthur riu, levando uma mão à testa.

— Ainda continua avexada, né? — zombou.

— Nossa, estou te contagiando com meu dialeto nordestino, amei!

— Posso terminar a pergunta? — Ergueu a sobrancelha.

— Diz!

— Quer casar comigo? — perguntou de um fôlego só.

— Mil vezes que pergunte, sempre vai ser sim.

— Graças a Deus! — Ele a abraçou, a erguendo do chão.

Bati palmas, transbordando de felicidade pela minha irmã e — finalmente — por meu cunhado.

— No fim das contas, tu estava certo desde o começo, hein? — cutuquei Ben, que desviou o olhar da câmera para mim.

— É um talento, entende? — Deu de ombros, me fazendo soltar o ar em desdém.

Arrastei o convencido para perto do casal e os parabenizamos, do jeitinho que tinham feito com a gente. Só então percebemos que tinha um trio nos assistindo também e então o jardim virou um mar de abraços.



Afastei algumas tranças do meu rosto, as prendendo atrás da orelha para colocar os brincos e então olhei meu look pela milésima vez, pensando se era o bastante. Eu estava com um vestido creme um pouco rodado e nos pés um coturno marrom, meu colar de sempre e uns brincos da mesma cor prateada, além de uma maquiagem quase imperceptível. Mas faltava algo.

Então lembrei da pulseira que meus pais e Tia Meg me deram, só restava encontrá-la na bagunça que minha penteadeira vivia.

— Por que eu sou assim? Deveria ser mais organizada — resmunguei, abrindo gavetas e caixas de jóias, mas não encontrando a peça.

Deixei meu corpo cair na cadeira e tentei não ficar ansiosa com a zoada das conversas lá embaixo. Não seria nada grande, só nossas famílias e alguns amigos íntimos.

— Ainda não é o casamento, então nada de se atrasar — a voz de Benjamin me sobressaltou, principalmente por vir de trás da minha cadeira.

Inclinei a cabeça para ver o rapaz, esboçando um pequeno sorriso, que se alargou ao vê-lo vestido todo social.

— Não deveria estar aqui — lembrei.

— Eu trouxe uma extensão do meu corpo que me dá essa possibilidade. — Apontou para baixo e só então eu vi a criança agarrada à sua perna.

— Lilica! — Ameacei pegá-la no colo, mas a menina se escondeu atrás do irmão.

— Ei, é a Amary, não tá reconhecendo? — Ele a pegou nos braços. Alice fez que não. — Vocês já se falaram um montão por vídeo.

A bebê parecia tímida de repente e se escondeu de novo, dessa vez no pescoço do irmão. Levantei e fui até a cama, pegando Alfredo.

— Olha quem tá aqui. — Mostrei o bichinho. Ela amava quando eu usava ele para contar histórias.

— *Alfledo!* — Esticou os braços e eu a peguei, entregando a pelúcia.

— Já tinha se esquecido de mim, senhorita? — Sentei na cadeira de novo.

— Você é a *Amaly* — respondeu enquanto tentava amarrar as pernas do polvo azul no meu braço.

— E o que a Amary é minha? — Ben perguntou, se abaixando na frente dela.

— Noiva! — gritou animada.

— Boa menina! — Ergueu a mão e ela bateu a dela, rindo e me olhando com expressão de sapeca.

— Teu irmão te treinou pra dizer isso? — Balancei a cabeça, com o peito aquecido.

— Foram necessárias apenas duas aulas. — Ben deu um meio sorriso.

Alice perdeu o interesse em Alfredo e começou a mexer nas coisas em cima da penteadeira, até achar a caixinha que Ben havia me dado. Era de madeira, com um A.S gravado na tampa.

— Pode ver? — Alice pediu e eu assenti.

A menina abriu a caixa e tirou com cuidado os cartões postais, fiquei impressionada com seu jeitinho de colocar um em cima do outro e não jogar pela bancada.

— A mãe dela faz um monte de atividades educativas e pra desenvolver a coordenação motora — Ben explicou, percebendo minha surpresa —, por isso ela aprende essas coisas.

— Vamos fazer isso com nossos filhos? Parece bom — sugeri, sentindo o rosto esquentar um pouco em seguida.

— Não vejo problema, mas quando chegar a hora a gente pensa direito nos meios de educá-los. — Riu de mim e eu fechei a cara. — Ei, tô falando sério! Ficar encanada com essas coisas agora vai ser inútil, amor.

Ele deu um beijo na minha bochecha ao ver minha expressão emburrada e pouco a pouco ela se desfez.

— Tem razão. — Esbocei um sorriso, voltando a observar a pequena, que

já tinha visto cada um dos cartões e naquele momento passava os dedinhos nas conchas. — Pode ficar com uma, Lilica.

— Pode? — Ela abriu a boca em espanto e eu assenti, com vontade de apertar as bochechas gordinhas. A menina estava uma graça com um vestidinho florido e laço prendendo os cachinhos, os tons frios da roupa contrastando com sua pele marrom dourada, um pouco mais clara que a de Ben. — Que isso?

Ela apontou para a pulseira prata que eu tanto procurei, escondida debaixo de alguns outros objetos que faziam parte das lembranças de Benjamin, desde uns brincos fofos à algumas moedas diferentes. O rapaz tinha sido criterioso em comprar coisas que eu realmente gostasse e amava ver o cuidado contido em cada escolha.

— Minha pulseira fujona! — Peguei o acessório e pedi para Ben colocar no meu pulso.

— Precisa ser mais organizada. — Ele me encarou.

— Tu já disse isso. — Rolei os olhos.

— Mas nunca me ouve. Quando a gente dividir o quarto tu não vai ter escapatória.

— Ou eu vou te trazer pro lado bagunceiro da vida. — Exibi os dentes.

Ben segurou minha mão entre as suas, ficando sério.

— Querida… — Umedeceu os lábios. — Sabe que eu vou te vencer, né?

Ele abriu um sorriso convencido e eu soltei o ar, erguendo o queixo.

— Vamos ver quem ganha.

Pela sua cara de tranquilidade eu já sabia que seria ele, mas lutaria um pouco pelos meus maus hábitos.

— Ok, temos que ir, Little. — Ben endireitou o corpo, estendendo a mão para me ajudar a levantar. — A propósito, tu tá linda, hein?!

Uma risada envergonhada me escapou.

— Tu também tá lindo. — Passei o braço livre na sua cintura.

— *Linduuuu*. — Alice colou as mãos nas bochechas, nos arrancando risadas.

Descemos a escada e meu coração se encheu ao ver que mais alguns dos meus primos e primas tinham chegado. Os abracei e fiquei inteirada de todas as novidades, além de receber mil e um comentários sobre Ben e eu. Meu noivo já era do grupo, então eles nos encheram de piadinhas e coisas como "eu já sabia que ficariam juntos desde aquela época". *Essas premonições…*

— O que estão fazendo aí? — Mainha apareceu na porta da cozinha. — Ah, nada de panelinhas! Vão lá pra fora socializar.

Obedecemos a ordem e fomos encontrar o resto da família no quintal, onde o cheiro gostoso do churrasco nos envolveu. Meu estômago roncou e fiquei

imaginando como daria um jeito de beliscar alguma coisa, já que esses almoços demoravam mais que o normal para ficarem prontos.

— Disfarça a cara de esfomeada — Ben provocou e dei um tapa em seu ombro. — Fica com a Alice, vou achar alguma coisa pra tu comer.

Disse que não precisava, mas ele não me deu bola e foi "ajudar" meus tios com as carnes. Sorri, inconformada com sua cara de pau.

— Esse teu irmão, Lilica… — comentei com a menina, que estava distraída de novo com Alfredo.

Corri os olhos pelo espaço, procurando uma pessoa em específico. Fiquei aliviada quando vi o pai de Benjamin junto com o meu, temia que ficasse excluído no meio do grupo, mas Seu Ulisses não deixaria isso acontecer. Encontrei Jordana e Arthur conversando com meus avós e alguns tios e fui me juntar a eles. Logo Ben voltou com minha comida e ficamos todos conversando até mainha, Meg e algumas tias avisarem que já estava tudo pronto para o almoço.

Mas tinha uma coisa importante para fazermos antes: o tão esperado pedido. Na verdade, *os pedidos.*

Começamos pelos mais velhos. Arthur levou Jô pela mão até o meio da roda de familiares ansiosos para registrar o momento por diversas lentes. O rapaz tirou a caixinha do bolso e começou a falar, mas vovó Marta o interrompeu.

— Não é assim, não, meu filho. — Ela ergueu a sobrancelha. — Tem que ajoelhar, como manda o figurino.

Um coro de concordâncias se seguiu e Kita ficou vermelho, riu e se ajoelhou na frente da noiva.

— Melhor, plateia? — ele perguntou e todo mundo gritou em satisfação. Era uma bagunça aconchegante. — Jordana, eu já disse isso antes, mas sei que nunca vai ser demais: Eu te amo. Você é a mulher da minha vida e quero ficar ao seu lado até o meu último suspiro. Aceita, oficialmente, casar comigo?

Ele abriu a caixinha preta e revelou o solitário brilhante.

— Aceito! Sempre. — Ela piscou algumas vezes, tentando não chorar de novo.

Arthur deslizou a aliança pelo dedo dela e se levantou, beijando a testa da noiva. Uma salva de palmas tomou o ar e enchemos os dois de felicitações.

Então foi a vez de Benjamin e eu. Ele repetiu o gesto do amigo, me levando para o centro do grupo. Tentei não pensar que todo mundo estava nos olhando e foquei no rapaz diante de mim.

Eu tinha sonhado com aquele dia tantas vezes, com o momento que o homem que eu amava iria se ajoelhar, à vista de nossas famílias, e faria um

pedido tradicional de casamento. Mas eu nunca imaginei Benjamin naquela posição. Por longos anos o vi apenas como meu melhor amigo, um irmão. Perceber como Deus conduziu nossa história para uma virada como aquela me encheu de gratidão. Meu bom Pai viu meu sonho, quando eu ainda era uma menininha encantada com o relacionamento dos pais, e o atendeu anos depois, na hora certa, da melhor forma que eu jamais teria capacidade de sonhar.

Olhando para Ben, eu não poderia desejar nada diferente. Minha mente fez uma retrospectiva de nossas vidas e desde as minhas primeiras lembranças aquele rapaz estava lá. Benjamin havia me ajudado em tantos momentos que se ele fosse apagado da minha história, a versão final não seria aquela Amarílis.

— Amary — ele começou, fazendo carinho no dorso da minha mão —, eu sei o quanto esse dia é importante pra você, ouvi teus suspiros em todos os pedidos que presenciamos…

Revirei os olhos, rindo do seu comentário. Mas não era mentira.

— Me sinto muito feliz por ser o agraciado com essa posição, a de seu futuro marido. Tu é minha melhor amiga desde sempre e louvo a Deus por saber que vou poder dizer isso até o fim dos meus dias. — Sua voz embargou e meu coração foi junto. — Eu te amo, Little. Aceita casar comigo?

Balancei a cabeça, segurando as lágrimas.

— Tem que dizer "sim", mulher! — uma das minhas tias avisou.

— Ai que coisa! — resmunguei, rindo por não conseguir conter as lágrimas que molharam minhas bochechas. — Sim, *sí*, *yes* e em todas as línguas possíveis.

Ben riu, colocou a aliança — clássica como a de Jô — e me abraçou, depositando alguns beijos na minha bochecha, para comemoração da plateia.

Depois de todas as pessoas repetirem as felicitações, papai tomou a palavra e orou por nós quatro, pedindo para Deus nos guiar em santidade e companheirismo até o dia do casamento, para que o Senhor nos ajudasse a passar por aquela fase da melhor forma possível e que desde ali até o final nossas vidas e nossas uniões fossem para glória dEle.

Então finalmente pudemos almoçar.

— Tô tão feliz por compartilhar esse dia com você. — Jô me abraçou por trás quando estávamos na fila para nos servir de uma maneira organizada.

— Eu também! Não podia ser melhor, meu mandacaru. — Retribuí o abraço desajeitado.

— Quem diria que íamos arrumar nossos noivos juntos? Deus e suas surpresas.

— É, eu tenho meu Capitão Wentworth[7] e tu tem teu Mr. Darcy[8].

Nós nos encaramos por alguns segundos e rimos ao notar que eram as

referências perfeitas.

— Do que estão rindo? — Arthur se virou. Passamos zípers imaginários na boca. — Ben, elas estão rindo da gente!

— Quê? — O outro também se virou.

— Para de drama, amor! — Jordana cobriu o rosto com o prato, tendo uma crise de riso e me contagiando.

— Liga não, Kita — Ben desdenhou —, é a felicidade de terem achado dois partidos tão bons quanto a gente.

— Acertou, Sra. Bennet! — rebati, impressionada com a sintonia das piadas.

— Não entendi. — Arthur fez uma careta.

— A mãe das Bennet, sabe? Essa frase do Benjamin poderia ter saído da boca dela, pense numa mulher doida por casar bem as filhas — expliquei com divertimento.

— Tá, mas quem são essas pessoas? — Ele franziu o cenho.

Nós três abrimos a boca em espanto e começamos a tagarelar como precisávamos fazer ele ler *Orgulho e Preconceito*. Nesse clima descontraído, fizemos nossos pratos e fomos sentar com o resto da família.

Aquela tarde foi perfeita. Meus avós contaram histórias que puxaram outras e outras, como sempre. As crianças se divertiram correndo pelo gramado e até Alice se enturmou. Depois Ben pegou o violão e ficamos cantando várias músicas, levando a reunião até o anoitecer.

O futuro nunca me pareceu tão empolgante, tudo graças à felicidade do presente. Eu ainda não sabia os planos de Deus para mim, mas se tinha algo que eu aprendi nos últimos meses foi que Ele regia a orquestra da minha vida, nos mínimos detalhes, numa harmonia perfeita. Eu não precisava me desesperar, pelo contrário, apenas confiar.



Epílogo

— O que tá acontecendo, papai? — Coloquei minhas mãozinhas sobre as dele, que cobriam meus olhos.

— Espera um pouquinho, Amary, tua avó tem um presente.

— A Gigi tá aqui? — gritei empolgada. Minha querida avó tinha passado alguns dias longe em uma viagem e a saudade latejava em meu peito.

— Sim! — Ouvi a voz melódica da senhora e tentei tirar as mãos de papai do meu rosto para me jogar no colo dela. — Calma, minha menina, eu estou tentando fazer uma surpresa, mas tu é muito serelepe.

— Surpresa? — Me aquietei, estendendo os braços. Para uma criança de dez anos, a palavra "surpresa" era a melhor.

Ouvi os passos de vovó Jorgina se aproximarem e suas mãos quentinhas acariciaram meu rosto. Me derreti com seu toque, apreciando o carinho de uma das minhas pessoas favoritas no universo. Quase esqueci da surpresa pela vontade de abraçá-la.

— Pode deixar ela ver, filho — autorizou e enfim papai tirou as mãos dos meus olhos.

Primeiro vi o rosto amável de vovó. A pele negra com as rugas que, como ela dizia, provavam o quanto ela viveu, os olhos escuros brilhantes com uma maquiagem colorida que combinava com seu espírito e só depois a

surpresa em suas mãos. Ela não se deu o trabalho de embrulhar o violino, me entregando apenas na case. Não poderia ser melhor.

Dei um grito de alegria e muitos pulinhos. Vovó tinha prometido que se eu aprendesse a tocar e mostrasse que realmente não iria desistir, ela compraria meu próprio violino e não mais me emprestaria um dos seus.

— Eu amei! — Me joguei nos braços dela. — Eu te amo um montão demais.

— Também te amo, minha musicista. — Estalou um beijo na minha bochecha.

Me afastei e tirei o violino da proteção. Virei para papai e mainha, abraçados e sorrindo para mim.

— É igualzinho ao favorito da vovó! — Minha voz não conseguia manter o tom normal, subindo vários decibéis.

— Tu não disse que queria um assim? — Jorgina segurou minha cintura, me fazendo virar para ela.

— Disse!

— Então, não podia escolher outro. — Ela virou o instrumento em minhas mãos. — Olha o que tem aqui atrás.

Assim como no violino dela, um delicado adesivo transparente marcava o nome da dona do instrumento em letras douradas.

— Amarílis. — Ela leu. — A moça que vai encher o mundo com belas canções.

— É tão lindo — balbuciei encantada.

Vovó então segurou meu rosto e me fez olhar em seus olhos.

— Deixe sua alma transbordar em notas, Amary, até tomar o ar em cores. Sinto que Deus colocou isso em você, Ele colocou música no teu coração, assim como no meu e no dessa família.

— Mas mainha não toca. — Franzi o cenho.

— E quem disse que precisa tocar pra ter música no coração? Todos que sabem apreciar a música possuem essa dádiva, todos que a usam para tocar corações ou são tocados por ela. A música fala coisas que às vezes não conseguimos dizer sem a melodia.

Assenti, gravando aquelas palavras enquanto admirava a superfície marrom avermelhada reluzir em minhas mãos.

— Preciso mostrar pro Ben!

Sem dar tempo de eles dizerem nada, corri para a sala de estar, onde o garoto jogava baralho com minha irmã.

— Ben! Olha o que eu ganhei! — Ergui o instrumento.

Os cachinhos do meu amigo saltaram com ele no momento que deixou as

cartas para vir até mim.

— Uau! Parabéns, tu queria tanto! Tua avó te deu?

— Hunrum. E tem meu nome. — Mostrei. — E eu vou tocar pra todo mundo.

— Todo mundo? — Ergueu as sobrancelhas.

— Não acredita?

— Claro que acredito. Mas tu tem que tocar comigo. — Ele passou o braço pelos meus ombros e eu girei para fora do aperto. — Vem aqui, Amaryzinha.

Ele começou a correr atrás de mim pela sala, só para me irritar.

— Esses pirralhos — Jô resmungou, se sentindo muito adulta.

Benjamin me alcançou e eu ameacei bater nele com o arco, só então ele desistiu.

— Senta aí, por favor, se não não toco mais com você. — Apontei para o sofá e ele obedeceu.

Jordana sentou também, me encorajando a tocar alguma das músicas que ela gostava. Vovó e meus pais logo apareceram e terminaram de compor a plateia. Minha amada avó avisou que já havia afinado o violino, então eu podia ir direto para os finalmentes.

Tomei fôlego e posicionei o instrumento, escolhendo tocar alguma composição de Bach, ele era o meu favorito no momento, depois de eu deixar Händel de lado um tiquinho.

Enquanto tocava, minha mente se envolveu pela magia das notas e meu coração respondeu, se harmonizando ao ritmo. Era tão meu e eu desejei com todo meu ser poder fazer aquilo para sempre.

E então, deslizando o dedo pelo adesivo com meu nome — preservado mesmo que eu já tivesse trocado o violino —, tantos anos depois daquele dia, senti o mesmo ímpeto: fazer música, até a eternidade. Mas de um jeitinho muito melhor.

Deixei o violino no colo e peguei o celular ao meu lado para checar quanto tempo faltava, no entanto me vi perdida nas lembranças que meu papel de parede trouxe. Não tinha jeito, ficar muito feliz me deixava nostálgica, era um caminho sem volta.

Havia se passado um ano desde que casei com Benjamin, mas sempre que olhava alguma foto daquele dia, era como ser transportada para a data novamente, o entardecer colorido de março, as vozes familiares ao redor de nós, o cheiro das flores, o gosto do bolo de chocolate que brigamos para decidir o sabor. Houveram os estresses, mas as alegrias foram muito maiores.

Acessei a pasta com as fotos e fiquei as deslizando, presa nas memórias.

Jordana e eu havíamos nos esforçado para fazer o dia perfeito sem surtar no processo. Sim, havíamos casado juntas, acho que o noivado nos inspirou. Fiquei feliz por dividir também aquele dia com ela e Arthur.

Admirei de novo a fotografia na tela de bloqueio, Ben me beijava sob as luzes do salão da Recanto, da forma que sonhei. Era engraçado pensar como Deus mudava alguns de nossos sonhos, porém também realizava outros como desejávamos.

Desviei o olhar para o meu marido, conversando com os colegas da sua antiga banda. Yuri e Túlio não ficaram bravos com a decisão dos amigos, como eu confesso ter esperado, na verdade, eles até ajudaram a encontrar substitutos — que com o tempo foram aceitos pelos fãs, apesar das reclamações iniciais. E naquele momento os dois estavam ali para nos parabenizar pela conquista que era aquela noite.

Quando eles se despediram e foram para seus lugares na plateia, fiz um sinal para Benjamin, o chamando para sentar ao meu lado.

— Já estava com saudades? — ele me provocou quando descansei a cabeça em seu ombro e entrelacei nossos dedos.

— Tu me acalma. — Suspirei, tentando não pensar no show logo mais.

— Idem. — Apoiou a cabeça na minha.

Eu amava a forma que Benjamin e eu ficávamos mais confortáveis apenas por estar um ao lado do outro. De fato, nosso amor era calmante. Entre algumas crises de ansiedade, medos, incertezas e turbulências, Deus vinha nos guardando numa calma não utópica e sim fruto de luta constante.

Me movi um pouco para conseguir beijar meu marido.

— Parem de ser tão melosos — Jô resmungou e a ignoramos, continuando o beijo só para provocá-la. — Nojentos!

Enfim nos afastamos, rindo da cara dela.

— Que foi, meu amor? Tá carente? — Arthur ergueu uma sobrancelha.

— Eu não. — Ela cruzou os braços. — Só estou tentando ser profissional, coisa que vocês às vezes esquecem de ser.

— Hum — seu marido murmurou. — Então vai me demitir se fizer isso…

Ele segurou o rosto dela e a beijou, se levantando em seguida para fugir dos tapas que ela ameaçou dar.

— Vocês saem do fundo de quintal, mas ele não sai de vocês. — Torceu os lábios, contudo dava para ver o sorriso preso em seus olhos.

O clima leve foi substituído quando o pessoal da organização apareceu na porta, nos chamando para entrar no palco. Meu coração quase saiu pela boca de nervosismo. Não era nosso primeiro show, já havíamos tocado em diversas

igrejas, em eventos, feito aberturas de shows para cantores e bandas maiores, e claro, apresentado para nosso próprio público. Mas aquela noite seria especial.

Caminhamos uma jornada cheia de expectativas, frustrações, esperanças e conquistas. De pouco em pouco fomos ganhando espaço, até nossas canções deixarem de ser uma produção independente para assinarmos com uma gravadora. A história era simples. Aquela produtora lá de Salvador acompanhou nosso progresso e ao ver como nossas músicas tiveram ótimos números de reprodução e o público fiel que ganhamos, fez contato com uma gravadora ali em São Paulo e pronto, estava feito.

E aquele era nosso primeiro show depois de assinar o contrato. Um friozinho dominava meu estômago.

— Vamos lá! — Ben levantou, me fazendo imitá-lo.

Nos reunimos em um círculo e, como era nosso costume, fizemos uma oração, pedindo para Deus nos usar para adorá-lo com excelência e sinceridade, além de conduzir aquelas pessoas ao mesmo.

— Já sabem… — Jô exibiu um sorriso animado, estendendo a mão no meio do círculo.

Sorrimos e empilhamos nossas mãos sobre a dela.

— Um, dois, três…

— Acima do Sol! — gritamos juntos, extravasando um pouco do nervosismo.

Saímos então do camarim e atravessamos o corredor que levava ao palco, parando entre a porta e o espaço em si. Dava para ouvir as vozes do lado de fora. E pareciam muitas.

— Prontos? — O homem com uniforme da produção virou para nós.

Assentimos e ele abriu a porta, nos revelando o palco iluminado. Movi o rosto para a plateia e um sorriso nasceu nos meus lábios ao ver as feições deles. Estavam animados, felizes. E eu gostava de imaginar que era assim que nossos shows eram: um oásis no meio da correria da vida.

Nos posicionamos e cumprimentamos o público, que respondeu com intensidade. Arthur fez a costumeira breve reflexão que fazíamos antes de começar as músicas e no fim de suas palavras, Ben iniciou o dedilhar no violão, nos introduzindo à primeira canção da noite: "Água e Fogo".

As vozes de Jordana e de Benjamin logo se uniram em harmonia e meu coração ardeu quando ouvi as milhares de outras vozes se juntando às deles. Arthur e eu terminamos de compor a melodia, numa das minhas canções favoritas do novo álbum.

Brame o mar

As ondas vêm
Treme o coração
As certezas se abalam
Arde o fogo
As chamas vêm
A paz se esvai
A confiança se perde
E então
Sua forte voz me diz:

A nota vinda do meu violino ecoou por aquele breve segundo de silêncio que antecedia o coro num ritmo mais animado, o qual sempre me fazia dançar pelo meio da casa.

Quando passares pelas águas
Estarei contigo
E quando atravessar os rios
Te erguerei acima deles
E quando pelo fogo
Não te queimará
Pois Sou teu Deus
No vale, nos montes
Nas trevas, na luz
Na dor, na alegria
Na incerteza, na certeza
Lembro que Ele diz:
Quando passares pelas águas
Estarei contigo
E quando atravessar os rios
Te erguerei acima deles
E quando pelo fogo
Não te queimará
Pois Sou teu Deus

Como sempre, as cores brilhavam com as notas, e eu orava para que nunca fosse só mais um show, só mais uma apresentação. Que em tudo que fizéssemos, o desejo puro e simples de glorificar ao Deus que nos guiava prevalecesse.

Tu és o mesmo ontem, hoje e pra sempre
Senhor tu nunca me abandonas
Erguerei a minha voz
Só pra Te adorar
Pelo fogo ou pela água
Tua mão
Sempre me guiará

A última nota soou, trocamos os sorrisos da cumplicidade que nos envolvia naquela missão e respiramos fundo, prontos para só mais uma das canções que seriam trilha sonora de nossas vidas.

FIM





Agradecimentos

Como sempre, agradeço primeiramente a Deus, que por sua graça me permitiu e capacitou para escrever essa e todas as minhas histórias. A Ele toda glória!

E claro, obrigada a você, querido leitor, que me deu a chance de levar esse livro ao seu coração. Que Cristo seja sua canção eternamente.

Um agradecimento enorme à Ana Luiza, Isis, Sara, Rebeca, Aline, Cíntia e Beatriz por betarem Acima do Sol e me darem seu feedback sobre a história. E também à Lyta por me ajudar com a parte do design. Agradeço ainda às minhas demais amigas, por me incentivarem de tantas formas com a escrita, especialmente as meninas do Closet, vocês sabem o quanto as amo, irmãs.

Por fim, mas nunca menos importante, obrigada a minha família, por me cobrar sobre os meus livros, mesmo que não tenham lido um sequer.

Um abraço quentinho para vocês e até a próxima história!



Sobre a autora



Lavínia Queiroz é uma jovem cristã, baiana e apaixonada por literatura. Ama ler desde cedo, mas começou a publicar seus livros no Wattpad em 2018 e desde então vem escrevendo para a glória e pela graça de Deus, com o objetivo de espalhar as boas novas enquanto segue para seu Eterno Lar. Você pode encontrar demais obras da autora na Amazon e no Wattpad

CONTATO:

Instagram: @laviniaqueirozautora
Wattpad: @laviniaqueiroz17

---

[1] Personagem de Orgulho e Preconceito, da Jane Austen
[2] Personagem do filme Operação Big Hero
[3] Livro da autora Louisa May Alcott
[4] Personagem da série de livros Anne de Green Gables, da Lucy Maud Montgomery
[5] Obra do autor Emilio Garofalo Neto
[6] Personagem de As Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift
[7] Personagem de Persuasão, da Jane Austen
[8] Personagem de Orgulho e Preconceito, da Jane Austen

Books By This Author

A Ovelha e o Pastor

Delilah sempre viveu bem na vila de Charis, em companhia de seus irmãos e de Raah, seu líder. Lá ela era muito feliz, protegida e cuidada, entretanto, em certa tarde, a garota ouve uma voz estranha a chamando para fora dos muros de Charis.
A decisão que ela toma vai lhe empurrar no dia mais intenso de sua vida, o qual nunca mais esqueceria.
Uma alegoria inspirada nas menções bíblicas à ovelha e seu pastor, essa história te levará entre vales, sombras e um amor completamente confiável.

Se Você Segurar a Minha Mão

"Um conto de romance cristão, inspirado nos doramas coreanos"

Ha-yun nunca imaginou que um Dia dos Namorados horrível poderia se tornar o primeiro dos dias mais felizes da sua vida, e que depois dele, ela nunca mais estaria solitária.